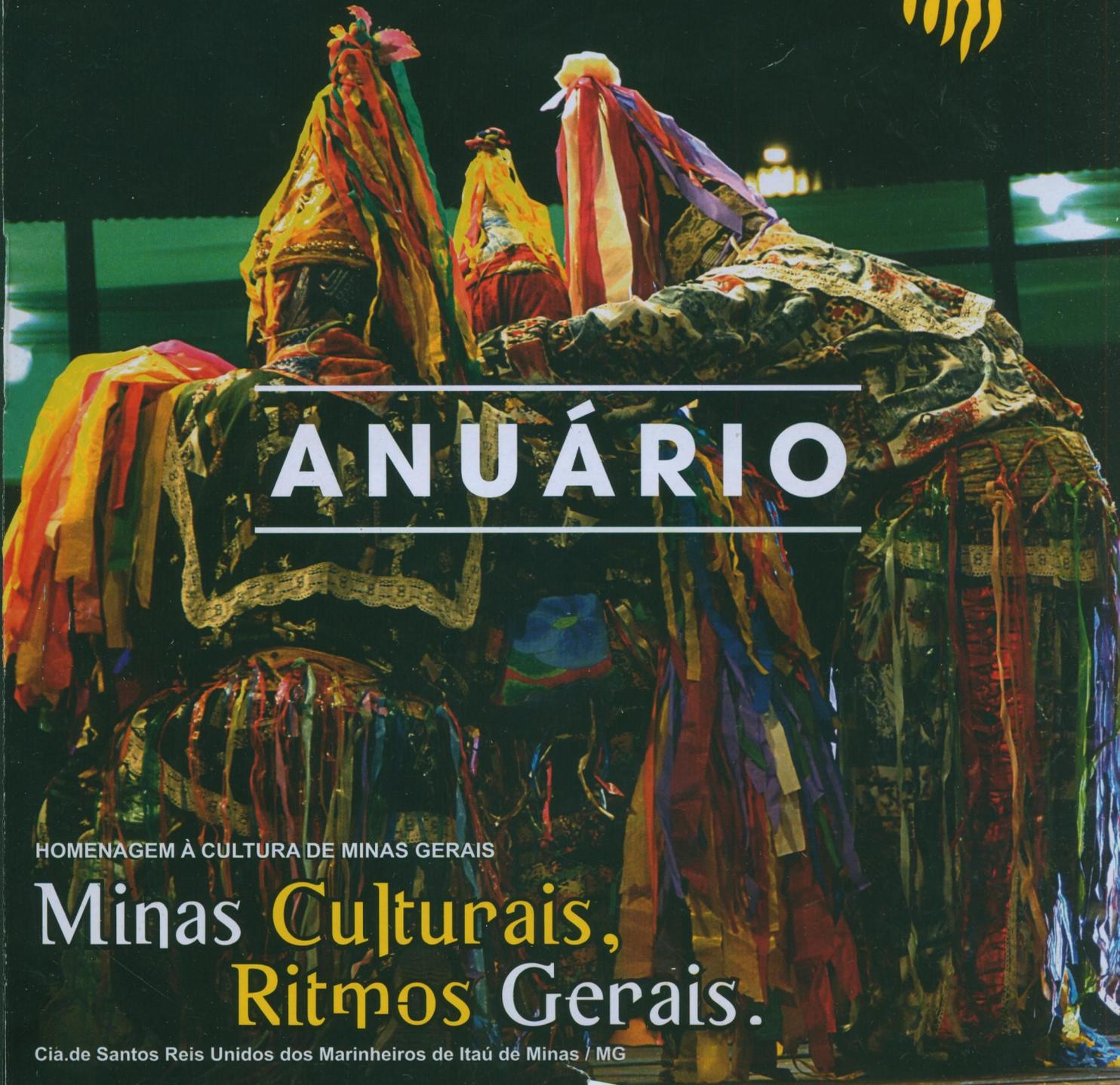


43^o FESTIVAL DO FOLCLORE

4 A 12 DE AGOSTO DE 2007
OLÍMPIA-SP

O ENCONTRO DA CULTURA BRASILEIRA



ANUÁRIO

HOMENAGEM À CULTURA DE MINAS GERAIS

Minas Culturais,
Ritmos Gerais.

Cia. de Santos Reis Unidos dos Marinheiros de Itaú de Minas / MG

43º FESTIVAL DO FOLCLORE



OLÍMPIA, CAPITAL DO FOLCLORE.

ANO XXXIV - Nº 37 - 22 DE AGOSTO DE 2007



PREFEITURA MUNICIPAL
DE OLÍMPIA - ESTADO DE SÃO PAULO

Expediente: Rua David de Oliveira, nº 420, Caixa Postal 60 - Patrimônio de São João Batista - CEP 15400-000 - Olímpia-SP

Telefones: (17) 3281-6786 Fax: (17) 3281-6941

Diretor: José Sant'anna (in memorian)

Diretor Executivo e de Edição: André Luiz Nakamura

Assessores: Maria Isabel dos Anjos e Marli Donadi

Fotos: Welington Cudinhoto e Luís Fernando Rabatone

Presidente da Comissão Executiva do 43.º Festival do Folclore de Olímpia: Rosali Gobato Ducati

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica: A2 Agência de Arte - Paulo Souza - e-mail: a2agenciadearte@terra.com.br - Fone: (17) 3234-3321

Impressão e Acabamento: Centrograf Gráfica e Editora - Tel (17) 3281-7060 - www.centrograf.com.br

Edição do Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia" da Prefeitura Municipal de Olímpia.

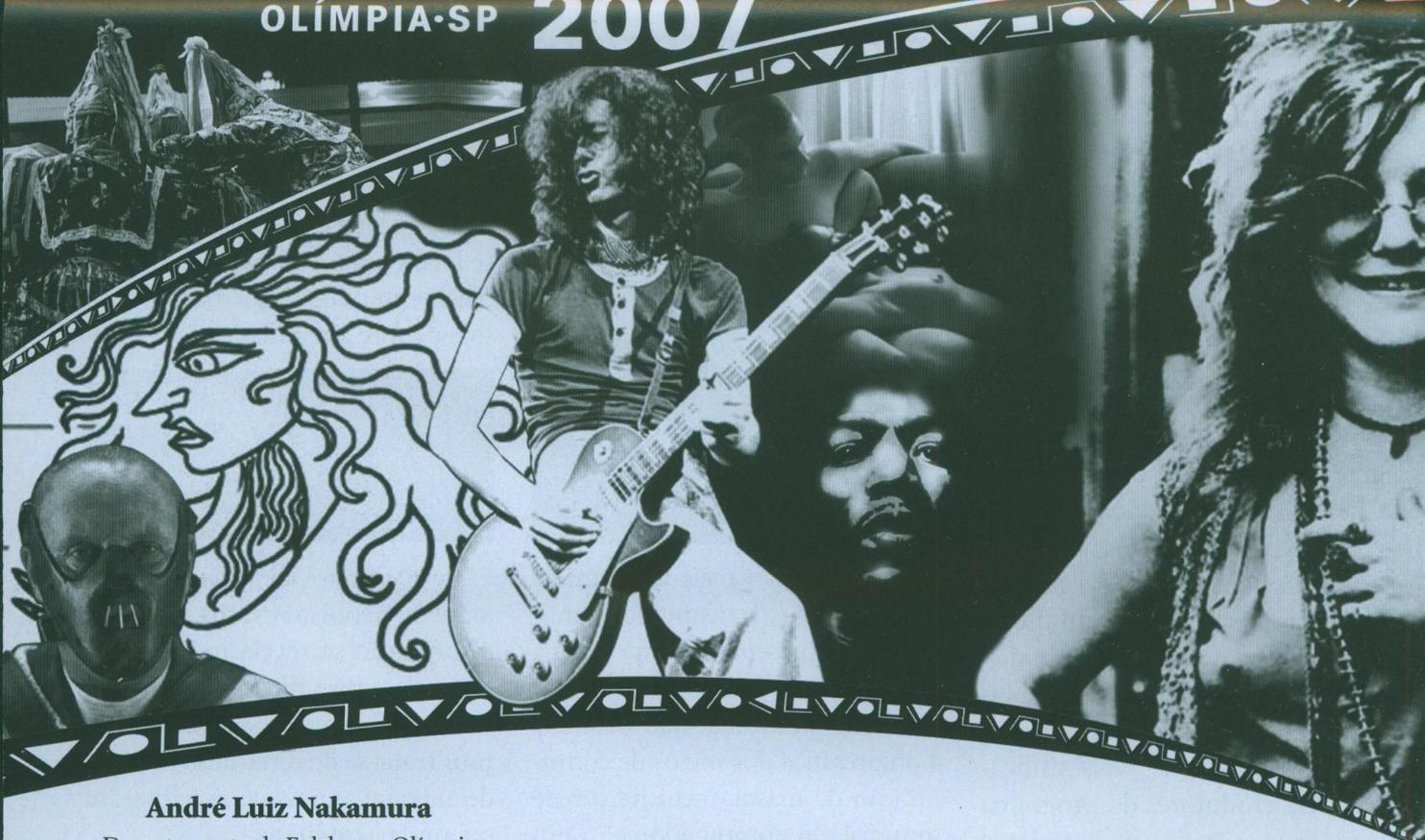
Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor.

Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos, contanto que citada a fonte.

SUMÁRIO

Lendas Urbanas.....	página	03
Usos e Costumes	página	28
Literatura de Cordel	página	39
Vivência & Legenda	página	46
O Folclore do Diabo	página	49
Cores, sons e sabores nos quatro cantos de Minas.....	página	73
A linguagem do povo em Olímpia e proximidades	página	91
Lúdica e Educação	página	97
Noticiário - A 42ª Edição do maior Festival do Folclore do Brasil	página	100
Folclore: acontecimentos recentes	página	123
Olímpia, de "Cidade Menina Moça" a "Capital Nacional do Folclore".....	página	136



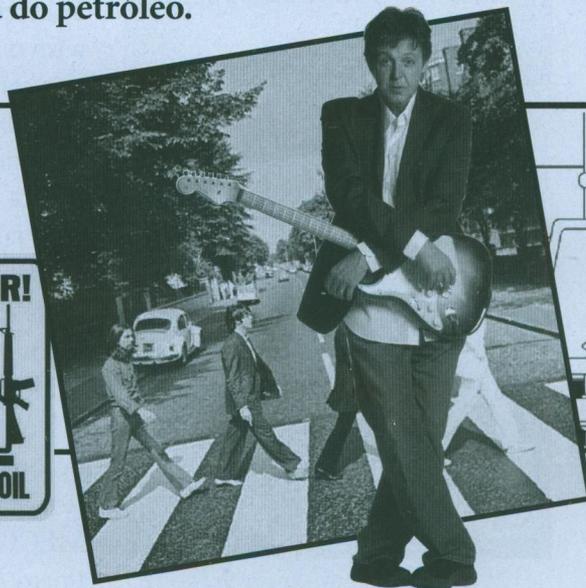
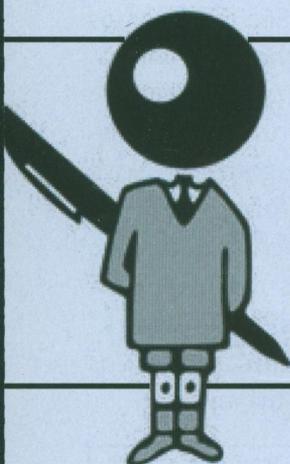


André Luiz Nakamura

Departamento de Folclore – Olímpia

LENDAS URBANAS

O verdadeiro Paul McCartney morreu e foi substituído por um sócia. As canetas “Bic” são instrumentos utilizados por alienígenas para nos monitorar. Os hambúrgueres do McDonalds são feitos com carne de minhoca. O fantasma de uma loira aterroriza estudantes em banheiros de escolas. A criação de um motor movido à água é escondida do mundo, a qualquer preço, em razão de um acordo secreto firmado entre os governos e os magnatas da bilionária indústria do petróleo.



Esses são alguns exemplos das chamadas “Lendas Urbanas”, rótulo para um envoltório demasiadamente abrangente como se pode notar, pois é possível empacotar num só volume com essa

“marca” tanto narrativas fantásticas com seres sobrenaturais, quanto teorias conspiratórias e relatos fantásticos envolvendo celebridades e seus supostos pactos com o Demônio.

O cinema já as explorou em grande estilo produzindo consagrados filmes de homônimo título, assim como outros, de diferentes nomes, mas também inspirados nelas.

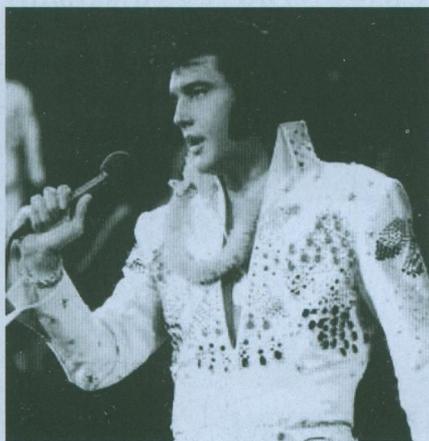


“Lendas Urbanas” é a expressão mais usual, mas há quem se refira a essas histórias preferindo a denominação “Mitos Urbanos”, porém, em menor grau.

Nos próprios filmes a que aludimos, usam-se ambas as expressões, indistintamente.

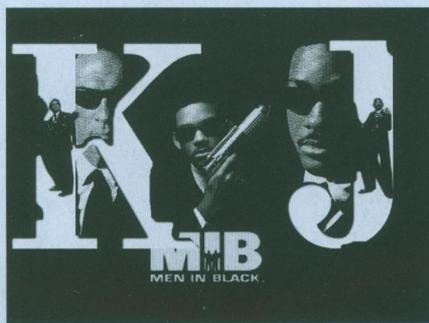
O mesmo se faz em um programa de sucesso do Discovery Channel denominado “Caçadores de Mitos”, protagonizado por especialistas em efeitos especiais, cujo propósito é “desmitificar” certas espécies de *lendas urbanas*, ou atestar a probabilidade de algumas delas (a grande maioria, no entanto, acaba “desmitificada”). Os produtores do programa se valem da ciência e da tecnologia para tanto.

Por exemplo: alguém levou um tiro, mas teria sobrevivido graças a uma Bíblia que trazia no bolso da camisa e que deteve a bala. Eles provam que isso não é possível, por mais resistente que seja a capa do livro (mas, não podemos nos esquecer que milagres acontecem).



Lendas Urbanas, destarte, são boatos relatados como fatos: _ o Papai-Noel foi inventado pela Coca-Cola; _ John Lennon foi premeditadamente assassinado numa conspiração para sabotar o pretense retorno do grupo Beatles (um boato sobre outro boato, nesse caso); _ Elvis Presley foi abduzido (ou “voltou para casa”, como

disseram no filme “MIB – Homens de Preto”, sugerindo que ele próprio era um extraterrestre).



Os boatos, “a mais velha mídia do mundo” (transmitidos oralmente) representam uma forma de divulgação de informações ainda muito praticada, não obstante a onipresença dos meios de comunicação de massa, inclusive a rede mundial de computadores _ um ambiente muito apropriado para a disseminação das lendas urbanas, no qual elas se propagam quase que instantaneamente, com alguns poucos comandos e tecladas.



O termo “boato”, segundo Jean-Bruno Renard, “possui dois sentidos que é preciso, cuidadosamente, distinguir:



1. O boato como *informação não verificada*. Nesse estágio, não se prejulga a veracidade do ‘barulho que corre’ e, nesta acepção, um boato não é, necessariamente, falso. Alguns ‘boatos’, neste sentido,

se revelam exatos: por exemplo, a doença ou a filha desconhecida de um Presidente da República Francesa. A partir desse momento, não se falará mais de ‘boato’, mas, simplesmente, de ‘informação’, um saber sobre a realidade.



2. O boato como *informação falsa*. Se depois de verificada uma informação se revela inexata, nós estamos, então, na presença de um ‘boato’ no segundo sentido do termo. Trata-se de uma ‘falsa novidade’ na qual as pessoas acreditaram ou ainda acreditam”.

Os boatos _ prossegue o autor _ “podem tomar a forma de um simples enunciado: um sujeito *x* (quer se trate de uma pessoa, de um grupo étnico ou social, de um objeto material, de um lugar etc.) é associado a um predicado *y* (estado ou ação). Por exemplo ‘tal atriz contraiu o vírus da Aids’ ou ‘o forno de microondas envenena os alimentos’. Outros boatos tomam a forma de uma narrativa, de uma pequena história. São estes boatos narrativos que se chamam ‘lendas’. Um mesmo boato pode ser dito de forma breve – por exemplo: ‘Existem jacarés nos esgotos de Nova York’ – e de uma forma narrativa mais extensa, que contará porque e como os jacarés foram encontrados nos esgotos de Nova York” (“Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas”,

Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 32, abril de 2007, págs. 97/98, grifamos).



Lendas Urbanas são também narrativas fantasiosas, geralmente divulgadas como verdadeiras, sobre fenômenos e criaturas sobrenaturais, psicopatas, criminosos, ou mesmo pessoas “normais” vivendo situações inexplicáveis: _ fantasmas que pedem socorro para vítimas de acidentes; _ o louco assassino escondido no banco de trás dos carros; _ o “Capeta do Vilarinho”, entre outras.

Nas lendas contemporâneas se refletem os temores da vida moderna em sociedade, especialmente nas metrópoles.

Parece que compartilhamos as preocupações que atemorizavam nossos ancestrais, a exemplo das relacionadas com alimentos perniciosos: _ nos antigos contos, se criou a Branca de Neve, lembram?; nas lendas contemporâneas, podem existir lâminas no interior de maçãs.

Mas, sem dúvida, o que mais se reflete nas lendas, mormente nas urbanas, é o maior de todos os medos, de toda a humanidade, em todos os tempos: aquele medo da “angústia de quem vive”, da única certeza, de incerta hora, qual seja, o medo da morte _ o último dos desafios a se vencer, a mais ferrenha inimiga para se derrotar, de modo que de tudo se há de fazer para combatê-la, mas apenas adiando-a, porque a morte fatalmente um dia chegará _ e a morte é o grande

tema das lendas urbanas.

Em várias delas, entretanto, também se pode encontrar um propósito disciplinador, moralizante, ou acautelatório.

Muitas outras, todavia, não apresentam nenhum desses propósitos nem qualquer “lição de moral”; prevalece o puro prazer de criar e contar histórias.

Quem as cria? Não se sabe. Elas são de proveniência incerta. É sempre algo que aconteceu com um amigo de um amigo _ ou com alguém que conhece alguém, que conhece alguém, que virá a conhecer alguém _ e um amigo soube da história por meio de outro amigo (“FOAF” – “Friend Of A Friend” – “Amigo de um amigo”, é a denominação cunhada pelos anglo-saxões para qualificar esse anônimo e recorrente personagem das lendas urbanas).

A “aceitação coletiva” desse fenômeno folclórico despessoaliza o autor ou criador. Naturalmente, tudo o que se cria foi criado por alguém, mas o nome desse alguém ou é desconhecido ou é esquecido.

Outra característica das lendas urbanas é a diversidade dos relatos. Aliás, uma história que se conta em diferentes versões já atrai a suspeita de que não é verdadeira, ou de que não é totalmente verdadeira.



Como nas lendas tradicionais, também se refletem em muitas lendas urbanas assustadoras os “básicos” medos da humanidade.

Nos antigos contos de fada se figurativizava, com predominância, o medo dos perigos das florestas.



É oportuno ressaltar, entretanto, no que se refere à característica de serem contadas como se fossem verdadeiras, que tal nem sempre acontece. Uma história pode ser contada por alguém que a anuncia como uma “lenda urbana”.

E para distinguir as lendas atuais das tradicionais, usa-se a expressão “**lendas contemporâneas**”, com a finalidade de demonstrar que se trata de histórias por meio das quais se pretende relatar acontecimentos recentes, com protagonistas “contemporâneos” dos narradores, ou “**lendas urbanas**”. Neste último caso, segundo Jean-Bruno Renard, “não porque elas se desenvolvem, necessariamente, no meio urbano, mas para sublinhar que estas lendas tratam da mo-

dernidade, de nossas sociedades técnicas e industriais, nas quais a cidade é emblemática” (op. cit., pág. 98).

Com efeito, o Chupa-cabras, por exemplo, “ataca” na zona rural.



Ele próprio, quando surgiu, foi catalogado como um novo mito, para figurar entre os tradicionais, e, no entanto, é também citado como “lenda urbana”, assim como o Lobisomem, por exemplo, está

incluído em algumas histórias arroladas sob esse título, especialmente na internet.

Nesse sentido, consideramos oportuna a lição de J. Gerardo M. Guimarães, segundo o qual “os fatos folclóricos, situados sempre no âmbito da cultura informal, podem sofrer influência tanto da cultura erudita quanto da cultura de massa, podendo, também, influenciá-las. A constante troca de influências entre os três parâmetros de cultura caracteriza o processo da dinâmica cultural. É por isso que não devemos considerar folclore como algo pertencente ao passado. Do mesmo modo, não podemos entendê-lo como fenômeno a ser observado somente no ambiente rural ou entre indivíduos pobres ou sem instrução. A cultura informal está presente na vida de todos nós, independentemente de nossa condição econômica, de nosso status sócio-cultural. Todos somos portadores de folclore” (“Repensando o Folclore”, pág. 5, Ed. Manole, grifamos).



LENDAS URBANAS I

Começamos com algumas historietas fantasiosas em que se verificam mortes e acontecimentos inexplicáveis, fenômenos paranormais, intervenções de espíritos e aparições de fantasmas.

Os nomes das pessoas e dos locais em que os acontecimentos se sucedem geralmente não são conhecidos ou não são mencionados.

A MISTERIOSA ENFERMEIRA

Pacientes contam que num hospital da capital paulista havia uma enfermeira meiga, simpática, idosa, que os visitava à noite, lhes contava histórias, conversava com eles, enfim, cuidava muito bem dos enfermos. A descrição não correspondia a nenhuma das enfermeiras desse hospital. Uma delas, cismada com a história, começou a investigar, queria saber mais detalhes. Bisbilhotou, xeretou, até que numa madrugada



da foi à enfermaria e ali encontrou sentada num banco uma enfermeira que nunca tinha visto no hospital. Começou a falar com ela, a brincar a com ela. A enfermeira não respondia. Uma outra colega, assustada, entrou repentinamente e perguntou se ela estava falando sozinha. A enfermeira curiosa disse que não, que estava falando com uma outra colega. Olhou de novo. O banco estava vazio.



O ESTRANHO PASSAGEIRO

Um motorista de táxi pára ao sinal de um freguês. Este entra, um senhor muito estranho, pálido, magro, vestindo um terno escuro. Ele pede pressa para ser conduzido a um velório de um amigo. Chegam ao destino, uma casa onde estão a velar um defunto. O passageiro pede que o motorista aguarde; não vai demorar. Depois de decorridos mais de 30 minutos, o motorista entra na casa. Não encontra o passageiro entre os presentes.

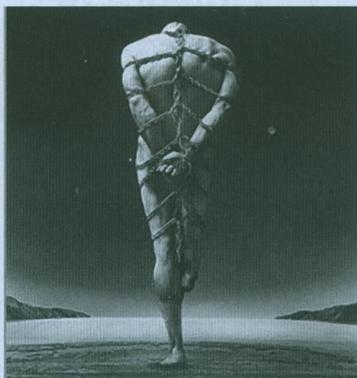


Pergunta por ele, descrevendo-o. Ninguém o viu. O motorista olha em torno da sala e continua a procurar. De repente, ao se aproximar do caixão, o taxista perde

o fôlego, não acreditando no que vê: Quem está sendo velado é o passageiro que conduziu até ali há cerca de meia-hora. O motorista sai alucinado do velório e acaba morrendo logo depois em um acidente de trânsito, numa colisão com uma caminhonete. No velório, comentam que o falecido havia morrido na véspera, em um acidente que decorreu de uma violenta colisão de uma caminhonete com um táxi onde se encontrava como passageiro.

CORRENTES ARRASTADAS

Um estudante foi flagrado pelo diretor praticando o “ato amoroso” com sua namorada num internato, em um feriado, quando o lugar estava vazio. O diretor castigou-o severamente, mantendo-o acorrentado, sem água nem comida, até no dia seguinte. No entanto, uma tempestade inclemente fez o telhado desabar



sobre o rapaz, matando-o inexoravelmente.

Desde então, correntes sendo arrastadas eram sempre ouvidas à noite nesse internato, que acabou até fechando. O lugar, com fama de mal-assombrado, abandonado ficou. Até hoje, dizem, ouvem-se as correntes se arrastarem pelos corredores à noite.

O CHORO DE UM BEBÊ NA PONTE

Na rodovia que liga Salvador a Feira de Sant’anna, na Bahia, os moradores da região afirmam que se ouve na ponte um compungido choro de bebê, que se faz ouvir até a alguma distância.

Dizem que é o da alma de uma criança que fora abandonada nessa ponte e que, sem socorro, foi

morta por inanição. Teria sido encontrada algum tempo depois em razão do mau-cheiro ali exalado.

Quando anoitece, o choro é ouvido, um pranto sentido da alma do bebê, por sua mãe que o abandonou, ou à espera de quem o acalante a fim de que possa ter seu eterno descanso.

Inúmeras versões de choros de bebê, sem que se saiba de onde vêm, correm por todo o Brasil.



A MALDIÇÃO DA VELHA MENDIGA

Trata-se de idosa mulher, maltrapilha, sempre a pedir esmola, que amaldiçoa os que lha negam. Sintomas de quebranto, estranho mal estar e doenças misteriosas se seguem à negativa de “adjutório” à velha.

Dizem que os que não lhe dão nenhum trocado, mesmo tendo sido abordados na rua, recebem depois a surpreendente visita dessa pedinte. As desgraças por ela anunciadas se realizam pouco tempo depois.



VISITA SALVADORA

O único médico de uma cidade do interior foi despertado de madrugada por um aflito garoto pedindo-lhe socorro para sua mãe, que havia acabado de sofrer um enfarte. O médico prontamente se deslocou à residência indicada pelo menino e prestou os primeiros socorros à paciente, que, em seguida, foi levada em uma ambulância para um hospital que dispõe de maiores recursos, em uma cidade próxima. A

mulher se salvou. O médico lhe disse que se o socorro tivesse demorado mais um pouco, mesmo que por alguns minutos, ela teria morrido. “Se o seu filho não tivesse ido me chamar...”. A mulher empalideceu. Tirou uma foto da carteira. “Era este menino?”, perguntou, toda trêmula. Diante da afirmativa do médico, revelou que ele era seu único filho e havia sido morto por atropelamento, recentemente.



CASOS DE VIOLADORES DE CEMITÉRIOS E SEPULTURAS

O Ladrão de Cadáveres

Um reincidente ladrão de cadáveres e de sepulturas, certa feita, por não ter conseguido remover o anel que havia no dedo do corpo de uma jovem, mutilou-o para arrancar-lhe a jóia.

A moça era casada e apaixonada por seu marido, com quem havia pactuado que jamais tiraria seu anel de casamento do dedo e que, quando de sua morte, queria ser com ele sepultada.

Algum tempo depois, em uma estrada, logo que ia saindo de um posto de gasolina, foi ele abordado por uma estranha jovem. Abrindo o vidro, perguntou o que ela queria, acreditando se tratar de uma carona.

A jovem, mostrando-lhe subitamente a mão esquerda sem o dedo anular, disse-lhe: “Quero o meu anel e o meu dedo que você arrancou”.

O Violador de Túmulos

Outro ladrão violou a sepultura em que se encontravam os restos mortais de uma senhora muito rica, que, diziam, havia sido sepultada portando suas jóias. Havia mesmo algumas jóias com ela. O ladrão levou-as todas.

Seu telefone tocou. Uma voz assustadora:

— Devolva minhas jóias, ou você vai morrer.

As ligações ameaçadoras continuavam.

Apavorado, mas audacioso, procurou a polícia.

Ainda não existiam identificadores de chamada na época. O telefone do qual partiam as chamadas para o gatuno era dado como inexistente.

O ladrão foi encontrado morto pouco depois desse infeliz ato criminoso.

A Cruz do Cemitério

Em meio a um encontro de amigos, uma aposta com o que se dizia mais valente foi realizada. O desafio consistia em uma visita, à meia-noite, em um cemitério, em troca de certa quantia em dinheiro, com a condição de comprovar o cumprimento do feito por meio de algum objeto de lá retirado. O valentão entrou no cemitério, sozinho. Mesmo morrendo de medo (“ninguém nunca saberá disso”), arrancou uma cruz que havia sobre um túmulo e voltou correndo para a casa de um dos amigos onde se haviam reunido.

Nessa mesma noite, pouco depois, a campainha soou. Alguém foi atender e retornou dizendo para o “corajoso” que havia ido ao cemitério:

— Um tal de João Alves quer falar com você.

Ninguém o conhecia.

Esse era o nome que estava escrito na cruz.



SINAL DE MORTE

Uma jovem muito doente, internada num hospital, lutava por sua vida. Em suas fervorosas orações pedia que lhe fosse enviado um sinal. Se recebesse rosas brancas, viveria; se vermelhas, seria seu fim. De madrugada, enquanto dormia, uma senhora deixou com



uma enfermeira belíssimas rosas vermelhas para serem entregues à enferma, identificando-se apenas como “a mãe da Mariana”. Quando a moça soube da visita, teve certeza de sua morte. Mariana era uma amiga da paciente; sua mãe havia falecido há muitos anos.

O HOMEM DE BRANCO NA ESTRADA

Numa estrada considerada perigosa, um motorista avista um homem todo vestido de branco pedindo carona. Segue em frente, com medo da fama do local. Alguns quilômetros adiante, outro homem de branco pede carona. Parece ser o mesmo. É o mesmo, constata o motorista. Não é possível, pensa,

estou vendo coisas. De repente, sente uma “presença” no banco de trás. Uma voz diz: “Você não é quem eu estou procurando. Pode seguir tranquilo” e desaparece. O coração parece interromper suas batidas. Calafrios, arrepio no corpo inteiro. O motorista pára numa lanchonete num posto de gasolina para tomar

um café e tentar se acalmar. Conta a história para o garçom, que tenta “esclarecer”: “Você não é o primeiro. Outros já contaram essa história. Um homem todo vestido de branco foi atropelado recentemente. Morreu por omissão de socorro e dizem que agora ele anda à procura do motorista que o matou”.

BEBÊ NATIMORTO

Uma mulher, estando no último mês de gravidez, em uma breve viagem com uma irmã para uma cidade do interior de São Paulo, pede que parem em uma capelinha de beira de estrada. Lugar deserto, silencioso, velha construção. Decor-



ridos alguns minutos, uma fumaça surge do nada e começa a subir do altar, com uma imagem de uma santa, que ali se encontrava. Saíram correndo. Alguns dias depois, durante o parto, ela perde o bebê, removido de seu corpo já sem vida.

A MOÇA DO BAILE

Sábado à noite, um rapaz, em uma casa noturna, se encanta com uma moça muito bonita. Convida-a para dançar. Ela aceita o convite. Ficam juntos durante horas. De repente, quando a noite começa a

terminar, ela se solta de seus braços e foge. Ele parte em seu encalço. De longe, a observa entrando num cemitério. O dia começa a amanhecer. Ele continua sua perseguição dentro do cemitério. A alguma dis-

tância, vê a moça virar uma esquina. Perde-a de vista. Olha em volta, à procura da jovem. Subitamente, olha para o túmulo da esquina em que ela desaparecera. Uma foto da moça está ali.

CHUPA-CABRAS

O Chupa-cabras teria aparecido nas áreas rurais de municípios vizinhos à cidade de Campinas, por volta de 1997 (e posteriormente em muitos outros lugares). Os habitantes da mencionada região atribuíram súbitas e misteriosas mortes de ovelhas e bois a uma estranha criatura notívaga.

O jornalista Paulo San Martin, na edição de 8 de junho de 1997 do jor-

nal A Tribuna, de Campinas, relata, na matéria intitulada “Chupa-cabras: agora ele se tornou histeria coletiva”, que as marcas deixadas pelo bicho não se confundem com a de nenhum predador conhecido, não encontrando o seu ataque referências na zoologia e na biologia. “Praticamente todo o sangue é drenado e as feridas são inconfundíveis, como se tivessem sido

feitas por garras longas e afiadas, semelhante a navalhas. Em alguns casos são retirados, com precisão cirúrgica, órgãos e glândulas nobres”.

A história foi, na época, muito divulgada pelos meios de comunicação.

Ele é descrito como uma criatura peluda apenas da cintura pra cima com focinho semelhante ao de lobo.



UM CAPETA EM VILARINHO

Esta faz lembrar a lenda do Boto: em bailes *funks* do Vilarinho, situado em algum lugar da periferia de Belo Horizonte/MG, um elegante rapaz usando um chapéu, exímio dançarino, impressiona uma das frequentadoras do local. Dançam e se

divertem até que o chapéu do rapaz cai, revelando chifres em sua cabeça. A moça grita, desmaia, todos se assustam. O rapaz sai correndo. A história é logo esparramada. Alguns até dizem ter visto patas de bodes no lugar de pés enquanto o rapaz fugia.



LOIRA DO BANHEIRO



O terror das crianças nas escolas era uma mulher que, contavam, costumava aparecer nos banheiros. Era loira, cabelos compridos, com as cores próprias dos defuntos e com algodão nas narinas. Um cadáver ambulante.

Encontrar pedaços de algodão no chão do banheiro, sujos de sangue, era sinal de que a "Loira" estivera por ali.

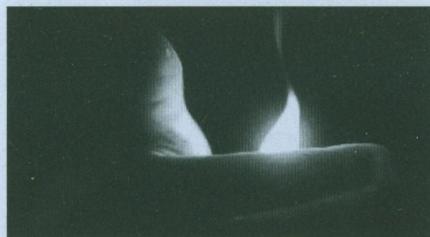
O medo de encontrá-la era tanto que as crianças não iam ao banheiro desacompanhadas.

Quem conta sobre a "Loira" diz que ela era uma jovem que foi violentada e morta num banheiro de uma escola.

Há muitas versões da Loira do Banheiro. E dizem que ainda hoje ela costuma aparecer nos banheiros das escolas.

MARIA SANGUINÁRIA

(Ou Maria Sangrenta) Ela também pode aparecer em banheiros quando for chamada por esse nome, três vezes. Quem pretender invocá-la deve fazê-lo olhando no espelho, à



luz de vela. O rosto é o de um cadáver. Há sangue em suas roupas. Deve-se acender a luz imediatamente se ela aparecer; caso contrário, sua alma será levada por ela.

MOÇA DE BRANCO

Uma moça vestida de branco à noite aparecia pedindo carona a caminhoneiros na antiga estrada Rio-São Paulo. Os motoristas de caminhão, sempre solícitos com as mulheres, estacionavam o veículo e abriam a porta para o ingresso da bela jovem.

A viagem prosseguia. A moça, retraída, estranha, sombria, calada, limitava-se a responder com monossílabos ao que lhe perguntavam.



Entretanto, algum tempo depois, os motoristas se arrepiavam de medo ao notar que a moça havia simplesmente desaparecido.

Contavam os caminhoneiros que ela fora morta atropelada por um caminhão ao dirigir-se à igreja no dia de seu casamento.

De acordo com alguns relatos, ela ainda pede carona em outras várias estradas.



VESTIDA DE NOIVA



Segundo outra versão, uma mulher vestida de noiva aparece nas estradas, assombrando os caminhoneiros. É o fantasma de uma noiva, abandonada no altar, que, em desespero, se matou, lançando-se contra um caminhão.

De acordo com outra variante,

ela se matou porque o noivo sofreu um grave acidente quando ia para a igreja, falecendo instantes antes do casamento, e essa alma sofredora espera o feliz enlace, e mais desesperada fica por saber das conseqüências de seu ato suicida, que a separará, por longa data, de seu amado.

MULHERES NA ESTRADA

* Uma família voltava de um fim-de-semana na praia, à noite, numa estrada perigosa, quando se defrontou subitamente com uma mulher no meio da pista, acenando desesperada, gritando por socorro. Estacionaram o veículo. A mulher disse que sofrera um acidente e que seus filhos se encontravam gravemente feridos, precisando de imediato socorro. Ligaram para uma ambulância, se aproximaram do veículo capotado. As crianças ainda estavam vivas no carro destruído. A motorista, não. Olharam para trás, a mulher que pediu socorro não estava mais lá. Observaram melhor:

a motorista era a mesma mulher com quem tinham falado.

* Uma aparição assustadora, de uma moça envolta em gazes e faixas, sangrando, costuma provocar acidentes terríveis nas rodovias.



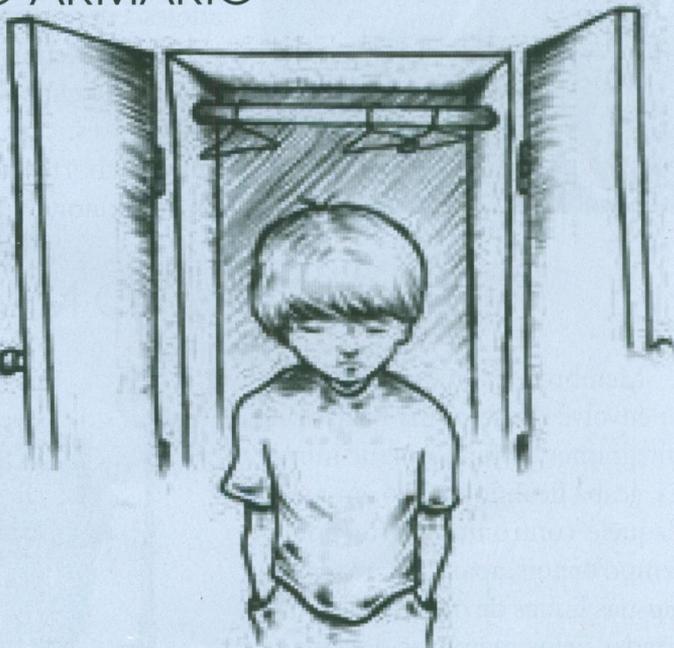
Dizem que ela morreu atropelada por um caminhão e quer se vingar do mundo provocando acidentes e mortes, como aconteceu com ela.

* Um casal retorna de Minas Gerais para São Paulo, à noite. Numa curva sinuosa, se lhes depara, do nada, uma estranha mulher vestida de branco. O motorista freia bruscamente. Descem do carro para verificar se a mulher tinha sido atropelada. Entretanto, no local em que a mulher aparecera, havia um enorme penhasco. Conta-se que diversos acidentes foram evitados dessa maneira (Essa, apesar de assustadora, é “do bem”).

MORTE NO ARMÁRIO

Numa escola de uma cidade do interior, cujo nome se desconhece, uma professora claustrofóbica morreu depois de ter sido trancada em uma pequena sala por alunos travessos, que lhe desconheciam a doença. Alguns anos depois, um estudante que havia permanecido sozinho na sala-de-aula depois de uma prova, surpreendeu-se com a porta se fechando por si só. Foi tentar abrir; estava trancada. Acreditou ser travessura dos colegas. Gritou, ninguém ouviu. A porta de um abafado armário no fundo da sala-de-aula se abriu de repente e ruidosamente. Ao chegar perto do armário para ver o que nele havia,

foi para dentro dele empurrado sem ver por quem, trancado por fora, ali permanecendo até que morreu asfixiado. Dizem que é vingança dessa professora. Outras mortes como essa também aconteceram nessa escola.



○ HOMEM DO SACO

Em algumas variantes, em que o mendigo é pintado ainda mais feio, chama-se também “Papa-Figo”.

É descrito como um preto velho, às vezes branco, conforme as versões, carregando um saco de estopa nas costas, muito feio, banguela, esmolambado, leproso, que para tratar dessa terrível enfermidade mata crianças mentirosas para comer-lhes o fígado.

Houve quem acreditasse, na época em que a hanseníase ainda era totalmente incurável, que essa doença maligna alteraria os caracteres do sangue, sendo por isso chamada também “mal do sangue”. Para purificá-lo é necessário um novo fígado, cru, de criança sadia e forte.

Ele costuma rondar as escolas, jardins e parques, atraindo as crianças desobedientes e men-

tirosas com doces e brinquedos, matando-as depois, arrancando-lhes o fígado.

Dizem que ele teria sido uma pessoa muito rica que contraiu a terrível doença e que deixa dentro da barriga da vítima uma

grande quantia em dinheiro para os familiares.

Há muitas versões do “Homem do Saco”, em muitas das quais se ignora o problema da hanseníase; ele simplesmente mata as crianças.



○ LOUCO E O CACHORRO

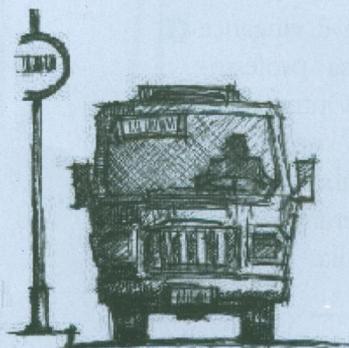


Um mentecapto assassino, mantido acorrentado e trancado num hospício, consegue escapar. Dizem que, entretanto, acabou morrendo pouco depois. Uma adolescente costumava dormir com seu cachorro de estimação deitado no chão ao lado sua cama. Às vezes esticava seu braço para que o cachorro lambesse sua mão. Em uma noite em que estava so-

zinha, fez o de sempre ao se deitar. Sentia o cachorro lambendo sua mão toda vez que abaixava o braço. Ador-meceu. Ao acordar, não vendo o cachorro ao lado da cama, foi procurar por ele. Encontrou-morto, pendurado no box do banheiro, ainda sangrando. No espelho, uma mensagem, escrita com o sangue do cachorro: “Os loucos também lambem”.

○ MANCO

Membro de uma gangue que se envolve em ferrenha briga com integrantes de uma gangue inimiga, acaba ficando manco em razão daquele confronto. Morto pouco tempo depois, aparece para se vingar nas linhas de ônibus mais utilizadas pelos membros da gangue



rival, residentes em outro bairro. Quando os encontra, os molesta de alguma maneira, assaltando-os, batendo-lhes, etc. Segundo uma outra versão, era ele um estudante que enfrentara alunos de uma escola rival, que, depois de morto, a estes vem atormentar.



O PÉ-DE-PANO

Nas imediações de uma linha de trem, havia um outro manco, um senhor, com o pé esquerdo envolto em um pano, com uma trouxa de

roupa nas costas. Seus passos claudicantes eram evidentes mesmo à distância. Não se deveria chamá-lo "Pé-de-Pano". Os que o faziam,

mesmo depois de estar razoavelmente distantes dele, tinham a surpresa de vê-lo correndo em sua direção a uma espantosa velocidade.

OPERÁRIOS NA CONSTRUÇÃO

Numa cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul há uma casa em construção que não foi ainda concluída. Todos os operários que tentam terminá-la sofrem ali estranhos acidentes e acabam desistindo desse trabalho. Barulhos



de martelos e de serras são ouvidos pelas pessoas da vizinhança durante a noite. Ninguém quer concluir a obra. Dizem que uma parede desabou sobre os operários que a iniciaram, causando-lhes a morte.

PRECE PARA UM SOLDADO

Há uma senhora num trem paulistano, a caminho do cemitério, num dia de finados. Um jovem soldado senta-se a seu lado, cumprimenta-a e pergunta aonde ela vai. Ela informa que está indo ao cemitério, fazer orações e acender algumas velas para parentes e amigos que faleceram. O rapaz pede à mulher que faça também

algumas preces e acenda velas para os soldados sepultados no túmulo dos soldados mortos na Batalha de São Paulo. Ela sabe onde fica. No cemitério, após visitar o túmulo de seus entes queridos, se recorda do pedido do rapaz e vai até o mencionado túmulo. Reza, acende algumas velas, observa as fotos: uma delas era do moço que

se sentou ao seu lado no trem.



O JOGO DO COPO QUE ANDA

Morte no Jogo

Um grupo de jovens, reunidos no apartamento de um deles, arma esse tradicional jogo em uma noite: o copo virgem, o tabuleiro redondo, com o "sim" e o "não", letras, números e outras inscrições para se comunicar com espíritos. Mãos dadas, uma prece, concentração, e a invocação para que algum espírito se manifestasse. Silêncio. Alguém do grupo, mais cético, começa a rir. A risada contagia os demais. De repente, o copo se mexe. "Quem esta aí?". Alguém encosta o dedo no copo e este vai se movimentando pelas letras até

formar a resposta: "Assassino". "Quem você matou?", pergunta o dono da casa. "Ninguém". "Então, por que 'assassino'?". A resposta: "Suicídio". "Você é um suicida?". O copo se movimenta até formar a resposta: "Não". O jovem se apavora: "O que você está querendo dizer?". O copo se move em direção às letras adequadas para declarar: "Você vai morrer". O anfitrião se assusta, mas disfarça seu medo xingando o "espírito", forçando risos sarcásticos. A brincadeira termina. No dia seguinte, o cadáver do jovem é encontrado na calçada de frente do edifício em que vivia.

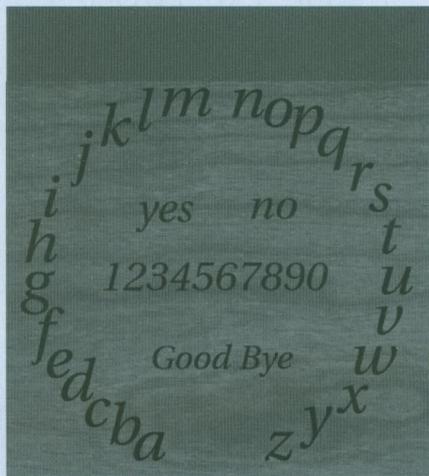
Resposta Inesperada

O tabuleiro é novamente armado em outra oportunidade. "Alguém aí?". O copo se move para o "sim". Às outras perguntas de sempre se seguem até que algum dos participantes pede uma prova de que realmente há um espírito ali. O telefone toca simultaneamente. Os garotos que participam do jogo empalidecem. Não atendem ao telefone. Insistem em pedir uma prova. O telefone toca novamente. Resolvem atender, colocando o telefone no viva-voz. Ao trêmulo "Alô", a resposta, de uma voz apavorante: "Esta é a prova". Todos saem correndo, jurando nunca mais praticar esse jogo.



Advertência

Esse mesmo jogo foi introduzido como passatempo entre as moradoras de um condomínio, por uma delas. Todas gostaram, até que estranhos acontecimentos começaram a ocorrer com as praticantes do jogo. Pesadelos, mal estar constante, “presenças” sendo sentidas nos apartamentos, sobressaltos, calafrios, enfim, permanente tensão. Uma delas, a



que começou a “brincadeira”, certa ocasião estava em um ponto de ônibus quando foi abordada por uma senhora idosa. “Cuidado. Pare com isso. Vocês estão atraindo baixos espíritos. Façam uma sessão de orações e acabem com isso”. O ônibus chegou. A praticante do jogo se distraiu por um segundo. Quando olhou novamente para o lado, para continuar a conversa, a senhora havia desaparecido.

A RAINHA DA LAMBADA

Esta nos foi contada por José Maria Tenório Rocha:

“Boite Melão, Tabuleiro do Martins. Noite de Sábado, o salão está repleto de casais que dançam e bebem freneticamente. De repente os casais vão parando de dançar para observar o gingado de uma loira linda, que rebola de forma estranha e maravilhosa. Depois, todos os casais estão parados, para admirar a loira que enlouquece a todos.

Sentindo-se o alvo das atenções de todos, escolhe um rapaz, tira-o para dançar e dança longos minutos. Já cansada e com calor, chama o rapaz para a parte externa da boite para tomar ar fresco. Indagada sobre seu nome, diz apenas ser a Rainha da Lambada. O rapaz insiste sobre o nome verdadeiro, mas ela diz que não tem outro.

Beija o rapaz, prega uma dentada na veia e some em meia a uma nuvem de fumaça estonteante. O rapaz, desacordado, é encontrado pelos amigos, que levam à UTI do Hospital do Sesi, onde falece.

Refletindo sobre aquela pre-

sença estranha e mágica, os amigos do falecido notaram que, embora a loira fosse linda e perfeita de corpo, possuía partes do rosto um tanto deformadas”.

Outra aparição da “Rainha” em Maceió:

“Boite Chocalho, Parque da Pecúria, Bairro do Prado. Surge a mesma loira. Atrai um rapaz desinibido, dança com ele e, depois de muitos requebrados, o rapaz pergunta pelo seu nome, ela apenas diz ser a Rainha da Lambada. O rapaz, entontecido e com medo, desmaia e a moça desaparece por encanto.

Em frente ao Hiper-Mercado Bompreço, do bairro do Farol, um aluno do colégio Saint Germain, do mesmo bairro, está no ponto de ônibus às doze horas. Começa a olhar os transeuntes, despreocupado. De repente aparece uma mulher que chama por seu nome e pergunta as horas.

Intrigado, por não a conhecer, o jovem pergunta: ‘Como você sabe o meu nome, se eu não conheço?’ A mulher olhou firmemente para ele e disse: ‘Ora, você chamou pelo meu nome há

pouco tempo, não lembra?’.

Atorreado, o rapaz tomou um susto tão grande que desmaiou e foi levado para o hospital do Sesi, por um vigilante do Hiper, já em estado de coma. Horas depois melhorou e foi pra casa” (Anuário do 36.º Festival do folclore, págs. 77/78).



O REI DA LAMBADA

“Uma aluna do Colégio São José, tradicional estabelecimento de ensino dedicado à educação de alunas, vai a um baile, dança bastante e depois pára, e começa a verificar e paquerar um rapaz charmoso, vestido com trajes convencionais de dançador de lambada.

O rapaz a chama para dançar. Dançam e conversam bastante. Em seguida, pede para acompanhar até sua casa. Um tanto desconfiada a jovem diz que não daria certo daquela vez. Desalentado, o rapaz lhe pede o endereço e escreve o seu, entregando-o. A pretexto de retocar a maquilagem, a moça vai ao toilette e tenta ler o endereço, mas o papel está em branco,



nada contém escrito. A moça fica intrigada.

Penteando os cabelos e retocando a maquilagem, notou

que em sua testa tinham aparecido duas espécies de pontas. Apavorada, a moça desmaiou. Outras moças encontraram-na caída, levantaram-na e providenciaram sua entrada no hospital mais próximo. Retornado a si, notou que ‘os cornos’ haviam desaparecido.

No outro dia, ao chegar ao colégio, sua primeira providência foi contar o ocorrido à sua professora. Esta levou o caso à diretora, que reuniu todas as alunas, para uma advertência e um pedido de que evitassem bailes, não dançassem lambada, sobretudo com rapazes estranhos, atraentes e principalmente vestidos com as tais roupas de lambada” (op. cit., pág. 78).

“E AGORA? VOCÊ AINDA ME QUER?” (OU: DA VISITAÇÃO DA ALAMOA EM MACEIÓ?)

ALAMOA é uma belíssima mulher, loura, misteriosa, olhos neons, verdes ou azuis, conforme a versão contada, cabelos lisos e compridos, vestida numa túnica muito transparente que chega quase a tocar o chão. Assim a chamam porque loira é “alamoa” (alemã) para os habitantes de Fernando de Noronha, onde ela reside, nos altos picos da ilha. Deslumbra, fascina, enche de desejo os desavisados que com ela se defrontam. Aterroriza, no entanto, os pescadores que já a conhecem e dela correm, espavoridos, pois o apaixonado que ao seu namoro não resiste e se põe a segui-la nunca mais é visto. Dizem que a Alamoia atrai com seu fascínio os que por ela se apaixonam, guiando-os para os picos da ilha, onde se transforma numa medonha caveira.

Tenório Rocha narra um caso que nos parece ser uma visitação da Alamoia em Maceió:

“Um rapaz que saía para bailes

todos os finais de semana, julgava-se vistoso e elegante, sentia que sua presença era marcante e que as mulheres se atraíam por ele, bastava aparecer. Nas festas sempre procurava namorar a moça mais bonita, mais charmosa e se saía muito bem na empreitada.

Na sua carreira de conquistador, tudo ia às mil maravilhas, até que em um final de semana foi fatídico, ocorreu o que não se cogitava acontecer.

No baile, enfeitiçou-se por uma moça bonita, bem feita de corpo e boa dançarina. Olhares, olhares e finalmente o encontro e a dança.

Ao terminar o baile, ofereceu-se para levá-la em casa. Ela cedeu de bom gosto.

Saíram, andaram bastante, conversando animadamente, até que surgiu a casa. Entraram, dirigiram-se ao quarto. O rapaz despiu-se e ficou a admirar a moça retirando a maquilagem, depois, retirando a roupa, uma

peça, outra peça, várias peças; era peça que não acabava mais. O rapaz ficou de olhos bem arregalados, até que depois de tirar uma multidão de roupas, ela retirou uma máscara que cobria o rosto e dirigiu-se para ele.

O rapaz passou as mãos nos olhos, para desanuviar, e percebi que estava vendo uma caveira, que se dirigiu para ele e perguntou: - E agora, você ainda me quer?

O susto foi tão grande que o rapaz desmaiou e ficou prostrado. Ao recobrar os sentidos, quando o sol já estava forte, notou que não estava em uma cama e nem em uma casa, e sim, ao relento, em um terreno baldio.

Atordoados, saiu correndo para casa e jurou não mais dançar com moças desconhecidas” (op. cit., pág. 78).

Será que se a Alamoia (lenda tradicional) se desloca para alguma cidade grande, ela se transforma em “lenda urbana”?



O CASO DA CAPA

Numa noite chuvosa, numa estrada perigosa, um motorista resolve dar carona a uma jovem mulher vestida com uma capa de chuva amarela parada no acostamento. Ao ser indagada sobre seu destino, responde que sua casa fica a uns dois quilômetros do local em que se encontravam. Alegre, simpática, conversadeira, retira sua capa de chuva, continuando animada prosa com o motorista. Ao chegarem defronte da residência apontada pela moça, esta se despede do motorista, agradecida. Só alguns quilômetros depois é que o caminhoneiro percebe que a moça esqueceu sua capa de chuva. Como era tarde, retornou no dia seguinte à casa em que a moça entrara. Foi recebido por uma velha senhora, que, ao ouvir o relato do caminhoneiro, assustada e, ao mesmo tempo, em pratos, respondeu-lhe que não brincasse com uma coisa dessas. Essa moça era sua filha e havia falecido há mais de dez anos, atropelada por um caminhão numa noite chuvosa.

Tenório Rocha nos conta outra versão:

“Certo rapaz de Maceió, todos os sábados aprontava-se e ia dançar até altas madrugada. Na maioria das vezes, conseguia a graça de ir levar uma das moças em casa e entabulava namoro.



Num desses sábados, ao chegar ao baile, foi atraído por uma loira muito bonita, que chamava a atenção de todos. Com jeito, chegou-se a ela e começou a dançar e a namorar.

Ao terminar o baile, levou-a à sua casa, e como chovesse torrencialmente, a moça gentilmente emprestou sua capa. No outro dia, desejando ver a moça, pretextou devolver a capa.

Ao chegar à casa da moça, bateu na porta e foi atendido por uma senhora idosa _ sua mãe, pensou.

Perguntando pela garota, a mulher tomou um susto enorme; mas se recompôs e disse: _ Essa moça que o senhor procura não existe mais, faleceu há vários anos! É essa da foto, não é? Intrigado, o rapaz identificou a foto do quadro; era ela mesma, inclusive com o mesmo vestido que usara no baile.

Sem saber o que fazer, voltou para casa cabisbaixo e jurou deixar de ir a festas, pelo menos por algum tempo” (op. cit., pág. 78).

O CASACO NO TÚMULO

Um rapaz conhece uma jovem em uma danceteria na cidade de São Paulo. A mútua simpatia é quase imediata. Conversam, dançam a noite inteira. “Ficam”. Quando o dia está prestes a amanhecer, uma súbita urgência toma conta da moça. Ela diz que precisa ir embora imediatamente. O rapaz insiste em levá-la para casa. Ela recusa com veemência, mas lhe diz seu endereço e sai correndo.

No dia seguinte, ele vai à casa cujo endereço lhe dera a moça. A mãe da moça o atende. Pasma, não acreditando na história con-

tada pelo rapaz, revela que sua filha morrerá há mais de dez anos.

Vão ao cemitério, abrem o túmulo; o cadáver está coberto pelo

casaco do moço.

Outras versões e variantes das duas últimas lendas aqui narradas existem por todo o Brasil.



LENDAS URBANAS II

As próximas são histórias sobre ameaças, mutilações e assassinatos, praticados, no entanto, por psicopatas e criminosos (não por entidades sobrenaturais, pelo menos aparentemente).



PASSAGEIRO CLANDESTINO

Alguém viaja sozinho, numa rodovia pouco movimentada, pára em um posto, abastece o veículo, toma um café. Segue viagem. O rádio ligado como companhia. No banco de trás, há um passageiro clandestino, um assassino psicopata com um machado. O mo-

torista só nota a maligna presença quando olha pelo retrovisor. Tarde demais. Sua cabeça, decepada, estoura o vidro. Quando o carro é encontrado pela polícia, nele não há mais ninguém.

Cuidado ao entrar no carro.



FAROL DA MORTE

Há sempre perigo nas estradas. O motorista que, em pista única, de mão dupla, se defrontar com outro veículo se aproximando, em sentido contrário, com os faróis apagados, não deve emitir sinais de luz para alertá-lo, pois corre o risco de ser perseguido por esse

carro, e, de alguma forma, ser morto por seu(s) condutor(es).

Essa história corre pelo mundo, em diferentes versões. De acordo com uma delas, esse assassinato seria um rito de iniciação em algumas perigosíssimas gangues.



CUIDADO COM OS "FLANELINHAS"

No farol vermelho, na capital paulista, uma mulher foi abordada por um desses "flanelinhas" (garotos que teimosamente começam a limpar os vidros dos carros parados à espera do sinal verde, visando a algum trocado). Mas este em vez de começar a limpar sem mesmo antes perguntar se o motorista quer o serviço, como costumam fazer _ aproximou-se do

vidro, tentando falar com ela, que, por sua vez, não o abriu; apenas gesticulou, dando a entender que não trazia dinheiro consigo. O garoto, com raiva, parecendo drogado, borrifou um líquido espumoso no vidro do carro. Sinal verde. A motorista saiu. Ao estacionar o carro na garagem da empresa em que trabalhava, notou que o vidro parecia gasto nas áreas em que foi

borrifada a espuma. O segurança da empresa disse que ela teve sorte, pois o líquido se tratava de um perigoso ácido, facilmente adquirível pelos flanelinhas. Contou ainda que num hospital em que uma parente sua trabalhava houve muitos casos de mulheres que precisaram se submeter a cirurgia plástica por terem sido atacadas no rosto por esse ácido dos flanelinhas.

ASSASSINATO DA COLEGA DE QUARTO

Duas colegas de um internato que compartilhavam o mesmo quarto resolvem não viajar para casa num feriado prolongado. Uma delas, indisposta, decide ficar em repouso, vendo televisão. A outra vai sair com o namorado, vão a uma festa. No horário com-

binado, batidas na porta principal. A moça desce; só poderia ser o namorado. Pouco tempo depois, a que decidiu ficar, ainda acordada, ouve gritos abafados e arranhões na porta. Tremendo de medo, se tranca no armário. A colega ainda não teria voltado, pois era sempre

uma das últimas a sair das festas, e, além disso, também tinha a chave da porta, e o namorado estava com ela. Ao amanhecer, abre a porta e encontra o corpo da colega, degolado... os ruídos na porta, os gritos abafados... era ela, pedindo socorro.

BEM-VINDOS AO CLUBE

* Uma jovem mulher, em férias numa bela praia do Nordeste, se vê sendo paquerada por um belíssimo rapaz. A abordagem se realiza. Bem humorado, divertido, inteligente, o rapaz parecia perfeito. Ela não consegue acreditar no que lhe está acontecendo, pois nunca conhecera ninguém tão interessante. A atração aumenta. Ela passa a acreditar em amor à primeira vista. Fazem amor apaixonadamente nessa mesma noite em que se conheceram. No aeroporto, ao se despedir, recebe um presente. Ele pede que seja aberto somente depois de sua saída. Já pensando no reencontro, abre o presente, uma caixa de bombons. Junto, um bilhete: "Bem-vinda ao mundo da AIDS".

* Segundo uma outra versão, um rapaz conhece uma belíssima mulher em uma casa noturna. Linda, loira, inteligente, divertida. Ele, que nunca teve sorte com mu-

lheres, também não acredita nessa surpresa do destino. Fazem amor. Dormem juntos em um quarto de hotel. Quando acorda, está sozinho. Encontra um bilhete: "Você agora é o mais novo integrante de um clube secreto: 'O Clube da AIDS'. Contraímos a doença por descuido e confiança em nossos parceiros. Mas não morreremos sozinhos. Vamos contaminar o maior número pos-

sível de pessoas. O destino foi cruel conosco e também está sendo com você. Faça como a gente".

Há versões dessa lenda cujo propósito "moralizador" é evidente: A vítima é um homem casado.

* Um contágio que se pretende mais rápido ainda é o da "agulha no cinema": dizem que nas cadeiras dos cinemas e teatros da capital paulista e de outras metrópoles há agulhas contendo sangue infectado pelo vírus HIV. Um rapaz depois de sentir a agulhada, levantou-se, viu um alfinete enrolado num papelzinho cuja mensagem era: "Bem-vindo ao mundo real; você agora também faz parte do mundo da AIDS".

Há outras versões: cacos de vidro na areia da praia também contendo o indigitado vírus; agulhas e alfinetes infectados em tobogãs, ônibus, caixas eletrônicos, telefones públicos etc.



CADÁVER NO COLCHÃO

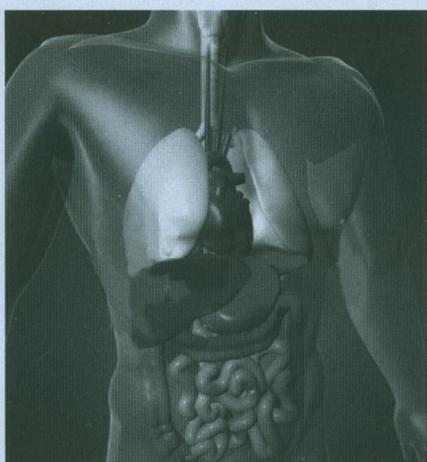
Um casal de namorados, voltando de uma viagem, pára em um motel, na beira de uma estrada. Ao chegar no quarto, um estranho cheiro, algo podre. Nada encontram no quarto que justifique o odor nauseabundo. Interfonam para a recepção. O gerente diz que não há outros quartos vagos e lhes pede que aguardem a camareira. O casal vasculha tudo.

Nada. O cheiro persiste. A camareira não chega. O homem, cismado, nota que o odor parece vir do colchão. Rasga-o com um canivete. Para espanto do casal, encontram um cadáver de uma mulher, apavorante, toda roxa, parecendo que se encontrava ali já há alguns dias. Saem dali. Só então percebem que não havia mais ninguém nos quartos do motel.



LADRÕES DE RINS E OUTROS ÓRGÃOS HUMANOS

* Esta corre o mundo: um rapaz é irresistivelmente seduzido e drogado por uma linda mulher, com quem acaba indo para a cama. Acorda submerso numa banheira cheia de gelo, com um corte nas costas; um de seus rins (ou os dois, dependendo da versão) foi roubado. Cuidado, se você costuma sair só. O alvo preferencial para essas quadrilhas são homens desacompanhados.



* No Rio de Janeiro há histórias de crianças seqüestradas e mortas para alimentar o tráfico de órgãos humanos. A idade das crianças varia; às vezes dizem que são de 8 a 12 anos; noutras, que têm entre 6 meses e 3 anos de idade. Quanto aos seqüestradores, as característi-



cas também mudam conforme o narrador. O que coincide: um carro preto e os corpos das crianças deixados nas portas de suas casas com um envelope contendo dinheiro e um bilhete com a seguinte mensagem: "Mãe, não doe nada".

* Durante muito tempo circularam por Osasco e São Paulo relatos sobre uma tal "Gangue do Palhaço", que assassinava crianças para comercializar seus órgãos. Chefiadas por um palhaço, alguns rapazes _ conta-se _ invadiam até escolas a fim de seqüestrar crianças para seu funesto propósito. Em algumas versões, participava dos crimes também uma bailarina, usada para atrair as garotas.

TELEFONEMA PARA A BABÁ

O bebê já está dormindo. O telefone toca. A babá atende. O homem não se identifica. Inicia uma conversa. Como está? O que faz? etc. Parece apenas alguém querendo conversar por telefone. Ao receber cantadas "baratas", ela desliga. O telefone toca novamente. Dessa vez a conversa começa a se tornar terrivelmente ameaçadora. A babá se apavora, liga para a polícia, que tenta localizar a chamada. O telefone toca novamente. A voz profunda e a ameaça de morte

iminente aterrorizam a garota. A chamada é, enfim, localizada: parte de dentro da própria casa, por meio de um celular. O interlocutor se encontra no quarto em que o bebê está dormindo.

Várias notícias de mortes de bebês e de babás circulam por aí. Cuidado, pais. Cuidado, babás.

Note-se que o propósito de disciplinar pelo medo também está presente nas lendas urbanas, tal como se dá em algumas lendas

tradicionais, a exemplo da Mão-de-cabelo, que, curiosamente, embora "antiga", também aparece figurando entre as "lendas urbanas":

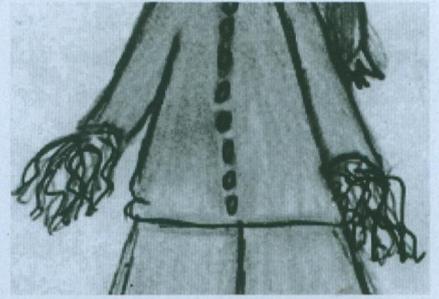


MÃO-DE-CABELO

Fantasma que assombra, em Minas Gerais e em São Paulo, as crianças que urinam na cama. Tem forma humana, envolta num lençol branco. Feixes de cabelos louros partem de onde deveria ser sua mão, os quais são passados por ela

no órgão sexual das crianças que urinaram enquanto dormiam.

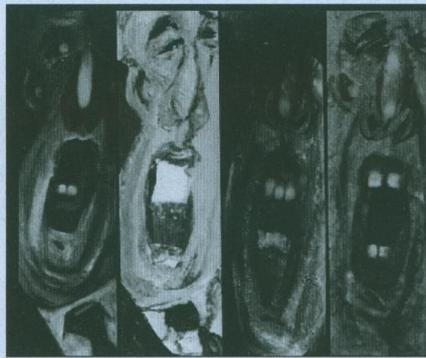
O propósito disciplinar da Mão-de-cabelo é tão forte, que se costuma ainda hoje ouvir-se: “se mijar na cama, a Mão-de-cabelo vem te pegar”.



GRITOS À MEIA-NOITE

Na ausência dos pais de um dos estudantes, da mesma classe, de uma escola, estes decidem fazer uma festa na casa do jovem, que estaria completamente livre para ele, pois seus pais estariam viajando no fim de semana. A festa se realiza, com muita animação, bebidas, dança, namoros, uma grande farra. Alguém se lembra da tradição segundo a qual, em época de provas, estudantes reunidos gritam bem

alto, à meia-noite, durante um minuto, para “desestressar” dos estu-



dos. Resolvem fazer o mesmo durante a festa. À meia-noite, os gritos reverberam. Um dos convidados, sem saber da combinação, se encontra fora da casa. Subitamente, é atacado a pauladas por um mascarado que aparece do nada. Os gritos desesperados se confundem com a gritaria geral. Encontram-no morto pouco depois. O corpo quase irreconhecível.

MORTE NO ESTACIONAMENTO

Um carro no estacionamento de um prédio, ou de um shopping. Sensação de segurança, porém, falsa sensação. Tarde da noite, o motorista volta. Um psicopata assassino se encontra escondido debaixo do carro. O

motorista abre a porta do veículo. De repente, os tendões de seus calcanhares são violentamente cortados, uma dor pungente e lancinante. O motorista, de tanta dor, não consegue gritar, tenta fugir. Apenas alguns dolorosos

passos. Não podendo mais andar, se arrasta pelo chão. Ouve o barulho do motor sendo acionado. O carro vem em sua direção, passa por cima de seu corpo: mais violentas dores, que duram até o silêncio da morte.

O ASSASSINO DA MÃO-DE-GANCHO



Um casal namora no carro em um estacionamento. Pelo rádio, ouvem a notícia de que havia fugido de um sanatório um perigoso psicopata, que usa um gancho no lugar de sua mão direita decepada (como o Capitão Gancho, de Peter Pan). A moça se apavora, quer sair dali. O namorado tenta acalmá-la, dizendo-lhe que não há o que temer. De repente, ruídos no

teto do carro. Parece o barulho de algo arranhando a lataria. Dessa vez vão embora. Ao chegarem à casa da moça, o rapaz desce para lhe abrir a porta e vê pendurado na maçaneta um gancho manchado de sangue. Aterrorizados, vão cada um para sua casa. Os dois foram encontrados mortos na manhã seguinte. Seus corpos, rasgados por um gancho.



LENDAS URBANAS III

Outra modalidade de lendas urbanas: relatos fantásticos envolvendo celebridades, teorias conspiratórias e a indústria cultural.

Um tema recorrente são pactos com o Demônio que celebridades realizariam com vistas à obtenção de seu sucesso e fama, bem como as tradicionais mensagens ocultas em algumas músicas que podem ser decifradas se as ouvirmos girando o disco em sentido contrário.

Nem o Rei Roberto Carlos fica de fora. Dizem, por exemplo, que o trecho “...onde já marchavam mais de cem” da música “Guerra dos Meninos”, se torna “... e esse diabo vai chamar de novo”, se se ouvir o disco girando-o em sentido inverso.

Vejamos apenas alguns fortes exemplos nacionais e estrangeiros.



BONECOS MACABROS

O DO FOFÃO

Muito divulgado nas décadas de 80 e 90 foi um alerta sobre o boneco do Fofão, cujos fabricantes seriam adoradores do demônio. No interior do boneco haveria uma vela e uma faca. Se esse foi um esquema promocional, funcionou muito bem, pois o boneco vendeu espetacularmente. O mesmo se deu com...



A DA XUXA

Uma menina foi encontrada morta com uma faca sobre seu cadáver e a boneca da Xuxa em suas mãos, que ganhara de presente de aniversário. Na faca não havia impressões digitais. “Quem tiver essa boneca, livre-se dela; a Xuxa é uma serva do demônio. Xuxa quer dizer oXUm e oXAlá”, segundo algumas mensagens. (Esse é um exemplo da deturpação que alguns costumam fazer com as religiões afro-brasileiras; quem as conhecer um pouco, ainda que muito superficialmente, verá que Oxum e Oxalá nada têm de satânicos, segundo as tradições daquelas religiões.)

A DA WANESSA CAMARGO

Lançada em 2003, essa boneca já é motivo de lendas urbanas. Meninas que brincavam com essa boneca acabaram inexplicavelmente mortas. Uma delas estava num restaurante, morreu engasgada com a comida. Outra, caiu de repente, desmaiada, bateu a cabeça e morreu. Há ainda mais casos: _ o súbito atropelamento, por um carro, de uma menina ciclista que passeava pela calçada com a boneca na garupa; _ um “ataque” do coração matou inexplicavelmente outra garota que brincava com a boneca.



ILARIÊ E O NÚMERO DA BESTA

Outra sobre a Xuxa: Dizem que na música “Ilariê”, se o disco for girado em sentido contrário, se ouvirão referências ao Demônio,



assim como na música “Marquei um xis, um xis, um xis, no seu coração”, esse xis, viraria, six, six, six, (666), “o número da besta”.

GRUPO KISS – SERVIDORES DE SATÃ



O nome do grupo KISS (beijo) indicaria, na verdade, uma sigla cujo significado seria Kings (ou Knights ou Kids) in Satan’s Service, ou seja, Reis (ou Cavaleiros ou Crianças) a Serviço de Satã. Durante boa parte da história do grupo, os

rostos de seus integrantes se ocultavam em pesada maquiagem, em preto e branco. Recentemente, mostraram seus rostos. Houve também boatos, não comprovados, de que realizavam sacrifícios de animais em suas apresentações.

JIM MORRISON, JIMI HENDRIX E JANES JOPLIN FORAM ASSASSINADOS

Ao contrário do que se pensa, esses três ídolos do rock _ cujos nomes se iniciam, curiosamente, com a letra J _ não morreram, no auge de suas carreiras, por abuso de drogas e de álcool, na década de 70; foram assassinados por agentes secretos do governo dos Estados Unidos. Por quê? Eram espões soviéticos? Não. A teoria é que, naqueles anos de “faça amor, não faça guerra”, “sexo, drogas e rock’n’roll”, tais apologias do hedonismo contrariavam o modo

de vida americano. “Amor livre” e uso de drogas não eram um exemplo em que os pais gostariam que seus filhos se inspirassem. Outro detalhe: jovens americanos morriam absurdamente na Guerra do Vietnam, e ficar falando nessa época em paz e amor não agradava ao “sistema”. A morte de três grandes ícones dessas mensagens hedonistas, de fazer amor e não guerra, em curto espaço de tempo entre uma morte e outra, teria sido fortemente simbólica.



PAUL MCCARTNEY MORREU E FOI SUBSTITUÍDO POR UM SÓSIA

Esta é muito conhecida: O verdadeiro Paul McCartney foi morto, em acidente de moto em 1966, em razão do qual seu corpo ficou irreconhecível. Os Beatles e seus produtores esconderam o caso da imprensa e substituíram Paul por um sósia. William Campbell ou Pablito Teles ou Billy Shears são os nomes que se lhe atribuíram.



Os demais beatles, no entanto, deixaram várias pistas do acontecido em músicas e em capas de seus discos.

Prestem atenção nos trechos de algumas músicas: _ em “I’m Looking through You”: “You don’t look different but you have changed, I’m looking through you,



you're not the same" (você não parece diferente, mas você mudou, eu olho através de você, você não é mais o mesmo), do disco "Rubber Soul; _ em "She Said She Said": "she said I know what it's like to be dead" (ela disse que eu sabia como é estar morto); em "Dr Robert": "you're a new and better man" ou "você é um homem novo e melhor" se referindo ao novo Paul (Dr Robert teria sido o médico que tentou salvar o verdadeiro Paul – canções do disco "Revolver"); _ em "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band": "so let me introduce to you the one and only Billy Shears" ou "permitam que lhes apresente o primeiro e único Billy Shear" (um dos possíveis nomes do sócio de Paul); em "A Day In The Life": "He blew his mind out in a car, he didn't notice the lights had changed" (ele estourou sua cabeça em um acidente de carro, pois não percebeu que o semáforo havia fechado) e "A crowd of people stood and stared they'd seen his face before, nobody was really sure if he was..." (uma multidão parou e assistiu, eles viram seu rosto antes, mas ninguém tinha certeza se era ele) do álbum "Sgt. Pepper's Lonely hearts Club Band"; em "All You Need Is Love" John fala, em torno dos 3 min. e 13s da música: "yes! he is dead!" (sim, ele está morto); em "Strawberry Fields Forever", John Lennon diz: "I Buried Paul" ("eu enterrei o Paul" – músicas do disco "Magical Mystery Tour"); em

"I'm so tired", do disco "White album" se ouvida girando-se o disco em sentido contrário, Lennon fala: "Paul is dead man"; em "Come Together", do disco "Abbey Road" há um trecho: "one and one and one is three" (um mais um mais um são três).

Pistas nas capas e encartes dos álbuns: _ na capa de "Rubber Soul", o quarteto está olhando para baixo, como que

para uma sepultura; _ A foto da capa de "Sgt. Pepper's Lonely hearts Club Band" simbolizaria a sepultura de Paul, com arranjos de flores lembrando um funeral, um dos quais forma o desenho de um baixo, só com 3 cordas, virado para a direita; na foto da contracapa do álbum, Paul olha para trás, enquanto os demais beatles olham para a frente; _ no disco original "Magical Mystery Tour" havia um encarte com uma foto do quarteto, cada um com uma rosa na lapela (só a de Paul era preta); na bateria do Ringo Star, na foto central do encarte, consta: "Love 3 Beatles"; em todas as fotos Paul aparece descalço; _ Paul segura um atestado de óbito no álbum "Tragical History Tour"; _ na capa de "Abbey Road", em que os Beatles estão atravessando a rua, Paul, descalço, olhos fechados, segurando o cigarro na mão direita (o verdadeiro é canhoto), está com o passo trocado em relação aos demais; há um carro funerário na foto e um fusca (chamado "Beetle" na Inglaterra), cuja placa é 28IF (28 "Se"), interpretada como a idade que Paul teria se vivo estivesse.

De fato, o ex-beatle sofreu um acidente de moto, que lhe causou um corte no lábio superior e um dente quebrado, o que pode ser observado nos vídeos de "Rain" e "Paperback Writer", em que ele aparece com os lábios um pouco inchados.

Dizem que os Beatles, ao tomarem conhecimento desse boato, criaram essas pistas para fomentar ainda mais a venda dos discos, num espetacular esquema promocional.



OUTRAS LENDAS URBANAS

O DIABO EM RETRATOS DE CRIANÇAS

Reproduções de quadros de crianças chorando, de um menino e de uma menina, se virados de ponta-cabeça ou mesmo tombados de lado, mostram a

figura do Demônio.

O autor dos retratos, um pintor medíocre, para conseguir riqueza e fama, fez um pacto com o Diabo, oferecen-

do-lhe a alma, em troca da glória e da fortuna. O Diabo lhe recomendou, então, que pintasse em suas telas o que sonhasse naquela noite. O sonho: crianças sendo devoradas pelo Demônio. No entanto, como acreditasse que não iria fazer sucesso com essas imagens, produziu-as de maneira implícita.

Esses quadros eram frequentes na decoração de residências de classe média.

Essa história é muito conhecida. Em Olímpia, mesmo, muito sobre ela se falou, ressaltando-se que esses quadros eram agourentos. Diziam que o próprio pintor, compungidamente arrependido, implorava aos que possuísem esses quadros para destruí-los, pois vinha sofrendo de uma incurável e deletéria enfermidade, que o deformava pouco a pouco. Acreditava que se os quadros fossem destruídos, ele ainda poderia salvar sua alma, já que seu corpo ele vinha perdendo irremediavelmente.

Não se sabe se o autor dos quadros enriqueceu, mas, de qualquer maneira, o Diabo parece não ter cumprido integralmente sua contraprestação no que pactuou com o autor desses quadros, pois este permaneceu no anonimato; só os retratos é que são conhecidos.



O MASCARADO

Numa noite fria, uma idosa senhora, que mora sozinha, está com um tição fomentando as brasas em seu fogão à lenha. Batidas na porta. Ela vai atendê-la, com o tição na mão. Entreabrindo a porta devagar, defronta-se com um homem usando uma máscara, forçando a entrada. A velha se defende encostando o

tição na mão do mascarado. Ele recua. Ela consegue trancar a porta. Sai pelos fundos, a caminho da casa dos vizinhos. Bate na porta gritando por socorro. A vizinha abre a porta. Parecendo também assustada, conta que seu marido tinha acabado de entrar, com uma grave queimadura na mão.



VÍTIMAS DE PERFUMES

Um recente modo operacional para assaltos ou estupros consiste na falsa apresentação de perfumes para venda. Os bandidos, bem vestidos, apresentam-se para as potenciais vítimas como vendedores de perfumes em



shoppings e estacionamentos, perguntando-lhes se gostariam de testar uma nova fragrância, de excelente qualidade e baixo preço. Na realidade, o produto é éter, clorofórmio ou outro narcótico.

O PERIGO DAS CANETAS BIC

Recebemos esta por e-mail (segue reproduzida como recebemos):

“Você está sendo rastreado/a!!!!!!!”

Sei que é grande, mas é de extrema importância. leia e repasse, pois nossas vidas dependem dessa nova e apavorante descoberta.

O PERIGO DAS CANETAS BIC

Acredito que sempre que pensamos em ‘caneta’, temos uma imagem projetada em nossa mente, a qual diz respeito às famosas canetas BIC. Esta marca de canetas, que investe pouquíssimo em propaganda, fixou uma imagem muito forte diante a tantas outras marcas e modelos. Você já se perguntou como isso aconteceu? Certamente responderá que, por esta ser uma caneta barata, simples e de fácil acesso, tornou-se ‘convencional’ o seu uso no dia-a-dia, desde a escola até a empresa onde trabalha. Pois bem, a resposta não é assim tão simples! Documentos secretos encontrados no final do ano de 2001 indicam um envolvi-



mento direto da NASA com a BIC. Também foram encontrados documentos oficiais da NASA, onde estavam registrados estudos sobre uma possível invasão de sondas extraterrestres no Planeta Terra. Acredite ou não, estamos sendo vigiados há anos sem percepção alguma. De fato conclui-se que as canetas BIC são sem sombra

de dúvida sondas extraterrestres que nos inspecionam diariamente, desde nossa infância até hoje, em casa, na escola, na universidade, nos hospitais, no trabalho, em tudo. Certamente você está exposto a uma caneta BIC neste exato momento; olhe ao seu lado, dificilmente num raio de 15 metros não haverá uma sonda. Agora pense comigo: Ao nascer você é registrado com uma caneta, ao entrar para a escola/universidade também, tudo o que você escreve, desde estudos até cartas de amor é escrito com uma caneta, ou seja, estes seres que nos observam sabe de absolutamente TUDO sobre TODOS. O verdadeiro significado



da marca BIC é: Big Inspekto Center (ou Centro de Grandes Inspeções). No logotipo da BIC notamos um alien tentando esconder atrás dele seu maior segredo: uma caneta que pode contar toda a história de todos os tempos (simbolizado pelo traço preto atrás do alien). Vejamos agora algumas dicas que nos levam a propor esta idéia: _ as canetas BIC são facilmente encontradas para serem vendidas, porém, depois que você já a possui, ela sempre aparece em diferentes locais e você nunca se questiona se realmente havia deixado onde encontrou; _ mesmo que você compre apenas uma caneta BIC, certamente encontrará várias no local onde a deixar. Elas se multiplicam rapidamente, sem ser perceptível a nós dotados de uma visão banal para a visão alienígena; _ após



um período de vida curto, visto que quando se encontram gastas, elas simplesmente se desintegram para uma possível recarga. A mensagem que quero deixar é que você tenha muito cuidado ao se deparar com estas canetas-sonda, principalmente com as son-

das mais avançadas, vulgarmente chamadas de BIC 4 Cores, BIC 2 CORES ou mesmo a tão temida e perigosa BIC VERDE! Esta última jamais deve ser colocada (presa) em cima da orelha, pois além de enviar dados e informações sobre você para os alienígenas consegue influenciar de maneira drástica sua forma de pensar, tornando-o um escravo a serviço alienígena. Torno a repetir: CUIDADO COM A MANIPULAÇÃO ALIEM! Já estamos todos envolvidos nisso. Tentar qualquer forma de fuga ou apatia não é aconselhável. Saiba lidar com elas! Desta forma acredito que não mais estaremos expostos a uma ideologia alien, e poderemos defender o que realmente pertence a nós: o Planeta Terra!

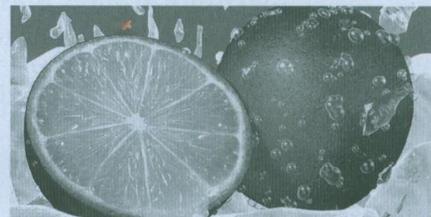
Serviço Secreto União dos povos”.

CERVEJA COM LIMÃO

Esta também costuma ser enviada por e-mail: “O ácido cítrico com limão ‘velho’ em atrito com os conservantes e estabilizantes excessivos presentes na cerveja são um paraíso para micro-organismos já existentes naturalmente nas cervejas (Sacarovictus Coccus e Cevabacillus ativus) tipo draft.

O resultado é a produção de uma toxina altamente nociva ao nosso organismo. A sugestão para quem talvez não acredite nesta mensagem seria pedir que o garçom fatie o limão NA HORA E NA SUA FRENTE, isso minimiza em muito o risco de qualquer tipo de infecção. Peço humildemente que

divulguem este e-mail, nada trará meu irmão novamente, mas muitas vidas poderão ser poupadas”.



FIGURINHAS COM LSD

Traficantes de drogas estariam distribuindo tatuagens temporárias contendo LSD para as crianças, com o objetivo de torná-las viciadas nesse entorpecente. Alertas contra essa prática continu-

am sendo publicados, apesar dos anúncios reiterados de que essa história não é verdadeira.

Uma possível explicação: trata-se de interpretação equivocada de

uma situação verídica, qual seja, a prática de tráfico desse ácido em pequenos pedaços de mata-borrão marcados com personagens de desenho animado.

XAMPUS CANCERÍGENOS

A substância LSS (Lauril Sulfato de Sódio) que se usa na fabricação de xampus causa câncer (a

informação é falsa; a maioria dos xampus contém essa substância. Há rumores de que se criou essa

mentira para favorecer uma empresa que não a usa, o que também é considerado informação falsa).



JACARÉS NOS ESGOTOS

Nos grandes centros urbanos, em especial Nova York e São Paulo, começou a circular a história de que jacarés habitam os esgotos das metrópoles do mundo. Fala-se também em gigantescos crocodilos, desenvolvidos por reações químicas a partir de um simples



filhote que em algum deles foi lançado. A esses habitantes às vezes se atribui o desaparecimento de algumas pessoas. Dizem que ao se observar esgotos com o auxílio de lanternas é possível ver os olhos grandes e brilhantes desses bichos.



COBRAS NAS PISCINAS

Nas piscinas com bolinhas de borracha instaladas em shopping centers ou outras localidades, crianças já foram mortas, picadas por cobras, ali existentes. Uma co-

nhecidíssima lanchonete chegou até a oferecer alta soma em dinheiro para os familiares de uma das vítimas, para que não divulgasse o caso.

O MOTORISTA BÊBADO

Vamos finalizar com uma relativamente bem humorada, para relaxar:

Um motorista embriagado é parado por um policial, que lhe pede que saia do carro para fazer um teste de sobriedade. O motorista desce do carro cambaleando. Nesse momento, um outro veículo capota na rodovia. O policial corre para prestar socorro. O bêbado vale-se dessa oportunidade para escapar. Chegando em casa, sabe-se lá como, adormece quase

imediatamente no sofá. Pela manhã, acorda com batidas na porta. É o mesmo policial que o fizera parar na véspera. O motorista, já sóbrio, tenta enganar o policial afirmando com veemência que não saíra na noite anterior. O policial pede, então, para ver o carro na garagem. Ao abrir o portão, o motorista beberrão fica chocado com o que vê: em lugar de seu próprio carro, a viatura da polícia é que se encontra estacionada na sua garagem.

Por meio das lendas urbanas, podemos constatar a permanente troca de influências entre os três parâmetros de cultura, quais sejam, as culturas de massa, a erudita, e a popular. Por isso a sensação, provocada por muitas delas, de já termos visto ou ouvido alguma coisa um pouco, ou muito parecida em algum lugar. Renomados escritores, em suas obras, já se inspiraram em lendas urbanas para produzi-las. Em filmes e em programas de televisão, algumas já foram apresentadas, adaptadas para esses veículos.

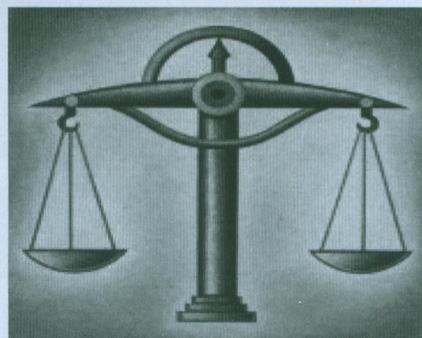
Finalmente, quanto à característica de serem contadas como se fossem verdadeiras, cabe ressaltar que há quem diga que a eventual comprovação de veracidade de uma lenda urbana não a descaracterizaria como tal.

Cuidado, hein. Esses casos contados como lendas urbanas podem ser verdadeiros.



usu. "Significa aplicação, utilidade, emprego, prática, exercício, praxe, hábito, aproveitamento de uma coisa conforme o seu destino. Judicialmente pode aproveitar-se alguém, temporariamente, a título oneroso ou gratuito das utilidades de algo alheio, na medida das necessidades próprias e de seus familiares".

O dicionário é antigo, velho, mas está bem a par dos milhares de usos indevidos, de pessoas aproveitadas por graúdo como laranjas, ou gastos em trabalhos sujos e ilegais. O aproveitamento do menor no mundo do tráfico, baseado no "ele é de menor". O nepotismo entre governos.



ESTRANHOS COSTUMES

Como o campo de usos e costumes é vasto, vamos procurar restringi-lo a um mínimo, ficando com as manifestações que foram, que são e que, aparentemente, deverão permanecer entre nós. Há costumes tão velhos quanto a idade do homem sobre a face da terra.

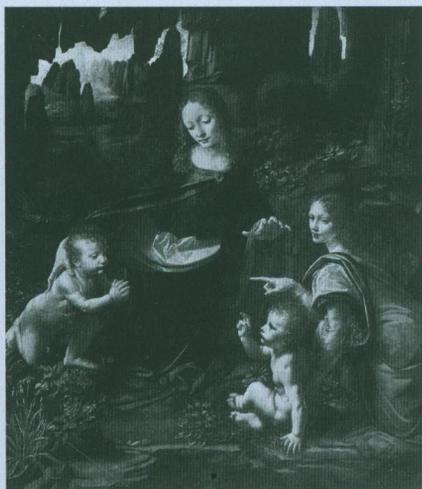
Alguns há, tão arraigados, que suas origens se perdem na pátina do tempo. Costumes do tempo. Costumes feios, sujos, horríveis,



costumes doces, delicados, bonitos, muitos que caracterizam um personagem, um grupo, um povo. Costumes que enojam, que causam espanto e fogem à compreensão de grande parte das pessoas. Permanecem indelévels no decorrer dos tempos, morrem por causa do desuso, por proibições sociais, por desnecessários devido ao progresso ou mudanças radicais do *modus vivendi* de um povo.

COSTUMES QUE O VENTO LEVOU

No século passado, o costume de se pedir "bênção" aos mais velhos era quase regra geral entre imigrantes e seus descendentes, em lares de gente abastada, no lar dos muitos pobres também.



Desde as horas do amanhecer ao anoitecer, só se ouvia: "bença", pai, "bença", mãe, bença", vô; "bença", tia; "bença", madrinha. Ninguém dizia: bênção, pai... a resposta quase sempre era: Deus te abençoe. Às vezes um mero grunhido, significando o "abençoar" solicitado. E mesmo assim, era muito gratificante para os "pedintes". Ninguém zombava do pedido, e muitos, como nós, onde o hábito não fora adotado, sentíamos inveja daqueles que recebiam as bênçãos sinceras ou despercebidas. E algumas embaraçosas situações, quando um afilhado nos pedia bênção no meio da rua, no meio de um bando de amigos pouco abençoados. Agora, é raro alguém pedir bênção

aos pais, aos mais velhos. O elo que ligava as gerações perde o seu poder dia a dia, será esquecido.

Um terror do passado, vítima do progresso e das lições de higiene, a escarradeira, sumiu. Nem em museus tem sido vista. De porcelana, de cerâmica, de madeira, de



qualquer jeito, horrorosa sempre, fazia parte do mobiliário das salas de visitas. Não mais querendo que cusparadas maculassem seus assoalhos limpos, as donas de casa aceitavam aquele objeto abjeto, porém útil. Por quê? Não se sabe ao certo. O certo é que os homens de outras épocas escarravam a todo instante. Mascadores de fumo ou não, escarrar era função. E faziam pontaria. Chegava-se à organização de “campeonatos” de mira e pontaria. Conta-se a história de certa dama, zelosa dona de casa que, ao ver chegar o compadre, escarrador, correu com bela peça de louça e colocou-a ao lado do homem. Ele escarrou do outro lado. Ela acudiu, mudando a peça de lugar. Ele escarrou do outro. Lá foi ela atrás da escarradeira, colocou-a aos pés do visitante. Encabulado, ele pediu: tira essa coisa daqui senão acabo cuspidando dentro dela!



A escarradeira sumiu, mas os escarradores continuam com o ancestral costume. Sempre se descobre um novo na vizinhança. Por que o fazem, jamais saberemos. Tanto progresso na medicina, e tanta sujeira nos pulmões, nos brônquios, traquéia, garganta. Sempre um vizinho, à direita, à esquerda, acima, abaixo, à frente. E escolhem, certos, o horário do café da manhã, do almoço ou do

jantar. Seria até normal que procurassem expectorantes adequados, ou inalações corretas. Maus costumes.

Também detestáveis no passado foram os urinóis ou penicos. Casas grandes, muita gente, penicos a granel, para trabalho diário das encarregadas de despejar-lhes o conteúdo noturno e limpá-los, dia após dia para o diário uso.



De alumínio, de ágata, de barro, de porcelana, adaptados de latas em desuso, obrigavam os usuários a verdadeiros malabarismos para que a pontaria dos dorminhocos fosse certa. Um fazendeiro importante, dono de importante casa na zona rural de Pirangi, Córrego Grande, trouxe de uma viagem à capital uma peça rara, espécie de ânfora, duas alças ou asas laterais, cerca de meio metro de altura, boca larga, verdadeira festa para os rapazes da casa. Os quartos, sem forro, permitiam que qualquer ruído atravessasse o espaço e, altas horas da noite, silêncio no mundo, lá ia uma das jovens usá-lo. O grito vinha depressa: chuva!

Durou pouco a peça, substituída depressa por um adversário pobre, porém recatado. O tradicional penico. Os mesmos ainda são usados em sítios, chácaras, hospitais, residências-sobrado, por pessoas idosas, quase não são encontrados em supermercados comuns.

Um outro costume, antigo, desagradável, está em fase de extinção: o arrotto. Alguns descendentes



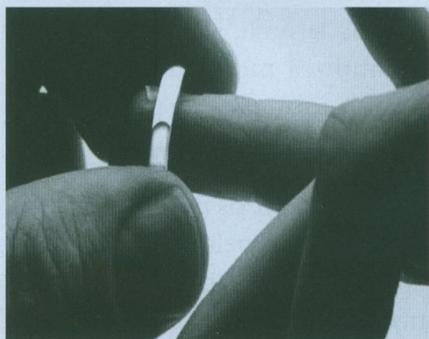
de turcos, árabes, vangloriam-se de arrotar estrondosamente após uma refeição. Explicam ser um salutar costume, traduzindo a alegria do comensal pela fartura e requinte do que foi servido. E aquele ar de delicadeza com que se armam alguns arrotantes — cobertura da boca com uma das mãos e o esfia-pado “desculpe” — não minimiza em nada esse hábito que, creio, deveria ser somente permitido aos bebês após mamadas completas. O pior é vermos, nas praças e nas ruas, adolescentes de ambos os sexos arrotando sem necessidade, em verdadeiros “campeonatos”. Costume bem pouco saudável.



Na primeira metade do século passado, estranho costume causou impacto entre habitantes da pequena cidade de Pirangi/SP. Pode ser que o costume já estivesse presente desde o século XIX, mas só no século XX foi alardeado. Lá pelos anos 40, através de narração oral por uma das vítimas e pela fuga de outra que saiu ilesa a tempo, bem às vésperas do casamento. Segundo alguns pais, imigrantes, um costume das terras de onde vieram, tinha que funcionar no Brasil. E funcionava. Ao marcar o



casamento de uma filha, próximo ao dia do enlace, cabia ao pai a tarefa de tirar a virgindade da noiva. O noivo, sempre de família onde o costume imperava, aceitava o fato como inevitável, e tudo na santa paz. Por sua vez, as mães, sabedoras do fato e conhecedoras, na carne, do mesmo, preparavam as



filhas para o acontecimento. E a elas davam total apoio e consolo após o fato consumado. Se ainda existe por estas bandas, o silêncio é total sobre o assunto. Também com os nossos tempos, os futuros maridos cuidam para que isso não mais funcione.

HÁBITOS QUE TEIMAM EM NÃO SUMIR

Costume que quase se apagou da vida hodierna é o de palitar-se os dentes após a refeição, em público. Explico-me. Costume bem pouco sociável, sinal de fraca educação no lar, anti-higiênico, até desnecessário. Os dentistas que nos perdoem, há outras maneiras de se livrar do inconveniente de resíduos bucais e isso poderia ser tarefa desses honrados cuidadores de boca. Onde muitos caminhoneiros param para suas refeições, em restaurantes rodoviários, pode-se saber que a comida é boa. Porém, é onde mais se encontra limpador de dentes, homens ou mulheres, escancarados, abertos ao mundo,



indiferentes a quem tenta engolir sua refeição. Não adiantam as di-

cas de boa conduta cobrir a boca com as mãos ou com o guardanapo, o palito aparece, a gengiva fica à mostra, os “mal traçados” dentes ficam à vista, os restos de comida ali estão prontos para serem “recomidos”. Esse é um triste costume que permanece entre nós por indivíduos de diferentes meios sociais, seres que não vêem que há outras pessoas ao redor, pessoas que gostariam de comer sem serem obrigadas a observar bocas alheias, fiapos de comida à mostra. Mesmo o “salutar” fio dental ou a sucção indecente que arremata limpeza fora de lugar adequado, banheiro e sua pia salvadora.

COSTUMES DE OUTRAS REGIÕES

Lá em Gurupi, antes Goiás, hoje Tocantins, uma senhora, já entrada em anos, entrou descalça na casa da mana Iceh. Conversa vai, conversa vem, soube que era muito pobre, morava em barraco, vivia de bicos e da ajuda de pessoas da cidade que nascia. Caíram uns pingos de chuva e ela preocupada disse: “deixei minha lambreta lá fora”. Foi avisada que não fi-



caria nada molhado. Foi-se embora, calçou as chinelas à porta e eu quis saber o que fora feito da lambreta. Mal sabia que lambreta eram os chinelos havaianos que calçava. Lá no famoso Araguaia também, em toda região, lambreta eram chinelos de plásticos em geral.

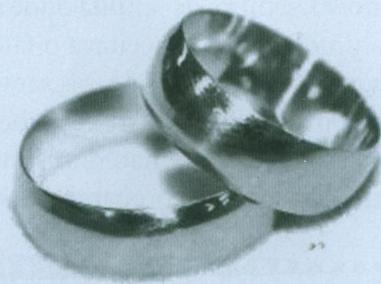


Um pouco além de Gurupi, Dueré, uma cidadezinha graciosa, duas ou três ruas, um mercadinho, uma quitanda, pouco mais. Nós, na fazenda Soledad, de um cunhado, recebemos convite para um casamento. Uma bonita jovem, filha do peão da fazenda, o que “faz tudo” para o patrão. Fomos à casa dele. Muitos filhos, alguns amigos, um sanfoneiro, bolo de chocolate,

suco de laranja. Danças, o tempo passando, a molecada assanhada, nada de juiz, nada de padre.

A certa altura, os convidados se despedindo, os noivos sumidos, perguntamos pelo casamento. Já havia sido realizado. Naqueles ermos, casar era isso: danças, uma sanfona gemendo, um pouco do que comer, algumas “testemu-

nhas”, enlace realizado. Casar era simples assim.



COSTUMES “ESCOLARES”

Do meio escolar, muitos costumes desapareceram, alguns, felizmente, outros, nem tanto. No ensino fundamental, por exemplo, não há mais música; as crianças não entoam sequer hinos nacionais. Só em festas, em comemorações, surgem músicas ensinadas às corridas, ou apenas repetem-se as que eram cantadas no início do século XX. Assim, os pequenos não aprendem a gostar de música, não são capazes de passar horas em grupos cantantes. Ninguém sabe a letra do Hino Nacional, dos Hinos pátrios em geral. Neste 19 de abril, com certeza trarão de casa um pouco de música, talvez a professora cante os feitos dos índios, espero.

Um interessante costume, comum na metade do século XX, era o método da leitura dinâmica, o aluno deveria ler rápido, claro e corretamente um determinado trecho do seu livro ou de folha avulsa, ou revista, ou jornal. Quem conseguisse realizar melhor a façanha teria um conceito qualquer a mais na sua média escolar. A meninada procurava ler bastante, claramente, tudo que fosse escrito era do seu interesse. Nem alunos que irão prestar vestibular conseguem ler como um bom aluno de



outrora. Nem muitos professores o fazem. Foi através dessa leitura que muita gente aprendeu a fazer poesia, a gostar de ler o que desse e viesse, conseguiu um alto nível de penetração no sentido do texto em questão. Ler é raridade na escola, atualmente.

Em compensação, a palmatória, que não conheci quando, em 1929, entrei para a escola, embora ainda funcionasse em alguns rincões. No grupo escolar de Pirangi, por qualquer razão, havia sido proibida. Mas quantos alunos por esse Brasil afora que penaram quando a palmatória descia firme e repetidamente em suas mãos. Ficar de joelho sobre grãos de mi-

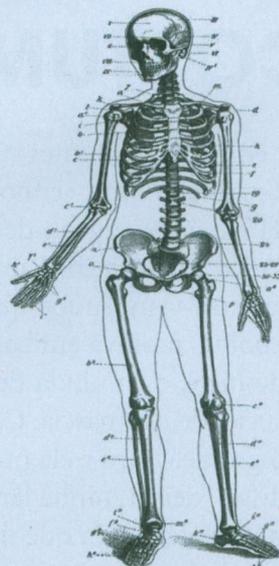


lhos...

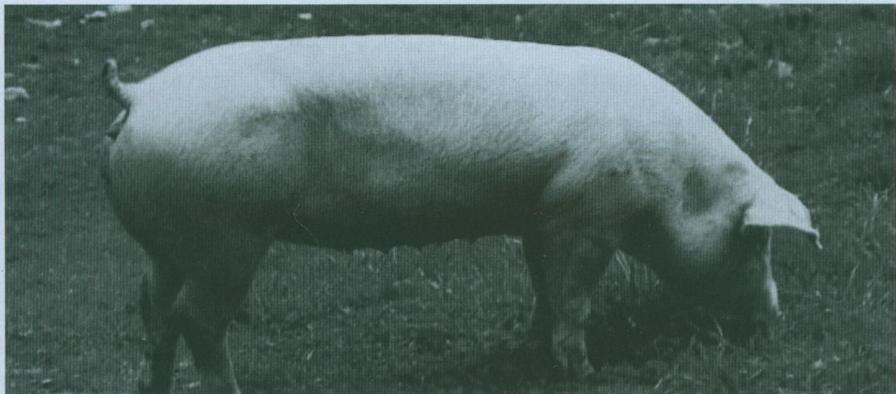
Também, não passamos por esse suplício, embora, algumas vezes, fôssemos ameaçados com o retorno desse castigo.

Deixar o aluno de castigo, em porão que contivesse um esqueleto humano completo, era permitido. Poucos tinham medo do esqueleto. Uns até brincavam com a ossada. O esqueleto logo foi esquecido.

Colocar na cabeça do aluno longas “orelhas” de burro, feitas de papel, era permitido. Ganhei algumas, mercidamente. O pior é que as usei como “educadora”, lá por 1945, talvez até o início dos anos sessenta. Envergonho-me, tardiamente.



COSTUME PORCINO



Um costume quase que exclusivo do interior, mas também utilizado em bairros em São Paulo, capital: na Mooca, em Artur Alvim, no Jaçanã, na Vila Maria, no Ipiranga. As famílias que moravam em casa com quintal, criavam porcos. Em Pirangi, às claras, nada de proibições, acho que até os anos 80, por aí. Em determinado dia, marcava-se a matança do animal. Este era cevado (engorda-

do) no chiqueiro do quintal, sendo que sua limpeza era dolorosa tarefa de alguma mulher da casa. O porco era morto com certa facada no coração _ às vezes não tão certa. Os pêlos eram queimados com porções de palha de milho ou sapecados com água fervente e raspados a facão. Depois eram divididos pelas juntas, separavam-se toucinhos, tripas, “miúdos”, carnes. Cada pessoa que

matava o seu porco dividia com os vizinhos amigos. Tudo bem dosado. Havia os que recebiam a cabeça, outros, partes mais nobres. Até as vísceras eram doadas e essas partes eram daqueles que dificilmente “pagariam” com carne dos seus animais. E havia aqueles que eram presenteados com porções mais generosas, por serem mais chegados, por possuírem famílias grandes, por serem mais amigos. Alguns recebiam até lingüiça e toucinho salgado. Não faltava carne para ninguém. Hoje, proibida a matança particular, sem quintais, um costume que foi obrigado a sair de circulação. Para sempre. Ou quase! Ainda bem, já não têm sabor as carnes de hoje, porcos tratados com rações, vacinas, banhos, não convidam ninguém a sangrantes festivais porcinos.

COSTUMES E SEUS PERTENCES

As mulheres, a partir do século XX, umas poucas desde o século XIX, ganharam muito com a liberdade de movimentos pacifistas, com movimentos feministas, com lutas francas contra impedimentos sociais. Diminuíram suas horas de trabalhos domésticos, nada de máquinas de costura, tarefas infundáveis. Sumiram as cisternas, os poços sem fundo, os sarilhos, as carretilhas, as privadas dos quintais (fossas), o torrador de café, o moinho, o coador de pano, o machado da lenha, a cera do assoalho, as capas engomadas de cadeiras, os papalotes de cabelos, o ferro de brasa, o forno à lenha, as lamparinas e os lampiões,

os trabalhosos colchões de paina ou de palha de milho. Muitas coisas mais... Usos e costumes que o progresso eliminou.

forno à lenha, os assados dominicais, tarefas que estão sendo quase que totalmente transferidas para os homens. Não fazem mais licores domésticos, não precisam esperar

a safra do milho para fazer curau ou pamonha _ milho à venda o ano todo, não lutam contra a saúva, destruidora de hortas e jardins; compra tudo pronto ou semi-pronto. No entanto, quanto mais costumes somem, menos tempo sobra para a vida íntima,



As mulheres não são obrigadas a usar luvas, chapéus, meias de seda, gorros de dormir, toucas, camisolões, bordar enxovais completos, usar o rolo de macarrão, o

surge quando menos se espera, a depressão vem sendo a cruz que a modernidade jogou sobre aqueles que a ciência pensou ajudar.



O USO DAS ÁGUAS

Como as águas vêm sendo o tema principal de jornais, revistas, televisão, falemos um pouco do seu uso necessário e, por vezes, nem tanto necessário. Dizem que o brasileiro usa e abusa da água, banhando-se além do que a higiene pede. Banhos de chuveiros intermináveis, água em banheiros sem medida, muitas vezes banho de rio, de cachoeira, banho de mar, banho de lama, banho, banho. É certo: o brasileiro gosta muito de banho, seja lá onde for, a que horas seja, desde que haja água abundante.

No entanto, houve um tempo

em que o banho obrigatório era semanal. O sábado era dia de banho. Na roça, especialmente. Ao término de um longo dia de trabalho ao sol, ao pó, ao vento, o homem e a mulher precisavam limpar-se. Era simples: uma bacia com água



colocada estrategicamente perto da cisterna ou poço, lavava-se a mão, o rosto, o pescoço, molhava-se a cabeça, as axilas (os homens), pronto. Limpeza completa. À noite, após a retirada dos sapatos, alguns escaldam-pés, mais para descanso do que por higiene. Ainda hoje, morando na cidade, trabalhando ainda na roça, é o que fazem os ruralistas, os bóias-frias ou os próprios donos das terras. Em poucos minutos “limpinhos”, prontos para a missa, para as compras de supermercados, para a cerveja no barzinho. Banho, de fato, uma vez por semana Economia global.

CANÇÕES DE NINAR

Maravilhoso costume: quase todas as crianças dormiam ao embalo da voz materna (às vezes, paterna) contando histórias. Histórias já ouvidas dúzia de vezes, sempre bem-vindas. Histórias de seres fabulosos, de heróis, lendas, fábulas, coisas do dia a dia, atos de bravura, civismo, os olhos infantis fechavam-se para o sono, enquanto sua personalidade ia sendo construída. A televisão _ quase todo o lar possui uma no quarto _ raramente apresenta um programa educativo ou seletivo. Dormem, os meninos e meninas de agora, sem aquele rico elo que unia as gerações. Que mãe estressada tem histórias para contar? Que pai perderá seu jogo de futebol para acalantar o sono infantil? Ou, a criança querará trocar o seu programa de televisão, tão moderno, por um punhado de histórias do “tempo da onça”. As histórias contadas à cabeceira tinham o condão



de estreitar os laços familiares, levando as crianças a questionar sobre o conteúdo dos livros, facilitando o seu raciocínio e ampliando o domínio da língua. O costume da leitura conjunta desapareceu, como desapareceram as brincadeiras infantis que, de certa forma, preparavam os pequenos para importantes momentos do

futuro. As brincadeiras ficam restritas a “lan houses”, televisão, esportes radicais, grupos dispersos prontos para iniciação às drogas, à vadiagem. Os laços familiares enfraquecem no mundo inteiro. Não há mais o senso da tradição. Os valores se perdem no caos da modernidade.



TRANSMISSÃO DE COSTUMES

Encontro de diversas pessoas significa possibilidade de troca de idéias. Se a conversa for prolongada, mesmo que sejam apenas duas mulheres, é quase certo uma concordância: culinária. Basta uma dizer: tenho que ir fazer o almoço que a festa se arma. São dicas e receitas que surgem, algo que se comeu e valeu a pena, o que foi visto em programas de tevê, o que deu certo, o que saiu errado. Isso é comum em todos os lugares onde há espera: cabeleireira, sala de médico, dentista, saída de escola, salões de hotéis de turismo. Até em velórios. A conversa acaba chegando à mesa, ao estômago. E o velho costume vem passando de mães para

filhas, de sogra para noras e, aos poucos, de avós para os netos do sexo masculino.

Apesar de ser grande a fé do nosso povo, há muitos que, embora fiéis a certos ritos, são capazes de fazer ou aceitar certas brincadeiras que zombam dos símbolos religiosos que cultuam. Nem sempre “é pecado” esculhambar com seres do outro mundo, brincar com santos, até com a Virgem Maria, com Jesus e seus apóstolos, com Deus.

No circo surgiu um jeitinho especial de brincar com “coisa séria”. Dizia o palhaço: com Deus me deito, com Deus me levanto, eu

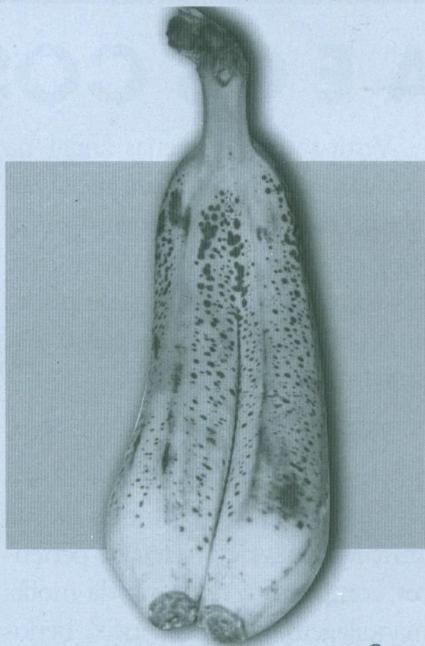
na beirada, a mulata no canto. (O certo era: “Com Deus me deito, com Deus me levanto, eu na beirada, Jesus (ou Maria ou Deus) no canto”). Umas risadas, nenhuma maldade.

E é grande nossa religiosidade. A crença dos pais foi transmitida às gerações porvindouras, mudando-se em minúsculas parcelas. E, na ânsia de se crer na continuidade da existência, estranhas formas de conduta são aceitas. O mesmo cristão que comunga, que enfrenta um confessorário, que crê no ritual da missa, no valor das pastorais, pratica obras missionárias, corre atrás de curandeiros, de médicos, faz fila para receber as bênçãos de um padre milagreiro, de um operador espiritual, de um pai ou mãe-de-santo. Utiliza terços, velas, relíquias, talismãs, rezas, pedras mágicas, porções, garrafadas, para assegurar-se de cura nesta vida e felicidade na outra. Costumes bem ao “jeitinho” brasileiro.



COSTUME “ECOLÓGICO”

Que de ecológico nada tem. Mas não queria dar destaque a um título como “esperteza à moda antiga”, “formas gentis de roubar alguém”, “ladrão que rouba ladrão...” e vai por aí. O caso é singelo até. Comum no início do século passado. Acho que não funciona mais. Consistia no seguinte: procurando com jeito e constância, a criança encontrava um “felipe” (às vezes chamado “benjamin”). O que era um felipe? Simplesmente uma aberraçãozinha da natureza, um fruto nascia agarrado a outro, frutas duplas em lugar de uma no seu cantinho: grãos de café, bananas, carambolas. Escon-

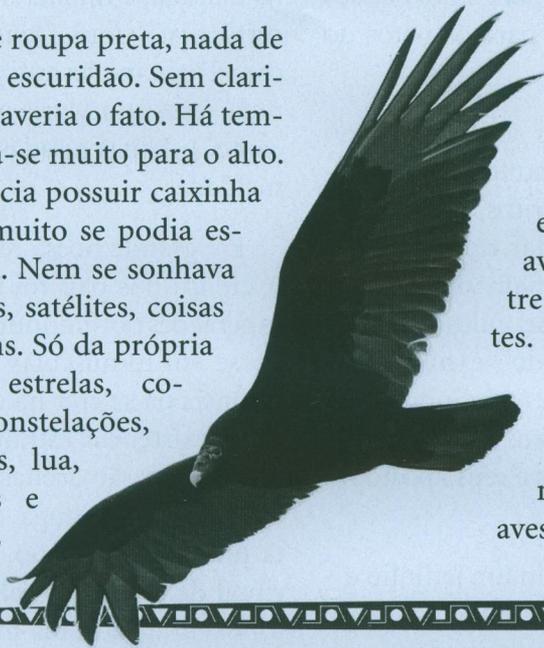


dia-se o objeto atrás das costas, escolhia-se a vítima e, à socapa, gritava: felipe! O interpelado não podia fugir, nem fingir ser surdo. Tinha que pagar uma prenda de qualquer jeito. Uma moeda de tostão, um sorvete, um doce, um mimo qualquer. E havia sempre riso ao redor do feliz possuidor do felipe, a festa da criançada estava feita. Nem sei se a natureza ainda produz felipe, esses gêmeos univitelinos do passado. Acho que ninguém seria capaz de interpelar um adulto com o grito felipe! É bem capaz de se levar uns tabefes. Assim, mais um costume que é apenas história.



COSTUME NEGRO

Nada de roupa preta, nada de besteira na escuridão. Sem clareza não haveria o fato. Há tempos, olhava-se muito para o alto. O céu parecia possuir caixinha mágica e muito se podia esperar de lá. Nem se sonhava com aviões, satélites, coisas dos homens. Só da própria natureza: estrelas, cometas, constelações, relâmpagos, lua, sol, astros e planetas. E



eles, os urubus.

O firmamento sempre esteve repleto de aves. Urubus entre as mais salientes. E inspiraram os jovens de outrora. De acordo com o número dessas aves, agourentas

para alguns, nojentas para outros, necessárias para todos, boas ou más coisas podiam acontecer. Se fosse um só a voar, felicidade; dois, desgosto; três, carta; quatro, convite; cinco, casamento; mais do que cinco, grandes novidades. E acreditávamos nas profecias: gosto, desgosto, carta, convite, casamento. Se dois teimassem em estragar o nosso céu azul, procurava-se em desespero um terceiro para melhorar o dia. Mas vivíamos a contar urubus.

COSTUME CELESTIAL

Também, no céu, o motivo para longas esperas. Quando a jovem via a primeira estrela a cintilar, sozinha na imensidão, de pronto recorria ao misticismo, esperando ser atendida. Contrita e convenientemente circunspecta, declamava: Primeira estrela que vejo, dá-me Deus o que desejo: se ele me ama (pensava-se no nome de alguém), cachorro que late; se



me adora, homem que assovia; se me odeia, porta que bate. Esperava cinco minutos. É claro, esperava-se que um cão latisse ou um homem assoviasse. Geralmente alguém batia uma porta, havia sempre um engraçadinho semi-oculto. Se o homem assoviasse e o cachorro latisse em unísono, melhor ainda. Como acreditávamos nisso! Foi-se...

A MODA E OS COSTUMES

Em se tratando de moda, o assunto é inesgotável. Seja para apregoar novidades cotidianas, seja para reprovar algo que foge aos padrões usuais, seja pelo simples prazer de acompanhar a marcha da modernidade, há grande platéia a postos. Só mulheres, principalmente, mas os homens, no quieto, acompanham toda e qualquer mudança na moda. O "andar na moda" dá segurança às pessoas, sejam de que idade forem ou de que meio social dependam.

Vestir-se não é apenas andar na moda. É uma necessidade social, religiosa, corporal. Até povos primitivos cobriam-se de alguma forma: um mero cocar, uma coroa de louros, uma tanga de penas. Ou, como Eva, uma folha de parreira.

Povos distantes, chineses, hindus, egípcios, gregos, romanos, todos acompanhavam os costumes da sua terra. Milhares de objetos, de pertences, compõem o território da moda: maquilagem, perucas, anéis, berlo-

ques, roupas, calçados, adereços, chapéus, tatuagens, tecidos, mutilações.



COSTUMES E SUAS ÉPOCAS

Alguns períodos históricos, segundo dados arrolados pela Dra. Juliana Massaleni, de Pirangi, através da internet, marcam a evolução da moda. Povos antigos, caracterizados pelo conservadorismo ou tradicionalismo. A roupa define o papel do indivíduo na sociedade.

Século XIV – surgimento da moda com características individualizadas: frivolidades.

Séculos XV e XVI – a burguesia imita a nobreza.

Séculos XVII, XVIII e XIX – a moda ganha força com a industrialização, os meios de comunicação espalham as novidades. No início do século XX, até 1914, surge a chamada Belle Epoque, característica da moda francesa. Luta-se pela queda do espartilho. A primeira Grande Guerra – 1914 – 1918 – imprime a marca da simplicidade. Em 1920, nos chamados “Anos Loucos”, surge a “melindrosa”. Na década de 30, após a quebra da Bolsa de Valores norte-americana, há um retorno à singularidade de costumes, desapare-

cem maquilagens pesadas, adereços excessivos, simplifica-se a roupa masculina. E hoje, século XXI em marcha acelerada, o império da moda deixa vítimas jovens pelo caminho, pois, no afã de adaptar o

organismo para as exigências atuais, modelos magérrimas, ricas, morrem de inanição. A moda é, ainda, o bicho-papão da história do vestir-se para bem viver.



COSTUMES TEIMOSOS

Só para registrar. Costumes há que tentam, apesar de obsoletos, permanecer e ficar como eram antes. Vão caindo, dia a dia, para o esquecimento. É o que acontece com o dia da mentira – 1.º de abril. Grande dia no passado, desacreditado hoje, já que mentir é coisa de toda hora. Quase ninguém cai nas malhas do 1.º de abril, mas ainda há quem caia. No 1.º de abril do ano em curso, em Pirangi/SP,



um locutor da emissora de rádio local caiu como um patinho. Um colega, que o antecederia em programações, convidou-o para um churrasco em sua casa. O rapaz ficou feliz, falou sobre a generosidade do colega, do quanto o admirava, desejando-lhe alegrias eternas. Ao final do programa descobriu, não sei como, que havia sido pego pelo 1.º de abril. Coisas de brasileiros, é certo.



GENTE MUITO FORTE

Este outro costume só mudou quantitativamente, porém não morreu. Era assim: o pai do noivo saía à procura de padrinhos para o filho, um casal apenas para apadrinhar. E dizia ao escolhido ter sido convidado por ser muito forte. Só que muito forte era aquele que possuía mais bens

materiais para cobrir os gastos da festa. Todos os comes e bebes. Agora, em lugar de um padrinho forte, procuram, os próprios noivos, um batalhão de padrinhos. Com direito a listas de presentes caros, expostas em shopping e casas de presentes. Há casamentos com 50 padrinhos, ou mais.



OS COSTUMES E AS PROIBIÇÕES

Nosso velho costume de contar ou de ouvir piadas sofreu sério colapso desde o início do século XXI. Os alvos principais das piadas ou anedotas _ negros e portugueses _ passaram, por lei, a ser tabus, proibidos para todos, por todos os tempos, amém. Perdeu-se o verniz dos contadores de piadas. Os papagaios não dão conta do recado e o Jeca Tatu, civilizado, perdeu a pompa e o prestígio. Não há muito mais o que leve ao riso leve e solto de antigamente. A nossa gente está ficando cada vez mais triste. E séria demais.



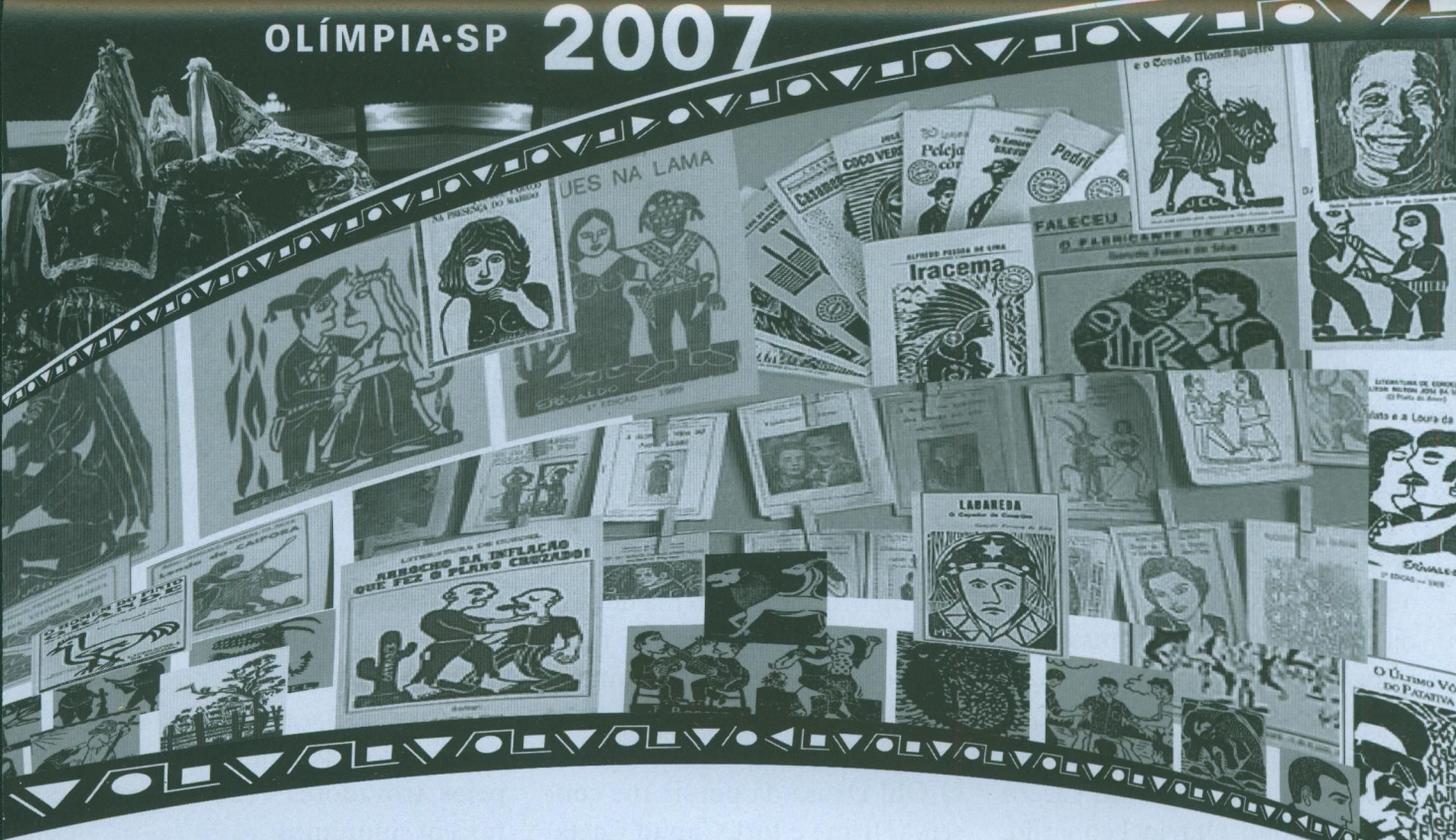
UM POUCO DE ESTATÍSTICA

Segundo dados meio atualizados somos, no Brasil, cerca de 148 milhões de habitantes, concentrados em sua grande maioria na costa atlântica e em algumas grandes cidades do país. Assim sendo, com costumes regionais diferenciados, temos que imaginar cerca de 150 milhões de costumes que diferem. Impossível saber tudo de uma região. Saber como surgiram



certos costumes, como se propagaram, porque foram aceitos, porque foram esquecidos. Sabemos unicamente que, enquanto houver gente sobre a face da terra, novos costumes surgirão, velhos costumes permanecerão firmes enquanto muitos perecerão. Costume significa vida e o grande e memorável costume é viver. Vivamos, pois.





LITERATURA DE CORDEL

ALGUMAS FORMAS ESTEREOTIPADAS MAIS FREQUENTES NO COMEÇO E NO FIM DOS FOLHETOS DE CORDEL.

Ático Vilas-Boas da Mota
Comissão Baiana de Folclore

O motivo que nos levou a escolher este tema para a nossa comunicação foi preencher uma lacuna nos estudos da literatura de cordel já bastante avançados e praticamente esgotados. O que se pretende é chamar a atenção dos estudiosos da matéria para o fato de os trovadores, poetas populares, ou simplesmente cordelistas, conservarem o modelo das dissertações da escolástica medieval, isto é, começo + meio + fim. O nosso estudo restringe-se ao exame das formas iniciais ou incipits e as formas finais ou explicitis. Cada uma destas formas oferece-nos rico material para novas reflexões.



I - Formas iniciais ou incipits.

Quanto à denominação de folheto de cordel não seria ocioso lembrar que os próprios produtores da literatura de cordel, isto é, os trovadores populares costumam denominá-los de: 1. Folheto 2. Folheto (cf. Rodolfo Coelho Cavalcante: Tudo na terra tem fim); 3. Folheto-de-feira; 4. Livreto; 5. Romance; 6. Versinho; 7. Versos;

e, mais raramente, opúsculo (cf. José Costa Leite em "Descrição das Cidades da Paraíba" em seu incipit).

Várias observações poderão ser feitas ao examinarmos as formas iniciais - os preâmbulos (incipits) - com visível influência da religiosidade popular, pois o trovador - cordelista ou poeta popular - freqüentemente recorre

nos seus incipits a Deus simplesmente ou esta palavra vem acompanhada de vários epítetos : 1) Deus a luz da Verdade 2) Deus de suma bondade 3) Deus é o todo poeta 4) Deus grande e poderoso 5) Deus Jeová 6) Deus, nosso pai, 7 Deus o Onipotente, 8) Deus, o todo poderoso, 9) Deus, pai eterno e bendito, 10) Deus, pai onipotente, 11) Deus, pai poderoso;



13) Deus, pai todo poderoso; 14) Deus senhor de grandeza; 15) Deus soberano; 16) Deus supremo juiz; 17) Divino pai amado; 18) Grande deus; 19) Grande Deus, mestre e juiz; 20) Grande Deus Onipotente; 21) Grande Deus poderoso senhor criador de tudo. 22) Santo Deus Onipotente; 23) Santo Deus Pai Poderoso; 24) Santo Deus Poderoso, 25) Santo Deus protetor; 26) Senhor Deus. Além disso, pudemos registrar outros exemplos de recorrência religiosa: a) “com a permissão de Deus e a Virgem da Conceição com a vocação (sic) Divina que me da inspiração vou escrever um livrinho do Padrinho Cícero Romão (apud Otavio Leonardo: As lembranças do meu Padrinho Cícero); b) “Deus Pai Estremo e benigno Ajudai-me em poesia” (apud José Costa Leite: As sete espadas de Dores da Santa Virgem Maria); c) “Deus pai puro santo e bom dai-me santa inspiração pra eu versar uma história” (apud Francisco Bandeira de Melo: o filho desobediente)

Ao lado da invocação a Deus feita com muita insistência, como acabamos de ver, haja vista a imensa cadeia de epítetos utilizados em diversos folhetos, acrescenta-se ainda a recorrência à mitologia greco-latina sendo o termo Apolo aquele que se usa com maior frequência alternando com o termo “musa”, deusa da poesia, embora sem mencionar o nome de Polimnia que corresponde ao da “musa da poesia lírica”.

Exemplos:

a) “Apolo me ajudai com tua inspiração” (apud Felipe Sabóia Dila: Antonio Conselheiro e o Cangaceiro Romão).
b) “Apolo, Deus dos poetas agradeço novamente mais uma inspiração” (apud Felipe Sabóia Dila: Jesuíno Brilhante).

c) Inspira-me, musa santa com sua divina luz mandada do Pai eterno Do coração de Jesus Pra que eu fale dos trabalhos do prefeito Evaldo Cruz (apud Cícero Bernardes: “Os trabalhos do Prefeito Evaldo Cruz”). Observação: neste incipit invoca-se a “musa santa” que, por sua vez, está subordinada ao coração de Jesus. Belo exemplo de sincretismo religioso; ou seja cristianismo + mitologia romana.

d) Imploro a musa divina do santo Deus soberano para me fortalecer com vosso poder humano (apud autor proprietário: João José da Silva)

e) Oh! Deusa da poesia me conservai firme e forte (apud Caetano: O Valente Tigre Preto e Velha Treme Terra).

Outros trovadores preferem elaborar seu folhetinho começando ex-abrupto a narração, isto é, sem muito rodeio, por exemplo:

a) Vou narrar uma história do tempo da inocência (apud João Martins de Athayde: O Capitão do Mar).

b) Agora vou escrever para todas multidões um folhetinho engraçado para todas populações (apud Minelvino Francisco Silva: ABC dos Tubarões).

c) Leitor, vou narrar um fato de um boi da antiguidade (apud Leandro Gomes de Barros: o boi misterioso).

Muitos incipits começam com exortação, vocativo, convite, pedido de atenção ou licença em que se usam epítetos tais como: Prezados filhos da terra, caro leitor, meus leitores, meus senhores, minha gente, meu povo, nobre publicidade, povo meu, caros amigos, queridos leitores, caros espectadores, criteriosos leitores, caros apreciadores, meus bons amigos, leitores apologistas. Às vezes alguns desses termos vêm reforçados com a palavra “amigo”.

Exemplos:

a) Leitores, queiram ouvir-me, por favor, prestem atenção (apud José Bernardo da Silva: Lampião na Bahia).

b) Leitores apologistas, prestem atenção, desde já que vou contar um enredo (apud Apolônio A. dos Santos: Encontro de cangaceiro Vilela com a Nega do Paraná).

c) Caros apreciadores, atenção, muita atenção que vou versar um quadrão (apud José Costa Leite: O quadrão da beira-mar).

Observação: os verbos versar e versejar são geralmente usados pelos trovadores como se estes fossem sinônimos.

d) Amigo, meu caro amigo, Leia com toda atenção (apud Severino José: acidentes no trabalho no ramo da construção).

Também alguns incipits aparecem impregnados de ufanismo traduzido pela exaltação aos valores do Brasil, por exemplo:

*“O cariri triunfante
O cariri do Romeiro
Alertai vossos ouvidos
Povo honrado Brasileiro
Aquele que perceber
Venha ver eu descrever
A guerra do Juazeiro”
(apud Antonio Batista: a Guerra do Juazeiro em 1914).*

Todos nós sabemos que os trovadores populares constantemente reaproveitam o que lêem no jornal, ouvem no rádio e, ultimamente, o que a televisão anuncia, transformando a matéria lida ou ouvida em interessantes folhetos de cordel, como se pode observar nesse incipit testemunhal:

“Eu li no jornal um caso que fiquei meditabundo botei seu todo em meu eu tornei-me até iracundo depois acalmei e



disse são coisas do fim do mundo” (apud: anônimo – O rapaz que casou com uma porca).

Não faltam exemplos de incipits em que o trovador na sua estrofe inicial narra tudo na primeira pessoa, isto é, a matéria apresentada assume a condição de verdadeiro testemunho. Exemplo: Um dia eu estava liso sem ter nada que almoçar quando a mulher dum doutor mandou a mim convidar para cantar um pouquinho para ela apreciar (apud João Martins de Athayde: O valor da mulher.)

Outro aspecto curioso é a remissão às fontes eruditas, o que bem prova a interação entre a literatura erudita e a popular, por exemplo:

“Num alfarrábio francês esta lenda encontrada (apud Teodoro Ferraz da Câmara: Os martírios de Rosa de Milão).

Não faltam exemplos de trovadores que se arrimam na produção alheia embora se sirvam do incipit para livrá-los da pecha de plagiadores, pois declaram a respectiva fonte inspiradora, por exemplo:

“A João Martins de Athayde
Peço agora permissão
Pra falar de um personagem
Que é da sua coleção”

(apud Paulo Nunes Batista: Novas proezas de João Grilo).

A recorrência aos provérbios e às máximas é uma prática muito corrente que se pode observar no preâmbulo, isto é, no incipit, por exemplo:

a) “*Há de tudo neste mundo
O provérbio disse assim*”
(apud Antonio Sena Alencar: O Preguiçoso que fez pacto com o cão).

b) “*Os nossos antepassados
Eram muito prevenidos,
Diziam: Mato tem olhos
E parede tem ouvidos*”
(apud Leandro Gomes de Barros. O Cachorro dos mortos).

c) “*Um ladrão que rouba outro
tem cem anos de perdão*”
(apud José Soares, poeta repórter: O encontro de Camões com canção de fogo).

Não seria bom esquecermos que muitos setores da cultura folclórica se intercomunicam, o que, de certo modo, muito contribui para o enriquecimento, neste caso, do mister de trovador. Um dos melhores exemplos são os incipits dos folhetos de cordel que se aproximam dos incipits das estórias populares. Exemplos:

a) *Havia numa cidade
Um moço muito ladino*

(apud João Martins de Athayde: História de Natanael e Cecília)

b) *Era um soldado francês que se
chamava Ricarte*

(apud João Martins de Athayde: O soldado Jogador)

c) *No tempo da antiguidade, a
miséria vivia revirando em toda
parte*

(apud Fernando Ferreira: “A árvore da miséria”).

Já que estamos examinando a intercomunicação dos setores da cultura popular, eis aqui dois belos exemplos, por sinal muito raros, de incipits em que o cordelista se refere a velhas superstições:

a) “*Quem conta história de dia
É sujeito criar rabo*”
(apud Antonio Teodoro Santos> História de Roberto do Diabo).

b) “*Eu entro com pé direito
meu sapato não desliza*”
(apud Valeriano Felix dos Santos. Buelo dos Deboches).

Muitos outros aspectos poderiam ser detectados nas formas estereotipadas iniciais, isto é, nos incipits, pois tivemos a oportunidade de consultar apenas 1.300 folhetos e a produção cordelística vai muito além.

II - Formas finais ou conclusivas (explicitos) nos folhetos de cordel.

Passemos agora a examinar as formas finais (explicitos) que também nos oferecem curiosos aspectos que envolvem a cosmo-visão de cada trovador popular.

Podemos verificar que a forma mais utilizada pelos trovadores populares para concluir seus versos é aquela sob a forma de acróstico, por meio do qual o au-

tor pretende salvaguardar os seus direitos autorais. É uma espécie de chancela, de carimbo ou marca que, de fato, tem salvo os direitos autorais mesmo naqueles casos em que os poetas venderam os seus direitos autorais e nos respectivos folhetos aparece na capa do livrinho o nome do proprietário. Che-

gando-se ao final, percebe-se qual é o verdadeiro autor. Aliás, durante uma Bienal do Livro realizada em São Paulo na qual tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente José João dos Santos, o “Azulão” a quem indagamos o porquê de seus versos concluírem fatalmente com um acróstico, espécie de estereotipia



de seu estilo. Ele não hesitou em responder-nos: “É a forma que tenho de ferrar o meu gado para que algum amigo do alheio não passe a mão nele”. O uso do acróstico por parte do poeta popular é uma prova evidente da intercomunicação: literatura popular + literatura erudita, haja vista que acróstico provém do francês *acrostiche* < do grego *akrostikis* (cf. *akros* = extremidade e *stihos* = verso), o termo exprime a poesia cujas primeiras letras do começo de cada verso (mais raramente no meio ou no fim), lidas verticalmente, formam uma palavra (nome próprio; título etc.), espécie literária muito apreciada pelos gregos, na época alexandrina, cultivada também pelos romanos. O acróstico teve um florescimento posterior entre os poetas do Renascimento prolongando-se o seu uso até os celebres acrósticos de E. A. Poe.

O emprego do acróstico, isto é, as letras iniciais que o cordelista usa para rimar é muito variado: a) Prenome + sobrenome; b) Prenome abreviado + 1.º sobrenome + 2.º sobrenome abreviado, exemplo: P. Nunes B/= Paulo Nunes Batista; c) Prenome abreviado + sobrenome; d) Emprego de apenas um sobrenome do cordelista, por exemplo: o cordelista Manoel Pereira Sobrinho rima apenas o sobrenome Pereira; e) Rima apenas os dois primeiros nomes, exemplo: Manoel Camilo dos Santos usa apenas a rima dos dois primeiros nomes Manoel + Camilo; f) e finalmente Caetano Gomes da Silva rima apenas o prenome (Caetano). O estudo dos acrósticos iria mais longe, mas não pretendemos alongar a nossa comunicação.

O direito de autor é respeitado por parte de um cordelista que prefere confessar de onde retirou a matéria para o seu folheto;

*“Já descrevi todo drama
Com inspiração em Jesus
O enredo não é meu*

*Somente uns versos compus
Tenho que agradecer
Ao poeta Zé da luz”*

(apud José Costa Leite: a confissão do caboclo).

Como percebemos neste explicito o cordelista usou de toda franqueza ao indicar a sua fonte inspiradora. Aliás, a preservação dos direitos autorais parece ser uma preocupação constante dos cordelistas, haja vista as permanentes admoestações;

*“Esta divina oração
todo leitor deveria
rezar toda sexta-feira
que protegido será
é poderosa e sagrada
não deve ser copiada
e nem se emprestará”*

(apud José Costa Leite: Os sinais do fim do mundo).

Na lista das curiosidades incluem-se alguns acrósticos (explicitos) insólitos. De forma surpreendentemente inesperada o fecundo trovador José Costa Leite que vem alternando os seus explicitos com acrósticos para os quais convergem as seguintes formas sinônimas: J. Costa, Costa Leite, José Costa Carlos, distinguindo totalmente as que vinha reutilizando. Por que o trovador ao longo do tempo vinha omitindo os seus prenomes? Ei-lo:

*“Já fiz minha poesia
O leitor viu a certeza
Só falei em safadeza
E só que vê-se hoje em dia
Casa uma moça vadia
Amanhã é ratuina
Rapariga de usina
Leva do homem é a força
Outra que passa por moça
Só quer morar em Campinas”*
(apud José Costa Leite: Quem gosta da corrupção só quer morar em Campinas).

Como se não bastasse este exem-

plo, o cordelista surge com outro insólito acróstico:

*“Como Oscar era bobo
Apanhou até demais
E quando ele aprendeu
Todas ficaram incapaz
Algumas foram viver
No cabaré a fazer
Os gostos de satanás”*

Este último exemplo faz-nos pensar que este cordelista tem vários heterônimos.

Registram-se também acrósticos (explicitos) com a envolveria do prenome do cordelista mais o título do folheto. Outros costumam incluir também em seu acróstico o nome da editora.

Além disso, registram-se explicitos com espichados agradecimentos.

Também nas formas conclusivas às vezes o texto aproxima-se das estórias como nas formas iniciais (incipits). Temos aqui um exemplo muito comum nos contos da carochinha:

*“Alviçaras, meus leitores,
minha história acabou-se”*
(apud João Martins de Athayde. História do Valente Vilela)

Os explicitos ou formas finais mais curiosas são aquelas em que o trovador faz um apelo ao público consumidor para adquirir seus versos, geralmente chamando-lhe a atenção para o preço barato dos mesmos;

*“Termino aqui meu livrinho
sem agravar a ninguém
esse caso foi passado
e em contar eu fiz bem
só lhe custa 500 cruzeiros
quantia a que todos tem”*
(apud Antônio: A desventura de um corno ganancioso).

Não raras vezes o cordelista ameaça a quem não adquirir o seu folheto com um anátema, isto



é, ele aproveita o próprio enredo da história pra ameaçar com uma praga:

*“Se o leitor
não levar um folheto
encontra a velha no caminho
e ela dar-lhe uma dentada”*
(apud Francisco Sales Arêda. A embolada da velha Chica.

*“Outro Exemplo:
Quem não adotar o livrinho
Quem disser que está mal feito
Peço a vós mil desculpas
Se tem falta de respeito
Quem não comprar este livro
Vai fazer do mesmo jeito”*
(apud Maximiano S. Campos: As aventuras de Lourenço com Nair).

Após confessar o seu mister de poeta e a sua condição de viver do que produz arremata:

*“leitores eu terminei
o meu livrinho mensageiro
não presenteí-o com um
porque me falta dinheiro
e eu vivo é desse ramo
me pague só 3 cruzeiro”*
(apud Bernardino de Sena: História do mundo e do homem).

Além disso, outros trovadores preferem, de maneira jocosa, apelar ao espírito supersticioso dos leitores com a possibilidade de mau presságio para quem deixar de adquirir o texto:

*“Quem comprar esse folheto
a chuva não lhe aperreia
não derruba sua casa
também não morre na cheia
vai morar na minha casa
com almoço, janta e ceia”*
(apud José Soares, “poeta reporte”. A cheia do Capibaribe).

O estado de espírito pilhérico é uma constante entre os trovadores, sempre dispostos a rir de tudo e de todos, com se pode observar neste explicit:

*“vou terminar minha história
porque isso me convém
passou-se em 82
não é coisa tão alem
quem não gosta de um burro
não gosta mais de ninguém”*

O apelo ao sentido religioso popular dos leitores é utilizado para facilitar a aquisição do folheto:

*“Só leve um livro quem creia
na Virgem da Conceição
nossa Senhora da Damas
e Padre Cícero Romão
Jesus, Maria e José
S. Francisco de Canindé
e também Frei Damião”*
(apud José Costa Leite: Os milagres do São Francisco de Canindé).

Também não faltam exemplos de formas finais (explicit) com apelo aos sentidos, isto é, aos princípios dionísíacos:

*“Leitores aqui termino
com rima melodiosa
e quem levar um livrinho
ganha uma moça cheirosa
pra viver a vida junto
duma mulher carinhosa”*
(apud José Costa Leite: A mulher carinhosa).

Grande parte dos cordelistas além do acróstico – já vimos – usam o último verso para reafirmar a autoria do folheto, por exemplo:

*“Foi Manoel Araújo
que escreveu com alegria
o folheto da Cruz
com fé na virgem Maria
e na Praça Pedro Américo
vende ouro fantasia”*
(apud Manoel Araújo: o homem que leva a Cruz a S. Francisco de Canindé).

O mesmo se diga de Rodolfo Coelho Cavalcante que pre-

fere encerrar a sua última estrofe nela incluindo o seu próprio nome abreviado no último verso, isto é: Rodolfo C. Cavalcante Às vezes usa apenas Rodolfo Cavalcante, tudo dependendo da exigência da métrica. Não é muito raro encontrar se folhetos concebidos de modo circular, ou seja o incipit e o explicit são apresentados como um verdadeiro círculo: o final corresponde ao início. Eis aqui o explicit de um folheto que retornou ao seu ponto de partida:

1ª estrofe (incipit)

*“Quando eu avisto um vaqueiro
montado em seu alazão
de perneira e guarda-peito,
chapéu, esporas e gibão
recordo o maior vaqueiro
que conheci no sertão:*

Última estrofe (explicit):

*Quando ouço a voz do gado
Berrando no tabuleiro
Vejo vaqueiro montado
No seu cavalo ligeiro
Aboio e digo ao sertão
(papai também foi vaqueiro)”*
(apud Zé Cardoso. Papai também foi vaqueiro e drama os hospitais)

O trovador mostra-se zeloso para com o seu texto e exorta, ao final, os leitores para que cuidem bem dele:

*“Se gostou desse livrinho
guarda-o com bem cuidado”*
(apud Constantino Santos Freire. Futebol de bichos).

É raro, porém acontece. Alguns cordelistas de cabelo na venda, ou seja, de gênio mal humorado ou cheios de tendência para o desaforo, retrucam em suas formas finais:

*“Escrevi este livrinho
para destruir o povo
quem achar ruim não leva*



(apud João Deodato: A corrução de hoje em dia).

Para compensar o exemplo que acabamos de citar, temos os delicados termos de despedida:

*“Adeus queridos romeiros
já fiz o meu último aviso
mandado por Jesus Cristo
que é o rei do paraíso
todos aceitam a “bênção”
do Padre Cícero Romão
até o dia do Juízo”*

(apud Enoque José de Maria. A vez do Padre Cícero).

Nos explicitos examinados curiosamente encontramos um belo exemplo de enumeração caótica que haveria de deliciar o saudoso Leo Spitzer, um especialista no assunto:

*“E pode fazer ciente
a todo seu povo amigo
que quem cantar o meu samba
na morte eu levo comigo
que é para prestar conta
à mãe de calor de fogo”*

(apud João de Cristo Rei: O exemplo interessante da vida de Carolina).

Como já vimos alhures, nos explicitos são também registrados os pedidos de desculpas cujo teor se aproxima da captatio benevolentiae (= pedido de benevolência) muito utilizado na retórica clássica. Aqui ele se apresenta deslocado, isto é, no fim, pois na literatura erudita aparecem logo no início da alocução e aqui, como vimos, foi utilizado no explicito.

a) *”Sou filho de Salvador
Dessa Bahia querida
Sou povo e não vivo bem
E quem não pediu que pida
Desculpe o palavrado
O poeta né letrado
Cursou escola da vida”*

(apud Renato Almeida: Pau no gringo ou gringo no pau).

b) *“Peço desculpa dos erros
que foram aqui encontrados
porque o poeta tem
todos direitos sagrados
são eles os primeiros versos
de minha lira tirados”*

(apud José Bernardo da Silva: Mariana e o Capitão do Navio).

Observação: Este folheto é outro exemplo da interação da literatura popular e da erudita, pois é uma curiosa adaptação do texto da ópera “Madame Butterfly”, drama lírico em três atos, música de G. Puccini, libreto de L. Illica e G. Giacosa, estreado em Milão (1904).

Em um dos raros fechos (explicito) o trovador popular termina recomendando uma fonte popular onde seguramente ele colheu dados para o seu texto:

*“Como travador do povo
cumprir a minha missão
de falar de candomblé
no lado da Religião
quem achou que estou errado
Procure ler Jorge Amado
Que dá melhor descrição”*

(apud Rodolfo Coelho Cavalcante: A macumba da Bahia)

O mesmo trovador faz uma simples confissão de sua inspiração nas obras eruditas:

*“Inspirado no romance
do Escritor Jorge Amado
Dei o título do seu livro
E no mesmo baseado”*
(apud Rodolfo Coelho Cavalcante. “Teresa Batista cansada de guerra).

Não faltam também exemplos de exorcismo ou de ponto final da narração:

*“Pelo sinal da Santa Cruz
eu dei o minha opinião
e nesse ponto acredito
concluída essa missão
porque a história é essa
segundo a minha visão”*

(apud Abrão Batista: O entrelaço de divórcio na sociedade brasileira).

Como nas histórias, o narrador passa a palavra aos ouvintes ou leitores:

*“Tem a palavra leitor
que o folheto acabou”*
(apud Adélia Carvalho: O Justiciero de Deus).

Ou, então presta o seu depoimento, como no final das histórias, a fim de confirmar a veracidade da narração, já que ele se declara haver participado do evento ou pelo simples fato de ele dar o seu testemunho pessoal:

*“Houve festa o mês inteiro
este conto é verdadeiro
que foi contado por mim”*
(apud João Martins de Athayde: História do negão ou André Cascadura).

Outra vinculação da literatura de cordel é representada pelo uso - tanto nos incipits como nos explicitos - de máximas que circulam em todos os níveis da sociedade:

*“Quem já leu essa história
pode bem analisar
que ninguém prepara a cama
para outro se deitar”*
(apud João Martins de Athayde: a rainha que saiu do mar).

A literatura de cordel sendo uma manifestação eminentemente popular, tal condição faz que o trovador se sirva de outros setores do folclore - os provérbios, por exemplo - para compor os seus textos. Alguns cordelistas preferem concluir a sua narração com um refrão que se ajuste ao enredo da matéria narrada, por exemplo, num caso de amor difícil o “happy end” é assim registrado:

“A esperança junto ao amor



*é como água em pedra fura
que muito embora de pingo
tanto bote até que fura
quem ama sem esperança
é infeliz sem ventura*

(apud: Jose Camelo de Melo: Pedrinho e Julinha).

Muitos folhetos encerram – como também iniciam – com um princípio moral que, no caso do final, lembram certamente as tradicionais lendas com a sua respectiva moral da história, por exemplo:

*“Demonstrei que a maldade
é de pouca duração
logo se esfacela toda
ao enfrentar a razão
reage faz sua intriga
mata, engana, furta e briga
e no fim perde a questão”*

(apud Delarma Monteiro Filho: Marcelo, o filho da Governanta).

Alguns cordelistas aproveitaram os seus explicitos para anunciar novo lançamento de folheto. Se não, vejamos:

*“O restante dos sucessos
Direi no livro “Revoltas”
Que sairá brevemente (sic)
Escrito com linhas tortas
Caindo de mão em mão
Vendendo-se pelas portas”*
(FCRB(RJ))

Observação: Este é um dos mais curiosos explicitos, pois foge à regra, isto é, à estereotipia da maioria dos folhetos, por exemplo: No arremate (explicit) ele anuncia outro folheto que sairá dentro em breve, o que faz de seu verso um verdadeiro exemplo de “roman-fleuve” (romance-rio), além de esclarecer como a sua literatura é consumida, isto é, de porta em porta, o que nos faz lembrar a figura do vendedor ambulante – talvez o próprio poeta – dos versos cordelistas.

Franklin Maxado Nordestino adotou, não faz muito tempo, o modelo romance-rio em alguns de seus folhetos, por exemplo: “O

Santo jumento no reino dos Céus, continuação do folheto”. “O Jumento que virou gente”.

Há exemplo de cordelistas que pretendem adotar o esquema do “romance-rio” e, para isto, suspendem a narração, prometendo aos leitores retomá-la oportunamente:

*“Suspendo aqui minha história
Pra doutra vez recomeçar
Quando derem-se outros fatos
Pretendo continuar
A minha biografia
Que toda hei de contar”*

(apud Francisco das Chagas Batista: A história de Antonio Silvino)

Vasto campo para a pesquisa científica da nossa religiosidade popular são as figuras carismáticas do Padre Cícero Romão Batista e do Frei Damião, pois os exemplos mais curiosos são apresentados nos folhetos de cordel, por exemplo, fomos encontrar num explicit o foto de essas figuras religiosas serem colocadas no mesmo nível de devoção ao lado de Nossa Senhora. Ei-lo:

*“Aqui eu vou dar um viva
ao padre Cícero Romão
a N. S. das Dores
e viva Frei Damião
digo mais nos versos meus
que quem fôr filho de Deus
rese esta santa oração”*

(apud José Costa Leite: O rapaz que virou bode porque profanou de Frei Damião).

As formas de vender fiado já tão bem estudada pela folclorística brasileira, aparece, inesperadamente, num explicit cordelista:

*“Aqui chegamos ao fim
Deste livro engraçado
Sobre o namoro moderno
Um passatempo gozado
Cem por cento moralista
Mas eu só vendo a vista
Porque detesto fiado”*

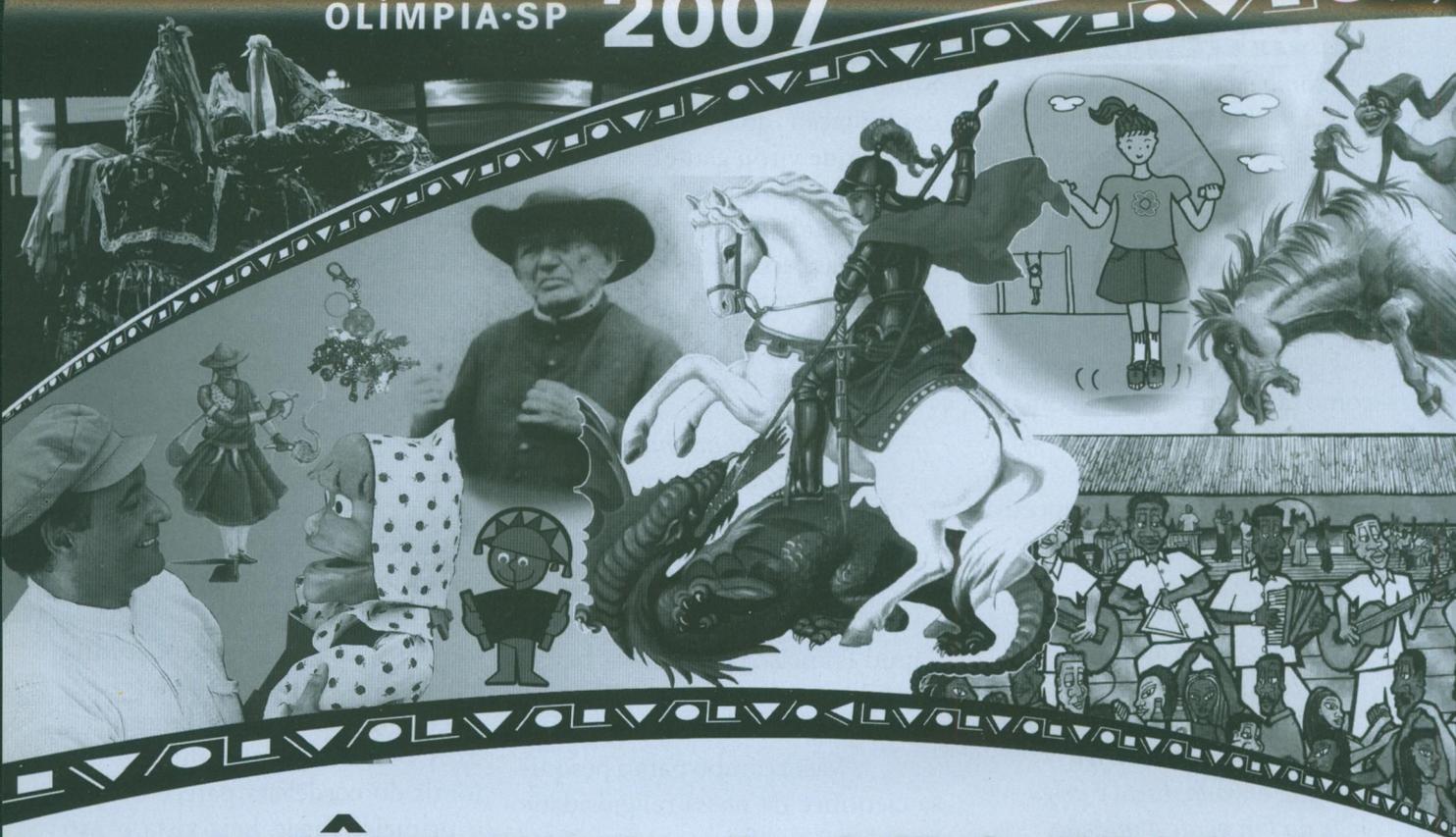
(apud Erotildes Miranda dos San-

tos. O namoro moderno

Ao incluirmos a nossa pesquisa, relembramos aos leitores que foram consultados mais de 1.300 (mil e trezentos) folhetos. Consideramos este corpus bastante expressivo, embora parcial e capaz de oferecer-nos a oportunidade para algumas conclusões:

- 1) Os explicitos (formas finais) são mais ricas em sua estereotipia, permitindo ao cordelista a utilização de vários recursos para atingir a alma dos leitores;
- 2) A presença da literatura erudita em ambos os casos - implicitos e explicitos - é evidente por si mesma;
- 3) A preservação dos direitos autorais do cordelista parece ocupar o primeiro lugar, haja vista o uso estereotipado do acróstico como forma de garanti-los.
- 4) Tanto nos incipits como nos explicitos as figuras do leitor ou do ouvinte são sempre levadas em conta.
- 5) A visão de mundo a partir da observação dessas formas estereotipadas dão-nos a impressão de que a religiosidade popular ocupa quase todas as passagens das narrações.
- 6) À medida que for crescendo o número de folhetos, estes estudos devem prosseguir a fim de se observar por meio deles as tendências no mister poético popular brasileiro, tão bem representado na literatura de cordel.
- 7) Finalmente, convém seja lembrado o foto de os incipits e os explicitos constituírem o espaço no qual o trovador tem a oportunidade de revelar a sua mundividência, uma vez que o meio - ou seja, o miolo - destina-se à matéria narrada, a qual geralmente apresenta um caráter neutral. Os incipits e os explicitos constituem uma forma de cartão de visita do trovador que tem a oportunidade de apresentar-se aos leitores ou ouvintes, a sua visão de mundo da melhor forma possível.





VIVÊNCIA & LEGENDA

Anna Maria Cascudo Barreto
Folclorista de Natal/RN

Cresci participando da cultura popular, tão presente e valorizada pelo meu pai, Luís da Câmara Cascudo. Os desafios dos emboladores foram minhas cantigas de ninar; à noite, pensava com horror na Cuca, que vivia no telhado; julgava ver o saci-pererê no assobio do vento nos coqueiros praianos; o curupira saindo da floresta. Fui “borboleta”, ainda bem pequena, e já grandinha, “Diana”, personagens do Pastoril que era encenado na praia de Areia Preta;



e também testemunhos da existência encantada de botijas, repletas de jóias e moedas, descobertas mediante obediência total as recomendações mágicas. Impossível descrever também, nas narrativas dos ataques de lobisomem, nas sextas a meia noite, descritas com detalhes aterradores.

nas festinhas infantis, além de pular corda e gato-no-pote, brinquei de anel e de outras sortes, cabra-cega, cantigas de roda. Adolescente, dancei quadrilha, marcada por papai em francês, (a-la-vantour, a-na-arrière) nas noites juninas; ararunas, caranguejo, mazurcas. Ouvi e contei estórias, sonhei com a lenda do “Carro Caído”, (bois e sino, mergulhados nas águas tépidas da Lagoa de Extremoz, aonde já vivia a “cobra grande”),

Estudando no tradicional Colégio da Imaculada Conceição, dirigido pelas ilustradas e competentes Irmãs Dorotéias, comungando semanalmente e com confissões quinzenais, era sempre um problema desfiar tantos pecados. Vivia uma existência dupla, de um lado desincumbindo-me das tarefas normais relativas às matérias, do outro sem conseguir total dissociação ao mágico referencial das superstições, crenças, advinhas e provérbios populares. Era como



uma bolha imaginária, um mergulho fantasma no sonho.

Difícil afastar-me da assíntica encantada do ritual umbandístico – quantas vezes, na companhia de Iaperi e Iaponi Araújo, cantamos pontos, comemos o cardápio dos orixás, recebemos



benção das entidades que “desciam”; comovidos cantamos com a “burrinha” e o “gigante”, durante o boi calemba. A prática forense e a realização de júris, no exercício profissional de representante do Ministério Público, trouxeram a jovem Promotora de Justiça para a vida real.

Casada, mãe, descobri que meus filhos se divertiam muito mais com os fantoches, teatros de bonecos apresentados nas escolas do que com qualquer desenho de Disney. Comuniquei o fato ao meu pai, que me confessou preferir mil vezes “João - Redondo” a outro divertimento. Estaria no



sangue?

A nossa cultura tem mecanismos para ir se reinventando, e ainda persistem os mitos, os ditos, as danças, os autos, muito embora exista a contaminação da mídia televisiva, globalização.

Na época das festas juninas – por exemplo – comemos canjicas, nos tornamos “compadres” perante as fogueiras, mesmo próximos aos mais modernos e sofisticados condomínios residenciais. A essência permanece, insistentemente, pois faz parte de nossas raízes.

Cada pessoa é um manancial de cultura. É surpreendente como camadas de lembranças avivam com uma diminuta referência.

Nas baladas, meus netos curtem ritmos frenéticos, de ori-



gens diversas. Mas quando se ouvem os acordes de um forró, xóte, baião, se dá uma transfiguração, e notamos que aquela música especial e selvagem já estava lá, quietinha, mas autenticamente nossa, esperando para se revelar nos requiebros do triunvirato racial que forma a essência da brasilidade.

Folclore, segundo Câmara Cascudo, é a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. Meu pai sempre lutou para que as manifestações do povo, desenvolvidas dentro da informalidade, pela observação e imitação, repetição e tradição, fossem estudadas, conservadas, amadas. Ele entendia a musicalidade do aboio, a intimidade dos cultos, o requinte da cozinha popular, seu valor antropológico, sua linguagem fotográfica, seu simbolismo impactante, sua

importância histórica.

Nossas raízes plurais – europeias, ameríndias e negras – devem ser resgatadas profundamente e constantemente, no exercício do nosso orgulho brasileiro. Para citar algumas: nossa língua, música, alimentação e moda são o registro vivo e presente desse sincretismo comportamental.

Vamos descrever alguns detalhes diferenciados, no campo da religiosidade. Além de casamenteiro, Sto. Antonio auxilia o encontro de objetos perdidos; São Jorge é protetor contra ladrões e bandidos, pois nos deixa praticamente invisíveis; São Gonçalo



violeiro serve de inspiração para poetas e compositores; São Brás evita a aparição de cobras nos caminhos; Sta. Bárbara ajuda-nos navegar entre rios e cachoeiras; São José mantém os casamentos; Maria é a mãe, Santa Ana a avó/modelo; São Francisco é protetor dos bichos de estimação e pássaros; o Espírito Santo ativa nossa inteligência e aguça a memória; Padre Cícero objeto de pedido de graças



mais difíceis; Santa Rita, a quem devemos solicitar perdão de dívidas; Santa Luzia protege a visão; São Pedro, São Paulo e São João são invocados para fazer chover e beneficiar a lavoura. Pedidos a São Longuinho devem ser agradecidos com três pulinhos; e São Sebastião nos protege contra ferimentos e ataques.

Cada região tem suas peculiaridades. Quando o tempo escurece, e surgem nuvens e aparência diversa do azul celeste “normal”, o vento assobia e prenuncia tormenta, dizemos, ao contrário do sul e de sudeste: “está bonito para chover!...” Desde cedo, nós nordestinos, nos habituamos a associar chuva com fartura, seca com sede e desemprego... Uma das maiores alegrias que recordo, na minha meninice, era tomar banho de bica, isto é, ficar sob o vão que se forma no encontro do telhado, aonde a bendita água descia a rodo. Lembro os saberes vulgares, pedagogia da experiência que antecede a ciência, conservadora e ao mesmo tempo atual, porque sempre renovada.

Quando menstruei, a empregada da casa foi logo me explicando que, se eu entrasse na cozinha o que se estivesse fazendo se estragaria, incluindo bolo ou ponche. Para dores menstruais, água quente com mel. Grávidas, não podemos colocar chaves nos bolsos ou objetos metálicos, pois a criança pode nascer com um sinal naquele lado. Durante a amamentação, a mulher não pode ficar debaixo de um cajueiro, pois o seu leite secaria.

A criança só pode entrar na igreja depois de batizada, ou não seria abençoada.

Para azia, segurar numa rolha ou engolir três pitadas de cinza fria.

A fim de o sarampo ou capapora sair rápido, tomar chá feito



de cabelo de milho sem açúcar.

Se a pessoa desmaiar, passar uma pena de galinha até voltar a si pelo nariz; ou soprar nos ouvidos e bater na sola dos pés.

Para terçol, engolir nove caroços de limão durante três dias seguidos, ou esfregar o terçol com uma chave previamente aquecida pelas duas mãos.

Não se deve apontar para as estrelas; faz nascer verrugas no dedo.

Tomemos um amuleto ou talismã, fazendo figa, usando um bentinho e um patuá no pescoço, para afastar maus olhados e maus espíritos, invoquemos Padre Cícero e guiados pelo canto da Lavandeira e João de Barro, pelas asas de saudade, vamos voando em direção a estrela aonde habita Cascudo, cercado de personagens do imaginário popular que ganharam vida graças a sua persistente pesquisa e preservação.

Pioneiro no estudo de usos e costumes brasileiros, esclarecendo processo evolutivo da cultura de um povo e suas manifestações no mundo, ele abençoa a todos nós, que seguimos na estrada que

ele sinalizou. Tecendo uma teia colorida, retirada da beleza iluminada da almofada de bilros, pedimos a rezadeira para repetir os provérbios populares, recolhidos por José Sant’anna, de Olímpia-SP, que, em sua singeleza poética, resumem toda uma filosofia de vida, citados por Cascudo no “Dicionário do Folclore Brasileiro”:

“Ontem fez muito calor,
hoje até caiu geada;
Não contem com o amanhã,
Que o contar não vale nada.

Aquele que sempre erra,
E quer encobrir a asneira,
É um bobalhão que vive
Tampano o sol cõa peneira.

Quem se sentir infeliz
Apele para a garganta;
Pois sábio ditado diz
Quem canta seu mal espanta.

Quem luta olhando pra Deus
O mesmo Deus o defende,
A vida é como uma escola,
Quem mais vive, mais aprende...”

Natal, 02 de fevereiro de 2007.





O FOLCLORE DO DIABO

Francisco Gabriel Junqueira Machione
Roseli Aparecida Tineli

Departamento de Folclore - Olímpia



Há séculos que o Diabo é uma realidade para culturas de origem européia: é a representação da suprema maldade, um ser malicioso, ciumento, violento e, curiosamente, sutil na sua sedução. E, ainda que hoje em dia seja menos lembrado e temido, a Igreja sempre frisa que ele está vivíssimo, e fazer de conta que desapareceu é um dos seus golpes preferidos.

Desde tempos longínquos têm-se notícias de monstros fabulosos capazes de promover as maiores atrocidades. Essa imagem destruidora acabou sendo atrelada à própria personificação do mal e, mais tarde, com o advento das Sagradas Escrituras, representadas pelo Novo e o Velho Testamento, foi idealizado o conceito desse ser maligno conhecido no Ocidente até os nossos dias como Diabo.

Inicialmente, conforme pode ser constatado em Isaías 45:7, o bem e o mal coexistiam na figura do Criador: "Eu formo a luz e crio as trevas, asseguro o bem-estar e crio a desgraça: sim, eu Yaveh, faço tudo isso". Mais tarde, entrando em contato com a religião persa,



durante seu exílio na Babilônia, os judeus assimilaram uma outra idéia, a de que Deus, o Todo-Poderoso autor de todo o bem, não deveria ser associado ao mal; este, cada vez mais, foi sendo atribuído ao inimigo de Deus, seu adversário, que é justamente o significado da palavra hebraica "Satan". O termo Diabo tem origem no grego "diabolos", que significa acusador ou agressor. Belzebu também deriva do hebraico, com duas interpretações distintas: estaria ligado à figura de "Baal Zebub", deus de Acaron, cujo nome literalmente significaria "Senhor das Moscas", ou o Senhor para quem as moscas são sagradas (uma vez que, na Babilônia, praticava-se a divinização por intermédio desses insetos). Ou teria origem no termo "Beelzebu", derivado de "bethzebul", que significa "templo" ou "casa elevada", traduzindo-se como o "Senhor da Casa Elevada". Já a palavra Lúcifer, originária do latim, significa a "estrela da manhã", também conhecida como "Estrela D'Alva", e se relaciona à lenda de que seria este o nome do Diabo antes de ser expulso do paraíso; como castigo por sua traição à causa do bem, esse anjo rebelde foi transformado, de portador da luz, em Senhor das Trevas.

O Diabo não é sempre o mesmo, já se vê _ ao contrário de Deus, seu arquiinimigo mais conservador: o Diabo foi visto, durante milênios, como amigo do homem, um amigo em que não se deve confiar inteiramente, é claro, por motivos óbvios. A partir de meados da Idade Média, no entanto, especialmente a partir da luta entre católicos e protestantes _ que se acusavam mutuamente de diabólicos _, o Diabo* passou a ser a

personificação do mal, inimigo da humanidade e opositor de Deus.

A crença no Diabo sempre foi a forma que o homem de todos os tempos encontrou para explicar sua própria maldade e ignorância, medos e ódios, invejas e violências. Para isso, nada melhor do que um ser potentíssimo _ abaixo apenas da Divindade criadora _ fisicamente semelhante ao homem, a quem era e é atribuído tudo aquilo que os seres humanos não têm coragem de atribuir a si mesmos.



Não somos, portanto, responsáveis: o Diabo é o culpado de tudo.

Nas sociedades primitivas os deuses conviviam entre si e tinham todas as características humanas. Assim, os poderes que regem o universo eram criadores de todas as coisas, a vida e a morte, o bem e o mal, o prazer e a dor, o amor e o ódio. Os deuses e deusas gregos, por exemplo, não podem ser chamados de bons ou maus, porque eram ambas as coisas – de acordo com os seus interesses do momento.

O Diabo que surge depois do advento do cristianismo _ e que hoje é conhecido e temido nos pa-

íses cristãos _ é produto bem mais recente e resultado na crença de que Deus é todo bondade e, assim, é necessário existir um Ser que represente a maldade.

A crença na existência do Diabo surge bem mais tarde, especialmente quando o debate entre os teólogos se torna mais e mais intelectualizado e o poder de suas palavras passa a modificar a vida de um número cada vez maior de pessoas.

Ainda que para o judaísmo e para o cristianismo o Diabo nunca chegue realmente a obter o nível de divindade, a verdade é que ele tem o poder de perturbar a vida humana _ apesar da onipresença e onipotência de Deus.

Este fato, aliás, é debatido há séculos pelos teólogos, que não chegaram a qualquer conclusão definitiva: se Deus criou tudo _ o Diabo não cria, apenas destrói _ criou também o Diabo? Então, como pode Deus ser todo bondade e criar um ser todo maldade? Ou será que Deus tem (ou tinha) algo de diabólico? Esse debate ocorre há séculos sem que se vislumbre uma resposta.

Durante séculos, torturadores e assassinos piedosos afirmavam que assim agiam em nome de Deus _ já que, é claro, os perseguidos (infiéis, bruxas, magos, alquimistas, adversários políticos) estavam sob a influência do Diabo.

Assim, se é difícil encontrar o Diabo, ele mesmo _ talvez seja bom lembrar que, para o português colonizador, a Igreja havia conseguido expulsar o Demônio da Europa _ se refugiou na Ásia, na África e, por fim, no Brasil.



O DIABO NA CULTURA BRASILEIRA

O Deus e o Diabo dos brancos chegaram ao Nordeste nas caravelas de Pedro Álvares Cabral. Enquanto Frei Henrique de Coimbra plantava a cruz da Fé celebrando a primeira missa, que também foi assistida pelos indígenas, o Diabo fazia das suas, desviando a atenção dos membros da expedição portuguesa para a nudez acobreada das mulheres nativas.

Há mais de seis meses em alto-mar, os marinheiros de Cabral desembarcaram sob o domínio de forte apetite sexual. O sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre escreveu que "o europeu saltava em terra escorregando em índia nua. As mulheres eram as primeiras a se entregar aos brancos, as mais ardentes, indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho". Estava o Diabo com a faca e o queijo, com a fome e a vontade de comer, tentando os homens, ajudado pela ausência de mulheres brancas.

Naquele tempo, o Diabo estava no apogeu de sua fama, respeitado e temido no mundo inteiro, personagem central de tudo quanto era lenda, estórias e crendices armazenadas desde o começo do mundo. Os tripulantes das caravelas trouxeram para cá estas crenças. Povo muito aventureiro, o português gostava de procurar novas terras, negociar com outros continentes, enriquecendo assim sua herança mística, fortalecendo o que já tinha de mítico no seu mundo interior onde se uniam o real e o imaginário. Cada um respeitava



o temia o Diabo conforme o uso de sua província. No entanto, era generalizada a crença de que se alguém pronunciasse o nome do Diabo, ele poderia aparecer. Para que isso não acontecesse, os portugueses inventaram apelidos para o Diabo, que eram uma maneira de enganá-lo.

A fim de evitar que os homens pecassem tanto, os missionários usavam, na catequese, o Diabo como arma poderosa. Pintavam seu retrato com cores fortíssimas, para que o impacto fosse ainda maior. Assim, o Diabo era preto, usava chifres, tinha o nariz adunco por onde expelia fogo e fumaça, os pés eram de pato, a cauda terminava em forma de seta, parecia um morcego, sua presença era sentida por causa do cheiro de enxofre que exalava e só andava com um espeto na mão. Às vezes, para melhor tentar os homens, disfarçava-

se em animais, tomando a forma de um cachorro, de um porco, um bode, um gato ou outros bichos.

E foi assim que o Diabo chegou ao Nordeste. Com muitos apelidos. Com muita fama. Respeitado e temido. Enchendo a cabeça dos portugueses de luxúria. Enriquecendo a cultura popular da região.

Foi assim que no Brasil ele sofreu a sua primeira transformação, que, aliás, não se efetuou sem dores e dissabores. Lembremo-nos: a Inquisição andou atenta aos deslizamentos da santidade, às cerimônias do catimbó, porém não o suficiente para manter a integridade dele.

Com a implantação da cultura canavieira houve necessidade de mão-de-obra. Da África trouxeram os pretos, de muitas nações e de culturas várias, mas todos eles com suas crenças e nas suas



crenças um rol progresso de imagens dele, desde as mais vagas e imprecisas como os calungas até as “bem” configuradas em aspecto, atributos e áreas definidas de ação. Orixás e, ao lado deles, uma entidade primordial, livre, amoral, poderosa, senhora das aberturas, das passagens, das mudanças. Os Exus. E Elegba. E Elegbara. Podem ter certas tinturas restritivas, mas não houve influência árabe que conseguisse transformá-los em Eblis ou em Chaitons (Diabos) definitivos. Vieram ao Brasil, assim como vieram as legiões do povo de Ganga e Omolun com

sua gente e outras entidades, que aos olhos do ocidental são malignas, mas que na visão do grupo cultural que as formulou são apenas naturais.

Pois bem, a chegada de Exu ao Brasil convulsionou mais ainda o Diabo, que, a muito custo, ia se ajustando a uma fórmula indígena. Mais outra crise e outro ajustamento e ele volta a se configurar com forma aproximada do homem, mas perde sua destinação de maldito e inimigo implacável do gênero humano.

Esse foi o segundo golpe sofrido

do pelo demônio no seu processo de inserimento à cultura popular brasileira. Tendo perdido seu caráter de irreduzível maldade, transformando-se em elemento controlável para o bem ou para o mal, subornável inclusive com determinadas ofertas, pode ser respeitado e cultuado como também ser objeto de chacota. Aconteceu que ele se nivelou ao popular. Tendo se reencontrado em Exu Tiriri, Exu Arranca Toco, Exu Marabó, Exu Canta Galo, Exu Sete Encruzilhadas, Exu Tranca Rua etc., ele será tratado como todos eles, ora com respeito ora com displicência.

O DIABO NOS LIVROS

Existem vários autores que tratam da presença do Diabo entre os homens. Aqui, quatro livros que podem servir como introdução a uma análise mais profunda.

“O Diabo e a Terra de Santa Cruz”, de Laura de Mello e Souza

Lançado em 1986, analisa a forma pela qual o colonizador português olhava para as terras e o comportamento dos indígenas que aqui viviam depois da chegada de Pero na região mais tarde chamada Bahia.

O resultado dessa pesquisa – realizada na Arquidiocese de Mariana e Belo Horizonte, Arquivo Geral do Rio de Janeiro e no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, reúne documentos

sobre as viagens e a Inquisição portuguesas – é a descoberta de que a terra de Pindorama era, ao mesmo tempo, fascinante e aterrador, Paraíso e Inferno reunidos em um só país, para o imaginário português de então.

Paraíso porque a natureza era luxuriante, a quantidade de frutas, imensa e os indígenas não conheciam a noção de pecado, tão presente na mentalidade européia medieval; Inferno praticamente

pelos mesmos motivos: o calor intenso levava à indolência, a comida fácil e farta trazia a preguiça e os cultos religiosos dos índios – e dos escravos negros, mais tarde – eram contrários à fé cristã e, dessa forma, só poderiam ser influenciados pelo Diabo.

Por isso todo o cuidado que Lisboa tinha com os colonos que aqui viviam: eram e sempre foram vistos como um perigo para a Coroa, religiosa e politicamente.

“A Feitiçaria”, de Jean Palou

“A Feitiçaria”, de Jean Palou (tradução de Maria Júlia Goldwasser, 120 pp.) estuda o surgimento da feitiçaria na mentalidade européia medieval e mostra que, em geral, os rituais satânicos são uma forma de resistência da população camponesa daqueles tempos contra o catolicismo elitista, distante e moralista.

Para Palou, “a feitiçaria é fi-

lha da miséria, é a esperança dos revoltados, é o fruto da revolta, amaldiçoado pela Igreja e pelo Poder” e, segundo sua visão, há um elo claro entre essas práticas e os problemas sócioeconômicos da parcela mais pobre e abandonada da população. Prova disso é que não existe feitiçaria entre os mais ricos – ainda que esta regra histórica esteja sendo abandonada nos tempos modernos.

Palou mostra também que, junto com a prática da feitiçaria, surge a caça aos simpatizantes da demonologia e bruxaria – caça que chegou ao auge na Europa durante os anos que vão de 1450 a 1700, com 20.000 pessoas queimadas pela Inquisição. Esta caça começou a desaparecer, aponta Palou, “sobretudo depois que se começou a perseguir pessoas importantes e de alta posição”.



“Arquivos Secretos da Maçonaria e da Magia Negra”, de François Dumas

“Arquivos Secretos da Feitiçaria e da Magia Negra”, de François Ribadeau Dumas (tradução de M. Rodrigues Martins, Edições 70, 364 pp.) reúne uma longa série de confissões, processos e depoimentos de pessoas que, desde a Idade Média até princípios do século vinte, foram acusadas de “diabólicas” ou “tomadas pelo Diabo”.

Dumas publica vários *mea culpa* dos endemoninhados (aqueles que se comportam de uma forma considerada demoníaca) – o que, em geral, quer dizer de uma forma

não aprovada pela maioria. Entre os processos estão os de Joana d’Arc, que foi considerada bruxa e santa, de acordo com os interesses de quem a visse.

Outro processo também publicado por Dumas é o de Giles de Rais (1404-1440), barão e marechal, amigo de Joana, protetor das artes e grande herói francês da Guerra dos Cem Anos. Raí era homossexual com uma especial predileção por meninos, a quem raptava, seduzia e matava, muitas vezes banhando-se em san-

gue. Dessa forma foi considerado como “possuído pelo Demônio” e morto pela Inquisição.

Dumas, no entanto, não é muito claro em sua exposição: ele acredita na existência física do demônio – apesar de mostrar que por trás do Diabo existem interesses políticos, econômicos, sociais, morais – e lembra que existem até santos torturadores, como Raimundo Penaforte, Pedro de Verona e Pio V, mais uma triste notícia sobre a história da Igreja.

Satã, O Príncipe das Trevas

Em seu livro “Satã, o Príncipe das Trevas” (Mercuryo), a pesquisadora Joan O’Grady define três níveis nos quais o conceito de Diabo tem sido usado. Segundo ela, o “o primeiro poderia explicar a introdução, numa escala cosmológica, daquilo que nos parece representar a imperfeição e a con-

tradição do universo. O segundo poderia ser a descrição das forças do mal e as influências que parecem ter envolvido a humanidade desde o princípio. Isto numa escala menor, a escala humana, mas ainda considerado em nível universal.

O terceiro poderia ser a idéia

do Diabo da maneira como ele tem sido considerado pelos seres humanos, em sua própria experiência individual, e na de seus semelhantes, quando eles se acham conscientes da presença de uma tentação feroz e da sugestão perniciososa”.

“O Diabo”, de Giovanni Papini

Em seu livro Giovanni Papini desenvolveu as características da trindade infernal (que considerava perfeitamente constituída, partindo do fato de que o Diabo imita em tudo o seu criador). “Primeiro vem o rebelde”, diz o escritor, “a criatura que quer suplantar o Pai. Depois, o tentador, que convida o homem a imitar Deus, como fará um dia o Filho, e, finalmente, o colaborador, que, com o consentimento divino, atormenta os homens na terra e no inferno, constituindo-se nesse aspecto como a antítese do Espírito Santo (o consolador).”

Curiosamente, dessa exegese cristã do convertido Papini surge

uma interpretação do Diabo menos condenatória que a habitual e dogmática. Se o Diabo rebelde-se contra Deus, é para aproximar-se dos homens; se os estimula a imitá-lo, é para liberá-los da obediência; se os atormenta, é para que não esmoreçam em sua tarefa de “ser como

deuses”, tal como o próprio Criador o reconhece no Gênese.

A empresa pode parecer insensata e impossível, e talvez o seja; só que a imagem do Diabo que essa imitação promove já não é a do Inimigo, mas a do equivocado por amor.



“A Magia e o Diabo no século XX”, de Alberto Lyra

Para Alberto Lyra o diabo não existe. Demonstra que para a psicanálise o Diabo não é senão produto de nosso inconsciente. Segundo Jung, é um arquétipo do inconsciente coletivo, ou seja, uma manifestação simbólica, carregada de energia, tomando até aspectos antropomórficos, originárias da mente coletiva.

O Diabo preexiste ao homem no sentido de que surgiu com a humanidade, produto dela; porém, para as gerações que se sucederam, ele é uma manifestação preexistente. Não foi criado pela humanidade recente, e sim pelas primeiras criaturas humanas.

De acordo com a Igreja Católica, Satã é o grande opositor de Deus e preexiste à humanidade.

Já para o ocultismo, existem hierarquias diabólicas, pertencentes a linhas de evolução humana não humana, possivelmente terrestres ou extraterrestres. Existem hierarquias superiores e inferiores ao homem. Em suas manifestações tomam os mais variados aspectos, em conformidade com cada povo. Ou seja, a manifestação diabólica varia com o contexto cultural, segundo Lyra.

Para Lyra, quem criou o Diabo foi o homem, através de certas escolas. Para quem aceita uma criação não-humana do Diabo, por sua vez, isso terá que ser buscado nas cosmogêneses babilônicas, egípcias, hebraicas e, mais modernamente, em Helena Petrovna Blavatsky e outros.

Afirma que a influência do Diabo não diminuiu nestes séculos, mas é preciso um contexto cultural para que certas coisas se manifestem. Nos séculos XIV, XV, XVI e XVII houve isso, e os milhares de indivíduos lançados às fogueiras foram o resultado desse contexto cultural – embora uma minoria insignificante fosse possessa. Para o autor, no século XX houve poucos casos que evidenciam possessão diabólica, mas acredita que o Diabo realmente existe e ainda se manifesta através de graves perturbações comportamentais, associadas aos fenômenos físicos, telecinéticos, etc. Nesse sentido afirma que essa síndrome proporciona alguma evidência de possessão diabólica.

PROVÉRBIOS

Nos provérbios, que são a sabedoria e a filosofia do povo, o Diabo também não perdeu a vez de mostrar seu espírito maligno, sempre procurando uma maneira de interferir na vida das pessoas. Vamos encontrar muitos provérbios nos quais o Diabo atua como força do mal:

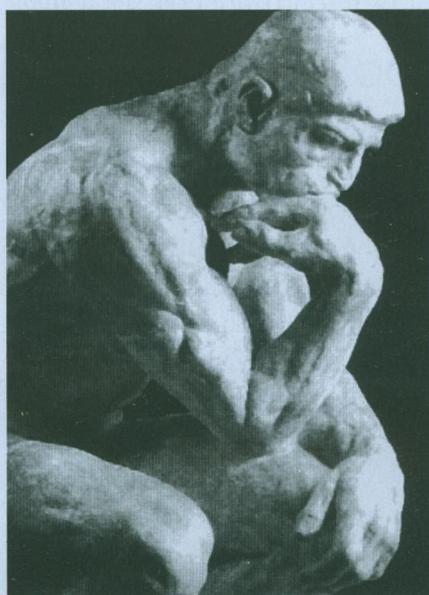
A cruz nos peitos e o Diabo nos feitos.

O homem é o fogo e a mulher é a pólvora (ou a palha), vem o Diabo e sopra.

Quando o Diabo reza é porque ele quer enganar.

Quando Deus dá a farinha, o Diabo rasga o saco.

Com mulher de bigode, nem o Diabo pode.



Cada um na sua casa e o Diabo não tem o que fazer.

A tristeza é o aboio de clamar o Diabo.

Mente vazia é a oficina do Diabo.

Quando um homem dança com uma mulher, o Diabo está no meio.

Muitos Diabos te levam botam uma alma no inferno.

Gente pobre é com quem o Diabo faz a feira.

O cão matou a mãe com uma espingarda sem cano, descarregada.

Mula estrela, mulher faceira e boi de aroeira, o Diabo que queira.

No cruzado do sovina, o Diabo tem pataca e meia.

A quem Deus não dá filhos, o Diabo dá sobrinhos.

Quem Diabos compra, Diabos vende.

Pra se ver o Diabo não é preciso sair de casa.



De quem o Diabo leva os dentes, Deus alarga a goela.

O homem é um canalha que traz a vara do Diabo entre as pernas.

Pra encontrar o Diabo não é preciso fazer madrugada.

Tão bom é o Diabo como a mãe do Diabo.

O Diabo atenta e o ferro entra.

O Diabo não faz graça para ninguém rir.

O Diabo quando tem fome come moscas.

O Diabo tem duas capas.

A gente trabalha pra Deus, pra si e para o Diabo.

A quem o Diabo torna uma vez, sempre fica o feito.

Quando o gosto é do defunto, o Diabo carrega o enterro.

Depois que o Diabo come chegam as colheres.

O Diabo ajuda a família toda.

O Diabo tanto buliu com a venta da mãe que a venta ficou torta.

Quem é burro pede a Deus que o mate e ao Diabo que o carregue.

Bom com Deus, bem com o Diabo.

O Diabo carregou uma trama.

O Diabo carregou uma tranca.

O Diabo cobre com uma capa e descobre com o rabo.

O Diabo cobre com uma capa e descobre com o chocalho.

O Diabo dá, o Diabo leva.

O Diabo, depois de velho, fez-se ermitão.

O Diabo é outro.

O Diabo é tendeiro e arma tendas sem dinheiro.

O Diabo não é tão feio como o pintam.

O Diabo não é tão feio como

se pinta.

O Diabo não é tão feio quanto parece.

O Diabo não é tão feio quanto se pinta.

O Diabo não é tão negro como o pintam.

O Diabo não quis nada com canalha.

O Diabo não quis nada com moços.

O Diabo não quis nada com rapazes.

O Diabo não tem sono.

O Diabo nem sempre está atrás da porta.

O Diabo sabe muito porque é velho.

O Diabo se fez homem de bem quando ficou velho.

O Diabo também reza.

mau. Deus vê o que o Diabo esconde.

A quem Deus não deu filhos, deu o Diabo sobrinhos.

Mulher de cabelo na venta nem o Diabo agüenta.

Nem sempre o Diabo é tão feio quanto o pintam.

Quem embarcou com o Diabo, tem de navegar com ele.

Quem com o Diabo se deita, com o Diabo amanhece.

Na arca do avarento, o Diabo jaz dentro.

Às vezes, atrás da cruz está o Diabo escondido.

Janeiro quente traz o Diabo no ventre.

O Diabo cobre com uma manta e descobre com um chocalho.

O Diabo tanto endireitou o na-



O Diabo tanto endireitou o nariz do filho, que afinal saiu torto.

O Diabo tece-as.

O Diabo tenta o homem, e o ocioso, o Diabo.

Quando o Diabo reza, enganar-te quer.

Quando o Diabo rezar, é porque te quer enganar.

Ao Diabo e à mulher nunca falta que fazer.

Deus é bom e o Diabo não é

riz do filho, que afinal saiu torto.

Quando se declara a guerra, o Diabo alarga o inferno.

Quando toma corpo o Diabo, se disfarça de advogado.

Dizem que dinheiro é coisa do Diabo; mas quiser ver o Diabo, ande sem dinheiro.

Cabeça vazia é oficina do Diabo

Atrás da cruz se esconde o Diabo.

O Diabo tem uma capa que encobre e outra que descobre.



O Diabo, quando não aparece, manda o secretário.

O que mulher quer, nem o Diabo dá jeito.

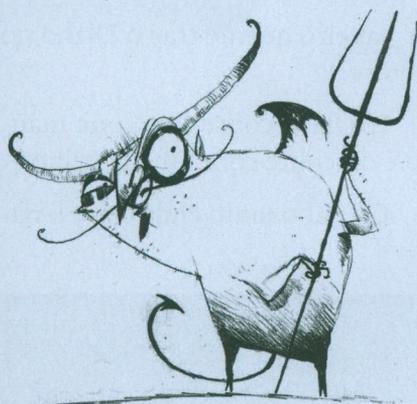
O homem é fogo, a mulher estopa, vem o Diabo e assopra.

Quem embarcou com o Diabo, tem de navegar com ele.

Quem com o Diabo se deita, com o Diabo amanhece.



LOCUÇÕES POPULARES



As locuções populares com relação ao Diabo, funcionam de duas formas: elogiando ou ferindo, per-

guntando ou respondendo, afirmando ou negando, dependendo apenas da entonação da voz ou de simples modificação que se fizer na construção da frase. “Eita, Diabo!”, por exemplo, é uma locução que se presta a diversas maneiras de dizê-la. “Eita, Diabo! Que mulher horrível!”, nega a beleza de uma mulher; “Eita, Diabo! Vá ser boa assim no inferno!”, já é um elogio.

Citaremos outras locuções populares envolvendo o Diabo: “acender uma vela a Deus e ou-

tra ao Diabo”; “agüentar o que o cão enjeitou no inferno”; “artes do Diabo”; “com o Diabo nos chifres”; “catinga de cão”; “dar um quarto ao Diabo”; “Deus fez e o Diabo juntou”; “Diabos te carreguem para as profundezas do inferno”; “do jeito que o Diabo gosta”; “é o cão”; “enquanto o Diabo esfrega um olho”; “escritinho o cão”; “fuzuê dos Diabos”; “homem do Diabo”; “Inferno de pedra”; “Mulher do Diabo”; “vá pros quintos dos infernos”; “viva Deus e morra o Diabo”.

O DIABO NA LITERATURA POPULAR

O Diabo é muito temido entre a população rural. Se não choveu, se a vaca morreu mordida de cobra, se alguém caiu do cavalo e quebrou a perna, quem leva a culpa é o Diabo.

Os poetas populares, nascidos e criados nos brejos, nas caatingas, nos pés de serra, retratam, em seus folhetos, toda a atmosfera religio-



sa que envolve o nosso homem da zona rural, onde a figura do Diabo é muito popular.

A literatura popular em verso, ao adaptar os contos tradicionais, transpôs para o universo do cordel o ciclo do Demônio logrado, segundo a classificação de Câmara Cascudo.

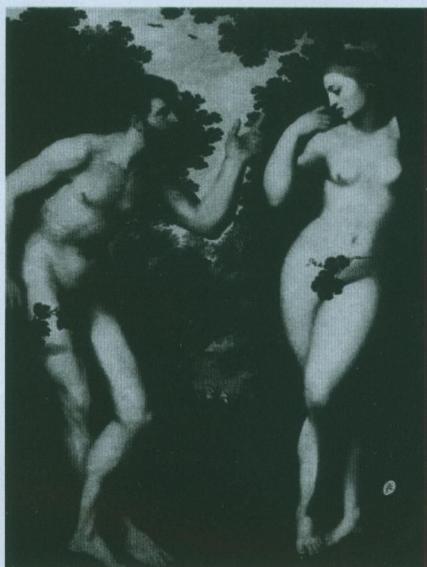
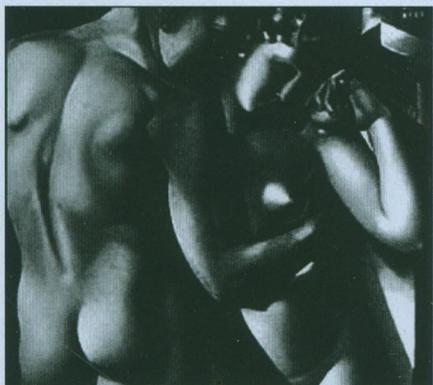
Diferentemente do Mefistófeles



do Fausto, de Goethe, o Demônio da novelística popular é invariavelmente ludibriado por aqueles com quem aposta. São exemplos salutareos as estórias “O Diabo trabalhando no roçado de São Pedro”, “O velho que enganou o Diabo” e “A mulher que enganou o Diabo”. São todos estes folhetos variações sobre o mesmo tema: após assinar o pacto, o demônio realiza, por determinação do pactuante, uma série determinada de tarefas, com relativa facilidade, pois sempre se vale do seu poder sobrenatural. Porém, na última tarefa, a astúcia do ser humano, com quem o Tinhoso firmou o pacto, acaba se sobressaindo; ora é uma cruz no roçado, ora a construção de uma igreja que selam a derrota do anjo maldito pela impossibilidade da aproximação do local ou artefato sagrado.

Há dois romances intitulados “A mulher que enganou o diabo”. Um de José da Costa Leite e outro de Manoel D’Almeida Filho. No folheto de José Costa Leite que conta a estória de “A Mulher que Enganou o Diabo”:

“No Estado da Bahia, morava um camponês chamado Otaviano Aragão, casado com Isabel Maria da Conceição e que viviam da caça e da pesca. Um dia, quando Otaviano estava pescando, avistou uma garrafa boiando, vazia, mas muito bem arrolhada: Ele avistou na garrafa, uma fumaça azulada, mas como a garrafa estava com-



pletamente tampada ele levou para casa, sem desconfiar de nada.

Quando chegou em casa, Otaviano botou a garrafa em cima de uma mesa e foi cuidar da vida. A mulher, arrumando a casa, encontrou a garrafa e, curiosa, passou a examiná-la. A garrafa estava cheia de uma fumaça azulada e dela saía uma voz pedindo para a mulher tirar a rolha. Quando Isabel destampou a garrafa, saiu de dentro dela um negro bem alto, bem feio, de uma perna só, que era o Diabo em figura de gente.

A mulher ficou apavorada, mas urdiu um plano e falou para o Diabo: _ Onde você estava? _ a mulher lhe perguntou.

Disse o negro: _ Na garrafa, e quando você destampou eu saí de dentro dela. Porém você não notou.

A mulher disse: _ Eu não creio! De você tenho até pena, pois você é muito grande, e a garrafa é pequena, e você não cabe dentro, e digo, ninguém me condena.

O negro disse: _ Eu juro, como estava dentro dela há mais de 200 anos. Que a minha morada é ela.

A mulher disse: _ Eu só creio quando você entrar nela. E se você não entrar, não venha enganar a mim. Se você estivesse dentro,

já tinha levado fim. Como é que você entra?

O negro disse: _ É assim. E para provar a ela o negro se transformou numa nuvem de fumaça e na garrafa entrou. A mulher botou a tampa, bateu a mão e tampou. E depois o marido chegou e começou a conversar com o Diabo, que lhe contou o acontecido, choroso e triste. A mulher tornou a abrir a garrafa com a condição de fazer uma aposta para ver quem nada-va mais. Mas, no dia da aposta, a mulher bolou outro plano. Levou um vestido de couro e outro igual, embrulhado. Na hora, botou um dos vestidos no outro lado da lagoa, numa touceira de bananeira sem que o Diabo visse, e tirou o vestido que usava e tibunçou dentro da água. Na vista do Diabo a mulher o seu vestido tirou e mergulhou na lagoa. O Diabo também mergulhou. A mulher saiu e vestiu o outro vestido e voltou. O Diabo mergulhou tanto que só faltou se acabar depois levantou a cabeça para não se afogar e viu o vestido dela ainda no mesmo lugar. Ele tornou a mergulhar e demorou outro tanto. Ao levantar a cabeça sentiu o maior espanto. O vestido da mulher estava no mesmo canto”.



Em “A mulher que enganou o Diabo”, de Manoel D’Almeida Filho, a personagem principal recebe o nome de Maria da Conceição, o que indiretamente a associa



à Virgem Maria, embora a associação não vá além disto. Seu marido, Pedro, é um preguiçoso inveterado, e, além de constantemente invocar o Diabo, almejando riqueza fácil, oferece, em troca, a sua alma e também a da esposa. Na ausência do marido, o Diabo aparece à mulher, personificado num negro, como o que desafiou Manuel Riachão na célebre peleja adaptada ao cordel por Leandro Gomes de Barros. A mulher assina o pacto, mas para que tal se concretize, exige a realização de sete tarefas, que, como foi exposto, com exceção da última, são cumpridas, são empecilhos. A argúcia da mulher fica evidente neste trecho, onde ela tenta tranquilizar o marido, já ciente de que seu chamado foi atendido:

Eu tenho certeza:
Mesmo sendo o Satanás,
Ele nunca vai fazer
O que nenhum diabo faz;
Assim, vai sair correndo
Para nos deixar em paz.

Dentre os pedidos estão uma casa “com cem mil metros quadrados/ cobertos com um só teto”, uma barragem “vinte léguas rio acima”, com todos os peixes, inclusive o tubarão (!) e a construção de uma cidade “com dez mil casas bem feitas” (note-se a preocupação social do poeta). Finalmente, a última tarefa, com que o Demônio é finalmente logrado:

Quero que construa agora
Uma Catedral Católica
Que caiba todos os santos
Da união apostólica
Para ser interpretada
A ciência parabólica.

Com altares para todos
Sendo maior o primeiro
Para celebrar o santo
Sacrifício do Cordeiro -
E na torre da matriz
Quero um bonito cruzeiro.

A evocação do sacrifício de Cristo, que para a teologia católica significou a derrota do anticristo, foi o golpe com que a mulher venceu o adversário. O Diabo, então, vai buscar na história sagrada a justificativa de sua derrota:

Desde o começo do mundo
Que a mulher só faz traição
A que começou foi Eva
Quando atraçouu Adão,
Seguindo o mesmo caminho,
Dalila enganou Sansão.

A favor da mulher, é preciso dizer que, antes de iludir Adão, ela foi iludida pela Serpente, posteriormente identificada com Sa-

tanás, para a consumação do ato de desobediência, que segundo o autor dos Gêneses, deu origem ao pecado original e, conseqüentemente, à humanidade. Antes de ser subjugado, há, por parte do Tisnado (o nome que “batiza” o Diabo na presente estória), uma referência maliciosa ao episódio da tentação. Referência que, aliás, em nada se assemelha com a visão popularizada pelo romantismo, a partir do Satã do Paraíso perdido, de Milton, que se apresenta como um herói vencido, mas não domado, lembrando o Prometeu imortalizado por Êsquilo há dois milênios e meio. Eis a referência:

Você vai mesmo em seu corpo
Pois em você tudo é meu,
Mas não pense que me engana
Com a maçã que escondeu;
Lá você tem que me dar
A fruta que Adão comeu.

A resposta da mulher vem no melhor estilo dos arremates dos cantadores nordestinos, um ver-



dadeiro xeque-mate:

Maria disse: Atrevido,
Sua intenção é medonha,
Porém você vai comer
Uma coisa que nem sonha:
A maçã da sua mãe,
Descarado sem vergonha!

Câmara Cascudo no intróito aos "Contos Tradicionais do Brasil", assim se refere ao ciclo do Demônio logrado analisado neste capítulo: "Todos os contos ou disputas em verso em que o Demônio intervêm perde a aposta e é derrotado" (p. 21). Ao contrário, a Morte aparece, na novelística popular, invencível, embora possa ser provisoriamente ludibriada, como no mito grego de Sísifo. Sobre o Ciclo da Morte, escreve ainda mestre Câmara Cas-



cudo: "Nos contos em que aparece o Diabo este perde infalivelmente. A Morte, ao contrário, vence, de balde o homem procura enganar, utilizando todos os recursos da inteligência, o pagamento fatal da dívida." (Idem, p. 22)

Antônio Teodoro dos Santos teve a ventura de versar, ou seja verter para a literatura de cordel, a estória de João Soldado, conhecida de muitos estudiosos e dos irmãos Grimm, que a recolheram na Alemanha, há cerca de dois séculos. Há uma versão mais antiga, O Diabo e o Soldado, escrita por Firmino Teixeira do Amaral e publicada pela extinta Editora Guajarina, de Belém do Pará. A versão de Teodoro situa o soldado na Palestina, onde, futuramente, ele irá se encontrar com o próprio Jesus Cristo.

Nas estórias que o povo gosta de contar nos momentos de lazer, o Diabo é uma constante. Vejamos esta: "A mulher, o menino e o Diabo": "O Diabo ia andando de estrada afora quando avistou, de longe, um magote de meninos, cada um com sua "Baladeira". Mais do que depressa, o Diabo, querendo bancar o sabido, subiu num pé de caju e se transformou num cupim. Os meninos se aproximaram do cajueiro e um deles falou: _ Já que não encontramos passarinhos, vamos ver quem acerta no cupim? Os meninos não tiveram dúvida. Descobriram o cupim do cajueiro e tome pedra. O Diabo, danado da vida, pulou de raiva e disse: _ Ah! Já vi que de menino e de mulher nem o Diabo se livra. E saiu correndo mundo afora."

Na literatura de cordel, o Diabo vive às voltas com demandas e pelejas das quais sai, invariavelmente, perdedor, a não ser que a outra parte seja um herege, ou adversário político do chefe ami-

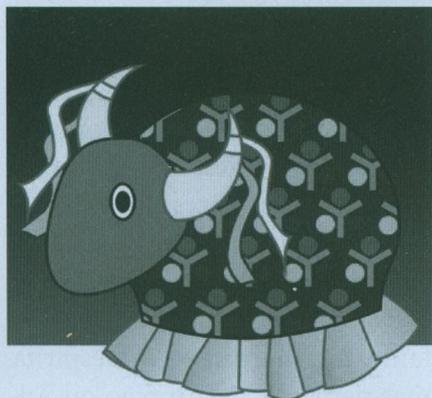


go do cantador ou um desses criminosos já julgados pela opinião popular e, às vezes, pela justiça comum. Digo às vezes porque nem sempre opinião popular e justiça comum se sintonizam. Assim, o Diabo pode vencer um protestante, um maçom ou um espírito, mas perder para Lampião ou Antônio Conselheiro.

Tratando-se de uma figura muito popular o Diabo não está apenas na linguagem popular, na literatura de cordel, nas estórias que o povo gosta de contar no seu lazer noturno nos alpendres das fazendas, nas bodegas das beiras de estrada ou nas praças públicas, na literatura regional. Na Adivinhação, o FUTE é a resposta para perguntas como essas: "O que é, o que é? É alto e baixo, gordo e magro, bonito e feio, preto e branco?" Ou, também: "Tenho chifres, rabo e tenho dentes; sou um cara quente. Quem sou, eu?"



O DIABO NOS FOLGUEDOS POPULARES



Nos folguedos populares que se perpetuam através da oralidade como manifestação dramática, o “capiroto” não podia deixar de ter sua participação, sob pena de dar motivo à separação do popular e da popularidade. Segundo Hermilo Borba Filho, “no bumba-meu-boi”, a certa altura do folguedo o “Morto-carregando-o-vivo” pede ao padre que dê um jeito para tirar o outro de suas costas; os dois discutem, o padre se zanga, começa a dizer nomes feios, entra o Diabo-Padre: _ Seu Capitão, eu não sou mais padre, não sou mais nada, sou o Diabo do Inferno!

O Diabo, de roupa vermelha,



as asas pretas, de rabo, botando fogo pela boca, carrega o “Morto-carregando-o-vivo”, o Padre e o Sacristão para as profundas dos infernos.”

Em 1814, Henry Koster, assistiu e registrou, em seu livro de viagens, a um fandango em Itamaracá, Pernambuco:

“A cena representa um navio no mar, que a princípio é impedido por ventos favoráveis, mas que para o fim da viagem vê-se em apuros. A causa do mau tempo custa a ser conhecida, mas, por fim, a tripulação descobre que o Diabo está no navio, sob a figura do gajeiro da mezeria. Os personagens representados são: o capitão, o piloto, o mestre de equipagem, o contramestre, o capelão, o ração e o vassoura, servindo estes dois últimos de palhaço, e finalmente, o gajeiro da gata, ou o Diabo, que

toma parte em vários quadros do folguedo.”

No mamulengo baiano, o Diabo tem o nome de “Compra-barrulho”. O “Diabo” e a “Morte”, afirma Hermilo Borba Filho, são “duas figuras indispensáveis em quase todas as pecinhas de mamulengueiros”.

O pastoril é outro folguedo popular ainda hoje representado em muitas cidades do Nordeste durante o mês de dezembro. Escreve Hermilo:

“O auto conta a história das pastoras a caminho de Belém, onde nasceu Jesus. Lusbel (O Diabo) lança mão de mil artimanhas para desviá-las do caminho e só não consegue seu intento por causa da intervenção de São Gabriel. Vendo frustrado o seu intento, Satanás convence Herodes a promover a degola dos inocentes, mas o tetrarca é castigado porque os soldados matam seu filho. Herodes se arrepende e é salvo, enquanto o Demônio e mais uma vez derrotado.”

OUTROS APELIDOS DO DIABO

O Diabo sempre foi uma palavra um tanto ou quanto misteriosa, diabólica mesmo. O jeito que houve foi inventar outras palavras para que o nome do Demônio, do Satanás, do Diabo, não fosse pronunciado. Começaram abrevian-



do o nome: “Dia”, “Demo”, “Satã”. Depois criaram corruptelas da palavra: “Diacho”, “Diangas”, “Dianho”.

Tem vários nomes: anhangá, anhangüera, anjo mau, arrenegado, atentado, azucrim, beçudo,



bicho, bicho-preto, bode-preto, bute, cafuçu, cafute, caneco, canheta, canhim, canhoto, cão, cão-miúdo, cão-tinroso, capa-verde, capeta, capete, capirocho, capiroto, careca, carocho, cifé, coisa, coisa-à-toa, coisa-má, coisa-ruim, contra, coxo, cujo, debo, decho (este, ant. e pop.), demo, diá, diablo, diacho, diale, dialho, diangas, dianho, diogo, droga, dubá, ele (ê), excomungado, exu, feio, figura, fute, futrico, galhardo, gato-

preto, grão-tinroso, indivíduo, inimigo, mafarrico ou manfarri-co, maioral, maldito, mal-encara-do, maligno ou malino, malvado, mau, mofento, mofino, moleque, moleque-do-surrão, não-sei-que-diga, nem-sei-que-diga, pé-cas-cudo, pé-de-cabra, pé-de-gancho, pé-de-pato, pé-de-peia, pedro-botelho, pêro-botelho (ê), porco, porco-sujo, que-diga, rabão, rabu-do, rapaz, romãozinho, sapucaio, sarnento, satânico, sujo, temba,

tendeiro, tentação, tentador, tição, tinroso, tinsnado, Zé Cotô.



REZAS E SIMPATIAS



Muitos acreditam que o Diabo pode ser domado, preso e amarrado com rezas e simpatias. Com pinga e fumo faz e desfaz malefícios, encarrega-se de empresas várias desde botar alguém em “camisa de madeira” ou apressar um casamento.

Pode cair em armadilhas; al-

guém toma um barbante e vai lhe dando três nós, dizendo: “Assim como eu dou um nó neste barbante eu amarro também o rabo do Diabo e não solto enquanto ele não fizer o que eu desejo.”

As rezas recitadas às avessas para lhe agradecer e o fazer “trabalhar”.

O DIABO CÔMICO

Inúmeras fontes, tanto eruditas como populares, associam o Diabo a diversas formas cômicas e fazem dele objeto de riso, além de sujeito que ri. Na literatura, na tradição oral, no teatro, nos folguedos, espetáculos e carnavais, é possível encontrar um curioso Diabo: não o mau e poderoso Satanás, eterno inimigo de Deus, mas um ser ambíguo, capaz de fazer o mal e o bem, dependendo das circunstâncias. Um personagem temido e querido ao mesmo tempo, e que não vive nas profundezas dos infernos, mas suficientemente próximo dos humanos até para se deixar enganar por eles.

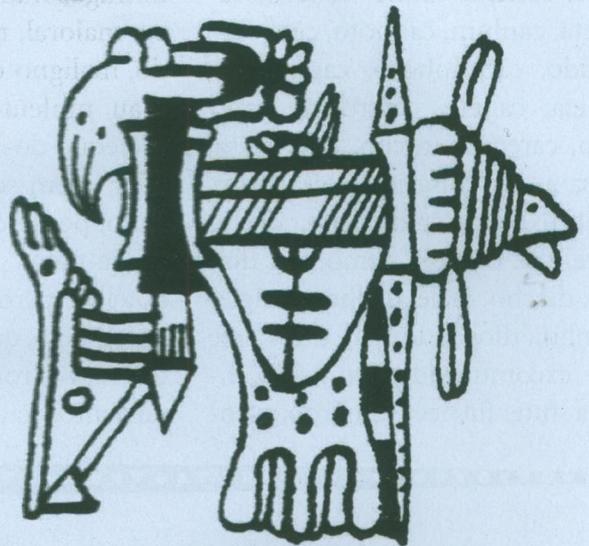
Trata-se aqui de um Diabo simpático, que desperta antes a alegria do que o medo. Ele vive nas fronteiras da religião e do folclore, das culturas erudita e popular, agregando em seu caráter contribuições de várias tradições. Engraçado, pregador de peças, bufo, às vezes abestalhado, é, sem dúvida, um Diabo cômico que poderá nos ajudar a compreender alguns aspectos do fenômeno do riso.

Embora a tradição cristã o presente como Inimigo de Deus e encarnação do Mal no mundo, o Diabo aparece como personagem cômico que suscita a simpatia dos humanos em diversas manifesta-



ções culturais, especialmente as populares. No folclore ou na arte e na grande literatura, mantém parentesco com o Diabo grotesco do qual nos fala Kolakowski:





“O Diabo grotesco aparece muitas vezes nos festejos natalinos. É um Demônio tolo e desajeitado, que se deixa ludibriar pelo camponês esperto. É às vezes provido de um ótimo senso de humor. A sua presença e o insucesso das suas imposturas reforçam os sentimentos positivos que temos de nós mesmos, diminuindo ou limitando o lado terrível do impiedoso sádico do Reino das Trevas” (KOLAKOWSKI, 1985, pp. 18-19).

Como personagem cômico, uma de suas principais qualidades, o pendor para fazer o mal, pode ser relativizada e posta a serviço da felicidade dos homens, ou por estes subjugada. Exemplo disso é encontrado nos contos do tipo “Diabo logrado” compilados por Câmara Cascudo.

Sobretudo nas formas cômicas da cultura popular, é possível encontrar inclusive bons Diabos, contrariando a tradição cristã que enfatiza o caráter maléfico do personagem, imaginado como “a personalização absoluta da maldade, atração para o mal, a inversão do bem, o avesso do direito”, como registra Câmara Cascudo no seu “Dicionário do folclore brasilei-

ro”. Um exemplo do bom Diabo é o chamado Famaliá, ou Familiar, demônio pretinho do folclore sertanejo, espécie de diabinho caseiro que se cria dentro de uma garrafa e serve fielmente ao dono, atendendo-lhe as ordens e satisfazendo seus desejos.

No nosso campo religioso, o personagem que mais se aproxima desse tipo cômico e diabólico é o Exu, entidade do panteão das religiões afro-brasileiras, muitas vezes confundido com o próprio Demônio cristão. O Exu é igualmente ambíguo, e suas noções de Bem e Mal são circunstanciais, conforme descreve Zaluar:

“Estes tanto protegem como se vingam e fazem o mal a pedido de alguém. Ninguém é por isso julgado, supliciado ou condenado à prisão. Os Exus não habitam o inferno nem são espíritos das trevas, são espíritos da rua que, por se encontrarem na Terra, servem de intermediários ou mensageiros dos orixás, que ficam no astral. Não discriminam ninguém: até mesmo prostitutas, bandidos e ladrões podem obter a sua proteção mediante pagamento. O Exu é sobretudo interesseiro. Na Umbanda não há lugar para o maniqueís-

mo moralista que caracterizou as religiões cristãs, nem para o terror espiritual dos sacerdotes do vodu” (ZALUAR, 1985, p. 134).

Como Exu, o Diabo cômico tende à mediação, permanecendo nas fronteiras entre o Bem e o Mal, a meio caminho entre a divindade e o humano. Ele é capaz de pregar peças nos santos e nos homens com igual facilidade e irreverência. Da mesma forma, não é tão absoluto que não possa ser enganado pelos homens, quando estes se mostram mais espertos e “diabólicos” do que o próprio Diabo.

Em relação a esse personagem, tudo indica que as crenças difundidas no folclore e na cultura popular mantêm relação estreita com as idéias sustentadas por teólogos e eruditos que o estudaram. Haveria de fato um intercâmbio contínuo entre os dois níveis de cultura, alimentando-se mutuamente com imagens e descrições do personagem. O resultado são versões recorrentes em diversos planos culturais, que se propagaram especialmente a partir do século 15, com a sistematização das idéias sobre o Diabo em tratados demonológicos “oficiais”.

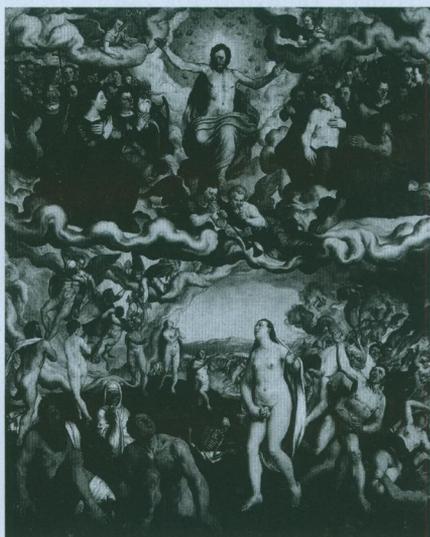


FORMAS APRESENTADAS PELO DIABO

A corporalidade do Diabo é afirmada em diversas concepções nas quais ele pode adquirir forma humana, animal ou monstruosa. Em qualquer dessas formas ambivalentes pode aparecer aos homens, para fazer-lhes o mal ou para alegrá-los, atendendo a seus desejos. A capacidade de mostrar-se com várias faces e máscaras é uma de suas características: ele não tem compromisso com a “verdade”, pois seu reino é a fantasia, a ilusão e a mentira. Assim, “enquanto a imagem de Deus é fixa (o bom e sábio Ancião), o capeta não teve limites na sua imaginação diabólica, quando resolvia aparecer e tentar os filhos de Eva”.

Deus sendo uno, ainda que na Santíssima Trindade (o Pai, o Filho e o Espírito Santo), o Diabo pode ser muitos, tendo abaixo de si toda uma hierarquia de demônios, cada qual podendo assumir muitas aparências.

No conto popular “Toca por pauta”, registrado por Câmara Cascudo ele é um fantasma e mostra-se belo e sedutor na figura de um homem branco, louro e de olhos azuis, que toca violão como ninguém, alegrando as viagens de um velho pescador, até que este descobre o seu segredo e o destrói, proferindo uma letra mágica. A temática da pauta, espécie de pacto com o Diabo, é recorrente na cultura popular dos sertões do Nordeste brasileiro, onde se crê que certos cantadores e violeiros



fazem trato com o Demônio para terem melhores desempenhos nos desafios de viola. O desafio é uma disputa entre cantadores que apresentam versos decorados e de improviso, num gênero musical típico da região, e que nos teria chegado, segundo Cascudo, de Portugal.

O Diabo também pode mostrar-se como mulher ou criança. Como fêmea, é donzela ou prostituta, bela ou feia, velha ou nova, que aparece para iludir e copular com os homens. Como criança, é um molequinho, negro como tição, ágil e esperto que gosta de se divertir pregando peças nos outros. O Saci-pererê é um exemplo do folclore brasileiro que pode ser associado a essa figura diabólica.

No entanto, a imagem mais comum parece ser a do demônio do sexo masculino, não o belo fantasma do conto citado acima, mas um homem feio, negro, com

aspecto meio humano, meio animal: o tipo tradicional do Diabo, negro, chifrado, com rabo.

É preciso atentar para a animalidade do personagem: tem chifres de bode, barba de cabra, mãos semelhantes a garras de ave de rapina, pés de ganso e relincha como um burro. Em outros relatos, afirma-se que ele pode tomar a forma pura de um animal, preferencialmente de um bode, serpente, sapo, lagarto, burro ou uma galinha com pintinhos, entre outras mais.

A crença de que em suas aparições o Diabo com frequência assume total ou parcialmente as formas de um bicho reforça a percepção da sua condição ambígua de ser que fica entre o humano e o animal. O aspecto grotesco dessa corporalidade semi-animal, semi-humana, também é um elemento importante na construção da sua figura. Deve-se levar em conta que os caracteres são aí combinados de forma esdrúxula, tornando-o um tanto feio e monstruoso. Partes do seu corpo, ou todo ele, podem ser exageradas em tamanhos desconhecidos ou arranjadas de formas aberrantes. A monstruosidade grotesca o retira de vez tanto do domínio dos homens como dos animais.

De onde vêm esses pêlos, essa longa cauda e principalmente os chifres?

A chave dessa contradição aparente nos é dada por Nietzsche,



que escreve em “Zaratustra”: “Os deuses quando morrem, morrem de mortes diversas.” Os deuses dos povos vizinhos de Israel tornaram-se demônios aos olhos de Moisés e dos profetas. Da mesma forma os deuses da Grécia e de Roma tornaram-se demônios para os primeiros cristãos. Todo deus vencido por um novo deus desce ao nível da divindade maléfica, infernal, enquanto seus adoradores obstinados se refugiam em cultos secretos, freqüentemente perseguidos, sempre caluniados.

Margareth Murray, em “O Deus das Feiticeiras”, provou que nossos ancestrais, antes da penetração cristã, rendiam um culto fervoroso a um deus peludo, chifrudo, que possuía uma cauda, Cernunnas. Era a divindade da fertilidade, portanto da sexualidade, que era homenageada durante as cerimônias orgíacas. Ao contrário do Deus cristão, evocava os prazeres terrestres, glorificava a mulher amorosa, exaltava a união sexual. Quando foi “superado” pelos convertedores cristãos, Cernunnas se transformou no Diabo; seus ritos, em sabá; e seus últimos fiéis, em feiticeiros e feiticeiras.

A eles foram atribuídos todos os males, todas as execrações. Mas os inquisidores sabiam a que se agarrar. O culto do “Diabo” era a seus olhos uma anti-religião, sempre pronta a retomar seu lugar no espírito e na sociologia dos “pagãos”, quer dizer dos camponeses (“Pagani”).

Percebe-se claramente a tática dos bispos. Para derrubar Cernunnas, primeiro faz-se dele o deus do mal. Diz-se que ele é horrível e odioso. Depois, para lhe dar o golpe de misericórdia, tornam-no ridículo, tolo, indecoroso.

O ser meio-humano e meio-bode que representa o Diabo

também surgiu relativamente pouco tempo, lembrando o deus Pã (divindade greco-latina que os pastores adoravam) e os sátiros que participavam dos rituais de Dionísio, na Grécia Antiga. Pã (Lupércio ou Lupercus em Roma) era o deus dos bosques, dos campos, dos rebanhos e dos pastores na mitologia grega. Residia em grutas e vagava pelos vales e pelas montanhas, caçando ou dançando com as ninfas. Era representado com orelhas, chifres e pernas de bode. Amante da música, trazia sempre consigo uma flauta. Era temido por todos aqueles que necessitavam atravessar as florestas à noite, pois as trevas e a solidão da travessia os predispunham a pavores súbitos, desprovidos de qualquer causa aparente e que eram atribuídos à Pã; daí o nome de terror pânico ou simplesmente pânico.

Os latinos chamavam-no também de Fauno e Silvano. Tornou-se símbolo do mundo pagão por ser associado à natureza e simbolizar o universo. Em Roma, chamado de Lupércio, era o deus dos pastores e de seu festival, celebrado no aniversário da fundação de seu templo, denominado de Lupercália, nos dias 15, 16 e 17 de fevereiro. Pã foi associado com a caverna onde Rômulo e Remo foram amamentados por uma loba. Os sacerdotes que o cultuavam vestiam-se de pele de bode.

Nos últimos dias de Roma, os lobos ferozes vagavam próximos às casas. Os romanos então convidavam Lupercus para manter os lobos afastados.

Pã apaixonou-se pela ninfa Arcadiana Syrinx, que rejeitou com desdém o seu amor, recusando-se a aceitá-lo como seu amante pelo facto de ele não ser nem homem, nem bode.

Pan então perseguiu-a, mas Syrinx, ao chegar à margem do rio Ladon e vendo que já não tinha possibilidade de fuga, pediu às ninfas dos rios, as náíades, que mudassem a sua forma. Estas, ouvindo as suas preces, atendem o seu pedido a transformando em bambu. Quando Pan a alcançou e a quis agarrar, não havia nada, excepto o bambu e o som que o ar produzia ao atravessá-lo.

Quando, ao ouvir este som, Pã ficou encantado, e resolveu então juntar bambus de diferentes tamanhos, inventando um instrumento musical ao qual chamou syrinx, em honra à ninfa. Este instrumento musical é conhecido mais pelo nome de Flauta de Pã, em honra ao próprio deus.



Ainda mais recentemente, o Diabo adquiriu asas de morcego – jamais de uma ave, claro, para não ser confundido com o Espírito Santo -, já que era um arcanjo decaído e tinha direito a voar.





Uma das versões mais fixadas no inconsciente coletivo é a que mostra o Diabo com aparência de bode, animal sacrificado em rituais pagãos e ligado a Pã, o deus grego relacionado ao sexo e à natureza. Diabo no tarô de Marselha.

Por trás dessas formas animais não existe apenas a sobrevivência de cultos milenares e deuses pagãos. Há, aparentemente, a persistência de uma idéia, de uma vontade, de um sonho antigo dos seres humanos: o de comungar com a natureza, com o ambiente natural à nossa volta e com o que há de mais animal e inconsciente em nós mesmos.

A idéia judaico-cristã de que o corpo humano é um antro de pecados, de sujeira e vileza e que as paixões aviltam o homem é exatamente contrária à valorização que as culturas mais antigas davam ao homem como um todo: o corpo especialmente e suas necessidades, fragilidades, desejos.

O monoteísmo judeu e cristão é, de fato, excessivamente intelectualizado, e nele a aproximação da divindade se dá através de sermões, livros, rituais sofisticados e cheios de simbolismo – enquanto no paganismo busca-se uma relação quase carnavalesca, real, festiva com essa divindade e com o

que há de animal em cada um dos fiéis.

Essa busca tão humana do que existe natural e animal em si aparentemente assusta no mais alto grau as instituições religiosas, especialmente no cristianismo. Todo comportamento inesperado e diverso daquele aprovado pela maioria – seja ele religioso, político, ideológico, sexual ou qualquer tipo de orgulho pessoal ou de revolta contra o *status quo* – foi visto desde a Idade Média como coisa do Diabo.

Ora, se o Diabo se instalou na Europa cristã desde a mais antiga Idade Média, a Igreja armou-se rapidamente para caçar, apontar e destruir aqueles que estavam sob a influência do rei do mal – sem que os acusados tivessem direito à defesa, nem sequer soubessem do que estavam sendo acusados, sofressem as mais atrozes torturas e por fim fossem queimados vivos.



Deuses pagãos se transformaram no Diabo; seus cultos, em sábás; seus fiéis, em bruxas.

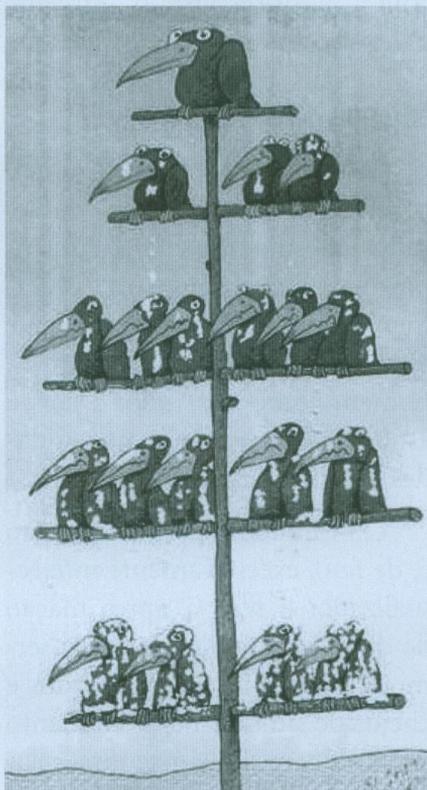


HIERARQUIA DOS DIABOS

Alguns afirmam que os demônios são milhares. O minucioso demonólogo alemão Wierius – contemporâneo do doutor Fausto e, como este, discípulo do sutil abade Trithemius – foi o primeiro a estabelecer uma detalhada organização das hierarquias infernais e chegou a calcular em 6.666 o número de demônios (sem dúvida, tomando essa arbitrária precisão de uma das visões de João, no Apocalipse).

Outros chegaram até a escrever sua organização, afirmando que o Inferno está no centro da Terra, dividido em nove andares em forma de funil. Em cada andar, de acordo com as gravidades de seus pecados, estão as almas destinadas às penas eternas. No fundo do funil, o Diabo. As almas que ainda têm chance de alcançar a redenção ficam no Purgatório, acima dos nove andares e mais perto da superfície da Terra.

No Inferno o regime é monárquico e o rei é Belzebu, que venceu Lúcifer numa disputa logo depois da queda. Abaixo de Belzebu 72 chefes – príncipes, duques, marqueses, condes. Sob o comando dos 72 chefes, o exército infernal, com 6.666 legiões, cada uma delas constituída de 6.666 demônios, num total de 44.435.556 combatentes. E cada um destes demônios ainda tem sob suas ordens muitos subalternos. Na mansão infernal existem também muitos funcionários, embaixadores, secretários, tesoureiros, arquivistas, chefes de polícia, mestres de cerimônias, diretores de espetáculos, cama-



reiros, cozinheiros, despenseiros, padeiros.

Vários séculos depois, George Bloveck afirmou que eles igualavam o próprio número dos homens, criando uma contrafigura do Anjo da Guarda que fazia fortuna na imaginação popular.



Por um processo antinômico típico das grandes religiões (e ainda se poderia dizer de todo o chamado “pensamento primitivo”), todas as coisas devem ter o seu oposto e toda força provoca uma reação que se lhe oponha. Assim, do dogma, cristão da encarnação do Verbo, do Filho de Deus aceitando e padecendo vida terrena, surgiu a proverbial e impetuosa lenda do Anticristo.

Entre os primeiros cristãos, convencidos como estavam da proximidade do fim mundo, o reinado do Anticristo foi se tornando uma imperiosa necessidade, quase um sinal de que se achava bastante próximo o regresso do Senhor (a denominada “parusia” – do grego “parousia”: aparição, presença ou segunda encarnação do Cristo para presidir ao Juízo Final), que se manifestaria desta vez em toda a sua glória e aniquilaria para sempre o Inimigo.

Citaremos alguns membros da hierarquia diabólica:

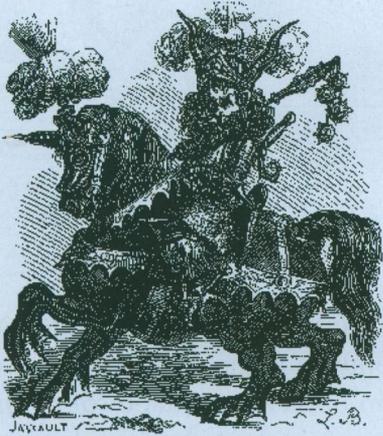
Abalan – Príncipe do inferno, que pertence à corte e ao séquito de Paymon (Vide esta palavra).



Alastor – Demônio severo, executor supremo das sentenças



do monarca infernal. Desempenha as funções de Nemesis. Zoroastro o denomina o Verdugo. Orígenes diz que é o mesmo que Azael; outros o confundem com o anjo exterminador. Os antigos chamavam alastores aos gênios maléficos, e Plutarco disse que Cícero, por ódio contra Augusto, teve o projeto de se suicidar perto da casa deste príncipe, a fim de se converter em seu alastor.



Alocer – Poderoso demônio, grão-duque dos infernos. Dizem que aparece vestido de cavaleiro sobre um cavalo enorme, com a cara inflamada, os olhos soltando chispas e fala com gravidade. Ensina os segredos da astronomia e das artes liberais, dominando 36 legiões.

Amy – Um dos príncipes da monarquia infernal. Aparece no inferno rodeado de chamas, mas na terra se apresenta sob a forma humana ensinando os segredos da astrologia e das artes liberais, proporcionando bons criados, e descobrindo para seus amigos os tesouros guardados pelos demônios. Manda em 36 legiões e deve esperar duzentos mil anos para voltar ao céu, onde ocupará o sétimo trono.

Amoymon ou Amaimon – Um dos quatro reis do inferno que governa a parte oriental. Deve ser invocado das nove às doze, e das três às seis da tarde. Asmodeu é o seu lugar-tenente e o primeiro príncipe dos seus Estados.

Chodar – Nome que os negromânticos dão ao demônio belial, dominador da parte oriental e que tem sob suas ordens os diabos causadores de fenômenos prodigiosos.

Balan – Potência infernal que, ao ser invocada, responde sobre todas as coisas do passado e do futuro. Também pode tornar os seus protegidos invisíveis, se estes se submetem incondicionalmente ao seu poder infernal.

Caym – Demônio de categoria superior que aparece entre as chamas armado com uma espada. Distingue-se por seus talentos de polemista e sua extraordinária capacidade para confundir o homem de maior saber com sofismas e outros artificios. Comanda 30 legiões infernais.

Causatan – Demônio da pior espécie.



Dagon – Demônio de segunda ordem na categoria infernal. Foi uma deidade dos filisteus que o adoraram sob a forma de um busto de pessoa, continuado por uma grande cauda de peixe.

Diabos – Conjunto ou reunião dos seres infernais que moram no inferno sob a dependência e o poder de satanás. O inferno está dividido como uma grande monarquia em classes diferentes de diabos que, segundo sua espécie e importância, exercem poderes maiores ou menores. Ali existem príncipes, grão-duques, ministros, generais, marqueses, condes etc., e às ordens destas personalidades

os demonólogos fazem figurar hostes formidáveis de diabos. A escala ou hierarquia dos poderes diabólicos está formada do seguinte modo (aceitando o parecer mais comum, entre os autores que tratam destas coisas, curiosa síntese das descrições que encontramos no notável grimório intitulado “Tratado Complexo de Verdadeira Magia”): Lúcifer, imperador; belzebu, príncipe; astaroth, grão-duque. Estes são os espíritos do reino infernal. Depois vêm os espíritos superiores que estão subordinados aos anteriores e que são: lucifugo, primeiro-ministro; satanachia, grão-general; agliareth, grão-general; fleureti, tenente-general; sargatanas, brigadeiro; nebiros, marechal-de-campo.



Os seis grandes espíritos que acabamos de mencionar dirigem toda a potência infernal que foi dada aos outros espíritos. E mesmo que ainda existam milhões de espíritos subordinados aos precedentes, seria inútil enumerá-los porque não se podem evocar sem a ordem dos espíritos superiores que os mantêm como escravos. Assim, fazendo-se o pacto com um dos seus principais, não deve importar qual seja o espírito que os sirva.





Eurinome – Demônio de categoria elevada, também chamado de “príncipe da morte” por vários demonólogos. Apresenta uma figura com um aspecto horroroso, repugnante, e com uma forma humana monstruosa, com o corpo todo coberto de chagas. A expressão do seu rosto é feroz, contraído pelo ódio inextinguível, mostrando duas fileiras de dentes enormes e agudos. Gosta de carne morta e podre, que come com uma avidez bestial.

Farias – Demônio de grande poder e prestígio infernal. Aparece sob a forma de um homem montado a cavalo, brandindo uma lança aguda. Conhece as virtudes das plantas, das pedras preciosas, e faz com que seus protegidos tenham o dom da invisibilidade e os de encontrar tesouros escondidos.

Forneus – Demônio cuja missão especial é a de proteger fielmente aqueles que conquistam a sua amizade por meio de um pacto. Fiel cumpridor do que promete, nunca engana a quem evoca, pedindo em troca apenas obediência durante a vida, deixando a alma livre, quando chega o momento da morte.

Furfur – Conde infernal. Aparece com frequência em forma de anjo, e os demonólogos afirmam que lhe agrada manter em harmonia os casamentos colocados sob sua proteção.

Gaziel – Demônio que guarda os tesouros escondidos sob a terra e que os transporta de um lugar para outro, quando correm o risco de serem descobertos. Assusta a quem o atrapalha, com formidáveis estrondos de sinos invisíveis, e possui a faculdade de fazer que os mortos revivam por curtos espaços de tempo.

Gamygin – Demônio de condição e hierarquia importantes. Acode com facilidade às evocações e igualmente se dobra ao mando do exorcista. Sua especialidade é a de fazer aparecer diante do evocador as almas afogadas e as que estão em certos círculos ou departamentos do purgatório. Manda em 30 legiões infernais.

Goap – Rei dos Demônios do meio-dia. Pode-se invocá-lo nas horas que transcorrem desde as três até ao meio-dia, e das nove à meia-noite.

Gomory – Poderoso personagem do inferno, que aparece sob a forma de uma mulher, tendo na cabeça uma coroa ducal. Conhece todas as coisas do passado, do presente e do futuro, e o modo de apoderar-se das riquezas escondidas e encantadas. Manda em 27 legiões de diabos.

Gorson – Demônio da demarcação do Ocidente. Deve ser evocado pela manhã, às nove horas.

Gusoyn – Demônio de grande poder que pode ser evocado para descobrir tudo o que se refere a coisas passadas, presentes e futuras. Tem sob suas ordens 45 legiões de diabos e é preciso muita precaução ao evocá-lo, pois ao menor descuido provocará a morte de quem o chama.

Haagenti – Grande presidente dos infernos. Aparece sob a forma de touro e, às vezes, de um dragão pavoroso. Sob a sua direção, o

magos chegará a conhecer os maiores segredos do hermetismo e da goécia, e o processo mais seguro para converter qualquer metal no ouro mais puro. O pacto com Haagenti é quase irremissível. Manda em 36 legiões.



Haboryn – Demônio dos incêndios. Aparece sob a forma de um homem, montado sobre uma serpente de três cabeças: uma de réptil, outra de pessoa e uma de gato. Traz na mão uma tocha inextinguível com a qual faz arder até as pedras. É obedecido por 26 legiões de diabos.

Hecate – Deusa infernal do paganismo convertida em terrível diaba e protetora das bruxas, recebendo suas malditas homenagens nos caminhos desertos e nas encruzilhadas, sob a luz do luar. Deve ser invocada para toda ação goética inspirada no desejo de vingança.

Incubos – Demônios que seduziam as mulheres. O espasmo venéreo determinava uma forte ejaculação seminal, que a mulher sentia como se penetrasse em seu interior uma violenta corrente de gelo. Esse demônio também teria uma potência extraordinária, que lhe permitia repetir o coito um ilimitado número de vezes.

Kalifax – Espírito infernal, citado em muitas evocações infernais.



Legiões – Segundo a conta escrita pelos demonógrafos, existem nos infernos 6.666 legiões de demônios. Cada legião compõe-se de outros tantos diabos. E todos eles têm como chefes 72 dignitários infernais. Alguns demonólogos acham pouco esta cifra e elevam-na mais ainda.



Lilith – Wierus e outros demonógrafos fazem de Lilith a rainha dos demônios súcubos, sendo que seus servidores são especializados em matar os recém-nascidos.

Litania Infernal – Lúcifer; Belzebu; Leviathan Baal, príncipe dos serafins; Baalberith; príncipe dos querubins; Astaroth, príncipe dos tronos; Rosierh, príncipe das dominações; Carreau, príncipe das potências; Belias, príncipe das virtudes; Perrier, príncipe dos principados; Olivier, príncipe dos arcanjos; Junier, príncipe dos anjos, Sarcueil; Fume-Bouche; Pierre-de-Feu; Carnivean; Terrier; Contelliêr; Candelier; Behemoth; Oilette; Bephegor; Sabathan; Garandier; Dolers; Pierre-Fort; Axa-phat; Prisiêr, Kakos, Lucsme.



Lúcifer – Ainda que esta seja uma denominação equivalente a Satanás, os demonólogos distinguem ambas as personalidades do abismo e lhe atribuem as funções subordinadas de grande ministro da justiça ou de juiz supremo na hierarquia das dignidades infernais. Exerce sua soberania na Europa e na Ásia, e alguns livros de magia supõem que ele seja o espírito que reina no Oriente.

Maimon – Chefe da nona hierarquia de diabos e capitão de todos os que se distinguem como tentadores, insidiosos e preparadores de emboscadas onde exista a boa-fé dos seres humanos. Giram em volta das pessoas boas, tentando anular as boas inspirações que as guiem.



Malfas – Grande presidente da corte infernal que costuma apresentar-se sob a forma humana, sua voz tem um timbre particular muito desagradável. Favorece as empresas militares e essa é a sua especialidade. Manda em 40 legiões de demônios.

Mammon – Demônio da avareza. Domina os subterrâneos e protege os pesquisadores de tesouros.

Mandrágores – Nome de certos demônios familiares que parecem propícios em dar ao homem uma franca proteção contra as mentiras e os enganos.



Marbas - Grande presidente infernal. Aparece sob a forma de um leão furioso. Quando está frente a frente com o exorcizador toma a forma humana. Descobre as coisas ocultas, envia as doenças, inspira o saber das artes mecânicas e metamorfoseia o homem de vários modos. Manda em 36 legiões de diabos.

Marca do Diabo – Supunha-se que os bruxos, de vez que tivessem feito um juramento de submissão ao demônio, eram marcados em qualquer parte do corpo com um sinal indelével e invisível para os leigos, sendo notado apenas pela sua falta de sensibilidade. Como consequência, quando se queria condenar algum suspeito de bruxaria, picavam todo o seu corpo em busca de uma região indolor. Tão logo era encontrado o ponto insensível sua condenação à fogueira estava garantida.



Marquês Infernal – Esta categoria diabólica significa superioridade de poder sobre os condes da própria espécie infernal. O marquês deve ser invocado nas horas que transcorrem desde as três da tarde até o fim do anoitecer.

Marthym – Duque dos infernos que aparece sob forma humana muito robusta e possuidor de uma longa cauda. Conhece as virtudes misteriosas das pedras e das plantas; tem ainda o poder de transportar seus protegidos a distâncias enormes com a rapidez do raio. Tem 36 legiões sob seu domínio.

Minoson – Demônio que desperta a ganância em todos os tipos de jogos. Depende de Hael, personagem de influência muito grande nos antros infernais.

Morax – Conde e capitão dos infernos que aparece sob a forma de um touro negro e vermelho. Revela ao homem os mistérios da astronomia e de todas as artes liberais. Também costuma tomar a forma humana. Manda em 36 legiões.

Murmur – Grande duque e conde infernal, demônio da música. Aparece sob a forma de um homem armado, cavalgando um abutre e acompanhando por uma multidão de trombetas. Os sons das cornetas e dos clarins o precedem.



Nergal – Demônio de segunda ordem, chefe da polícia infernal e primeiro espião de belzebu. Nergal foi uma deidade adorada pelos assírios, caindo mais tarde no esquecimento e lançada ao inferno pelo

catolicismo para tornar-se um demônio de pouca importância.

Oray – Grande marquês da corte infernal que se apresenta sob a forma de um arqueiro. Sua faculdade é a de animar os combates, aumentando sua mortalidade. Combate trinta legiões de demônios.

Orias – Demônio dos astrólogos e adivinhos. Possui a categoria de marquês infernal. Apresenta-se sob a forma de um leão furioso posto sobre um cavalo que tem uma serpente enrolada no pescoço. Revela os segredos da astrologia. Manda em 30 legiões.



Orobas – Grande príncipe dos infernos. Aparece sob a forma de cavalo e de homem. Responde sobre as coisas ignoradas do passado, do presente e do futuro. Concede dignidades e empregos. É por exceção um demônio inimigo da mentira e manda em 20 legiões.

Otis – Grande presidente dos infernos que se apresenta sob a forma de uma terrível víbora. Se toma a forma humana, aparece com dois chifres enormes e com uma grande faca na mão. Tem 60 legiões sob seu mando.

Oze – Grande presidente dos infernos. Toma o aspecto de homem e também de leopardo. Faz com que seus adeptos sejam felizes nas artes liberais. Responde a todas as perguntas de caráter divi-

no e abstrato. Metamorfoseia o ser humano e transtorna o seu juízo fazendo-o delirar grandezas. A denominação mágica de Oze dura somente uma hora cada dia.



Paymon – Um dos reis do inferno. Aparece sob a forma de um homem gigantesco montado num dromedário, com cara de mulher, levando na cabeça uma coroa enfeitada com pedrarias. Comanda duzentas legiões.

Phênix ou Fênix – Grande marquês infernal que aparecia sob a forma de pássaro. Também costuma tomar a forma humana. É competentíssimo em ciências e poesia. Comanda 20 legiões, e depois de passado o seu tempo de provas voltará ao céu.

Philotanus – Demônio de categoria inferior submetido a Belial. Tem uma predileção especial pelas obras de bruxaria protegendo os feiticeiros contra as pessoas que os perseguem.

Pucel – Poderoso grão-duque do inferno que aparece sob a forma de um anjo de cor sombria. Competem-lhe todas as coisas referentes às ciências ocultas, à geometria e às artes liberais. Comanda 48 legiões.

Rimmon – Demônio de categoria infernal. Atribuíam-lhe o poder de curar a lepra, e sem dúvida é uma das tantas deidades do paganismo que a igreja transformou em Diabo.



Rouwe – Marquês e conde infernal que aparece sob a forma monstruosa. Concede aos seus adeptos o conhecimento das línguas. Comanda 19 legiões.

Scox – Duque e grande marquês infernal que aparece sob a forma de uma cegonha. Dedicase a fazer com que desapareçam das casas o dinheiro e outras coisas de valor.



Súcubos – Forma feminina dos demônios que estabelecem relações carnavais com os seres humanos (Vide Íncubos).

Tap – Grande presidente dos antrós infernais. Aparece sob a forma humana. Goza de grande prestígio entre os necromânticos e protege as obras mais tenebrosas da magia. Comanda 60 legiões de diabos.

Thamur – Demônio de segunda ordem, cujo domínio é o fogo, dentro do qual mora. Os bruxos o invocam para toda obra de ódio, de destruição e de morte.

Uko – Demônio de classe inferior que sempre aparece rodeado de chances. Os demonólogos afirmam que seu poder e importância infernal são muito pouco importantes.

Uphir – Demônio muito competente em toda coisa em que intervenha a preparação de algum

composto químico. Os bruxos médicos se aconselham com ele.



Verdelet – Demônio de segunda ordem que preside as cerimônias infernais das reuniões dos bruxos franceses. Também era conhecido pelos nomes de Solibois, Vert-Soli, Saute-Buisson e Maitre Persil.



Volac – Grande presidente dos infernos, que aparece sob a forma de uma criança com asas de anjo e montado num dragão de duas cabeças. Comanda 30 legiões.

Xaphan – Demônio de segunda categoria, a quem os demonólogos atribuem o papel de atizar constantemente o fogo das caldeiras infernais. Parece que os bruxos o invocavam frequentemente nas reuniões sabáticas.

Xerbeth – Demônio instigador dos prodígios imaginários, dos contos maravilhosos e das mentiras supersticiosas.

Zaebos – Grande conde infernal. Apresenta-se sob a figura de um guerreiro montado em um

crocodilo. Atende com presteza o evocador, obedecendo a suas ordens com muita solicitude.

Zepar – Grande duque infernal, que aparece sob a forma de um imponente guerreiro. Fomenta nos humanos toda espécie de más paixões. Comanda 28 legiões.



O que tem pés de pato é Belzebu. O de cabeça de burro é Moloc. São dois dos demônios mais famosos e eram representados no século dezanove sentados em seus tronos. Na Idade Média acreditava-se que Lúcifer, o anjo rebelde, perdera o inferno numa luta contra Belzebu.



O de cara de peixe e tridente na mão é Leviatã, citado na Bíblia. Behemot, o elefante também aparece no Antigo Testamento. Os demônios mudam de nome ou forma. Mas alguns têm grande vitalidade e atravessam os séculos como dois.



CONCLUSÃO

Embora muitos casos estranhos sejam relatados por pessoas que freqüentaram rituais demoníacos e afirmam ter tido contato com esse ser das trevas, temos a esperança de que em breve, com o avanço científico, essa dúvida será totalmente eliminada de nossas mentes; o mal serve apenas como desculpa para muitos indivíduos que não querem assumir sua ver-

dadeira personalidade e se apóiam no sobrenatural para disfarçar suas falhas, medos, imperfeições.

Não há muita diferença entre o homem medieval que se dirigia à praça pública para assistir a uma execução e aquele que, a milhões de quilômetros, empunhava sua caneca de cerveja enquanto apreciava na TV a Guerra do Golfo, a



primeira superprodução de massacre computadorizada.

Bibliografia

CASCUDO, Luís da Câmara. "Contos tradicionais do Brasil". Rio de Janeiro: Ediouro, 2000a.

_____. "Dicionário do folclore brasileiro". Rio de Janeiro: Ediouro, 2000b.

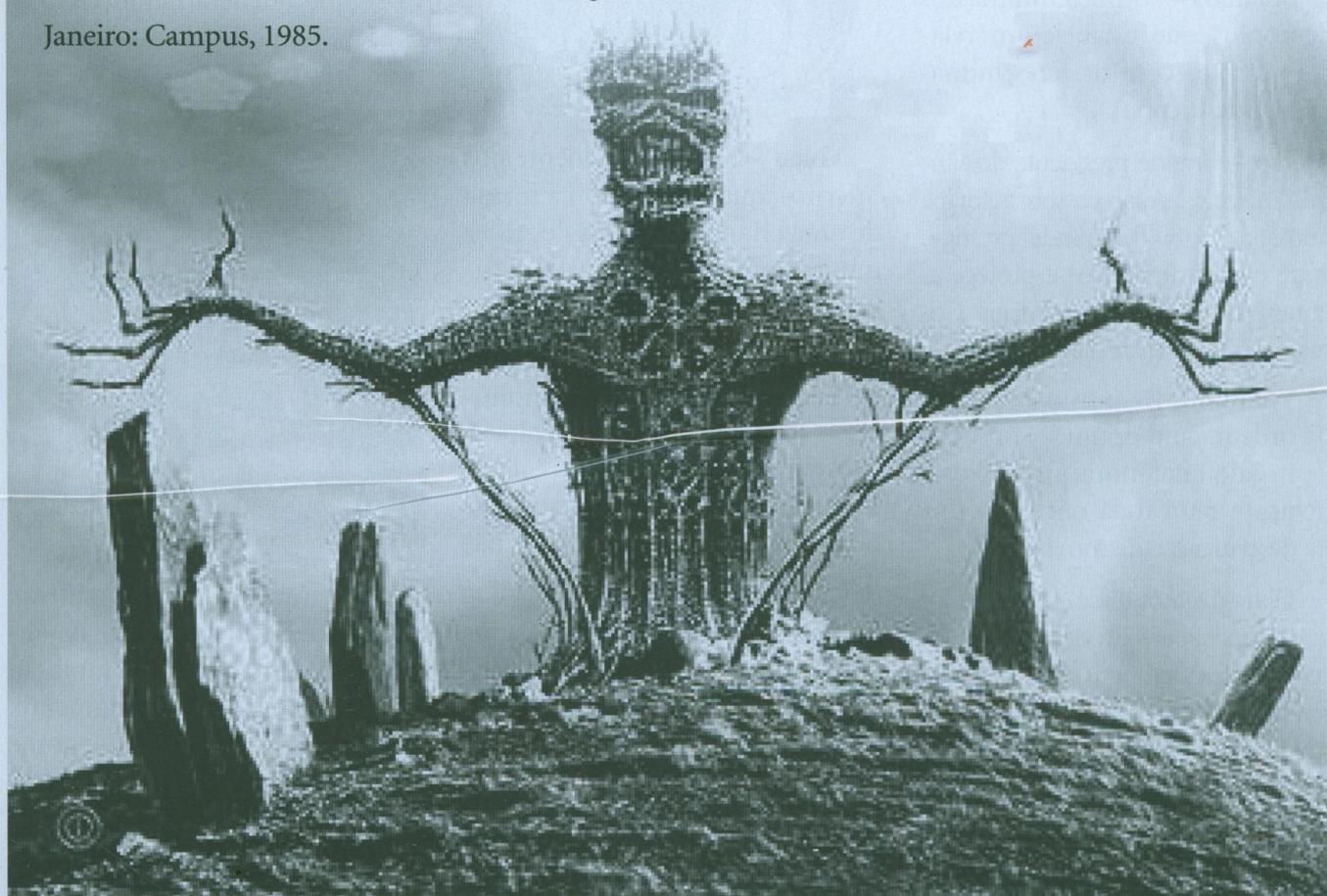
HAURÉLIO, Marco. "O ciclo do Demônio logrado na literatura de cordel." Usina de Letras.

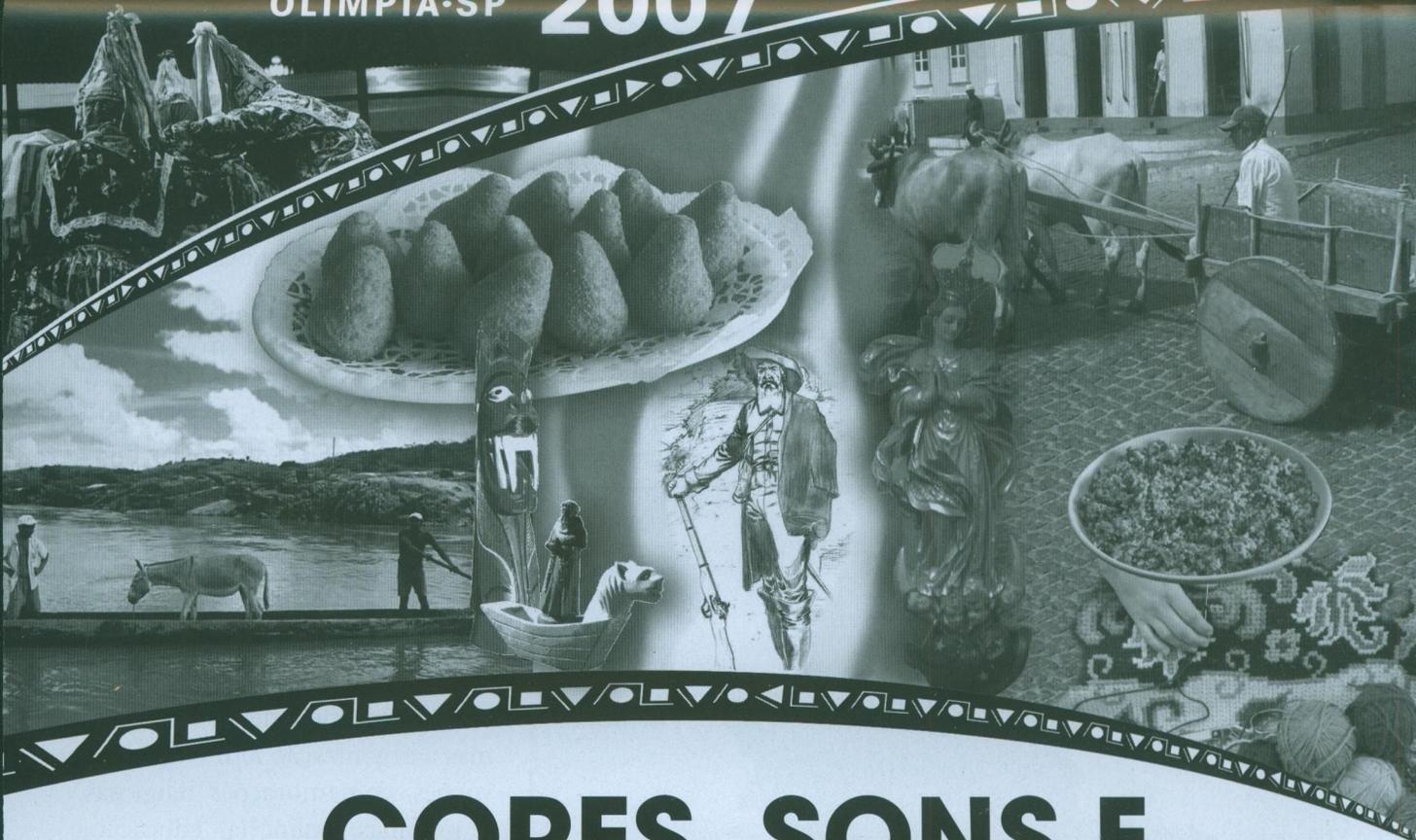
KOLAKOWSKI, Leszek. "O Diabo". Religião e Sociedade, 12/2. Rio de Janeiro: Campus, 1985.

MURRAY, Margareth. "O Deus das Feiticeiras". Edições Denoël.

PAPINI, Giovanni. "O Diabo". Lisboa, Edição Livros do Brasil, 2ª ed., tradução de Fernando Amado.

ZALUAR, Alba. "O Diabo em Belíndia". Religião e Sociedade, 12/2. Rio de Janeiro: Campus, 1985.





CORES, SONS E SABORES NOS QUATRO CANTOS DE MINAS

Texto: Deolinda Alice dos Santos

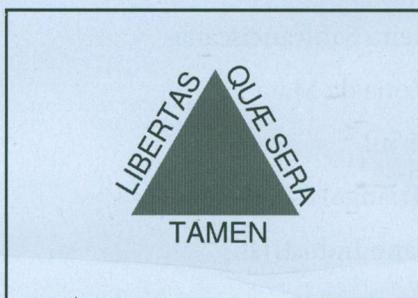
Edição: Letícia Simões

Regiões Culturais Mineiras

Poetas declamaram suas belezas. Por entre as montanhas dessas terras, uma riqueza sem fim, chamou a atenção de quem procurava fortuna. Sua bandeira, estandarte que orgulha seus filhos, carrega uma frase que eterniza seus heróis. Isto é Minas Gerais! “Minas, são muitas Minas” – já dizia Guimarães Rosa. E ele tinha razão! Minas hospitaleira, Minas da saborosa culinária, da cultura tão diversa e viva em cada um de seus cantos.

• Colonização

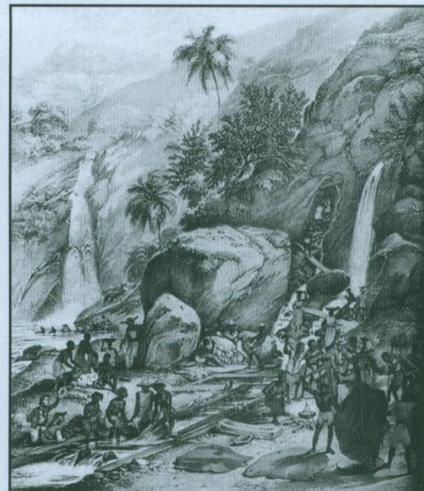
A colonização de Minas Gerais teve início no século XVIII. Os



bandeirantes paulistas oriundos da região de Taubaté, São Vicente e outras regiões de São Paulo, guiados por índios aculturados, chegaram em Minas desbravando as matas, subindo as serras e atravessando os rios de planalto até encontrarem as terras auríferas. Lá, fixaram vilas e arraiais.

A exploração do ouro come-

çou a despertar ambição nos brasileiros e nos *reinóis*. A atividade necessitou da mão-de-obra de negros escravos, de origem Banto e Guineano, que já conheciam o processo de mineração.



Aventureiros europeus, asiáticos, negros, brasileiros paulistas de origem portuguesa e das ilhas de Portugal, além de grupos de índios da região paulista trouxeram seus usos e costumes e se adaptaram no território mineiro. Muitos nordestinos brasileiros e europeus tiveram acesso à região pelo Rio São Francisco. O encontro desses

grupos humanos, os motivos e as maneiras com as quais se estabeleceram em Minas, criou um jeito genuíno e característico de ser, que difere os mineiros de outros grupos humanos de mesma origem, que colonizaram o Brasil.

Minas não foi colonizada de uma só vez. No território mineiro há diferenças nos aspectos físico-

geográficos e históricos, por isto, existem diferenças culturais diversificadas e significativas, distribuídas em 7 regiões do Estado, conhecidas como Regiões Culturais.

Ao longo dos séculos XIX e XX, vários povos estrangeiros vieram para Minas. Fixaram moradia e contribuíram para a formação da cultura mineira. Povos sírio-libaneses, alemães, italianos, judeus, japoneses, chineses, franceses, ingleses, poloneses, russos e ciganos se casaram com nossas mulatas, cafuzas e caboclas, promovendo uma valiosa miscigenação cultural. Isto mesclou de variadas formas a organização familiar, as devoções, comemorações religiosas e profanas, culinária, educação, artes plásticas, arquitetura, música, política, produção e ganho.

Apesar dos contatos com os meios de comunicação de massa, o povo mineiro tem características peculiares para resolver seus problemas sociais, econômicos e políticos.

Por isso, Minas mantém, com brio, as características culturais que a distingue dentre todos os estados brasileiros.

Para entender um pouco de Minas Gerais e dos mineiros, vale a pena conhecer suas Regiões Culturais, memorizando os aspectos físico-geográficos e os fatos históricos, com suas respectivas manifestações culturais marcantes.



As regiões culturais mineiras:

- 1-Região Cultural da Mineração
- 2-Região Cultural do Nordeste Mineiro
- 3-Região Cultural Mineira Sanfranciscana
- 4-Região Cultural da Zona da Mata
- 5-Região Cultural Café Sul
- 6-Região Cultural do Triângulo
- 7-Região Cultural Urbano Industrial

1 - Região Cultural da Mineração

Aspectos

Físico-geográficos

Região montanhosa, com terrenos pedregosos e vales estreitos. Nesta região desenvolveu-se o **Ciclo do Ouro** no século XVIII. Nesta região houve o maior desenvolvimento corresponde ao



Quadrilátero Ferrífero. Na Região Cultural da Mineração estão situadas as principais cidades históricas.



LEGENDA:
 ■ Supergrupo Minas
 ■ Bacia do Rio das Velhas
 ■ Evaporitos Carboníferos
 ■ Falha de empurrão
 ■ Falha Transversal
 ■ Falha Normal
 + Sinalal
 ■ Área de Trabalho
 ■ Área de Trabalho

Figura 1. Esboço da Geologia do Quadrilátero Ferrífero com o Complexo Baixo e área de trabalho assinalado.

Hoje, a maioria sobrevive com a exploração mineral, siderurgias e pequenas áreas de agropecuária.



Do centro para o norte, destaca-se o Maciço do Espinhaço com importantes serras, dentre elas a do Curral; da Piedade; do Caraça; do Itacolomi; Serra de Ouro Branco; do Itabirito; do Mascate; da Moeda e do Rola Moça. Todas estas, situadas na região denominada Quadrilátero Ferrífero. Em direção ao sul do Estado, encontra-se o Campo das Vertentes, onde se destacam as Serras do Lenheiro e de São José.

O clima predominante, apesar da degradação ambiental, é o Tropical de Altitude, na maior parte da região. Infelizmente, desde o século XVIII, as matas tropicais vêm sendo devastadas.



Existem várias reservas como o Parque Nacional da Serra do Cipó, Parque Natural do Caraça, Parque Estadual do Rola Moça e o Parque Estadual do Itacolomi.

Em relação à hidrografia, sabe-se que nesta região há nascentes de rios que abastecem a Bacia do Rio Doce e a Bacia do Rio São Francisco, destacando-se os rios Paraopeba e o Rio das Velhas, que fazem parte da história da colonização de Minas.



Aspectos Histórico-sociais

Os descendentes dos mineradores são desconfiados, afinal, foi difícil a conquista das terras auríferas.

O povo é polido e gentil, em virtude de suas origens lusitanas, vindas de Lisboa, Porto e Coimbra.



Introvertido, recusa-se a ordens e não gosta de dar muitas explicações. A exploração do ouro é um trabalho que exigia risco, tenacidade e esperteza, o que tornou o mineiro insubmisso e autônomo, criando uma sociedade progressista, populista, rebelde, mercantilista e capitalista.

Manifestações Culturais Típicas

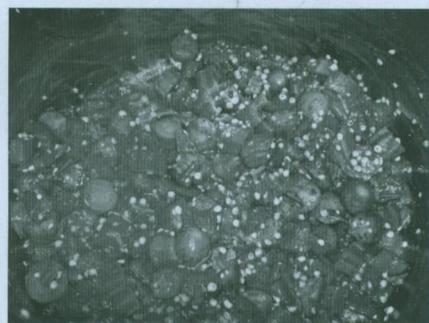
Culinária Típica



Na mesa do mineiro desta região não faltam: o arroz branco, o feijão refogado com bastante alho e algum tipo de folha: couve picada fininha ou rasgada, almeirão, taioba, serralha, ora – pro – nós, repolho e outras. Para acompanhar o almoço sempre tem uma carne cozida ou moída, ou um bife de boi ou de porco (geralmente acebo-

lado) ou torresmo. O caldinho de carne para servir sobre o arroz ou sobre o angu sem sal também não falta. O uso da salsinha e da cebolinha sobre os alimentos já cozidos, em molhos, saladas ou caldos é outro complemento indispensável, como as saladas de alface e tomate.

Além disso, os habitantes dessa região alimentam-se, ainda, do grelo (broto) de samambaia com carne moída ou com costelinha de porco, do caxambu (grelo de abóbora), do quiabo com carne moída, jiló, chuchu, berinjela, abóboras de vários tipos, batata inglesa, batata baroa ou amarela, cenourinha vermelha, inhame, mandioca branca ou amarela (cozida ou frita) e umbigo de banana com carne moída.



Alguns tipos de carne são bastante apreciados pelos mineiros dessa região. Lingüiça de porco, chouriço doce ou salgado, dobradinha, fígado de boi com jiló ou acebolado, miúdos de porco ou de galinha (rins, fígado e coração). Adoram frango: com ora-pronóbis ou com quiabo e angu ou à passarinho. Os ovos de galinha também são muito apreciados. Os mineiros os utilizam de várias formas como, por exemplo, numa saborosa omelete.

Os mineiros da Região Cultural da Mineração têm seus pratos tradicionais para cada dia. Aos sábados, a feijoada é prato certo. Aos domingos, a dona de casa escolhe outras opções como feijão tropeiro, frango ao molho pardo, macarronada, lasanha à bolonhesa,



maionese, tutu à mineira, saladas, carne de porco cozida ao leite (bisteca, lombinho ou pernil), língua ensopada, purê de batatas com carne moída, decorado com salsinha, lombo de porco com tutu de feijão e leitoa assada à pururuca. Nos dias frios ou à noite, a preferência é pela canjiquinha, caldo de mocotó, caldo de feijão, vaca atolada, bambá de couve, engrossado de galinha caipira, canja ou sopa de macarrão.



As **quitandas** também são delícias sempre presentes à mesa do mineiro. Pão caseiro, curau, biscoito frito, pão de queijo, queijadinha, queijo, broa de fubá, tareco (biscoito doce feito de farinha de trigo, açúcar e ovos), cubu – bolo de milho feito na palha de bananeira –, rosas e biscoitos com variadas receitas.



Doces como rapadura, rocambole, ambrosia, arroz doce (com casca de limão e canela), e doces de frutas como os de banana, goiaba, pêsego, abacaxi, coco, abóbora, cidra ralada, pau doce, mamão e pau de mamão (ralado com rapadura), furrundu (mamão verde enrolado), bananada, goiabada, marmelada e cocadas brancas e pretas. As compotas e geléias de frutas são variadas: figo, mamão, pêsego, laranja



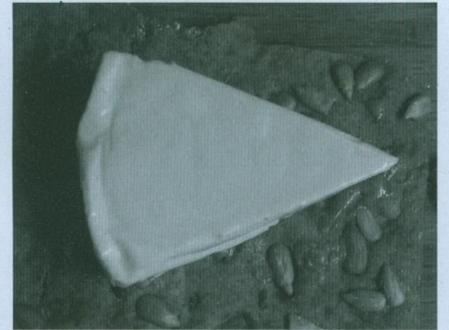
da terra, marmelo e cidra, são algumas delas. O doce de leite tem suas variações: alguns levam pitadas de condimentos. Isto o torna especial em cada município. Geralmente, a receita oficial consome litros de leite e açúcar e demoram cerca de 6 horas para ficar no ponto. O tacho de cobre, a colher de pau e um bom fogão à lenha são indispensáveis. Estes são detalhes secretos que as doceiras preservam como segredo familiar. Os pés-de-moleque e as paçoquinhas são muito bem aceitos, assim como o manjar de coco



com ameixa e o doce de coco com gema de ovo. A canjica com leite ou temperada com amendoim, leite de coco ou coco ralado e cravo é uma iguaria muito apreciada, sobretudo no mês de junho.

Os famosos **queijos** mineiros complementam a rica culinária da região. O queijo fresco acompanha a maioria dos doces. Os mais apreciados vêm do Serro, de São Roque de Minas (Canastra) e os queijos

do município de Piumhi-í (oeste de Minas). A mussarela de cabacinha ou trancinha e alguns queijos mais finos vêm sul do Estado. O queijo é destaque nos distritos de Amarantina e de Cachoeira do Campo, assim como a lingüiça.



O mineiro não abre mão de um saboroso tira-gosto! Não faltam nas casas, principalmente quando chegam visitas, e também nos bares e restaurantes, os famosos tira-gostos. Geralmente são servidos: bolinho de bacalhau, croquete de carne, bolão de mandioca, bolinho de feijão, kibe frito ou assado, fígado de boi acebolado com jiló, língua de boi, frango à passarinho, lingüiça, chouriço, miúdos de porco e de galinha (rins, fígado, coração), torresmo, batata frita, empadinha e coxinha.



As bebidas mais apreciadas e produzidas na região são os licores – de folha de figo, jabuticaba, laranja, leite, jurubeba e jenipapo; alguns vinhos – de uva, jabuticaba e pétalas de rosas (fabricação caseira); aperitivos como a tradicional cachaça, a caipirinha e o quantão e chás de folhas de congonha, guaco, capim cidreira, camomila, maracujá, laranja da terra, pitanga, hortelã, poejo, casca de mexerica, chá preto, mate e erva-doce.



Outras bebidas muito apreciadas são o café com leite, a gemada (gema de ovo com leite, vinho, açúcar e canela) e a queimadinha (leite “afogado” no melado de açúcar ou mel). Para espantar o frio, acrescenta-se à queimadinha uma colher de cachaça e uns pauzinhos de canela.



O **café da manhã** é destaque no Distrito de Glaura, em Ouro Preto. Em Glaura serve-se o café com variados bolos, biscoitos e doces caseiros de goiaba, marmelo, leite, mamão ralado ou em rodelas, abóbora e cocadas. Já no distrito de São Bartolomeu, também em Ouro Preto, o café é servido com variados bolos, biscoitos, doces (em calda e em barras) e geléias de frutas, todos feitos em casa. Um exemplo típico é a goiabada cascão, pois ela é passada na peneira. É muito procurada pelo sabor diferenciado que tem em relação àquelas encontradas na cidade.

Artesanato Típico

Nos municípios de Ouro Preto e Congonhas os destaques são os produtos feitos em pedra sabão, taquara (balaios e cestas), cobre, joalheria e bordados com pontos variados. No município de Mariana, encontra-se esculturas de madeira, mobiliário de réplicas do século XVIII, joalherias; tapetes de pita,

esteiras de taquara e painéis de pedra. Uma curiosidade: as painéis de pedra do Distrito de Cachoeira do Brumado são mais resistentes ao calor.



Em Sabará o destaque são as palmas de flores ornamentais em estilo barroco e renda turca. Em Ouro Branco a cerâmica saramenha (louça de origem do século XIX, preservada pelo falecido Mestre Bitinho e que hoje é trabalhada por familiares) é o carro-chefe do artesão – pratos, cumbucas, potes e jarros são produzidos caprichosamente.



Em São João Del Rei os artesãos produzem cópias de mobiliário dos séculos XVIII e XIX – armários, camas, bancos, aparadores, chapeleiras, oratórios, bar e peças de estanho.

No Distrito Vitoriano Veloso (Bichinho), em Prados, destacam-se esculturas figurativas em madeira. Em Resende Costa destaca-se a Cooperativa dos Artesãos, onde são produzidos tecelagem e bordados com peças significativas.

Outro destaque do artesanato típico da Região Cultural da Minera-

ção está nos municípios de Barroso e Dolores de Campos, com artigos em couro, principalmente selaria.

Danças Típicas

As coreografias das danças típicas variam de acordo com as características histórico-culturais.



Na Região Cultural da Mineração, os mineiros dançam o Samba, Baião de Quatro, Ciranda de Crianças e de Adultos, Manguara, Arrasta Pé, Contra Dança, Quadrilha, Dança do Pau de Fitas, Dança de São Gonçalo, Dança da Enxada e Corta Machado.

Folguedos

Os folguedos estão sempre presentes nas festas religiosas. Os mais constantes são as Folias de Reis, Pastorinhas, Folias de São Sebastião, do Divino e de São Gonçalo. Em Brumal, distrito de Santa Bárbara e em Morro Vermelho, distrito de Caeté, as Cavalladas são o destaque. O Carnaval a Cavallo nas cidades de Bonfim



e Santana do Jacaré, animam foliões de todo o Estado. A Cavallada de São Jorge, agita Nova Lima; Brincadeiras do Boi da Manta marcam presença em vários locais com seus nomes típicos. Encomendação das Almas, Guardas de Congado, Moçambique, Congo, Marujada, Catopés e Candombe são outros folguedos da Região Cultural da Mineração.



Festas com manifestações folclóricas

Alguns exemplos de festas com manifestações folclóricas registradas na Região Cultural da Mineração são o Carnaval em Ouro Preto, com o “Zé Pereira dos Lacaio”, clube carnavalesco fundado em 1867 e outros blocos típicos; a Semana Santa em Ouro Preto, Mariana e em São João del-Rei, com os tapetes de serragem colorida, que enfeitam as ruas para a passagem da procissão; a Romaria de Nosso Senhor do Bom Jesus do

Mapa das Festas com Manifestações Folclóricas em Minas Gerais - Folguedos



Matosinhos em Congonhas e a Festa de Nossa Senhora do Rosário com as

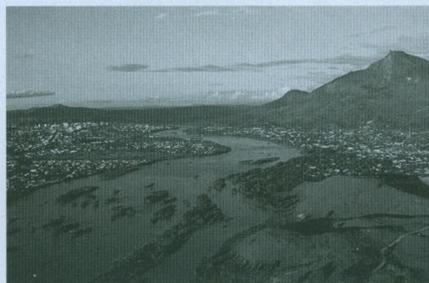
Guardas de Congado, em Itaúna.

2 - Região Cultural do Nordeste Mineiro

Aspectos Físico-geográficos

Predomínio do Planalto Atlântico com terrenos cristalinos e elevações que variam de 800 a 1800m de altitude. Apresenta vales fluviais que chegam até 200m de altitude. No Maciço do Espinhaço o destaque é a Serra do Itambé – **Pico do Itambé** – com 2002m de altitude, onde foram encontradas as jazidas de diamante. Mais ao norte, os destaques são as jazidas de pedras preciosas.

como o Parque Estadual do Rio Preto, Parque Estadual do Pico do Itambé, dentre outras. Atualmente, há formações vegetais pobres na Bacia do Médio Jequitinhonha, em virtude da seca.



Uma das principais bacias hidrográficas da região é a Bacia do Rio Jequitinhonha, com destaque para o Rio Araçuai, um de seus afluentes. Outro destaque é a Bacia do Rio Mucuri, na qual sobressai o Rio Todos os Santos, que banha Teófilo Otoni.

Aspectos Histórico-sociais

Diferentes culturas se fizeram presentes nesta Região, principalmente as culturas de origem indígena, negra e portuguesa. Do índio, o povo herdou a utilização da cerâmica, das construções de



pau-a-pique e coberturas de sapé; as danças, as indumentárias e instrumentos utilizados em alguns folguedos; a alimentação e os vocábulos utilizados para denominação de rios e cidades. Do negro, os cantos, as histórias e a religiosidade popular. Ainda há, nessa região, remanescentes de quilombos. Do português, além do aprendizado da língua, as devoções religiosas, danças, folguedos e o sistema de trabalho.

As culturas alemã, suíça e austríaca também contribuíram e ainda contribuem com o processo cultural regional, através da exploração e comercialização de pedras preciosas.



O clima varia de Semi-árido, Tropical e Tropical de Altitude.

As matas tropicais foram totalmente devastadas desde o período da mineração. Há ocorrência de Caatinga, Cerrado e Campos Naturais. Existem algumas reservas



Os contrastes sociais são marcantes. São exemplos os ricos criadores de gado, donos de grandes latifúndios. Em contra-partida existem na região pessoas pobres, sem terra e sem trabalho.

Nos setores beneficiados há uma cultura – corajosa e ousada – influenciada pelos meios de comunicação. Em outros setores, a cultura é nativa, devido à firmeza e resistência do povo, característica marcante no Vale do Jequitinhonha. Na região do garimpo, o tipo “aventureiro” e “persistente” ainda vive dias de glória, com grandes achados, mas também há os dias de miséria, quando a busca de pedras preciosas é em vão.



Hoje, essa gente simples e bonita da Região Cultural do Nordeste Mineiro vem, a duras penas, modificando sua maneira de pensar, em decorrência de várias atividades sociais e políticas desenvolvidas por vários movimentos.

As manifestações folclóricas da Região Cultural do Nordeste Mineiro envolvem o Rio, as condições climáticas e suas consequências sociais, o gado, a migração, a política e os garimpos.

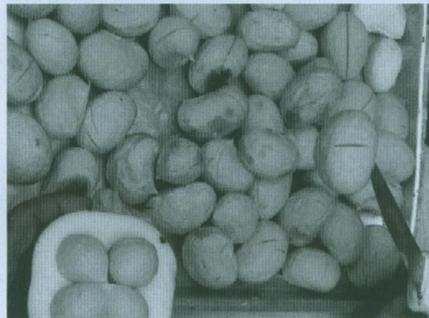
A tradição oral vem sendo conservada através das músicas e poesias com os violeiros nas feiras e mercados municipais, como também nas festas tradicionais.



Manifestações Culturais Típicas

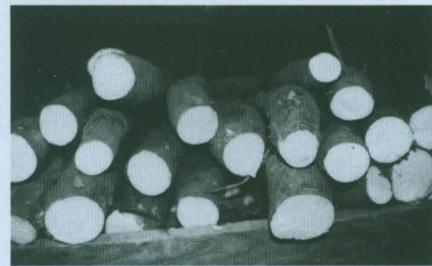
Culinária Típica

O **Pequi** – árvore nativa típica do cerrado – é uma referência da culinária da região. Dele se preparam doces, licores, conservas, farinha, molhos e bolos.



De Janaúba a Jaíba, o grande destaque é a produção de banana. Fazem dela a bananada (banana nanica), o pudim, compotas, pavê e bolos.

O **milho** também é muito comum na culinária do Nordeste Mineiro. Mingau de milho verde, pamonha, bolo de fubá cremoso, bolo de fubá cozido, bolo de fubá com caldo de laranja, broa de fubá com cenoura e biscoito de milho com queijo, são algumas delícias feitas com o grão.



A **mandioca** é largamente consumida no almoço e no jantar. Também é utilizada nas diversas iguarias, pois dela extraem a goma, o polvilho, a araruta e a farinha. Beijú, bolo, rosca, biscoito e pães, são alguns quitutes feitos com a mandioca. Com a araruta se faz biscoitos variados e a famosa brevidade. Com o polvilho, seja doce ou azedo, junta-se o queijo para o preparo de inúmeras quitandas assadas. A farinha de mandioca é consumida torrada ou como farofa.



As **carnes** são variadas e possuem várias formas de preparo. A mais comum é a carne seca ou serenada. A paçoca de carne seca temperada e socada no pilão é o tira-gosto mais consumido.

Os **doces cristalizados** são outro destaque. Abacaxi, figo, laranja da terra, limão e mamão são os mais apreciados. As compotas de figo, goiaba, laranja da terra, mamão enrolado em anel também



conquistam paladares. Na calda não falta o cravo-da-índia. Outros doces: cocada branca, cocada preta, goiabada cascão, pé-de-moleque, doce de leite pastoso e geléia de mocotó.



Em relação às **bebidas**, sobressaem-se os **sucos e licores de frutas** típicos do cerrado como o cajá, jenipapo, umbu, tamarindo, buriti e outros.

O café do norte de Minas é adoçado com rapadura. Outra variação é o café com leite, açúcar rapadura e uma pitadinha de sal, levado à fervura servido bem quente. Outro costume é tomar leite com rapadura queimada.

No Serro e demais localidades, nas festas tradicionais, a população consome: leitão assado, carne-de-sol, paçoca, peixe (assado, frito, na moqueca, etc), ora-pro-nóbis, inhame, broto de samambaia e outros vegetais típicos. Manjar assado na palha de bananeira (creme de pó de arroz, flor de laranjeira) e cavaca (massa como a de pastel).

O queijo, um dos destaques da culinária mineira, tem seu representante ilustre. O **queijo do Serro** é patrimônio cultural imaterial.



Em Araçuaí, o destaque é para o alfenim (tipo bala delícia). No município é comum o suco ou licor de tamarindo, cachaça, “tijolo” (requeijão moreno), café (adoçado com rapadura), doce de frutas (em caldas e cristalizados).



A **Cachaça de Salinas** é considerada uma das melhores cachaças de Minas.

Artesanato Típico

Vale do Jequitinhonha: nas cidades de Salinas, Araguari, Almenara, Riacho dos Machados, Santana do Itinga e Taiobeiras são destaque a cerâmica utilitária e ornamental, colchas de tear bordadas, bróias ou brolhas, bordados, crochês, artigos domésticos de funilaria como lamparinas e bules, instrumentos de trabalho em madeira como pilão e monjolo.

Berilo: artesãs do “tear mineiro” que usam fios de algodão com grande criatividade. Elas tecem em várias padronagens e tipos de desenhos. A coloração dos fios é feita de forma natural, utilizando cascas de madeiras como angico, aroeira, mirixi e jenipapo. Na produção, destacam-se colchas, tapetes, almofadas, capas e caminhos de mesa.

Diamantina e Serro: jóias de coco e ouro, tapetes arraiolo, objetos ornamentais de flores secas como estrelinhas, sempre-vivas e cabeça de nego.



Danças Típicas

As coreografias das danças típicas variam de acordo com as características histórico-culturais.

No Nordeste Mineiro são típicos o Batuque, Dança do Pau de Fitas, Dança do Nove, Mangangá, Vai de Roda, Tamborzeiros, Coco Desafio, Dança de São Gonçalo, Quadrilha, lundu.

Folguedos

Folias de Reis, Pastorinhas, Boi Janeiro, Cavalinho de Jacá, Boi Caracu, Folias de São Sebastião, do Divino, Encomendação das Almas, Cavallhada em Água Boa, Guardas de Congado, Moçambique, Catopés, Caboclos, Marujada, Congos.

Festas com manifestações folclóricas

Alguns exemplos de festas com manifestações folclóricas registradas na Região Cultural do Nordeste Mineiro são a Festa de Nossa Senhora do Rosário no Serro, com a presença do Reinado e Guardas de Caboclos, Catopés e Marujos. A Festa do Divino em Diamantina com a presença do Império do Divino; a Festa da Carne de Sol em Frei Inocência e a Romaria de Nosso Senhor do Bom Jesus em Conceição do Mato Dentro.



3 - Região Cultural Sanfranciscana

Aspectos Físico-geográficos

Destaque para a Depressão Sanfranciscana, com baixas altitudes que chegam a atingir níveis abaixo do nível do mar. É uma região limitada pela Serra do Espinhaço e a Chapada do Espição Mestre, entre Minas Gerais e Goiás. Esta região é considerada o típico sertão mineiro, onde predomina o clima Tropical e a vegetação de cerrado, que vem sendo destruída para carvão e plantação de eucalipto. Há algumas reservas como o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, Parque Estadual Veredas de Peruaçu e Parque Estadual do Jaíba.



A bacia hidrográfica predominante é a Mineira do Rio São Francisco.



Aspectos Histórico-sociais

Consagrado rio de Unidade Nacional, o Rio São Francisco liga o Sudeste da Mineração com o Nordeste Açucareiro. O Vale do Rio São Francisco tornou-se conhecido devido ao estabeleci-

mento de fazendas de gado desde o século XVII, como extensão da produção agrícola da cana-de-açúcar, na Zona da Mata nordestina. Em suas margens se dá o início do Ciclo do Gado, que se alastra em direção ao sul.

Os mascates desciam e subiam o rio, comercializando carne e outros alimentos, tecidos e todos os materiais necessários para a sobrevivência dos mineradores, pois, na região da mineração, por imposição da Coroa, só se extraía ouro e diamante. Nada se podia industrializar ou confeccionar.

“O folclore da região é de uma opulência notável, e, por ser uma zona ecológica de profunda significação na sociologia mineira, precisa ser recolhido, coordenado e interpretado com exatidão e lucidez”, João Dornas Filho.

Daí resulta-se o rico artesanato regional, cujas origens remontam às lendas ribeirinhas, à criação do gado e à miscigenação portuguesa, indígena, negra e sírio-libanesa. É típico dessa Região, o caboclo sanfranciscano, semelhante ao nordestino em suas características físicas, no seu linguajar, hábitos alimentares e modo de vida. Toda sua cultura foi se sedimentando em torno do Rio e influenciada pela área de mineração.

A Região Cultural do Vale Mineiro do São Francisco se destaca pelas Rodas de São Gonçalo, cantorias dos barranqueiros, Encomendação das Almas, festas juninas tradicionais e pelos contadores de “causos”. Também são destaques os encontros das Folias de Reis e Reisados com seus bois da manta, mulinhas de ouro e bichos taman-duás. Esta região corresponde às terras tão bem descritas por Guimarães Rosa em suas obras.



Manifestações Culturais Típicas

Culinária Típica

O peixe, de várias espécies, era o cardápio favorito dos barranqueiros – frito, na moqueca ou em outras iguarias típicas do cerrado. A pesca é sempre acompanhada por um ritual de respeito e veneração pelo Rio e aos seus mitos de ribanceira.

O processo de degradação ambiental, infelizmente, tem interferido na produção de peixes e na cultura típica da região sanfranciscana.

Os temperos criados em segredo pelas caboclas são vendidos nas feiras livres para acompanhar o peixe e os caldos tradicionais. A farinha de mandioca é usada de várias maneiras. Destacam-se a carne de sol, a manteiga de garrafa, o feijão andu e o pequi.

O fruto **umbu** é típico desta região. É consumido “in-natura” em sucos, sorvetes, doces, licores. O melado de umbu dá um sabor especial aos recheios dos pães produzidos na região.





Com a destruição indiscriminada do cerrado os frutos, as plantas e as raízes para fins medicinais, alimentícios, artesanais e industriais estão cada vez mais escassos. Vários umbuzeiros, umburana, pequi, **mangaba**, gabiobas, araçás, murici, jatobás, araticum, bacupari, cajuí, murici-de-flor-amarela, murici-de-flor-rósea, baru, buruti, gabioba, goiabinha do campo, coco macaúba, mamacadela, bacupari, sucupira, mamica-de-cadela, barbatimão, paina do campo, catuaba, poaia, assapeixe e copaíba estão sumindo da paisagem sanfranciscana.

O cerrado, o Rio e seus afluentes estão bastante agredidos pela poluição e pelo desrespeito de grandes empresas. As conseqüências são desastrosas para a comunidade no âmbito da cultura típica, saúde e trabalho.

Artesanato

Argila, pedra, areia na garrafa, madeiras diversas, bambu, taquara, palha de milho, palha de buriti, fios de algodão, cipós, sementes e embiras, couro de bovino e caprino, chifre, cobre, folha de flandres, retalhos, linhas diversas, são itens encontrados com grande facilidade no artesanato sanfranciscano. O papel crepom e de seda são muito utilizados nas decorações dos festejos religiosos. Grande variedade de rendas de bilro e tecelagem no tear manual é encontrada em várias localidades.

No Mercado Municipal de Ja-

nuária encontram-se colheres de pau, gamelas, pilões e outros utensílios domésticos em madeira. Lamparinas, formas de cuscuz, bules, ralador e leiteiras feitas com folhas de flandres são itens fáceis de encontrar por lá.

No distrito de Brejo do Amparo os artesãos produzem dornas de umburana. Sr. Zezito é o artesão mais conhecido do local. Essas dornas são utilizadas para curtir cachaça.



Em Montes Claros e Inhaúma, nos mercados municipais, encontram-se cerâmicas utilitárias, tachos de cobre, artigos em couro utilizados nos muares e eqüinos, bem como chapéus e outros objetos típicos utilitários regionais.

Na Região de Pirapora as carranças e miniaturas de barcos são os destaques.

Danças Típicas

As coreografias das danças típicas variam de acordo com as características histórico-culturais.

Vale do São Francisco: por todo o vale encontramos o Batuque,

Lundu, Coco, Roda de Adultos, Roda de São Gonçalo. Em Itacarambi é comum a Dança do Carneiro e a Dança da Peneira. Em Vazante o Forró, Dança do tear e Quadrilha se destacam.

Folguedos

Folias de Reis, Pastorinhas, Reisa-do com o Boi da Manta, Cavalinho de Cajá, Bicho Tamanduá e outros figurantes. Folias de São Sebastião, Encomendação das Almas, Cavallhada em Brejo do Amparo- distrito de Januária, Tapuiadas de Paracatu, Guardas de Congado, Catopés, Caboclos e Marujada.



Festas com manifestações folclóricas

Alguns exemplos de festas com manifestações folclóricas registradas na Região Cultural Sanfranciscana são: Encontro de Folias de Reis e a festa em homenagem a São José – São José de Monte Belo; Festa de Nossa Senhora do Amparo em Paracatu, com a presença das Tapuiadas; Festa do Pequi em Montes Claros e a Romaria em homenagem a São Geraldo, em Curvelo



4 - Região Cultural da Zona da Mata

Aspectos Físico-geográficos

O ponto mais alto de Minas Gerais está na Região da Zona da Mata. Nesta região está o Pico da Bandeira, com 2.890m de altitude, além da Serra da Mantiqueira e da Serra do Caparaó. Este é o terceiro ponto mais alto do Brasil. Outro destaque é a Serra da Chibata. Juntos, essas Serras e o Pico da Bandeira marcaram a história da região.



O clima Tropical de Altitude e Tropical Úmido ainda caracteriza a Zona da Mata mineira, apesar da destruição das famosas matas tropicais. Mas a natureza resistiu e ainda há na região reservas florestais que sobreviveram ao desmatamento desregrado por causa do plantio do café, da cana-de-açúcar e a criação de gado, no século XIX e XX. A região conta com Unidades de Conservação de destaque como o Parque Nacional do Caparaó, Parque Estadual do Rio Doce, Parque Estadual Serra da Brigadeiro e o Parque Estadual de Ibitipoca.

É uma região drenada pelas bacias do Leste como a Bacia do Paraíba do Sul: Rio Pomba, Rio Muriaé e a Bacia do Rio Doce: Rio Piranga, Rio Manhuaçu, Rio Matipó e Rio Caratiúga.



Aspectos Histórico-sociais

Com a decadência da produção do ouro, a população da Região da Mineração, no século XIX, transferiu-se para as regiões sul e sudeste do Estado, dedicando-se à agropecuária devido à facilidade de contatos com o Rio de Janeiro. Nesta época destacaram-se o cultivo de café e a criação de gado.



Os primeiros cafezais surgiram no Vale do Paraíba do Sul, Rio de Janeiro. Com a ajuda da mão-de-obra escrava, expandiu-se até a Zona da Mata mineira. Mais tarde, os cafezais acabaram e a pecuária e a produção de cana-de-açúcar passaram a ser as atividades econômicas predominantes.

A maioria dos fazendeiros se regozijava por poder manter casas tanto na fazenda quanto na capital do país, o Rio de Janeiro. Logo, as características culturais da capital brasileira influenciavam facilmente a Região nas mais variadas situações.

No final século XIX, a Região já apresentava sinais de desenvolvi-

mento industrial sob a influência de alemães e italianos que investiram nos setores têxtil e alimentício, inclusive com mão-de-obra especializada. A construção de ferrovias, a abolição da escravatura e o capital estrangeiro proporcionaram transformações sociais, culturais, políticas e econômicas significativas, inclusive a instalação da iluminação elétrica.

Na região da Zona da Mata destacam-se as fazendas históricas de café.

Manifestações Culturais Típicas

Culinária Típica

A carne de porco nesta região cultural da Zona da Mata é muito difundida. Um exemplo é o uso da picanha do porco. O galo com macarrão grosso é comida comum, servida em vários caseiros. Os mineiros dessa região gostam da carne de boi, frango (assado ou cozido), pato com arroz e o bambá de couve que é feito com carne moída. Molhos com maracujá e manga para acompanhar carnes de aves ou peixes são um costume.

Quitandas de destaque: papo suado, rosca de frutas, sequilhos,



casadinhos, biscoito gazeta (adoçado com rapadura), broinha salgada, conhecida como cabeça-de-macaco e pão dourado (típico do natal, semelhante a rabanada). O pão dourado é feito com pão de sal, cozido na calda de açúcar.

Doces caseiros: destacam-se os doces de manga, banana, carambola, goiabada-cascão, dentre outros. Caçarola italiana, bala de caramelo, doce de aletria, compotas e tortas são outras delícias servidas nas casas da Zona da Mata mineira.



Em Ubá a manga é utilizada em receitas doces e salgadas. Consosem o tabule – herança dos imigrantes árabes e turcos; farofa de milho, leitoa assada ou frita, torrescão, pastel de angu e bolinho de bacalhau.

No município de Mirai o destaque são os doces em barras, feitos de leite com chocolate, leite com coco, com ameixa, amendoim e de frutas. A fábrica de Doces Mirai mantém a tradição da confecção artesanal dos doces. A população também faz o bolo de milho verde ralado que só leva açúcar, água, banha e uma pitada de sal.



Já o município de Viçosa pleiteia registrar o doce de leite (que recebe cuidados técnicos da UFV) no Livro dos Saberes, como Patrimônio Imaterial. A qualidade do leite da região faz do doce de leite de Viçosa uma iguaria de sabor diferenciado.

Em Santa Bárbara do Tugúrio a farinha de banana verde e os bolos e biscoitos desta farinha são o destaque. A banana “passa” e a banana frita (em rodelinha) servida como tira gosto são outras delícias da região.

Bebidas: café, queimadinha com a sobra dos pães, calda e licores (com destaque para o de tamarindo). Boas cachaças são encontradas em Guaraciaba, na Fazenda Independência, onde estão os alambiques da famosa cachaça Guaraciaba. Em Astolfo Dutra o destaque é o radialista e advogado Gute Defilippo: um dos grandes colecionadores de cachaça com mais de 800 rótulos diferentes. Em Porto Firme tem-se um costume interessante: “vamos juntar panelas?”. Tal expressão, muito comum no município é um convite que o anfitrião faz para que seus convidados levem um prato diferente daquele oferecido por ele para que todos comam juntos.

Artesanato Típico



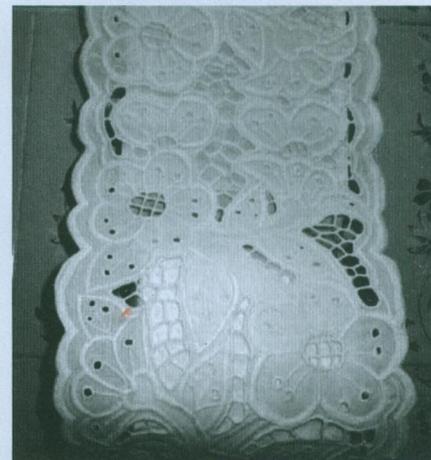
Objetos feitos em argila, palha de milho, palha de bananeira, taquara, bambu, cipó, capim e madeira de várias qualidades; couro e chifre; cobre; vidro; papel; ferraria; parafina; fios de várias qualidades e cores e retalhos.

O trabalho em tecelagem, é destaque na região – crochês, bordados de ponto de cruz e matiz, frutas e flores de parafina encantam a todos.

Em Santa Bárbara do Tugúrio destacam-se as panelas de pedra sabão produzidas pela família Mendes. Os produtores usam pedras de panela ou a pedra nova, pois esta não esfarela com facilidade.

Em Rio Espera e Itaverava o destaque é o artesanato em cobre e latão como os tachos, herança cultural italiana.

No município de Barra Longa a Associação das Artesãs é composta por bordadeiras que fazem reche-lieu, crivo, bainha e vagonite.



Em Coimbra há uma família que produz a cerâmica com motivos indígenas.

Em Piranga, na comunidade de Manjaléguas, encontra-se floristas que fazem flores com a palha de milho.

Em Porto Firme vale a pena conferir as obras do Mestre Ribeiro: famoso santeiro, suas obras em cedro são semelhantes a imagens do século XVIII.

No distrito de Fartura, em Teixeira, os artesãos fazem vários tipos de peneiras.

Em Bicas destaque para as bonecas feitas de juta.



Em Mar de Espanha a Associação dos Artesãos é uma entidade eficaz, que se destaca por suas ações.

Em Mirai as grandes bordadeiras produzem variados pontos como o vagonite, ponto de cruz e outros, além do tricô e crochê.

Danças Típicas

As coreografias das danças típicas variam de acordo com as características histórico-culturais. Caxambu, Jongu, Mineiro-pau ou Bate-pau, Calango, Batuque, Cana Verde, Quadrilha, São Gonçalo, Siriri Gambá e Engenho Novo são algumas danças da Região Cultu-

ral da Zona da Mata.

Folguedos

Folias de Reis, Pastorinhas, Folias de São Sebastião e do Divino. Várias brincadeiras de Boi. No Carnaval, cada cidade dá o nome típico para o boi da manta, como Boi Laranja em Rio Casca; Boi Lé em Cataguases; Boi Sapiroca em Guaraciaba; Boi Pintadinho em Carangola.

Charola de Nosso Senhor dos Passos, Encomendação das Almas, Cavalhada em Rodeiro, Guardas de Congado, Moçambique, Catopés, Caboclos, Marujada, Congos.

Festas com manifestações folclóricas

Alguns exemplos de festas com manifestações folclóricas registradas na Região Cultural da Zona da Mata são:

Em Urucânia, o Turismo religioso, principalmente no dia 27 de novembro, com o Santuário de Nossa Senhora das Graças, onde está o túmulo do Padre Antonio Pinto. A Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Dionísio e outras localidades. Exposições Agropecuárias e Festas do Peão Boiadeiro em vários municípios.

5 - Região Cultural Café Sul

Aspectos

Físico-geográficos

Presença do Planalto do Rio Grande com as Serra da Canastra, Chapadão da Babilônia e a Serra da Mantiqueira, no limite entre Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.



O clima é Tropical de Altitude, com predomínio de baixas temperaturas em altitudes mais elevadas, como na cidade de Maria da Fé. Este tipo de clima é favorável à atividade agropecuária, característica da Região.

Grande parte da vegetação foi destruída pelo processo de ocupação humana. Hoje restam algumas reservas de matas florestais. Nas outras áreas predominam o cerrado, os campos limpos e os campos sujos.

Unidades de Conservação: destaque para o Parque Nacional de Itatiaia, Parque Estadual Serra do Papagaio e o Parque Nacional da Serra da Canastra.

A região é banhada pelas Bacias hidrográficas dos rios Grande, Pardo, Sapucaí e Verde; represa de Furnas, além de reservas de Lençóis de Águas Minerais.

Aspectos Histórico-sociais

Esta região era passagem obrigatória dos bandeirantes, que



BRANDINO

deixaram suas marcas de colonização, principalmente os que saíram da região de Taubaté e Guaratinguetá, em São Paulo. Ao longo do percurso, até chegar às áreas auríferas e diamantíferas, esses bandeirantes criaram vilarejos com roças de abastecimentos para os viajantes, entrepostos de pagamentos de impostos e pousadas que se tornaram cidades. Na formação cultural, sobressaem-se os valores herdados do português, do negro e do indígena, acrescidos, posteriormente, de influências advindas de italianos, sírio-libaneses, franceses, ingleses, russos, poloneses e japoneses.

Manifestações Culturais Típicas

Culinária Típica

É uma região cuja culinária tem raízes no século XVIII. Caminho onde passava a Estrada Real, que, no início da colonização, teve a predominância de fazendas que se tornaram auto-sustentáveis nos principais produtos alimentícios, exceto o sal.



Os pratos salgados são semelhantes aos da área da mineração.



Doces: rapadura, rocambole, ambrosia, doce de arroz (casca de limão e canela), de frutas como coco, goiaba, marmelo, abóbora, pau de mamão, mamão ralado, cidra ralada e pau doce. Compotas de frutas como figo, mamão, pêssego, laranja da terra, marmelo e cidra.

No sul de Minas o **virado de banana nanica** é tradicional. Sua receita é feita com farinha de milho e queijo mineiro.

Bebidas: licores de folha de figo, jabuticaba, laranja, mexerica, pêssego, morango e licor de leite. Na Região Cultural Café Sul os vinhos, à base de uva são de fabricação caseira.

O **Queijo Canastra** de São Roque de Minas (oeste de Minas) e os variados tipos de queijo produzidos em Pihúim abastecem o sul de minas, além dos queijos especiais que são fabricados na região.

Artesanato Típico

O destaque é a utilização de objetos decorativos e utilitários em

madeira, peças de bambu, vime e fibras, objetos diversos de palha trançada, couro e chifres. Lã, fios, linhas, bordados, crochês e tricô.

Poços de Caldas: destaque para o cristal tipo Murano. As peças feitas com este cristal são produzidas por artesãos vindos da Ilha de Murano, perto de Veneza, Itália, que transformaram a cidade num dos principais centros mundiais de artesanato em cristal, uma arte que vem passando de pai para filho desde 1500 anos a.C.



Monte Sião, Jacutinga: grandes centros de produção de marfaria artística industrial, dentre outras. Nestes municípios há inúmeros produtos artesanais.

Danças Típicas

As coreografias das danças típicas variam de acordo com as características histórico-culturais. Na Região Cultural Café Sul dança-se a Dança do Pau de Fitas, Contra-Dança, Dança de São Gonçalo, Dança da Canoa, Forró e Catira.

Folguedos

Folias de Reis, Pastorinhas, Boi Janeiro, Cavalinho de Jacá, Boi

Caracu, Folias de São Sebastião, do Divino, Encomendação das Almas, Cavallhada, no município de Passos; Bumba meu Boi, em Santana do Paraíso; Terno de Caiapós, nos municípios de Poços de Caldas, Alterosa, Monte Belo e outras cidades; Guardas de Congado, Moçambique, Catopés, Marujada, Congo, Vilão; Catopés do Tamboril, em Dores do Indaiá; Congo do Penacho, em Bom Despacho.

Festas com manifestações folclóricas

Alguns exemplos de festas com manifestações folclóricas registradas na Região Cultural Café Sul são: Festival de Carros de Bois, que acontece em Formiga e outros municípios; Festa do Rosário com o Reinado e Guardas de Congado local e convidados em Itapeçerica, Dores do Indaiá e Bom Despacho, dentre outras cidades; Festa de Romarias e Nossa Senhora das Graças em Monte Sião; no município de Leandro Ferreira, o destaque são as homenagens ao Padre Libério; em Estiva, Consolação e Bom Repouso, Festa do Morango.



6 - Região Cultural do Triângulo Mineiro

Aspectos Físico-geográficos

Início do Planalto Meridional. Destaque para a Serra da Ponte Alta, Serra Negra, Serra do Brilhante, Serra da Canastra, Serra da



Carcaça e Serra da Mata da Corda. Presença de chapadas como o Chapadão da Zagaia e Chapadão dos Pilões.

O clima dominante é o Tropical com a vegetação típica de cerrado e campos limpos. Destaque



para o Parque Nacional da Serra da Canastra, onde nasce o Rio São Francisco.

A Bacia do Rio Grande e a Bacia do Rio Paranaíba, contribuem para a fertilidade do solo onde há extensas áreas para atividades agropecuárias.

Aspectos Histórico-sociais

A região pertencia ao estado de Goiás. Em 1816 passou a pertencer à Província de Minas Gerais. O desbravamento dessa parte do sertão mineiro ocorreu no século XVIII, pelos bandeirantes que trilharam até o Mato Grosso em busca de índios, ouro e pedras preciosas. Por isto, esta Região chamada, à época de "Sertão da Farinha Podre", também recebeu influências características da Região Cultural da Mineração, já que a exploração de ouro e diamantes faz parte de sua história.

Foi com a agropecuária que o Triângulo Mineiro progrediu nos séculos XIX e XX. Seu desenvolvimento teve maior impulso com a implantação das ferrovias construídas pela Cia Mogiana de Estradas de Ferro, pela Rede Ferroviária Federal - RFFSA e pela Rede Ferroviária do Centro-Oeste. Hoje, possui uma vasta área industrial.



Além das relações históricas com os estados de São Paulo, Goiás e o Distrito Federal, a Região mantém com estas Unidades da Federação estreitas relações econômicas, sociais e culturais.

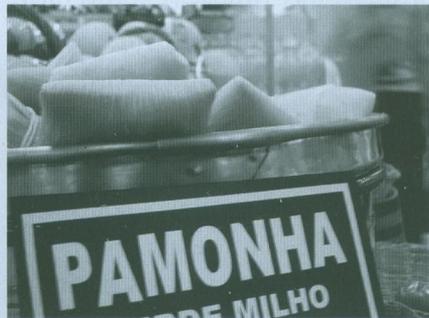
Há distinções sociais na sociedade do Triângulo Mineiro. Com a construção de ferrovias na região, surgiram núcleos sociais diferentes daqueles que já existiam, oriundos, principalmente, da aristocracia rural. Com a chegada dos sulinos e japoneses, ambos possuidores de elevadas técnicas agrícolas, usos e costumes foram introduzidos, proporcionando mudanças sócio-culturais expressivas na população regional.

Manifestações Culturais Típicas

Culinária Típica

Salgados de destaque: galinhada, arroz com suã, angu de milho verde, guariroba (palmito fresco usado em vários tipos de receita), churrasco e frango ao molho pardo.

Na Região Cultural do Triângulo Mineiro temperos açafrão, coloral e pimenta dão um toque especial aos pratos. Os molhos mais comuns são feitos com pequi e mamão verde. A **pamonha** é o prato predileto do povo do Triângulo, seja doce ou salgada. O polvilho azedo ou doce é largamente utilizado na confecção de várias quitandas, como o mané-pelado (bolo de puba). Apreciam a farinha de mandioca cascuda.



Doces: geléias e doces de frutas são delícias sempre presentes nas mesas dessa região. Doce de leite, ameixinha, doce de tronco de mamão, cajuzinho do campo, ambrosia e rabanada são doces

apreciados pelos moradores do Triângulo.

Bebidas: A produção de cachaça é comum em várias cidades. Na região de Patrocínio e Conquista, os produtores fazem o vinho artesanal, influência da cultura italiana. No Triângulo, licores de vários sabores também são muito apreciados.

Artesanato Típico

O destaque é a utilização de objetos decorativos e utilitários em prata, argila, fios de algodão e madeiras características de cerrado. Taquaras, flores desidratadas, fibras, couro e chifres. Lã, fios, linhas, bordados, crochês e tricô.

Produtos industrializados

Como em outras regiões culturais, os mineiros e mineiras são criativos e têm bom gosto. A influência cultural de imigrantes e migrantes nesta região se faz sentir nas feiras de artesanato. Ainda se vêem cartões de papel vegetal, flores de pano, cestarias e artigos de couro para embelezamento de cavalos. O metal e a madeira trabalhados nos carros de bois são características marcantes desta região.

Destacam-se no artesanato do Triângulo os municípios de:

Ibiá, São Gotardo, Cascaltho Rico, Campo Florido, Perdizes e Araxá, dentre outras localidades: tecelagem manual - a melhor do Brasil, segundo pesquisas da Funnarte.

Araxá: violinos, tapetes killim, tear, objetos em palha de bananeira e recobertos de capim fino.



Cascalho Rico, Tapira e Santa Juliana: objetos utilitários de madeira como gamelas, colheres de pau, pilões e peneiras.

Sacramento: peças decorativas em pedras de rio, flores e outras peças modeladas em biscuit, bordados em ponto de cruz, vagonite, broias, tear, crochês e outros.

Araguari: na “Casa do Artesão”, são encontrados variados tipos de bordados, crochês e esculturas em madeira.

Comendador Gomes e Prata: peneiras, vassouras, peças em folhas de flandres e sucata como lamparina, lampião e funis.

Tupaciguara: Na Casa da Cultura “Tias Polveiras” são confeccionados **tapetes arraiolos** e rendas de abrolhos. Essa comunidade de artesãs fez uma pesquisa e resgatou 105 pontos da arte da

confeção de franjas em colchas e toalhas.

Veríssimo: miniaturas em bunitis.

Danças Típicas

As coreografias das danças típicas variam de acordo com as características histórico-culturais

Triângulo e Oeste Mineiro: Catira, Contra-dança, Quadrilha,



Fandango, Recortado, Maculelê, Dança do Pau de Fitas.

Folguedos

Folias de Reis, Pastorinhas, Folias de São Sebastião, Cavalhada, em Nova Ponte; Guardas de Congado, Moçambique, Congos.

Festas com manifestações folclóricas

Alguns exemplos de festas com manifestações folclóricas registradas na Região Cultural do Triângulo são: Encontro de Folia de Reis e Violeiros, em Campos Altos; Romaria em homenagem a Nossa Senhora da Abadia, na cidade de Romaria; Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Uberaba e Uberlândia; Festa do Milho, em Patos de Minas e Expozebu, em Uberaba.

7 - Região Urbano Industrial

Aspectos Sócio-culturais

A partir da exploração cafeeira no eixo Rio de Janeiro - São Paulo, novos investimentos foram aplicados em várias cidades pólos regionais de Minas como Governador Valadares, Montes Claros, Uberlândia, Pouso Alegre e a capital Belo Horizonte. Esses investimentos transformaram estas cidades em centros industriais – molas mestras do desenvolvimento mineiro e brasileiro.

Nessas cidades apareceram vários tipos de indústrias. Essas áreas centralizaram poder econômico, religioso, educacional e político. Com as atividades econômicas diversificadas ocorreu migração nacional.

A difusão dos meios de comu-

nicação e de transportes, cinema e literatura fizeram surgir manifestações culturais de origens tradicionais, com características modernas.

Hoje são áreas urbanas industriais que possuem características próprias no processo transculturativo nacional, aglutinando as mais variadas manifestações culturais do país.

Estas transformações reestruturaram as manifestações culturais folclóricas com adaptações dos valores de várias regiões mineiras e brasileiras. Ainda se fazem presente os troncos dos “baronatos” do café e de antigas famílias de políticos que influenciam o modo de vida dessas áreas urbanas.

A área industrial em Minas Gerais concentra a região metropoli-

tana de Belo Horizonte, e algumas cidades que são pólos industriais regionais, como Uberlândia, Montes Claros, Governador Valadares, Juiz de Fora, Pouso Alegre, Poços de Caldas e Divinópolis.

A característica principal destas áreas urbanas industriais é que as comunidades migram em busca de trabalho, educação, saúde e, na maioria das vezes, pessoas que viviam em situação difícil em sua região de origem e vêm para os centros industriais para adquirir um espaço para moradia e vida mais digna para sobreviver com seus familiares.

Manifestações Culturais Típicas

Culinária Típica

As pessoas trazem de suas re-



giões seus usos, costumes e tradições. Um exemplo são as receitas feitas, normalmente, aos domingos, quando a família está reunida ou recebe amigos.

Tira-gosto dos Botecos Mineiros

A cachaça, a cerveja, o chope, o conhaque, o refrigerante, o caldo de cana e o cafezinho sempre acompanham qualquer bate papo no barzinho, no boteco, nos encontros populares. Nesses momentos, velhos e novos amigos aparecem para cantar e contar as alegrias, as conquistas sentimentais e os revezes da vida.

Os pratos, com petiscos bastante criativos, povoam as vitrines dos bares e restaurantes como o tradicional pão de queijo, quibe, pastel, empada, bolinho de bacalhau, almôndegas, pizzas em pedaço, bolinho de mandioca, torta de galinha em pedaços e coxinhas de galinha.



Lingüiça de porco frita, espeto de carne, carne de sereno ou carne seca com mandioca, carne de panela, asinha de frango frita, torresmo, iscas de fígado, jiló, ovo, batata inglesa, pimenta na conserva, língua de boi, moela, coração de galinha e bucho de boi, acompanhados com farinha ou não, cada um com seu sabor e seu tempero, estão sempre presentes nas mesas dos bares mineiros.

Caldos como os de mocotó, feijão e mandioca aquecem as noites

frias de quem vive na Região Urbano Industrial.

Angu à baiana, batatas fritas, azeitonas, lingüiça calabresa, macarronada, sardinha frita e o famoso “mexidão” são servidos em porções.

Além do que é servido nos bares, pelas ruas da Região Urbano Industrial sempre passa o vendedor de amendoim torrado ou de pipoca (doce e salgada). O cliente faz a compra paralela, degustando essas delícias, no entre meio do gole de cerveja.

Artesanato Típico

As áreas urbano-industriais de Minas Gerais que possuem mais de 180 mil habitantes constituem a sétima região cultural e permeiam as outras seis regiões culturais do Estado. Nesses centros urbanos – em mercados, feiras, lojas e centros de artesanato – encontram-se à venda, exemplares dos mais diferentes produtos artesanais regionais.

Betim: Salão do Encontro – tecelagem, tapeçaria e mobiliário.

Esmeraldas: bordados em ponto de cruz, ponto cheio e matiz.

O SESC e o SEBRAE mantêm a tradição de criar condições para vendas de artesanatos nas principais cidades.

Danças Típicas

Como nas outras regiões culturais, as coreografias das danças variam de acordo com as características histórico-culturais.

Na Região Urbano Industrial é comum se ver pelos salões muita gafeira, samba, quadrilhas, mangara e forró.

Folguedos

Folias de Reis, Pastorinhas, Fo-

lias de São Sebastião, Cavalhada, nos municípios de Mateus Leme e Raposos; Cavalaria de São Jorge, em Nova Lima; Guardas de Congado, Moçambique, Catopés, Marujada, Congos e Candombe.

Observação:

Além dos grupos de terceira idade, ressaltam-se os grupos de danças parafolclóricas que também vêm sendo constituídos nas universidades, como o “Grupo Sarandeio” (Escola de Educação Física) e o Grupo Congá (Escola de Farmácia), ambos da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Em algumas cidades, outros grupos tentam resgatar essa memória, como o “Zabelê”, de Pirapora; o “Banzê”, de Montes Claros e o “Tumbaitá”, de Itabira.

Festas com manifestações folclóricas

Alguns exemplos de festas com manifestações folclóricas registradas na Região Urbana Industrial:

- Festival de Quadrilhas em Belo Horizonte;

- Festas de Nossa Senhora do Rosário em vários bairros, com a presença do Reinado e várias Guardas de Congado, em Belo Horizonte;

- Festa de Agosto, em Montes Claros, com a apresentação do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e o Império do Divino e acompanhamento do cortejo as Guardas de Caboclos e Marujada;

- Encontro de Folias de Reis, em Janeiro, na cidade de Montes Claros;

- Festa do Rosário na Comunidade dos Arturus em Contagem, com o cortejo do Reinado e várias Guardas de Congado convidadas.



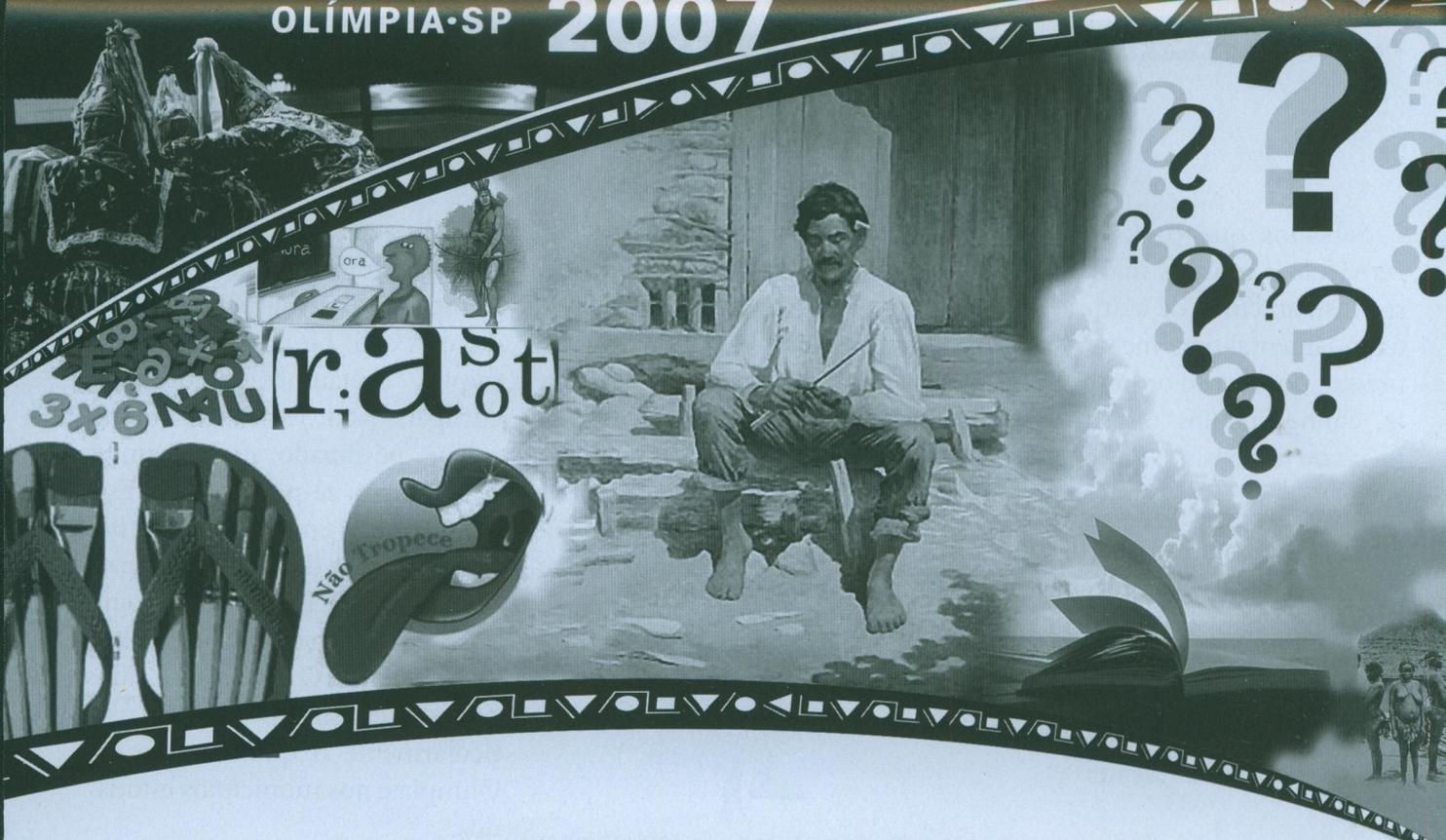
EVENTO	ÉPOCA	FOLGUEDO
Santos Reis	Natal	Folia de Rei Boi de Reis Pastorinhas
Semana Santa Paixão e Morte de Cristo	Quaresma	Encomendação das Almas
Divino	Pentecostes	Folia do Divino
Rosário	De 15 de agosto até novembro	Guarda de Moçambique Guarda Catopés Guarda Congo Guarda Marujada Guarda Caboclos Guarda Vilão Guarda Candombe Guarda Caiapós Guarda Tamboril Guarda Tapuiadas Cavalaria de São Jorge (Nova Lima)
N.Sra de Nazaré	07/09	Cavalhada (Morro Vermelho - Dist. de Caeté)
Santo Antônio	Junho Setembro	Cavalhadas (Mateus Leme) Cavalhadas (Amarantina - Distrito de Ouro Preto)
Festa Profana	Carnaval	Cavalhadas Carnavalescas (Bonfim)

*Nota da Autora: Peço desculpas às comunidades que possuem manifestações folclóricas e não foram citadas. Não que tenhamos esquecido algumas delas, mas o espaço disponível sempre será restrito para demonstrar aos leitores as inúmeras Manifestações Culturais Típicas Mineiras.

Bibliografia

- Entrevistas com pessoas moradoras ou ligadas à região visitada e pesquisada.
- Festa do Rosário no Bairro Concórdia, Guarda de Moçambique: 13 de Maio de N. Sra do Rosário, BH, 1995.
- Folhetos informativos – Calendário de Eventos da Secretaria Estadual de Turismo de Minas Gerais
- Folhetos informativos – Calendário de Eventos da Secretaria Estadual de Turismo de Minas Gerais
- I Simpósio de Comunicação sobre pesquisas em Folclore, 1979.
- JUNIOR, Manuel Diegues. Regiões Culturais para o Estudo do Folclore Brasileiro – texto
- MARTINS, Saul. Minas Gerais – Ed. FUNART – 1983
- MARTINS, Saul. Arte e Artesanato Folclóricos. Caderno de Folclore, nº 10.
- MARTINS, Saul. Origem do artesanato e sua influência em todos os tempos. Boletim da Comissão Mineira de Folclore. Nº 12. BH, 1988.
- NEVES, Guilherme Santos. Bandas de Congo – ES. Caderno de Folclore, nº 30.
- POEL, Francisco Van Der , °EM.- Orosário dos Homens Preto: Ed. Comemoração do Centenário da Irmandade de Nossa senhora do Rosário dos Homens Preto de Araçuaí-MG-BH- Imprensa Oficial, 1981
- Semana do Folclore. Missa Conga. Parque das Mangabeiras, BH, 1994.
- SOUZA, Laura de Mello e. Opulencia e Miséria das Minas Gerais. SP; Brasiliense, 1997.
- STARLING, Nair. Nossas Lendas. Ed. Gráfica – Livraria Francisco Alves.
- TARANTO, Benito e Oliveira e Silva, Alice Inês – Atlas Exploratório da Cultura Popular nas Micro regiões da Zona da Mata de MG- Viçosa, Gráfica da Imprensa da UFViçosa. 1983, 61 p.11
- TEIXEIRA, Edelweiss. O Triângulo Mineiro nos Oitocentos. Uberaba: Intergraff Editora, 2001
- TORRES, João Camilo de Oliveira. História de Minas Gerais. Difusão Pan-Americana do Livro. Belo Horizonte/MG, 1966. 5 volumes.
- VASCONCELOS, Sylvio, Mineiridade – Edição FIAT – 1982
- Revista da Comissão Mineira de Folclore, lançada anualmente.
- Portal Descubraminas (www.descubraminas.com.br)
- P.S.:Crédito dos mapas:Edison Vilela





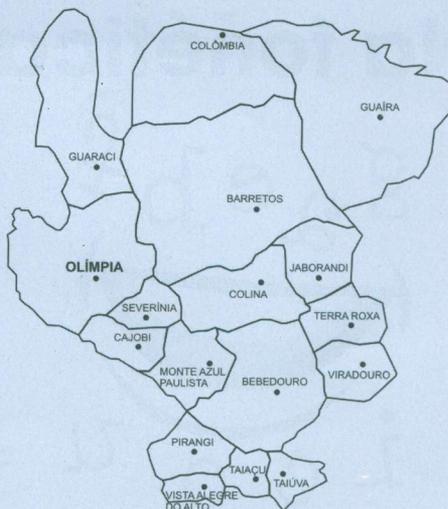
A LINGUAGEM DO POVO EM OLÍMPIA E PROXIMIDADES

José Carlos Rossato
Departamento de Folclore - Olímpia

A Capital do Folclore Brasileiro, a Cidade Menina Moça, norte do Estado líder da Federação, incluída na Região de Governo de Barretos, com a população de 48.810 almas, consoante o Sistema de Informação dos Municípios Paulistas (2007), promove a manutenção cultural dos antepassados na cultura da região.

As nossas pesquisas de campo, em princípio, ficaram concentradas em Olímpia, incluindo a área rural (de pequeno significado percentual de pessoas, porém de valor qualificativo considerável). O início dessas atividades foi o exórdio do último quartel do século XX.

Posteriormente foi-se alastrando, paulatinamente, pelas imediações até envolver gradativamente as demais circunscrições administrativas, encerrando o levanta-



tamento etnográfico há pouco tempo. Como iniciamos no século passado, considera-se o tempo adequado para ouvir, registrar e indagar, porcentagens razoáveis da população de dezenove municípios. É evidente que contactamos e pesquisamos apenas uma parcela significativa (por amostragens) dos 421.967 habitantes da Região Administrativa de Barretos, o suficiente para atender ao objetivo proposto.



Preliminares

Sabemos que o domínio do vernáculo é um dos mais preciosos instrumentos de cultura, pois é fundamental para melhor se expressar, por escrito ou verbalmente, conhecimentos ou situações, idéias ou anseios.

Entrementes, entre os elementos folques, os narradores, desprovidos de qualquer conhecimento científico, lingüístico, valem-se da linguagem afetiva quando expressam pensamentos que os arrebatam, empolgam ou emocionam. E nem poderia ser diferente.



Os contos folclóricos fornecem elementos valiosos para o estudo da língua portuguesa, os quais podem ser analisados sob o ponto de vista histórico-social, etnográfico e lingüístico.



Os idiomas africanos _ a exemplo do que sucedeu ao tupi _ produziram alterações acentuadas na língua portuguesa do Brasil. As transformações e adaptações por que passaram, até aclimatar-se no país, foram enormes. Negá-las seria trair a verdade científica.

O falar paulista é facilmente identificado. Considerado feio, apresenta muitos vícios de prosódia. É enriquecido de estrangeirismos e de expressões idiomáticas trazidas pelos povos estrangeiros, pelas correntes imigratórias e migratórias.

O linguajar de que se serve o nosso matuto é o dialeto caipira. O ingênuo é geralmente apelidado de bocó, bié, caburé, cafuçu, caipira, capiau, coió, curupaco, curupau, jacu, jeca, lagré, mané, migué, pé-rapado, picão, samué, zé-ninguém, zé-povinho, etc. Este desenvolve o emprego sem critério dos vícios de linguagem: barbarismo, solecismo, anfibologia, obscuridade, cacofonia, eco, hiato e parequema. O falar caipira dos paulistas é assim constituído, particularmente o que se ouve em Olímpia e nos municípios estudados.

No campo da gramática deparamos com inúmeras transformações fonéticas no linguajar das camadas populares, já que nelas as normas gramaticais são ignoradas, evidentemente.

Não pretendemos efetuar um estudo científico; todavia, teceremos alguns comentários sobre estas alterações nos eixos morfológicos de alguns vocábulos.

Na fala das pessoas simples em Olímpia e área investigada, a linguagem se caracteriza assim:

Na fonética

Simplificação das conjugações verbais: Eu sô (sou), tu é (és), ele é, nós é (nós somos), vós é (vós sois), eles é (são). Raramente é empregado vós.

Confusão entre modos verbais: nós falemo (nós falamos), nós choremo (nós choramos), para o presente do indicativo, etc.



Erro constante nas formas do modo subjuntivo: Qué que eu faço? (Quer que eu faça?). Se ele queresse (Se ele quisesse). Quando nós i (Quando nós formos), etc.

Omissão do *d* no gerúndio dos verbos: falano (falando), bebeno (bebendo), pono (pondo), partino (partindo), etc.





Degeneração na pronúncia de algumas formas verbais: Num me contrareia. (Não me contrarie), A vida dele evolói meis pur meis (A vida dele evolui mês por mês). Aqui hai muito peixe (Aqui há muito peixe). Ele pissói muito dinheiro (Ele possui muito dinheiro). A gente veve afrito. (A gente vive aflito). Aí, vareia (Aí, varia).

O pronome pessoal do caso reto *lhe*, quando empregado é dito *le*: Eu *le* agaranto.

Vocalização do grupo *lh* em *i*: *trabaiá*, *vermeio*, *coiê*, *muié*, *mió*, *moio*, *tuia*, etc. (*trabalhar*, *vermelho*, *colher*, *mulher*, *melhor*, *molho*, *tulha*, etc.). Nota-se a ocorrência (também) da supressão, omissão, anulação ou extinção de sílaba no final da palavra.

Rotacismo: Ela tava de sarto arto (Ela estava de salto alto), broco (bloco), craro (claro), imprico (implico), graciau (glacial), preito (pleito), etc.

Prótese em muitos vocábulos: *agaranto* (*garanto*), *alembrá* (*lembrar*), *aprevenido* (*prevenido*), *arrecebê* (*receber*), *arrecordá* (*recordar*), *arrespondê* (*responder*), *arretirá* (*retirar*), *avuá* (*voar*), etc.

Supressão do *r* final, especialmente dos verbos no infinitivo impessoal: *cantá* (*cantar*), *corredô* (*corredor*), *dô* (*dor*), *pedi* (*pedir*), *pô* (*por*), *querê* (*querer*), etc.

Supressão do *l* final das palavras: *jorná* (*jornal*), *carreté* (*carretel*), *caracó* (*caracol*), *azu* (*azul*), *má* (*mal*), *mé* (*mel*), etc.

Passagem do *l* final a *r*: *carnavar* (*carnaval*), *carreter* (*carretel*), *girassar* (*girassol*), *mer* (*mel*), *sar* (*sal*), *sor* (*sol*), etc.

Nasalização do *e* inicial: *inleição* (*eleição*), *inzame* (*exame*), *inzemplo* (*exemplo*), assim como determinados vocábulos: *ansim* (*assim*), *intaliano* (*italiano*), *ingnorante* (*ignorante*), *marimbondo* (*maribondo*), *mendingo* (*mendigo*), *mortandela* (*mortadela*), *Nambuco* (*Nabuco*), etc.

Desleixo na prolação do plural, geralmente pronunciado num só elemento da oração (artigo, pro-



nome), permanecendo as demais classes invariáveis: Os *home* *saiu* (Os homens saíram). As *muié* *trabaiava* (As mulheres trabalhavam.). Aqueles *menino* *chorava*. (Aqueles *meninos* *choravam*). Os *óio* (*usóio*) *briava* (Os *olhos* *brihavam*), etc.

Metástase em alguns vocábulos: *estrelina* (*esterlina*), *percisar* (*precisar*), *perfeito* (*prefeito*), *porcissão* (*procissão*), *porva* (*prova*), *sastifação* (*satisfação*), etc.

A vogal final *om* (*õ*) torna-se *ão*: *bão* (*bom*), *são* (*som*), etc.

O *x* com o valor de *ss* em alguns vocábulos é chiente: *próximo* (*próximo*), *anecho* (*anexo*), *ficho* (*fixo*), *tóchico* (*tóxico*), etc.

Aversão às palavras proparoxítonas: *arve* (*árvore*), *corgo* (*córre-*

go), *figo* (*figado*), *ridico* (*ridículo*), etc.

O ditongo *ai* reduz-se à propositiva: *baxa* (*baixa*), *caxa* (*caixa*), *enfaxado* (*enfaixado*), etc.

O ditongo *ei*, em algumas palavras reduz-se à propositiva: *companhero* (*companheiro*), *dinhero* (*dinheiro*), *intero* (*inteiro*), etc.

O ditongo *ou* reduz-se à propositiva: *outro* (*outro*), *poco* (*pouco*), *sô* (*sou*), *to* (*estou*), etc.

A terminação *am* (*ãu*) da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito e *mais-que-perfeito* do indicativo soa *o*: *falaro* (*falaram*), *bebero* (*beberam*), *pediro* (*pediram*), etc.

O *i* epentético *em*: *mais* (*más*), *atrais* (*atrás*), *pais* (*paz*), *aprais* (*apraz*), *cóis* (*cós*), *vóis* (*voz*), *atróis* (*atroz*), *meis* (*mês*), *veis* (*vez*), *oceis* (*vocês*), *tarveis* (*talvez*), *puis* (*pus*), *cruis* (*cruz*), *Jesuis* (*Jesus*), *cuscuís* (*cuscuiz*), etc.

O *e* epentético: *adevogado* (*advogado*), *obejeto* (*objeto*), etc.

As palavras proparoxítonas terminadas com a grafia *em* perdem a nasal: *home* (*homem*), *onte* (*ontem*), *homenage* (*homenagem*), *image* (*imagem*), *viage* (*viagem*), *garage* (*garagem*), etc.





A transformação da terminação *inho* em *im*: No camim eu vi um ovim bonitim i branquim no nim dum passarim. (No caminho eu vi um ovinho bonitinho e branquinho no ninho de um passarinho).

O *e* e o *i* átonos permutam-se: deferença (diferença), deploma (diploma), dereito (direito), dilicada (delicada), dilícia (delícia), etc.

O grupo *io*, como hiato ditonga-se: naviu (navio), pavu (pavio), riu (rio), tiu (tio), etc.

Epêntese: carpintero (carpinteiro), curuis (cruz), garampo (grampo), quelemente (clemente), etc.

Troca do fonema oclusivo sonoro bilabial *b* pelo fonema constritivo fricativo sonoro labiodental *v*, o que não é muito comum no Brasil, mas este fato se verifica em alguns vocábulos detectados em Olímpia e em outras comunas: bamo (vamos), bassora (vassoura), barre (varrer), etc.

A preposição *para* (dissílaba átona), é dita *pra* e, às vezes, chega a perder todos os elementos vocálicos. Ex.: Este vinho é só pr'o padre.

Diz-se tamém em vez de também. Há a absorção do *b*. O primeiro *m* deixa de ser símbolo de nasalização para, como consoante, iniciar a segunda sílaba. Ex.: Eu tamém trusse (Eu também trouxe).

Aférese: mansá (amansar), ma-

relo (amarelo), inda (ainda), te (até), maginá (imaginar). Às vezes a aférese chega a ser violenta: tava (estava), ce (você). Ex.: Ce é besta! (Você é besta!).

Emprego de *pra mode, pra morde, mode, morde, mó*, pela locução "por amor de" (postergada em Portugal e conservada no Brasil). Ex.: Vim aqui mó cê me emprestá uma coada de café (Vim aqui por amor de você me emprestar uma coada de café).

O tratamento de *voismecê, mecê, vancê, uncê, ocê, cê*, pela forma "você".

Criação do verbo *sidar* (o pronominal dar-se). Ex.: Nós num sidamo. (Nós não nos damos.).



O interrogativo *Que é de?* é substituído pela forma *Cadê?* Ex.: *Cadê o sancristão?* (Que é do sancristão?).

As palavras *flô, frô, fror, fulô* são ouvidas em vez de "flor". Ex.: Gosto muito de frô (flor). Se a frase estivesse no plural, continuaria, pois eles não flexionam os substantivos.

O advérbio não é pronunciado num. Ex.: Num gosto d'ocê. (Não gosto de você).

Redução do *o* átono da preposição *com* em *u*. Ex: Vai cum Deus. Ou, o desaparecimento dos demais sons, permanecendo-se somente o *c*. Ex: Eu vô c'ocê. (Eu vou com você).

Prolação do advérbio interrogativo *como*, dito *cumo*. Ex: *Cumo pódí sê isso? Como pode*

ser isso?.

A preposição *desde* é prolata-da em duas palavras (*dês, deus de*) como se fosse uma locução. Ex.: *Dês de rapaizim ele saiu de casa* (*Desde rapaizinho ele saiu de casa*).

A terminação *douro* das palavras perde o som *uro*, ganhando acento circunflexo na última letra: *bebedô* (bebedouro), *quaradô* (quaradouro), *suadô* (suadouro), *viradô* (viradouro), etc.

O advérbio *onde*, seguido do verbo *ser* (é – terceira pessoa do presente indicativo, singular), ganha a forma *dondé*. Ex.: *Dondé u riu?* (Onde é o rio?).

A palavra "bênção" degenera-se em *benção* ou *bença*. Ex.: *Bença, madrinha* (A bênção, madrinha).

Paragoge nas palavras tônicas e nas oxítonas findadas em *l, r e z*: *calore* (calor), *cruze* (cruz), *dore* (dor), *male* (mal), *mele* (mel), *peçoale* (pessoal), *sale* (sal), *sole* (sol), etc. Mais violenta: *estomo* (estômago).

Síncope em alguns vocábulos, como: *esprito*, *espirto* (espírito), *memo* (mesmo), *nega* (negra), etc.

Nasalização em determinadas palavras: *lua* (lua), *rui*, *runho* (ruim) etc. (A letra *u*, em ambos os exemplos citados têm o símbolo ~ sobre elas). Os recursos técnicos disponíveis ao alcance não permitiram que o ~ ficasse nos devidos lugares nas palavras *lua* e *rui*, sobre a citada letra.

O emprego de falsos brasileirosismos, palavras portuguesas arcaicas: *agardecimento* (agradecimento), *adonde* (aonde, para onde), *antão* (então), *deferença* (diferença), *despois* (depois), *dereito* (direito), *entonces* (então), *ermão* (irmão), *escuita* (escuta),



filosomia (fisionomia), fruíta (sem especificação exprime jabuticaba; fruta), função (baile), inté (até), malino (maligno, mau), percurar (procurar), pra mor de (pelo amor de), reposta (resposta), rezão (razão), sodade (saudade), sumana (semana), vareia (varia), etc.

Num bendito católico, cantado

nos terços populares, o povo diz: Ele é um só Deus, peço a estrela (Há um só Deus, pessoas três). Canta assim porque não exprime suas idéias na ordem inversa. Então procura, mesmo erroneamente, completar a oração (frase).

Troca ou aumento de sons em muitas palavras: abiudo (abelhu-

do), berdoega (beldroega), carqué (qualquer), chuchá (chuçar), chujo (sujo), chuminé (chaminé), esmagrecê (emagrecer), licença (licença), merejá (marejar), promessa (promessa), pilingrino (peregrino), renuída (reunida), sameá (semear), sumitério (cemitério), trupicano (tropeçando), veve (vive), xiringa (seringa), etc.

Na sintaxe

O pronome pessoal do caso oblíquo começa freqüentemente a oração: Me dá um café pra mim. (Dá-me um café.). Te falaro isso? (Falaram-te isso?).

Quando se usa o pronome tu (o que é raro) confunde-se com o verbo da terceira pessoa do singular. Ex: Tu vai bem (vais)? Por analogia com o verbo empregado com o tratamento de você, que é usual.

Os pronomes sujeitos como infinitivos preposicionados (po-



sição para) tomam a forma oblíqua. Ex: Pra mim comê (Para eu comer.) etc.

Conservação do caso reto para pronomes em relação objetiva. Ex.: Pegô ele. (Pegou-o). Chamou ele. (Chamou-o.). Feiz ele rezá (Fê-lo rezar.). Falô pra ele (Falou-lhe), etc.

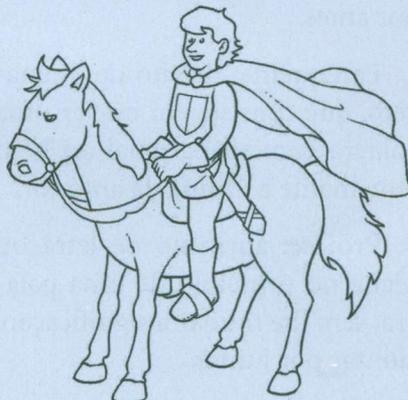
Os pronomes pessoais do caso reto eu e tu regidos de preposição: Entre eu e tu (Entre mim e ti). Entre tu e eu (Entre ti e mim.).

Redundância de negativa: Ninguém num viu nada não (Ninguém viu.).

No vocabulário

O emprego freqüente de metáfora (mudança de significado de um vocábulo em virtude de semelhança por comparação mental que proporciona novo sentido, diferente, ao vocábulo). Quando clara, justa, natural a metáfora passa a símbolo. Exemplificando, quando alguém diz: "o segurança é um leão", o termo leão tem a acepção de muito bravo. Assim, gato tem o sentido de agilidade (e mais recentemente de pessoa bonita), raposa, de astúcia e tartaruga, de paciência, resignação, perseverança tranqüila.

As metáforas – muitas vezes – são empregadas em circunstância inadequada com perda da significação primitiva. Por exemplo: Aquele prinspe (príncipe) tem co-



ração de pedra, ou seja, um coração insensível. A rainha é de gelo, significando, também, sem sentimento. Assim, águia (traíçoeiro e, ultimamente, esperto, velhaco); fera (bravo e, nos derradeiros anos, valoroso); papagaio (falante, tagarela, loquaz); etc.

No vocabulário são empregadas palavras como: assuntá (assuntar, observar, meditar, olhar); banzé (desordem); breganha (barganha, permuta, troca); pamonha (lerda, lenta); pinchar (arremessar); pancada (tolo, parvo); mamado (bêbedo); munheca (avaro, avarento);





muxiba (apegado demasiadamente ao dinheiro). O léxico dinheiro é substituído por: arame, bufunfa, cacau, carvão, cascaio (cascalho), grana, mio (milho), pila, sorda (solda), tutu e muitos outros.

Diversas outras, certamente incontáveis, cuja maioria ainda não dicionarizada, foram encontradas no desenvolvimento de nossos levantamentos de campo, tais como: bochicho (conversa airosa), estrimilique (desmaio), lacotaco (conversa longa e sem valor), le-

rolero (prosa sem fundamento), leteque (irrequieto), licoticho (comentário maldoso), siricotico (vertigem), tantã (pessoa desequilibrada), etc.

Há vocábulos que mudam o sentido: banana (palerma), mingau (molóide), penetra (indivíduo que vai a festas, sem receber convite), corote (pessoa baixa e gorda), taioba (rosto grande e incomum), gambá (ébrio, alcoólatra), tampinha (pessoa de baixa estatura), sapo (intrometido).

As locuções merecem registro à parte, pelo que elas significam: água-morna (pessoa sem expediente), bacalhau-da-porta-de-venda-ou-armazém (indivíduo muito magro), bicho-de-pau-podre (lerdo, lento), bebê da branquinha (tomar aguardente), bicho de preguinha (vagabundo), cheio

de nove horas (enjoado), com cara de adivinhar chuva (fisionomia de bobo), com cara de meu Deus (o que é isto!) com cara de tandó (parece novidade), na lenha (levar surra), estripá o mico (vomitar), galo-cego (pessoa sem percepção da vida), galo-índio (valentão), judas-iscariote (falso), lelé-da-cuca (perturbado emocionalmente), lua-cheia (rosto grande e arredondado), mãe-de-são-pedro (sovina), não me toques, não me reles (pessoa antipática), nó-cego (espertalhão, desonesto), pé-de-cana (cachaceiro), quarta-feira (perturbado), seja lá o que fô, ora pro nobis (tudo o que lhe disser, há de concordar), tomá uma pancada (comer demais), tomá pito (ser repreendido), unha-de-vaca (sovina), vê estrela (sentir dor), vida-torta (errante), zé-ninguém (pessoa sem importância).

Remate

Objetivamos cuidar dos aspectos qualitativos dos nossos inventários. É evidente que obtivemos _ ao longo do processo de pesquisas de campo _ os elementos indispensáveis para o presente ensaio. Como os dados coletados por nós

extrapolaram o objetivo (proposito e atingido), os aspectos quantitativos (que precisam de tratamento estatístico) permanecerão em nosso arquivo para eventual aproveitamento, oportunamente, na 13ª região do nosso Estado.

A relação de informantes, aqueles que prestaram esclarecimentos, é considerada longa. Assim, fomos forçados a transferir o rol precioso para o arquivo mencionado, atendendo a austeridade utilizada em nossos propósitos.

Adendo

Aférese: supressão de letras no início da palavra: namorar por enamorar.

Apócope: supressão de fonema ou sílaba no fim da palavra: mui por muito.

Epêntese: aumento de som no meio de uma palavra: escoicecer por escoçar.

Paragoge: adição de letra ou sí-

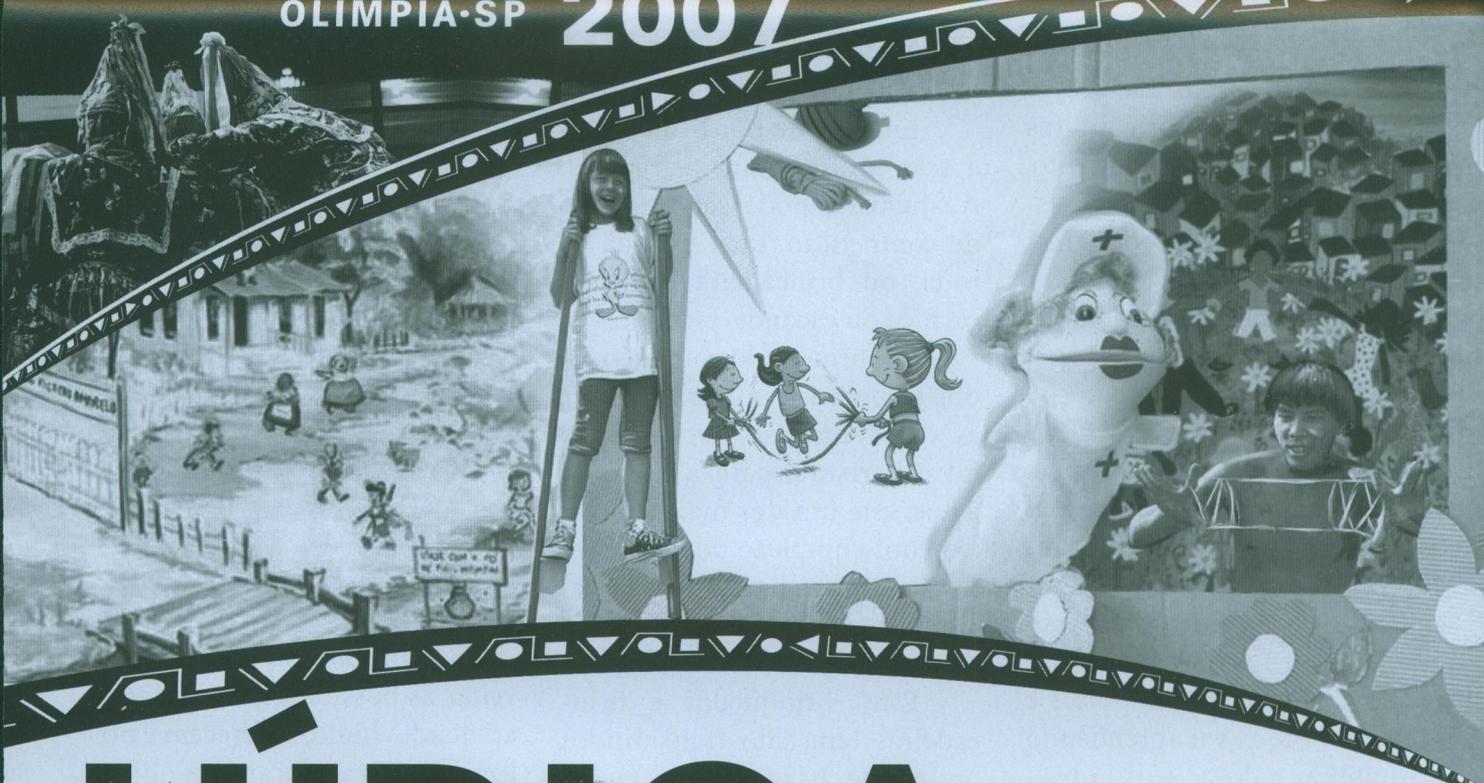
laba no final de uma palavra: ante por antes.

Parequema: defeito de linguagem, que consiste em iniciar uma palavra com sílaba igual ou bem semelhante à última da anterior.

Prótese: aumento de letra ou sílaba no princípio de uma palavra, sem lhe mudar a significação: ajuntar por juntar.

Síncope: supressão de fonema (s) no interior da palavra: palácio por paço.





LÚDICA E EDUCAÇÃO

Paula Simon Ribeiro

Presidente da Comissão Nacional de Folclore

A atividade lúdica na infância é tão necessária como comer ou dormir e sua função não é apenas entretenimento como muitos podem pensar. A brincadeira ajuda a formar o homem para a vida adulta. Através da brincadeira, a criança exercita a sociabilidade, a solidariedade, aprende a respeitar regras e normas, aprende a emprestar os seus brinquedos, a esperar sua vez de participar. Enfim, a brincadeira saudável em grupo é um aprendizado. Através desta atividade, a criança que é um ser em desenvolvimento pode expressar-se e integrar-se ao meio que o cerca.

O “faz-de-conta”, tão usual entre as crianças é uma forma de copiar o mundo adulto. Em suas brincadeiras ingênuas a criança reproduz o meio que a cerca e a ele vai integrando-se, preparando-se para o futuro, para um tempo que suas fanta-

sias vão tornar-se realidade. Durante a brincadeira a criança imita atitudes dos pais, professores e demais pessoas que a cercam e repetem o que vêem e ouvem também na televisão, ou em pesquisas na Internet. Ela assume comportamentos e valores que lhes despertem atenção, curiosidade e admiração.

O brincar para a criança é muito mais que um ato lúdico, é um ato de crescimento e aprendizado. A presença de atividades espontâneas na infância é sinal de saúde física e mental. Toda



criança precisa brincar, quando a criança não brinca os pais devem estar alertas, criança quieta ou parada é criança doente.

Lebovici e Diatkin, psicanalistas franceses que estudam a importância do jogo e do brinquedo no desenvolvimento infantil, embasam seu trabalho na idéia que “a personalidade é entendida como o resultado da interação entre os fatores constitucionais e dos ambientais”, e explicam como fatores constitucionais àqueles adquiridos na vida intra-uterina, ou seja, aqueles que trazemos ao nascer e como valores ambientais, a vivência da criança, abrangendo todas as situações por que passa ao crescer e suas relações com as pessoas com as quais convive.

O ser humano durante sua evolução precisa constantemente adaptar-se às pressões de seu meio ambiente e esta adaptação



nem sempre é fácil. Ela ocorre lentamente e passa por conflitos próprios do desenvolvimento. Cada etapa tem problemas específicos, decorrentes do crescimento físico e das situações ambientais, que vão desde a influência dos irmãos e colegas, ciúme, insegurança, separação dos pais e até mesmo a ação educativa exercida pela família. Gradativamente a criança vai aprendendo a conviver com outras pessoas, aos poucos vai assimilando a realidade e com isso aprendendo a protelar a satisfação imediata de seus impulsos e vontades, isto é, vai aprendendo a equilibrar e dosar seus impulsos instintivos.

Neste contexto as brincadeiras em grupo exercem importante função. Durante as atividades lúdicas o "faz-de-conta" possibilita uma infinidade de experiências, neste momento tudo pode acontecer. A criança projeta as suas ansiedades e experimenta o mundo adulto. Dá e recebe ordens, é "filhinho" e também é papai, mamãe, jogador de futebol, "top-model", atleta ou qualquer outra personalidade que ele admire ou que deseje imitar. Brincando a criança copia modelos e desenvolve a personalidade.

Pais e educadores devem valorizar atividade lúdica na criança, e incentivar as brincadeiras em grupo.

Nada melhor do que as brincadeiras espontâneas que passam através das gerações para possibilitar esta integração entre crianças de várias idades e até mesmo entre pais e filhos.

Incontáveis são os brinquedos e brincadeiras que através dos tempos persistem no repertório lúdico das crianças. Suas características principais são a fácil assimilação e desempenho das brincadeiras e a simplicidade

na confecção dos brinquedos.

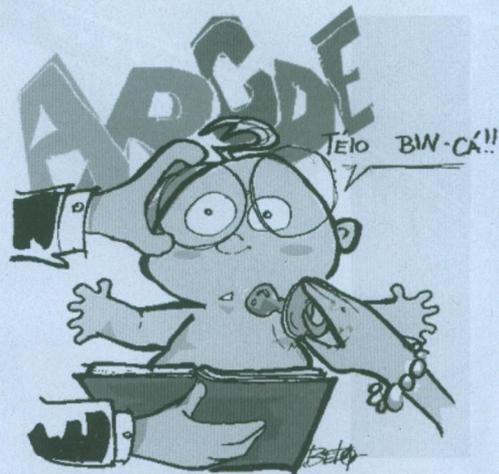
Entende-se por brincadeira a ação lúdica, o ato de brincar. A atividade pode ser um jogo de competição, uma cantiga de roda, ou brincadeira de pular carniça ou esconde-esconde.

Por brinquedo entende-se o objeto de brincar, por exemplo, as cinco marias, perna-de-pau ou o barbante para a cama de gatos, este um dos mais simples e menos complexo dos brinquedos, mas que possibilita a execução de uma variada forma de tramas, usando apenas as mãos.

Estes brinquedos e brincadeiras têm sido transmitidos oralmente através das gerações e as crianças aprendem espontaneamente, vendo os amiguinhos ou irmãos mais velhos brincando, ou com os pais ou avós, que carinhosamente os ajudam a confeccionar o brinquedo.

Foi vendo, ouvindo e participando momentos de lazer que crianças de várias gerações perpetuaram estas brincadeiras que hoje fazem parte do acervo cultural de nosso povo.

Todos somos portadores de folclore e a criança, ao vir para a escola, já traz a sua bagagem de cultura espontânea, adquirida no seio familiar ou em sua comunidade. O aproveitamento destes fatos já conhecidos da criança facilita a tarefa do educador.



Os educadores podem aproveitar as possibilidades que estas atividades lúdicas oferecem e utilizá-las para alcançar seus objetivos didáticos. Com um bom planejamento, o professor poderá ver a sua missão facilitada, pois a criança interessa-se mais rapidamente por um assunto que não lhe é totalmente estranho.

Assim é possível ensinar uma criança a separar sílabas na aula de português, cantando versinhos e pulando corda ao mesmo tempo, a cadência do giro da corda e dos pulos no tempo certo, facilitam este aprendizado.

Uma criança com problemas de fala (dislalia ou dislexia) ao brincar com outros colegas com travalínguas, sem perceber faz exercícios de linguagem.

Muitos outros exemplos podem ser citados.



CAMA-DE-GATO

É universal, praticada em todo o mundo desde a Austrália à Groelândia passando pela América Latina e pelos índios americanos. Nos quatro cantos do mundo crianças e adultos divertem-se com barbantes, entrelaçando-os formando figuras. Pode ser empregado em qualquer momento, não requer equipamentos complexos nem local adequado, pois não ocupa espaço. É um excelente exercício que desenvolve a motricidade fina e a atenção.

É possível que o homem primitivo usasse fibras vegetais, em suas horas de lazer, antes do aparecimento do barbante tal como o conhecemos hoje. O que sabemos por bibliografia consultada e por pesquisa em campo é que a cama de gato tem uma longa trajetória desde tempos remotos até a atualidade.

Uma das modalidades da cama-de-gato como brincadeira em duplas, ou trios, em que os participantes interagem, sempre mudando o barbante de mãos formando novas figuras. Estas ocorrem em série, sendo que a forma correta de "tirar" das mãos um do outro forma nova

figura seqüencial. Se esta forma não estiver correta, a figura se desmancha e os participantes devem recomeçar a armar.

Esta modalidade é de grande valor educativo, já que para seu para um bom desempenho são necessárias duas ou mais crianças e esta interação desenvolve a sociabilidade.



Não é habitual esta brincadeira ser competitiva, geralmente é desenvolvida como lazer. Mas como em qualquer outra brincadeira folclórica, os participantes fazem as regras do jogo. Dependendo da vontade dos mesmos, há a possibilidade de ser um jogo de competição e habilidades. Nesta modalidade perde o jogo quem não conseguir "tirar" uma figura das mãos do companheiro, ou quem não conseguir reproduzir a figura criada por seu colega.

Outra modalidade do jogo com cordões é a reprodução de objetos ou imagens do meio ambiente.

Em Cat's Cradle (Cama de Gato), a autora Anne Akers Johnson documenta formas como: "Cup and Saucer" (xícara e pires) "Eiffel Tower" (Torre Eiffel), "Wich's Broom" (vassoura da bruxa), "Jacob's Ladder" (escada de Jacó) e "Cat's Cradle" (Cama-de-gato), este muito conhecido pelas nossas crianças, o mais usual que encontramos em pesquisa de campo.

Esta mesma autora em pesquisa em diversos países, como Paraguai, Austrália, África, Estados Unidos (entre os navajos), Nova Guiné, Alasca, Sibéria e Irlanda entre outros, documentou inúmeras formas elaboradas com barbantes, em muitas das quais as crianças utilizavam também os dedos dos pés para formar figuras que imitam a paisagem de seus países, animais de seu convívio ou objetos de seu dia a dia.

Muito pode ser dito sobre esta interessante brincadeira. Este pequeno texto não esgota o assunto, que deverá ser retomado oportunamente.

Bibliografia.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 1984

JOHNSON, Anne Akers. String Games. Klutz. California USA. S/D

JOHNSON, Anne Akers. Cat's Cradle. Klutz. California USA S/D

* Profª Paula Simon Ribeiro

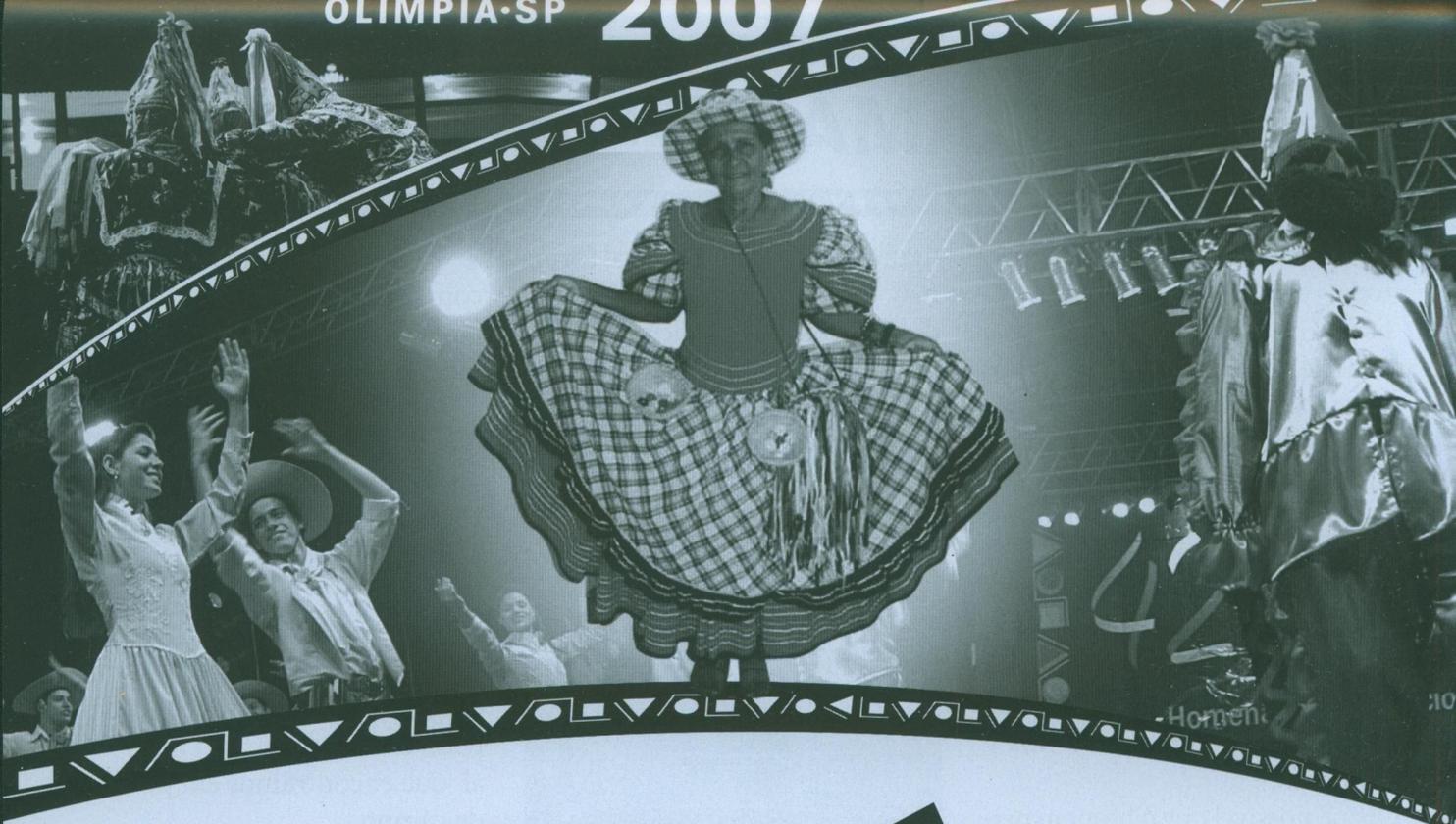
Presidente da Comissão Nacional de Folclore

Presidente da Comissão Gaúcha de Folclore

Diretora de Folclore da Fundação Santos Herrmann

Membro do Conselho Estadual de Cultura RS





NOTICIÁRIO

A 42.ª EDIÇÃO DO MAIOR FESTIVAL DO FOLCLORE DO BRASIL

André Luiz Nakamura

Departamento de Folclore - Olímpia

A partir das 20 horas do dia 5 de agosto de 2006, após o hasteamento das bandeiras, com a execução do Hino Nacional Brasileiro e do Hino a Olímpia pela Banda Municipal “Maestro Vicente Delamanha”, e do hasteamento das bandeiras, e os pronunciamentos do Prefeito Municipal de Olímpia, Dr. Luiz Fernando Carneiro, do Presidente da Comissão Executiva do 42.º Festival do Folclore, Dr. André Luiz Nakamura, da Coordenadora Geral do Setor de Folclore, Profª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, e do então Secretário de Estado da Cultura de São Paulo, Dr. João Batista Andrade, foi realizado o espetáculo de abertura da 42.ª edição da nossa festa maior, em celebração ao seu Jubileu de Madrepérola, edição esta em que



Abertura

o Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna” completava 20 anos. O espetáculo, “Homenagem

ao Folclore Paraense”, contou com a participação de cerca de 650 alunos das escolas EE. Dona Anita Costa, EE Prof.ª Maria Ubaldina





Espectáculo de Abertura do 42º FEFOL

de Barros Furquim, EE. Dr. Antônio Augusto Reis Neves, EE. Profª. Alzira Tonelli Zaccarelli, EE Capitão Narciso Bertolino, EMEF Santo Seno, EMEF Joaquim Miguel dos Santos, EMEF Jardim Hélio Cazarini e EMEF. Prof. Maurício César Alves Pereira, sob a coordenação de Célio José Franzin, Luiz Carlos Queiroz, Marcos Eugênio Balbo, Maria Elisa Borges, Mirtes H. C. Viana e Sandra Rosa Zuca. Seguiram-se os fogos de artifício e as apresentações dos grupos: Cia. de Reis “Os Visitantes de Belém” – Olímpia/ SP; Banda

de Congo “Panela de Barro” de Goiabeiras – Vitória – ES; Parafusos, Samba de Roda e Batalhão de São João - Lagarto/SE; Grupo Folclórico de Reisado de Zabelê / PB; Penha Cirandeira - João Pessoa/PB; Grupo Folclórico Batalhão de Bacamarteiros – Carmópolis/SE; GODAP – Olímpia/SP; Balé Folclórico da Amazônia – Belém/PA; Grupo Parafolclórico “Jacoca” – Conde/PB; CTG (Centro de Tradições Gaúchas) “Lalau Miranda” – Passo Fundo/RS; Grupo Parafolclórico “Frutos do Pará” – Belém/PA; CTG “Guapos de Itapuí” – Campo Bom/RS



CTG Lalau Miranda, Passo Fundo-RS

No decorrer do festival, de que cerca de 120 mil pessoas participaram, em meio a outras atividades paralelas, de que trataremos nas páginas seguintes, em todas as noites do 42.º FEFOL, grupos folclóricos e parafolclóricos se apresentaram no palco principal da Arena Cultural “Maria Aparecida de Araújo Manzolli”:

DIA 06/08/2006 – Domingo: Banda Municipal “Maestro Vicente Delamanha”; Cia. de Reis Mago do Oriente – Olímpia/SP; Grupos Parafolclóricos formados por alunos das Escolas Maurício César Alves Pereira, Santo Seno, Zenaide Rugai Fonseca, Joaquim Miguel dos Santos e Prof. Reinaldo Zanin; Parafusos e Batalhão de São João – Lagarto/SE; Entrevista com o ator Sérgio Mamberti; Banda de Congo “Panela de Barro” – Goiabeiras – Vitória/ES; Grupo Folclórico de Reisado de Zabelê/PB; GODAP – Olímpia/SP; Penha Cirandeira – João Pessoa/PB; Balé Folclórico “Tradições da Amazônia” – Belém/PA; CTG “Guapos de Itapuí” – Campo Bom/RS; Grupo de Cultura Nativa “Tropeiros da Borborema” – Campina Grande/PB.



CTG Guapos de Itapuí, Campo Bom-RS



DIA 07/08/2006 - Segunda-feira: Cia. de Reis "Os Viajantes de Belém" – Olímpia/SP; Alunos das Escolas Santo Seno, Luiza Seno de Oliveira, Theodomiro da Silva Melo, e da Escola do Conjunto Helio Cazarine, Olímpia/SP; Penha Cirandeira – João Pessoa/PB; Reisado de Zabelê/PB; Samba-de-roda e Terno de Zabumba – Lagarto/SE; Banca de Congo "Panela de Barro" – Goiabeiras – Vitória/ES; Grupo Parafolclórico "Jacoca" – Conde/PB; Grupo Parafolclórico "Frutos do Pará" – Belém/PA; CTG "Lalau Miranda" – Passo Fundo/RS.

DIA 08/08/2006 - Terça-feira: Cia. de Reis "Lapinha de Belém" – Olímpia/SP; Projetos Sociais Agente Jovem (Pequeno Cidadão – Dança do Algodão – Corral Agente Jovem – (Berimbau - aquarela do Brasil) – Pequeno Cidadão III – Chote Pé de Serra – Pequeno Cidadão I, II e III – com Bate Lata e demonstração de percussão – Pequeno Cidadão I (AABB Comunidade) Música Herdeiros do Futuro; Grupos da Terceira Idade, Grupo "Felicidade" e Grupo "Nova Esperança"; APAE – Grupo de Danças Valentina Toazza – Olímpia/SP; Banda de Congo "Panela de Barro" – Goiabeiras – Vitória/ES; Boi de Reis de Cuité



Grupo Parafolclórico Frutos do Pará, Belém-PA



Balé Folclórico Tradições da Amazônia, Belém-PA

– Pedro Velho/RN; CTG "Lalau Miranda" – Passo Fundo/RS; Grupo Parafolclórico "Jacoca" – Conde/PB; Bale Folclórico de Alagoas – Grupo Transart – Maceió/AL.

DIA 09/08/2006 - Quarta-feira: Cia. de Reis "Magos do Oriente - Dois Irmãos" – Olímpia/SP; Grupo Folclórico de Reisado de Zabelê/PB; Grupo Folclórico Batalhão de Bacamarteiros – Carmópolis/SE; Boi de Reis de Cuité – Pedro Velho/RN; Grupo de Capoeira e Maculelê "Guerreiros de Aruanda" – Olímpia/SP; Balé Folclórico "Tradições da Amazônia" – Belém/PA; Grupo Parafolclórico "Jacoca" – Conde/PB; Grupo Parafolclórico "Frutos do Pará" – Belém/PA; Grupo de Cultura Nativa "Trapeiros da Borborema" – Campina Grande/PB; CTG "Lalau Miranda" – Passo Fundo/RS.

DIA 10/08/2006 - Quinta-feira: Cia. de Reis "Fernandes" – Olímpia/SP; Grupo Folclórico São Gonçalo – Olímpia/SP; Balé Folclórico "Tradições da Amazônia" – Belém/PA; Grupo Parafolclórico "Jacoca" – Conde/PB; GODAP – Olímpia/SP; Grupo "Fogança" – Maringá/PR; Grupo de Projeção Folclórica "Sarandeiros" – Belo

Horizonte/MG; CTG "Guapos de Itapuí" – Campo Bom/RS; Grupo de Cultura Nativa "Trapeiros da Borborema" – Campina Grande/PB.

DIA 11/08/2006 - Sexta-feira: Cia. de Reis "Família Miranda" – Olímpia/SP; Terno de Congada "Chapéu de Fitas" – Olímpia/SP; Parafusos, Samba-de-roda e Terno de Zabumba – Lagarto/SE; Penha Cirandeira – João Pessoa/PB; Reisado de Zabelê/PB; Balé Folclórico de alagoas "Grupo Transart" – Maceió/AL; Grupo de Projeção Folclórica Sarandeiros – Belo Horizonte/MG; Grupo "Fogança" – Maringá/PR; CTG "Guapos do Itapuí" – Campo Bom/RS.



Terno de Congada Chapéu de Fitas, Olímpia-SP





União Folclorista São benedito do Belém, Taubaté-SP

DIA 12/08/2006 – Sábado:
Grupo Folclórico e Religioso “Moçambique de São Benedito” – Lorena/SP; Grupo Caçula de Catira – Bauru/SP; União Folclorista “São Benedito do Belém” – Taubaté/SP; Congada de Sainha “Irmãos Paiva” – Santo Antonio da Alegria/SP; Grupo de Moçambique “São Benedito” – Guaratinguetá/SP; Moçambique Diamante – São Sebastião do Paraíso/MG; Moçambique “O Manhoso” – Ibirací/MG; Caiapós Mata a Dentro – São José do Rio Pardo/SP; Grupo Folclórico “Caboclinhos” – Guarujá/SP; Grupo de Fandango de Tamanco “O Cuitelo” – Capão Bonito/SP; Cia. de Santos Reis

“Unidos dos Marinheiros” – Itaú de Minas/MG; Grupo Folclórico Chambá – São Sebastião do Paraíso/MG; Samba-Lenço – Mauá/SP; Cordão Folclórico Tatuiense – Tauiú/SP; Reisado Sergipano e Bumba Meu Boi – Guarujá/SP; Boi de Reis de Cuité – Pedro Velho/RN; Batalhão de Bacamarteiros – Carmópolis/SE; Parafusos, Batalhão de São João – Lagarto/SE; Grupo de Congo de Oeiras/PI; GODAP – Olímpia/SP; CTG “Lalau Miranda” – Passo Fundo/RS; Balé Folclórico “Tradições da Amazônia” – Belém/PA; CTG “Guapos do Itapuú” – Campo Bom/RS; CTG “Guapos do Itapuú” – Campo Bom/RS; Grupo de Cultura



Parafusos, Lagarto-SE

Nativa “Tropeiros da Borborema” – Campina Grande/PB; Grupo de Projeções Folclórica “Sarandeiros” – Belo Horizonte/MG; Grupo “Fogança” – Maringá/PR; Grupo Parafolclórico Jacoca – Conde/PB; Grupo Parafolclórico Frutos do Pará – Belém/PA; “Boi de Palha” – São Luís/MA.

DIA 13/08/2006: Encerramento com as Escolas Municipais Dança do Carimbo; Grupo de Danças Valentina Toazza – APAE – Olímpia/SP; Balé Folclórico “Tradições da Amazônia” – Belém/PA; Grupo Parafolclórico “Frutos do Pará” – Belém/PA.



Cia. de Reis Os Visitantes de Belém, Olímpia-SP



Reisado de Zabelê-PB



DESFILE DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS E PARAFOLCLÓRICOS

No 42.º Festival do Folclore, retomou-se o desfile de alegorias que se realizava nos primeiros festivais e que desde 1991 não se repetia.

A abordagem, no entanto, foi outra. Na época dos primeiros festivais, os carros alegóricos antecediam o desfile dos grupos folclóricos e de projeção folclórica. Neste ano, os mencionados carros foram segmentados, de maneira a anunciar as atrações que se lhes seguiriam, como, por exemplo, as regiões de que eram oriundos os grupos folclóricos e parafolclóricos.

Também participaram do Desfile os grupos da Terceira Idade e da APAE de Olímpia, a Ordem

dos Cavaleiros de Cristo, o Grupo Bate-lata, o Grupo de Capoeira "Guerreiros de Aruanda", também de Olímpia, entre outros.

O Desfile se realizou no dia 13/08/2006, tendo se iniciado por volta das 16 horas. Todos os grupos folclóricos e de projeção folclórica presentes no 42.º FEFOL participaram do Desfile, que partiu da Avenida dos Estudantes (prolongamento da Avenida Brasil), passando pelas Avenidas Andrade e Silva e Menina Moça, e depois, pelas barracas e avenidas em torno da Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna". Este, aliás, é o ponto alto do desfile, ao término do qual os espectadores seguem os grupos, deixando o mencionado recinto praticamente lotado.

A Comissão Organizadora do Desfile foi a seguinte: Dr. Gilson Carlos Miranda, autor do projeto para o desfile do 42.º FEFOL; Prof.^a Izabel Cristina Reale Thereza, Secretária de Assistência e Desenvolvimento Social; Prof.^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Coordenadora Geral do Setor de Folclore e Dr.^a Sonia Galetti.

A Comissão Executiva do Festival registra seus agradecimentos à Prof.^a Cristina Reale, e toda a equipe de sua secretária; ao Diretor do Pátio da Prefeitura, José Sérgio Nunes, e a todo pessoal desse setor da administração municipal, bem como à Polícia Militar e ao Tiro de Guerra de Olímpia, pela efetiva colaboração na realização do desfile.



Abertura do Desfile



TG 02-025, Olímpia-SP



Carro homenageando o Prof. Sant'anna



Carro Alegórico





Carro alegórico que anuncia os grupos do Sudeste



Caiapós, São José do Rio Pardo-SP



Cia. de Reis Família Miranda, Olímpia-SP



Terno de Moçambique Princesa Isabel, Uberlândia-MG

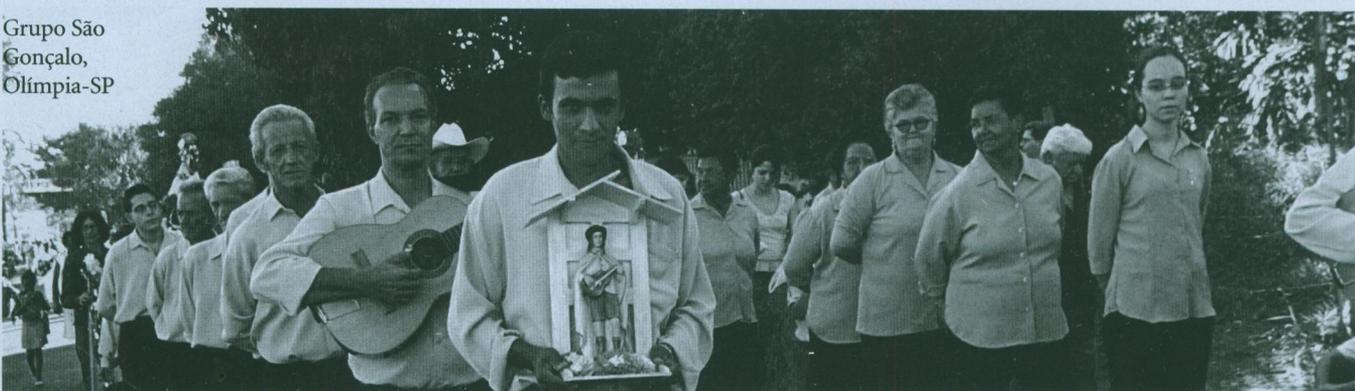


Terno de Moçambique de Ibiraci-SP



Cia. de Reis os Viajantes de Belém, Olímpia-SP

Grupo São
Gonçalo,
Olímpia-SP





Samba-lenço, Mauá-SP



Moçambique Irmãos Realino, St. Antonio da Alegria-SP



Cia. de Reis Caminhos de Belém, Ubarana-SP



Cia. de Reis Fernandes, Olímpia-SP



Cia. de Reis Magos do Oriente, Olímpia-SP



Congada Xambá, São Sebastião do Paraíso-MG



PAVILHÃO TURÍSTICO CULTURAL DO SEBRAE-SP

O Pavilhão Cultural e Turístico do SEBRAE/SP, instalado em grande estilo na Praça das Atividades Folclóricas, sempre decorado com grande esmero e criatividade, é ponto de indispensável visitação durante nossa festa maior.

É o espaço onde se realiza significativa parte das atividades culturais, paralelas ao evento: o Lançamento do Anuário, o Salão de Pintura e Artes, e, entre outros, o Ciclo de Palestras sobre Folclore, a Folclorança – Oficina de Brinquedos Tradicionais Infantis e o Minifestival do Folclore, destinado a crianças e adolescentes, do qual

também participam grupos folclóricos e parafolclóricos, lembrando que estas três últimas são promovidas pela Secretaria Municipal de Educação de Olímpia, com a supervisão de sua titular, a Prof.^a Maria Teresa Diniz Sachetim Barboza.

Além dessas atividades, também ali se realizava uma Oficina de Repasse Técnico com artesãos de Olímpia e da Região, que levavam a efeito uma bela e oportuna integração com membros de grupos folclóricos e parafolclóricos que também praticam o artesanato, de maneira a viabilizar uma constante

atividade, com produção de peças diante dos visitantes, e uma sempre crescente e dinâmica exposição.

No Pavilhão do SEBRAE/SP, o grande parceiro do FEFOL, atualmente, ainda se fizeram presentes o COMTUR – Conselho Municipal de Turismo, a AHPO – Associação dos Hotéis e Pousadas de Olímpia, e o Termas Tour, promovendo a divulgação do turismo em Olímpia, ressaltando-se, ainda, a instalação de um tear, que marcou a participação da Incubadora de Empresas de Olímpia, outro projeto que o SEBRAE/SP também apóia em nossa cidade.



Entrada do Pavilhão Turístico Cultural do SEBRAE-SP



Interior do Pavilhão do SEBRAE-SP



MOSTRA CULTURAL DO 17.º SALÃO DE ARTES

Também realizado no Pavilhão Turístico Cultural do SEBRAE/SP, no Espaço Cultural “Laura Haidar” é o Salão de Pintura e Artes Folclóricas, exposição que resulta de um concurso promovido pela AOLC – Associação Olimpiense de Cultura “Zecca Scura”, sob a coordenação

da muito querida artista plástica olimpiense Janete Haidar. Trata-se de evento muito concorrido em nossa festa maior e que, no 42.º FEFOL repetiu seu sucesso de sempre, com centenas de trabalhos apresentados.

Janete, embora não participe, naturalmente, da competição,

nos brinda com a exibição de seus belíssimos trabalhos, cujo estilo inconfundível já é conhecido dos olimpienses e dos visitantes que regularmente participam do evento.

Vejamos como ficou a premiação na 17ª etapa desta bem-sucedida Mostra.



Da esquerda para a direita, o então Secretário Estadual da Cultura de São Paulo, João Batista Andrade, Janete Haidar, o Prefeito Municipal de Olímpia, Luiz Fernando Carneiro, e o Presidente da Câmara Municipal de Olímpia, Francisco Roque Ruiz.



PINTURA MODERNA

- 1.º Troféu Ouro: Sebastião Carmo Pinheiro, Barueri/SP. Obra: "Lobisomem".
1.º Troféu Prata: Antonio Wiltom Viana, Barueri/SP. Obra: "Desfile de Bonecos I".
1.º Troféu Bronze: Tereza Thiede Bília de Moraes, São José do Rio Preto/SP. Obra: "Povoado em Festa"
Prêmio Aquisição - "Troféu Laura Haidar": Edna Costa Oliveira, Barueri/SP. Obra: "Herança Cultural II".
Troféu Menção Honrosa: Edgar Barboza de Oliveira, São José do Rio Preto/SP. Obra: "Mês do Folclore".

PINTURA ACADÊMICA

- 1.º Troféu Ouro: Alzira Marreto Scarpineli, Olímpia/SP. Obra: "Dança do Pará".
1.º Troféu Prata: Denir Salmazo Ferraz, Olímpia/SP. Obra: "Indiazinha"
1.º Troféu Bronze: Evandro José dos Santos, Monte Aprazível/SP. Obra: "Jovem Boiadeiro"
Prêmio Aquisição "Troféu Laura Haidar": Maria Alves Foganhole Santos, Olímpia. Obra: "Carro de Boi".
Troféu Menção Honrosa: Maria Aparecida de C. Konkowski, Olímpia/SP. Obra: "Carro de Boi"

ARTESANATO

- Troféu Aquisição: Nilza Castro F. Baraldi, Olímpia/SP. Artesanato: "O Índio Caiapó".
Troféu Destaque Internacional Trançado Estrela: Delfina Ribeiro Macedo, Cajobi. Artesanato: "Chegada de Reis"
1.º Troféu Ouro: Aparecida Borges da Silva Santos, Olímpia/SP. Artesanato: "Mula sem Cabeça"
1.º Troféu Prata: Rosary de Fátima Costa, Olímpia/SP. Artesanato: "Jogo da Velha".
1.º Troféu Bronze: Odete de Souza Mussolim, Olímpia/SP. Artesanato: "Recinto do Folclore".
Troféu SEBRAE: Nilza Maria P. Amodova, Olímpia/SP. Artesanato: "Sementes"

ESCULTURA

- Troféu Aquisição: Edgard Santo Moretti, Barueri/SP. Escultura: "Bumba meu Boi".
1.º Troféu Ouro: Luiz Antonio Arantes, Olímpia/SP. Escultura: "Descanso de Folião".
1.º Troféu Prata: Luiz Antonio Arantes, Olímpia/SP. Escultura: "Bumba meu Boi".
1.º Troféu Bronze: Benedita de C. Konkowski, Olímpia/SP. Escultura: "A Carranca"
Troféu SEBRAE: Nivaldo de Faria da Cunha, Guairá/SP. Escultura: "Iara Mãe d'água"

FOTOGRAFIA

- Troféu Aquisição: Luiz Fernando Rabatone, Olímpia/SP. Foto: "A luz do Bacamarte".
1.º Troféu Ouro: Omar Eduardo de Nadai, Olímpia/SP. Foto: sem título.
1.º Troféu Prata: Marci Ângela Bonadio, Bebedouro/SP. Foto: sem título.
1.º Troféu Bronze: João Paulo do Santos, Olímpia/SP. Foto: "Rodado"

LITERATURA

- Troféu Aquisição: Marise Ap. Andreo E. F. Carvalho, Olímpia/SP. Poesia: "A casa da minha avó".
1.º Troféu Ouro: Edward Marques Silva, Olímpia/SP. Poesia: "A morte do congadeiro".
1.º Troféu Prata: João Carlos Sponquiado, Olímpia/SP. Poesia: "Carro de Boi"
1.º Troféu Bronze: Telia Conceição Prado Rodrigues, Olímpia/SP. Poesia: "Anjos e Parafusos".

PINTURA INFANTIL (de 07 a 11 anos)

- 1.º Troféu Ouro: Igor Marcos Guimarães Toledo, Escola: EMEF "Santo Seno". Obra: "Brincando de Boneca".
1.º Troféu Prata: Jayne Iraides da S. Nogueira, Escola: EMEF "Prof. Dimas Narciso". Obra: "Peteca".
1.º Troféu Bronze: William Vitor de O. Crepaldi, Escola: EMEF "Prof. Maurício César Alves Pereira". Obra: sem título.
Troféu "Dr. Luiz Fernando Carneiro": Fernando Augusto dos Santos, Escola: EMEF "Prof. Maurício César Alves Pereira". Obra: "Jurupari".
Troféu Paz e Esperança: Bruna da Silva Spadari, EMEF "Santo Seno". Obra: "Negrinho do Pastoreiro".
Troféu AOLC: Marcelo Henrique Silvestre, Escola: Colégio Objetivo de Olímpia. Obra: "Passeio do Saci".
Troféu Destaque Visual: Lara F. Marcondes, Escola: EMEF "Prof. Maurício César Alves Pereira". Obra: "O boi".
Troféu SEBRAE: Daniel Perpétua B. da Costa, Escola: EMEF "Prof Dimas Narciso". Obra: "Corrida do Saco".
Troféu Monteiro Lobato: Érica Campo Piano Garcia, Escola: EMEF "Jardim Hélio Cazarini". Obra: "A Sereia".
Troféu Brincando de Arte: Ingrid de Oliveira Borges, Escola: EMEF Theodomiro da Silva Melo. Obra: "Os Dez Sacis".
Troféu Mundo da Imaginação: Matheus F. C. Mussolin, Escola: Casinha do Papai Noel. Obra: "Floresta do Saci".
Troféu Pequeno Artista: Karen Bruna Quiles de Oliveira, Escola: EMEF "Santo Seno". Obra: "Cangaceiro".
Troféu Educando Com Arte: Aniele Bordon Licatti, Escola: EMEF "Prof. Maurício César Alves Pereira". Obra: "Pique Esconde".
Troféu Arco-íris: Izabela Reide Quilles, Escola: EMEF "Prof. Maurício César Alves Pereira". Obra: "Bumba meu Boi".
Troféu Secretaria Municipal da Educação: Marcela Alexandra Cassiano, Escola: Casinha do Papai Noel. Obra: "Quadrilha no Arraiá".
Troféu Sítio do Pica-Pau-Amarelo: Bryan Henrique Gonçalves Torres, Escola: EMEF "Joaquim Miguel dos Santos". Obra: "A vida continua".
Troféu Rosane Carneiro: Elison Felipe de Lima Pereira, Escola: EMEIEF "Profº Reinaldo Zanin". Obra: "Brinquedos Folclóricos"
Troféu Laura Haidar: Fernanda Carolina Rodrigues, Escola: EMEF "Profª Zenaide Rugai Fonseca". Obra: "Corrida do Saco".

PINTURA INFANTO-JUVENIL (de 12 a 16 anos)

- 1.º Troféu Ouro: Bruna Daniele Lemes, Escola: E.E. "Prof.ª Dalva Vieira Ítavo. Obra: "Cantinho da Vovó".
1.º Troféu Prata: Alan Fossalussa de Souza, Escola: E.E. "Prof.ª Dalva Vieira Ítavo. Obra: "Iara Encantadora".
1.º Troféu Bronze: Daniele Cristina de Deus da Costa, Escola: Casinha do Papai Noel. Obra: "Negrinho do Pastoreiro".
Troféu "Dr. Luiz Fernando Carneiro": Cristiane Lima Humberto, Escola: E.E. Dr. Antonio Augusto Reis Neves. Obra: "Boi-Bumbá".
Troféu Paz e Esperança: Manuela Cordon Fachim, Escola: E.E. Dr. Antonio Augusto Reis Neves. Obra: "Paz na Tribo".
Troféu AOLC: Hiago P. Pimenta, Escola: E.E. Dona Anita Costa. Obra: "Orixás -Forças da Natureza".
Troféu Destaque Visual: Larissa Carla Garrido, Escola: E.E. Dr. Antonio Augusto Reis Neves. Obra: "O Boto".
Troféu SEBRAE: Ana Carolina Vermejo Beloni, Escola: E.E. "Prof.ª Dalva Vieira Ítavo". Obra: "Aninha Pulando Amarelinha".
Troféu Monteiro Lobato: Aline dos Santos de Almeida, Escola: APAE. Obra: "Festa do Boi-Bumbá".
Troféu Brincando de Arte: Tamires Luana Estaca, Escola: E.E. Dr. Antonio Augusto Reis Neves. Obra: "Jongo".
Troféu Mundo da Imaginação: Elen Gabriela Aires Jervais, Escola: E.E. Dona Anita Costa. Obra: "Caipora".
Troféu Pequeno Artista: Nome: Ellen Storto Padilha, Escola: E.E. Dona Anita Costa. Obra: "Encontro Brasileiro".
Troféu Educando Com Arte: Jonatas Martins Filho, Escola: APAE. Obra: "Fervo Brasil".
Troféu Arco-íris: Conrado Luis G. de Melo, Escola: APAE. Obra: "Potira Guará".
Troféu Secretaria Municipal da Educação: Tamires Roberta Soncine, Escola: E.E. "Prof.ª Dalva Vieira Ítavo. Obra: "Sereia Sedutora".



OUTRAS ATIVIDADES



Lançamento do Anuário do 42.º FEFOL



Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis



FOLCLORANÇA - Oficina de Brinquedos Tradicionais Infantis



Peregrinação Folclórica - O FEFOL nas ruas



Minifestival do Folclore





Campeonato de Bocha



Campeonato de Truco



20ª Olimpex-exposição filatélica



Campeonato de Malha



Ciclo de Palestras sobre folclore



BALÉ FOLCLÓRICO DE ALAGOAS

GRUPO TRANSART FESTEJOU SEUS 30 ANOS

NA “CAPITAL DO FOLCLORE”



O Balé Folclórico de Alagoas - Grupo Transart, de Maceió/AL, esteve comemorando seus 30 anos de criação com uma vasta programação durante todo ano de 2006, num total de 200 shows realizados. Foram apresentações na capital – Maceió – nas cidades do interior de Alagoas e em outros Estados do Brasil.

No mês de agosto, durante o 42.º Festival do folclore de Olímpia, em que o grupo fez a sua terceira participação, o Transart aproveitou a fase dourada de comemorações e saiu em turnê por outras cidades paulistas e mineiras, levando o folclore alagoano

com muito brilhantismo para as praças cheias de espectadores, interessados e amantes da nossa cultura popular, transportada para o palco pelas mãos criativas do Prof. Rogers Ayres, fundador e coreógrafo do Balé Folclórico De Alagoas.

O Transart (BFAL) surgiu em 1976 na comunidade estudantil do bairro da Pajuçara, na orla de Maceió, com o nome de Comunidade Artística da Pajuçara-CAP.

Em 1985, já era uma Companhia de Danças Típicas muito conhecida e respeitada e já era composta de jovens de todos os bairros da cidade. Foi então que passou

a ser chamada de “Balé Folclórico de Alagoas”, incrementou suas danças e passou a ter uma estrutura mais complexa de organização e administração.

O curioso é que nunca conseguiu ser tão conhecida com outros nomes como ficou com o nome de TRANSART, pois no início de seus trabalhos para sociedade alagoana, o Grupo fez de tudo: iluminação de passarelas, decoração de bailes, recepção de eventos, performances para inaugurações, comerciais para TV, oficinas de danças nas escolas, participação em Escolas de Samba no carnaval, etc. E todos se admiravam como





o Grupo era tão eclético! Perguntavam sempre pra gente (com uma pitada de malícia): Qual é a transa mesmo desse Grupo? E nós sempre respondíamos com orgulho: Nossa transa é só com a ARTE! Daí a grande popularização do TRAN-SART.

No ano de 2006, em que o grupo completou 30 anos de muita luta e muito trabalho em prol da divulgação e valorização da nossa cultura popular, tanto no nosso país como no exterior, foram recebidos com ampla receptividade e muito sucesso nas seguintes cidades: em Bauru/SP, em festival promovido pela Prefeitura Municipal desta cidade no Anfiteatro do Parque Vitória Régia, no dia 06/08/2007, sob a coordenação do Prof. Sivaldo Gonçalves Camargo, Diretor do Departamento de Ação Cultural, onde também receberam um grande abraço de Tito Pereira (Yauaretê – Culturas Populares); Araçatuba, no dia 10/08/2007, no

3.º Folcloaraçá, festival realizado na Praça João Pessoa, pela Prefeitura Municipal de Araçatuba, sob a coordenação do Secretário Municipal de Cultura, Prof. Alexandre Sônego de Carvalho; em Barretos, no dia 12/08/2007, na Praça Francisco Barreto, em evento promovido pela Prefeitura Municipal, sob a coordenação do Secretário Municipal da Cultura, Dr. Osvaldo Caiel Filho, e, entre outras, também em Uberaba/MG, onde o grupo teve uma sensacional recepção da Fundação Cultural de Uberaba/MG, em festival realizado na Praça Dom Eduardo, através do empenho de Antônio Carlos Marques, Assessor de Cultura, e do então Presidente da Fundação Alemar Paranhos. Com um bom trabalho de divulgação nas redes de televisão o grupo conseguiu lotar a praça central da cidade num dia de feriado municipal (N. S.ª da Abadia), onde havia muita festa na cidade. Foi um sucesso total. E apareceram outros convites para

outras apresentações que estão sendo agendadas para este ano.

Em 2005 o Grupo, que já se apresentou em diversos países, fez uma grande turnê pela Europa participando de eventos na França, Bélgica, Holanda e Alemanha, durante 03 meses representando o Brasil nos maiores festivais de folclore internacionais, e fazendo participações especiais em eventos culturais das origens mais diversas.

No entanto, a data de comemoração dos 30 anos do Grupo veio ser coroada no Festival de Olímpia-SP, onde o grupo é sucesso absoluto, desde sua primeira participação, em 2002, ocasião em que causou grande celeuma ao apresentar dançarinas com os seios à mostra na dança “Caboclinhos” (o que aconteceu pela primeira vez na história do FEFOL).

Segundo o Prof. Rogers Ayres, a presença do grupo no 42.º FEFOL foi um gesto de agradecimento à pessoa de D. Cidinha Manzoli (que recentemente esteve em Maceió e foi homenageada pelo Grupo num grande evento cultural), que demonstrou seu grande carisma aos visitantes da cidade nos eventos em que esteve à frente, e finalmente abriu as portas do Festival do Folclore de Olímpia para este Grupo Parafolclórico de projeção internacional, quando este completava 26 anos de aniversário.



PARCERIA SESC - FEFOL

No 42.º Festival do Folclore de Olímpia, o SESC/SP estreitou sua parceria com a nossa festa maior promovendo eventos em várias unidades dessa instituição que se distingue pela ampla realização de atividades culturais, ressaltando-se que, em todos os anos, no mês de agosto (o Mês do Folclore) grande parte de sua programação se reserva para a cultura popular.

O objetivo dessa ação do SESC é contribuir para a continuidade das manifestações folclóricas.

No SESC Catanduva, no dia 9/08/2006, apresentaram-se os "Parafusos", de Lagarto/SE, às; no dia 10/08/2006, o Reisado de Za-

belê/PB; no dia 11/08/2006, o "Boi de Reis de Cuité", de Pedro Velho/RN, às 19h30; e no dia 13/08/2006, às 10h, o "batalhão de Bacamarteiros, de Carmópolis/SE.

No SESC Bauru, às 19h30min, no dia 8/08/2006, apresentaram-se os Parafusos, de Lagarto/SE, e no dia 10/08/2006, o Batalhão de Bacamarteiros, de Carmópolis/SE.

No SESC Ribeirão Preto, no dia 12/08/2006, às 11h, apresentou-se o Reisado de Zabelê/PB.

No SESC São Carlos, apresentaram-se os Bacamarteiros, de Carmópolis/SE, no dia 11/08/2006, às 19h; o "Boi de Reis de Cuité",

de Pedro Velho/RN, no dia 12, às 16h30; e os Parafusos, de Lagarto/SE, no dia 11/08/2006, às 16h30.

No SESC Rio Preto, no dia 08/08/2006, e no dia 10/08/2006, às 20h, apresentaram-se, respectivamente, o Reisado de Zabelê/PB, e o "Boi de Reis de Cuité", de Pedro Velho/RN.

A participação com o SESC, em nossa festa maior, sem dúvida, é de grande relevância, visto que, com essa significativa parceria, essa prestigiosa instituição entra conosco em uma valorosa empreitada cultural colaborando para a preservação de grupos folclóricos.

GRUPOS QUE PARTICIPARAM DO 42.º FEFOL



Terno de Moçambique São Benedito, Guaratinguetá-SP



Terno de Congo Irmãos Paiva, Santo Antonio da Alegria-SP

Grupo Folclórico Campinense – Campinas/SP; Cia. de Reis "Lapinha de Belém" – Olímpia/SP; Cia. de Reis "Magos do Oriente" – Olímpia/SP; Cia. de Reis "Os Visitantes de Belém" – Olímpia/SP; Cia. de Reis "Os Viajantes de Belém" – Olímpia/SP; Cia. de Reis Fernandes – Olímpia/SP; Cia. de Reis Família Miranda – Olímpia/

SP; Cia. de Reis Magos do Oriente Dois Irmãos – Olímpia/SP; Cia. de Reis Carioca do Extremo Norte – Bebedouro/SP; Cia. de Reis Presépio ao Vivo – Bebedouro/SP; Cia. de Reis Canário da Terra – Bebedouro/SP; Cia. de Santos Reis Unidos dos Marinheiros – Itaú de Minas/MG; Cia. de Reis "Caminhos de Belém", Ubarana/SP;

Reisado Sergipano e Bumba Meu Boi – Guarujá/SP; Grupo Caçula de Catira – Bauru/SP; Grupo de Fandango de Tamanco Cuitelo – Capão Bonito/SP; Caiapó Mata Adentro – São José do Rio Pardo/SP; Grupo Folclórico Caboclinhos – Guarujá/SP; Samba-Lenço – Mauá/SP; Grupo Folclórico e Religioso Moçambique de São Be-



redito – Lorena/SP; União Folclorista São Benedito do Belém – Taubaté/SP; Grupo Moçambique São Benedito – Guaratinguetá/SP; Terno de Moçambique de Canequinha Irmãos Realino – Santo Antônio da Alegria/SP; Moçambique Princesa Izabel – Uberlândia/MG; Moçambique Diamante – São Sebastião do Paraíso/MG; Moçambique O Manhoso – Ibiraci/MG; Congada Chapéu de Fitas – Olímpia/SP; Congada Marinheiros de Franca/SP; Congada Três Colinas – Franca/SP; Congada de Sainha Irmãos Paiva – Santo Antônio da Alegria/SP; Grupo Congado Ma-

rujos Azul de Maio – Uberlândia/MG; Congado de Nossa Senhora do Rosário Prata – Uberlândia/MG; Congada Os Marinheiros de Itaú de Minas/MG; Grupo Folclórico Xambá – São Sebastião do Paraíso/MG; Cordão Folclórico Tatuiense – Tatuí/SP; Samba de Roda, Parafusos e Batalhão de São João – Lagarto/SE; Terno de Zambumba – Lagarto/SE; Grupo São Gonçalo – Olímpia/SP; Batalhão de Bacamarteiros – Carmópolis/SE; Reisado de Zabelê/PB; Boi de Reis de Cuité – Pedro Velho/RN; Grupo Parafolclórico Frutos do Pará – Belém/PA; Grupo Parafol-

clórico Jacoca – Conde/PB; Grupo Parafolclórico Fogaça – Maringá/PR; Grupo de Cultura Nativa Tropeiros da Borborema – Campina Grande/PB; Balé Folclórico Tradições da Amazônia – Belém/PA; Balé Folclórico de Alagoas – Grupo Transart, Maceió/AL; Grupo de Projeção Folclórica Sarandeiros – Belo Horizonte/MG; CTG. Guapos de Itapuí – Campo Bom/RS; Grupo de Danças Folclóricas Raízes – Olímpia/SP; GODAP – Olímpia/SP; Congo de Oeiras/PI; Congo Panela de Barro de Goiabeiras – Vitória/ES; CTG. Lalau Miranda – Passo Fundo/RS.

GODAP

40 ANOS DE SUCESSO

O GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça”, criado e presidido pela Prof^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli, completa 40 anos em agosto de 2007.

Motivo de orgulho para os olimpienses, este grupo, cuja história é repleta de grandes sucessos, leva o nome de Olímpia de modo espetacular para diversas partes do Brasil e do exterior, representando condignamente a nossa “Capital do Folclore”.

A Criadora do GODAP



Fotos: LFRabatone - iFolclore

Como se disse no espetáculo de abertura do 38.º FEFOL, “se Deus fez um José, fez também uma Maria”.

Uma das primeiras entusiásticas seguidoras do Prof. José Sant’anna, Maria Aparecida de

Araújo Manzolli, “Cidinha Manzolli”, que participa do Festival do Folclore desde sua primeira edição, em 1965, faz parte da história da nossa festa maior, como uma de suas protagonistas.

Professora de Educação Artística, quase simultaneamente com o Prof. José Sant’anna deu início a atividades artísticas e culturais com crianças e jovens, que ainda hoje desenvolve, com o GODAP.

Conforme consta do Programa-Convite do 31.º Festival do Folclore, programa que durante várias edições do evento produzíamos e o subscrevíamos com o Prof. José Sant’anna, esta história se iniciou há muitos anos.

Em 1956, em salas de aula do extinto Colégio Olímpia, o grande expoente olimpiense desenvolvia com seus alunos atividades e pesquisas concernentes à cultura





popular, enquanto a Profª Maria Aparecida de Araújo Manzolli _ que também sempre teve aquela força interior para o estudo da cultura do povo, segundo o mestre _ acompanhava o trabalho por ele realizado com grande atenção e interesse.

Professora de música e canto em Guaraci-SP, amiga do grande luminar olimpiense, e admiradora do seu trabalho, a convite do grande folclorista, Prof. Sant'anna, procedeu à elaboração dos pentagramas de obras folclóricas como "Anjo Lindo" e "A Mosca e a Moça".

A exemplo de Sant'anna, procurava inspirar o apreço e o interesse pelo folclore em seus alunos (dentre os quais, tivemos o grande prazer de estar, na década de 80).

Ao participar de um curso

("Folclore Musical"), promovido pelo Sindicato Rural de Olímpia, demonstrou, com seu acordeão, as diversas modalidades da música folque. Sant'anna incumbiu-se da exposição teórica e Cidinha, da parte musical.

Em 1967, contagiada com o entusiasmo do criador do Festival do Folclore de Olímpia, instou junto a seus alunos que participassem da nossa festa maior.

Essa participação fez com que Cidinha e Sant'anna decidissem que um grupo fixo fosse então constituído.

Crianças e adolescentes da E.E.P.S.G. "Antônio Augusto Reis Neves", e E.E.P.G. - "Capitão Narciso Bertolino" integravam esses primeiros grupos. Ensaios e algumas apresentações se realizavam na quadra da antiga escola "Reis

Neves" (era o começo de uma história repleta de êxitos do grupo parafolclórico de Cidinha).

Em 1968 - informa a Folclorista Profª Iseh Bueno de Camargo - "Cidinha vai para o Rio Grande do Sul, em Caxias, entrando em contato com o CTG 'Rincão da Lealdade', apreciando as danças e informando-se, diretamente com Barbosa Lessa e, de forma indireta, com Paixão Cortes e sua obra musical. Trouxe do sul as danças seculares que popularizaram o gaúcho, os pampas, adaptou-se ao jeito paulista sem despessoalizá-la, entretanto. Mais tarde _ prossegue Iseh _ após a vinda de grupos do Norte e Nordeste, introduziu danças desses extremos do país: Asa Branca, Mulher Rendeira, Maneira-o-pau... A Dança do Bambu foi pesquisada em Ibitinga-SP sob o estímulo da diretora Marilena





Ferreira Costa Neves, transmitida por uma professora de Educação Física da cidade. Danças paulistas, mais tarde ampliam os trabalhos, à luz das pesquisas de Maria Amália Giffoni: Chimarrita, Café, Cana Verde... Muita pesquisa foi feita com o pessoal das regiões onde as danças foram preservadas e um belo trabalho de montagem de coreografia, a fim que essas danças apresentassem, como hoje, a graciosidade dos olimpienses, a arte de Cidinha Manzolli, o folclore musical brasileiro”.

Desde então, acompanhando de perto as pesquisas do Prof. José Sant’anna, Cidinha nelas busca subsídios para as atividades de seu grupo, sempre enriquecendo a indumentária, a música e a coreografia das manifestações que apresenta, sem, contudo, fugir ou

desviar-se da essência folclórica, mantendo-lhe a fidelidade.

O grupo inicialmente foi denominado “Pau de Fitas”, mas, pouco depois, passou a chamar-se “Cidade Menina Moça”.

O Prof. José Sant’anna no Anuário do 33.º Festival do Folclore (capa), assim se pronunciou:

“Temos certeza de que a Prof. Cidinha Manzolli atingiu a meta desejada e, assim sendo, muito podemos esperar do seu espírito de dedicação: culto, dinâmico e criador. É executante exímia, professora dedicada e resoluta. Sempre se nos afigurou uma curva ascensional. Desde criança a vemos em franca atividade, vivendo em busca do seu ideal, sobretudo no campo da música e da dança. O seu trabalho nos encanta, porque

é sincero e compreensível, lidando sempre com crianças e jovens na projeção da beleza simples das danças e folguedos do folclore brasileiro. São mais de 60 manifestações que o grupo apresenta. Para fins de demonstração, tira-se o máximo efeito da indumentária e movimentação do grupo. Já se apresentou em diversos estados do país, inclusive em programas de televisão. Hoje é grupo tradicional e conhecido em quase todos os pontos do Brasil”.

Em 1997, Sant’anna participou do I Festival Internacional da Laguna, Espanha, para o qual foi especialmente convidado e incumbido de designar um grupo que nele representasse o Brasil. O grupo que o mestre indicou foi o GODAP, da Prof.ª Maria Aparecida de Araújo Manzolli (a qual se





tornaria Presidente da Comissão Executiva do Festival Internacional de Folclore - FIFOL).

A partir daí, Sant'anna passou a ser membro do CIOFF, juntamente com o grupo, adquirindo o direito de realizar em Olímpia Festivais CIOFF – o hoje já consagrado Festival Internacional de Folclore, que já completou sete edições, sob o comando de Cidinha Manzolli.

No 38.º FEFOL, por meio de Lei Municipal nº 2964/02, cujo projeto de Lei é de autoria do então Vereador, Dr. Vicente Augusto Batista Paschoal, a Arena da Praça das Atividades Folclóricas passou a denominar-se “Maria Aparecida de Araújo Manzolli”.

A homenagem foi tributada à Prof.ª Cidinha Manzolli durante

a abertura do 5.º Festival Internacional de Folclore, no dia 14 de abril de 2002.

Na entrada principal da arena foi instalada uma placa de bronze com as inscrições concernentes à denominação do local, em meio a notas musicais.

Atualmente, com as merecidas credenciais que ostenta, já ressaltadas pelo próprio Sant'anna, magno bastião da cultura em Olímpia, Cidinha é Delegada CIOFF, Seção São Paulo, Presidente da Comissão Executiva do Festival Internacional de Folclore de Olímpia-SP e Coordenadora Geral do Setor de Folclore em nosso município.

Os sucessos do grupo.

Nos primórdios da década de 60, foi iniciado um trabalho de pesquisa, de abrangência nacio-

nal, coordenado pela Profª Cidinha Manzolli, para coletar músicas, danças, trajes e instrumentos musicais brasileiros.

“Em virtude de o Festival do Folclore ser realizado em nossa cidade (Olímpia-SP), decidiu-se criar um grupo de danças para apresentações durante o evento. Esse grupo pioneiro foi denominado Pau de Fitas e, posteriormente, Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas Cidade Menina Moça (GODAP)”.

“A iniciativa tinha por objetivo o ensino do folclore como meio de formação educacional. Esse trabalho teve continuidade graças à dedicação e ao amor de seus participantes pela dança e pela música. Posteriormente, com a realização de cursos de folclore nas salas de aulas, houve maior engajamento





de jovens e adolescentes. A partir daí, o grupo iniciou as apresentações públicas em praças, ginásios de esportes e recintos de festas em todo o Estado de São Paulo e por todo o Brasil”, segundo a própria Dona Cidinha (Anuário do 40.º Festival do Folclore, pág. 100).

Desde sua criação, esse grupo vem encantando pessoas de todos os níveis culturais e financeiros. Acompanhado e divulgado por jornais, rádios e TV, apresentou-se como convidado especial para presidentes da República, governadores, ministros, parlamentares e secretários de Estado.

O GODAP, que sempre teve o grande e determinante apoio do Prof. José Sant’anna, ao longo destes anos já contou com a participação de mais de 2.500 jovens,

tem um repertório de danças folclóricas de quase todo os Estados brasileiros, dando ênfase às danças paulistas. São 80 bailarinos, 15 músicos que realizam cerca de trinta apresentações anuais, totalizando mais de mil durante sua existência.

Um pequeno parêntesis (Inesquecível foi a ocasião em que, no 33.º Festival, os primeiros integrantes do GODAP _ todos então com mais de quarenta anos, alguns bem “fora de forma”, como disseram na oportunidade _ homenagearam a D. Cidinha Manzolli dançando no palco principal da arena que hoje leva o nome dessa grande folclorista. Ensaíram em segredo. Ninguém sabia de nada (além deles e do Prof. Sant’anna). Entraram de repente, no breve

intervalo entre a apresentação de uma dança e outra, pelo GODAP. Ela estava tocando acordeão, o qual se soltou de suas mãos e caiu de seu colo no momento em que ela percebeu o que estava acontecendo).

As danças que o grupo apresenta atualmente, entre outras, são as seguintes: Xote Carreirinho, Tatu, Tirana-do-lenço, Chula, Maçanico, Dança dos Facões, Roseira, Balaio e Malambo (da região Sul do Brasil); Balainha, Bambu, Café, Quadrilha, Pau de fitas, Chimarrita, Cana-verde de passagem e Tamboril (do Sudeste); Asa Branca, Xotes Pé-de-Serra, Mulher Rendeira, Baião, Caninha-Verde, Xaxado e Maneiro Pau (do Nordeste) e Xote Bragantino e Vaqueiro de Marajó (do Norte).





Já participou de inúmeros eventos, “por vasta extensão do território nacional”, conforme registrado no Anuário do 25.º Festival do Folclore, pela Prof.ª Iseh Bueno de Camargo:

No Rio de Janeiro – Maracanãzinho e SESC da Tijuca. Em Minas Gerais: Iturama e São João Del Rei (com belo curso sobre folclore); no Rio Grande do Sul: Caxias, Porto Alegre, Farroupilha, São Gabriel, Nova Petrópolis. Em Mato Grosso: Itaporã, Pontaporã (Fazenda Itamarati), Aparecida do Tabuado, Paranaíba. Em Goiás: Hotel Pousada, de Caldas do Rio Quente, uma semana de participação em festival em São Paulo: 4 vezes na TV Cultura, uma vez na TV Bandeirantes, 2 na TVS, na antiga TV Tupi; dois cursos na E.E.P.S.G ‘Caetano de

Campos’ apresentações na Feira da Solidariedade, Anhembi, Praça da Sé na “Festa da Praça” – SESC; inúmeras vezes no Ibirapuera sob apoio total da ‘Caravela da Saudade’, no Museu do Folclore, dirigido, então, pelo saudoso Rossini Tavares. Uma das apresentações no Anhembi, sob governo de Paulo Maluf, juntou o grupo olimpiense a incontáveis grupos de todo o Brasil que participavam da então Festa das Nações”.

Os Sucessos do grupo Apresentou-se em dezenas de cidades paulistas, por mais de uma ocasião, e em outros Estados do Brasil. Também participou do Festival de Folclore de Anápolis/GO, em 2005 e 2006, e em muitos outros no decorrer de sua história.

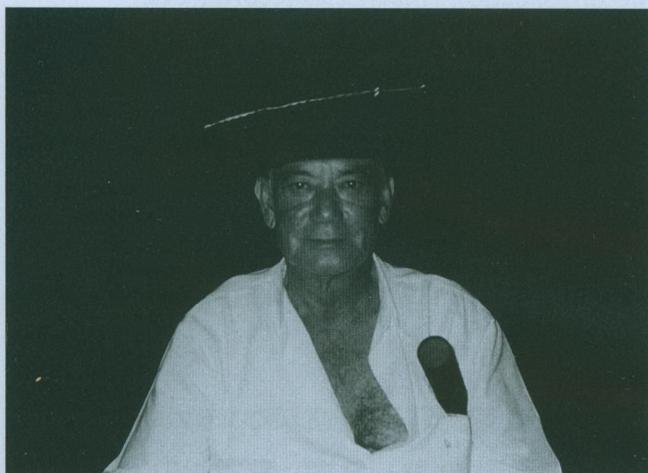
Com efeito, o GODAP, esme-

radamente dirigido por Cidinha, é detentor da mesma projeção nacional que seu amplo repertório de manifestações apresenta, representativas do folclore de praticamente todas as regiões do país.

Um grupo sensacional, que vem se aprimorando cada vez mais, apresentando-se em vários eventos, festivais de folclore e programas televisivos, por quase todo o Brasil, e, nos últimos anos, também no exterior: Festival Internacional de Folclore, Laguna, Espanha, 1997; Festival Internacional de Folclore, França, 1999; Festival Internacional de Ayolas, Paraguai, 1999; 2.º CIO-FF World Folkloriada, Japão, 2000; Festival Internacional de Folclore do México 2001; Festival Internacional de Folclore do Chile (2003); “Abril em Tarija”, Bolívia (2007).



OLÍMPIA PERDE ISSAO NAKAMURA



Issao Nakamura, quando da colação de grau, em Jornalismo, do Presidente da Comissão Executiva do Festival, em 2006, André Nakamura.



Issao Nakamura, na mesma ocasião, com sua mulher Antonia Nakamura, e os filhos André e Lígia Nakamura

Pai exemplar, assim como marido, avô, filho, amigo, Issao Nakamura faleceu no dia 24 de novembro de 2006, aos 62 anos, em decorrência de um enfarte. Distinguia-se por sua capacidade de fazer inúmeros amigos, por sua generosidade e por sua afeição para com seus semelhantes. Seu grandioso carisma logo conquistava a amizade e a simpatia de quem lhe fosse apresentado. Colaborava com diversas entidades assistenciais. Ele próprio, por si só, auxiliava inúmeras pessoas, sem qualquer divulgação. Mesmo nós, seus familiares, desconhecíamos muitas de suas atitudes solidárias e generosas. Ficamos surpresos com várias declarações agradecidas de pessoas que não conhecíamos.

Impressiva, sem dúvida, foi a multidão reunida no dia da última homenagem que lhe foi prestada, na Câmara Municipal de Olímpia.

Issao Nakamura foi Presidente da APAE de Olímpia _ cujo Pátio de Recreação, tem o seu nome,

desde 2003 _ Provedor da Santa Casa de Misericórdia local, e participante de várias instituições filantrópicas.

Trabalhador denodado, sempre foi atuante empreendedor à frente da Indústria e Comércio Nakamura Ltda., da qual era “a alma”, como todos que nela trabalharam e trabalham dizem. A mencionada empresa tem mais de 40 anos de tradição em nossa cidade, tendo se notabilizado pela construção de inúmeras salas-de-aula no Estado de São Paulo, a que se denominou “Padrão Nakamura” (mencionado, inclusive, em grandes jornais e até nos debates entre os candidatos na recente eleição para a presidência da República). Suas realizações concernentes à estrutura metálica de obras podem ser vistas em inúmeros pontos referenciais desta cidade, a exemplo do Estádio Teresa Breda, do Clube Termas dos Laranjais, e, entre outros, do Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas (a estrutura metálica da obra, de

aproximadamente 9 mil m², foi concluída no prazo recorde de 45 dias, sob sua supervisão). Embora tivesse estudado até o ensino médio, graduou-se com louvor na escola da vida (na qual, aliás, se desenvolve e se aprende a cultura popular). Surpreendia, com seus conhecimentos adquiridos em longa prática, os engenheiros responsáveis pelas obras da Nakamura, os quais, depois, passavam a consultá-lo.

Grande apreciador do folclore brasileiro, não perdia uma noite de apresentações no palco, durante o FEFOL, acompanhando-nos, ainda, nas visitas que fazíamos aos membros de grupos folclóricos e parafolclóricos, nas escolas e no refeitório (recebemos telegramas e telefonemas solidários de vários integrantes desses grupos).

Dizem que muitos brasileiros perdem um amigo, mas não perdem uma piada. Issao, sempre bem humorado, fazia piadas com quase tudo, mas sem nunca ter perdido um amigo. Fazia piada até nas



situações adversas, dizendo que a melhor maneira de enfrentá-las é brincando com elas.

Artista, grande orador, conhecedor da Língua Portuguesa, e também “arteiro”, galhofeiro, exuberante, deixou muitas histórias divertidas, para lembrarmos dele com alegria. Deixou saudades pungentes, “deixou muitos órfãos” _ ouvimos reiteradas vezes _ e nos deixou grandes lições de honestidade, de caráter, de perseverança, de trabalho, de coragem, de solidariedade, de amor ao próximo.

Sempre nos lembramos de suas nobres lições, de seus sábios ensinamentos (só nos falta aprender a colocá-los em prática, como ele).

Lembro-me _ entre inúmeras boas lembranças _ de um sábado à noite, em que lhe disse que não iria sair porque estava indisposto. De repente, ele começou a me dizer que estava se lembrando dos primeiros tempos de namoro com minha mãe (na ocasião, haviam completado recentemente 40 anos de casado). “Sabe quando foi isso, André? ... Ontem”.

Uma clara lição: viva intensamente o hoje; o amanhã vem rápido demais.

Issao Nakamura permanecerá sempre vivo em meio a nossas mais belas recordações.

Como dissemos, com relação ao Prof. Sant’anna (entre os quais, aliás, havia uma amizade de longa data): “não podemos mais ouvir sua voz”, mas o diálogo com meu pai Issao Nakamura será sempre possível.

SAMBA-DE-RODA SEM MARIA

No dia 22 de junho de 2007, os grupos de Lagarto/SE, sempre presentes em nosso Festival do Folclore nos últimos quinze anos, sofreram grande desfalque. Vítima de um enfarte, Maria Anita da Silva faleceu, deixando muita tristeza e saudade entre seus colegas dos mencionados grupos, familiares e amigos, especialmente no Largo Pedro Brás (“Maloca”), em Aracaju, onde residia. Maria, que iria completar 67 anos no dia 16 de agosto do ano em curso (o Mês do Folclore) já integrou o grupo das Taieiras de Lagarto/SE, e, ultimamente, fazia parte do Samba-de-roda, da mesma cidade, embora residisse na capital sergipana.

Pessoa alegre, festiva, boa pro-



sa, grande dançarina, excelente cozinheira (já fomos muito bem recebidos por ela em Aracaju/SE) Maria tinha uma disposição invejável para se apresentar em nossa festa maior, da qual já participou

diversas vezes.

Juntamente com suas colegas, quase todas elas senhoras já idosas, apresentava-se em várias oportunidades no FEFOL: na Peregrinação Folclórica, no Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”, no Abrigo “São José”, enfim, cedo, à tarde, à noite no palco, em todos os dias da festa, sempre esbanjando vitalidade e animação.

Aos familiares e amigos de Maria Anita da Silva, a Comissão Executiva do Festival transmite sua manifestação de pesar, registrando suas condolências pela partida dessa nossa amiga e companheira nas lides em favor da preservação do folclore brasileiro.





Cidades em prosa & verso

FOLCLORE: ACONTECIMENTOS RECENTES

Nos últimos tempos, no reinado do folclore, registramos algumas ocorrências, dignas de divulgação, no afã de não deixá-las ao sabor insofocável do esquecimento.

Algumas publicações expuseram-se ao foco de interesse deste Anuário. Detectamos os que seguem:

José Carlos Rossato
Depto. de Folclore - Olímpia

O RICO FOLCLORE DO LITORAL DE SÃO PAULO

A edição especial da revista UFO (termo para simplificação de Ufologia), n.º 43, ano XXII, maio de 2006, de responsabilidade do conhecido e famoso editor A.J. Gevaerd, sediada em Campo Grande (MS), lançou o título mencionado. O editor pertence ao Conselho Editorial dessa Revista. A extraordinária publicação, bem impressa e colorida, circula em diversos países de vários continentes, com êxito enorme. O autor, que é

ufólogo reconhecido, demonstrou as manifestações de luzes não-identificadas e com seres alienígenas. São assuntos intrigantes que proporcionam curiosidades entre populares e mereceram a nossa atenção.

A capitania de São Vicente foi a primeira a ser instalada; os caiçaras, primeiros habitantes do litoral, ficaram envolvidos nas lendas, mitos, credences, superstições e muito mais. Menciona a

lenda ameríndia que denominou o Vale do Anhangabaú, no centro da maior cidade brasileira.

Nomes do nosso conhecimento: padre Nóbrega, antecessor de Anchieta, Thevet, Jean de Léry, Hans Staden, Pero de Gândavo e Fernão Cardim (familiares para os estudiosos das ciências humanas e sociais) foram mencionados.

Os interessados podem contactar através do fax (67)3341-0245 e certamente ficarão sensibilizados.



BRASIL, ALMANAQUE DE CULTURA POPULAR

Essa publicação é um projeto cultural TAM (empresa aérea) e conta com o patrocínio dos Correios e de outras instituições. Em seu n.º 79, ano 7, outubro de 2005, mencionou a Capital do Folclore. Lançou a matéria especial: Cores, sabores e amores de nossa gente. Com esse título, em quatro páginas (bem ilustradas), fez referência ao maior festival de folclore do país, realizado em Olímpia, interrupta-

mente, há dezenas de décadas.

A Capital do Folclore, com menos de cinqüenta mil habitantes, norte paulista, durante o Festival realizado (sempre em agosto), passa a ter uma população flutuante muito maior. A cidade "Menina-Moça" passa a ser, durante o evento, conhecida em todas as regiões brasileiras (e no exterior), a vitrine da cultura do nosso povo. Uma das receitas do licor que coletamos e foi

inserida no ensaio "Olímpia e seus Licores Artesanais" (Anuário do 41.º Festival do Folclore, 2005) foi aproveitada.

O texto de Mariana Proença contou com fotos de Iolanda Huzak, no Almanaque editado na capital paulista, é primoroso e mostra o que o brasileiro precisa saber para amar a nossa terra, a nossa gente e a cultura inerente ao povo.

FOLCLORE & COMPANHIA

Em pequeno formato com adaptação de Márcia Maria Villanacci Braga e Robson Alves dos Santos, a Editora paulistana Rideel lançou o livro indicado no título. A edição (2002) é bem ilustrada e em cores. É obra didática indicada (especialmente) à educação infantil, com 263 páginas. É direcionada aos pais, professores, pedagogos e

estudantes em curso de formação para o magistério. Também é dirigida aos iniciantes nos estudos do folclore. Eis o sumário:

A besta-fera /O bicho-papão /O boitatá /O boto /A bruxa /O chupa-cabras /A cobra grande /O curupira (ou caipora) /O diabinho na garrafa / A erva-mate /O ET de Varginha /A gralha azul /A história

da Nicácia /A estória de Chico rei /A história do guaraná /A iara /A lenda da mandioca /A lenda dos diamantes /O lobisomem /O mapiquari /A mula-sem-cabeça /A mulher de pedra /O negrinho do pastoreio /O negro d'água /A onça da mão torta /A origem das estrelas /O pé-de-garrafa /Pedro Malasartes /O saci-pererê /A vitória régia.

BIBLIOGRAFIA DO RIO GRANDE DO NORTE

Saiu o catálogo da Biblioteca "Maria Fidelis da Costa" e da Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, da pena de Frei Fernando Marinho, em Natal (2003), visando a comemorar o 101.º ano da fundação do Instituto Histórico

e Geográfico do Rio Grande do Norte, consoante Enélio Lima Petrovich, presidente daquela Instituição. Em formato grande, com quase 460 páginas. Na 360 encontra-se a participação deste relator: José Carlos Rossato, com a enunciação da obra Veríssimo de Melo

deixou saudades (da série Folclore, Fundação Joaquim Nabuco, Instituto de Pesquisa Sociais, Coordenadoria de Estudos Folclóricos, Recife, PE). O volumoso catálogo foi publicado pela Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte.

VIAGEM AO SÃO FRANCISCO - DO LITORAL AO SERTÃO

O amigo Paulo Medeiros Gastão, pelas Fundações Guimarães Duque e Vingt-um Rosado, na coleção mossoroense, série "B", volume 2776, março de 2006, 38 páginas.

Inicia redescobrimo a rota do progresso por Mossoró, onde reside. Do total do sal de cozinha extraído no País, 85% sai de Mossoró. Além disso, aquele município é o maior produtor nacional

de petróleo em terra firme e o segundo em mar, sendo o terceiro em exploração de gás natural. Os cultivos de caju, melão, melancia, acerola e manga são quase somente remetidos ao exterior, graças à



irrigação.

Após, apresenta relatos (sintéticos) acerca de Caraúbas, Itaú, São Francisco do Oeste, Pau dos Ferros, Rafael Fernando, José da Penha, Major Sales (RN); Uiraúna São João do Rio Peixe, Cajazeiras, Cachoeirinha dos Índios (PB); Barro, Milagres, Brejo Santo, Jati,

Penaforte (CE); Salgüeiro, Belém de São Francisco (PE); Barra do Tarrachid, Rodelas, Nova Glória, Paulo Afonso (BA); Olho d'Água do Casado, Vila do Xingó, Piranhas (AL); Canindé de São Francisco, Poço Redondo (SE), sempre anotando aspectos folclóricos, históricos e geográficos. O mesmo ocorreu ao retornar, partindo de

Delmiro Gouveia (AL), passando por Águas Belas, Itaíba, Tupanatinga, Buíque, Carneiro, Arcoverde, Cruzeiro do Nordeste, Sertânia, Albuquerque Né, Jatibacá, Tuparetana, São José do Egito, Brejinho (PE); Teixeira, São José do Bonfim, Patos, São Mamede, Santa Luzia, Várzea (PB); Caicó, Jucurutu, São Rafael, Açu, Mossoró (RN).

ANAIS DO XI CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

O reconhecido evento do folclore pátrio focou "Metodologia da Pesquisa em Folclore, Preservação dos Bens da cultura Imaterial". Esse foi o penúltimo da Comissão Nacional de Folclore, o de número onze. Foi realizado em Goiânia, capital goiana (2004). Via de re-

gra, esse magno evento é realizado em anos pares. Estamos com os anais do referido Congresso, que atrai (também) pesquisadores estrangeiros. O Congresso teve o empenho da Comissão Goiana de Folclore, sob a presidência do dedicado folclorista Bariani Or-

têncio. O exemplar com 577 páginas foi lançado pela Editora Kelps (2005), de Goiana, com a participação valiosa da Comissão Nacional do Folclore /IBECC/ Unesco, Comissão Goiana de Folclore e patrocinadores.

PIRENEUS, CAIÇARAS...

A Editora da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), lançou, pelo Programa de Apoio Bibliográfico, a obra de Marlyse Meyer, a 2.º edição (revista e ampliada) do livro *Pireneus, Caiçaras...* Da *Commedia dell'arte* ao *bumba-meu-boi* (1991), com 158 páginas.

Inicia o teatro italiano do século XVI chegando e divagando

chega ao bailado cênico do *Bumba-meu-boi* fundindo as sátiras sociais, as paródias e até as obscenidades em sua apresentação nos folguedos populares do norte e nordeste brasileiros.

Marlyse passou rapidamente por *Iracema*, de Alencar (1829-1877), realizou (superficialmente) um passeio em *Ceci e Peri* (O Guarani).

Nos anos 60, morou no *Velho Mundo*, voltando para ser *uspiana* (1975). Posteriormente ingressou no Instituto de Artes da Unicamp, participando da fundação do núcleo de estudos comparados em cultura popular. Regressou à USP como docente visitante em Cultura e literatura e comparado. É conhecedora profunda da cultura brasileira.

O QUE FOI PELO SERTÃO

Foi lançada a segunda edição do título em epigrafe, pela Kelps, Goiânia (2006). É comemorativa ao meio século de literatura do amigo Bariani Ortêncio, nome que dispensa comentários. A edição

pioneira (1956), com 86 páginas foi o marco inicial. Entre os vários aspectos interessantes, menciona-se o vocabulário regional goiano, levando-nos a novidades, não obstante parte considerável seja

conhecida dos paulistas.

Recorda-se que o autor é paulista de Igarapava, onde nasceu (1923), indo para a capital goiana (1938), com apenas quinze anos.



BREVIÁRIO PROFANO DO POVO

As famosas fundações mosoroenses Guimarães Duque e Vingt-um Rosado lançaram (2003) o volume 1402, série “c”, da extraordinária coleção. A obra do

folclorista Gutenberg Costa emprestou o título a esta nota. São 132 pp. Referindo “a religiosidade popular em forma de bom humor nas orações profanas, causos, re-

zas, adivinhações, preces, sátiras, cânticos, simpatias criadas e divulgadas pelo povo”.

CALENDÁRIOS HISTÓRICO, CULTURAL E AMBIENTAL

O governo do estado de Amapá e a prefeitura da capital lançaram (2006) o calendário Histórico, Cultural e Ambiental de Macapá. Trata-se de um instrumen-

to que todos as municipalidades deveriam ter para divulgar cada comuna, independentemente de qualquer qualificativo. O calendário cultural é uma ferramenta de

trabalho valiosa. Na ausência dele, organizá-lo o mais rápido possível e divulgá-lo trará receitas para o município.

CARRANCAS DO SERTÃO

A autora do livro citado nasceu nesta região, em Tanabi/SP e reside em Petrolina (PE). Foi editado pelo SESC em comemoração aos quarenta anos de existência naquela cidade. São 68 páginas relatando os signos do passado e do presente.

Literária e Literatura Comparada pela USP (Universidade de São Paulo), atuou como docente na UPE (Universidade de Pernambuco); está aposentada. É membro da Comissão Pernambucana de Folclore.

atacado e no varejo/ a publicidade como reforço da simbologia/ artesão carranqueiros/ conclusão/ figuras/ ilustrações (quase todas coloridas)/ bibliografia.

Plano da obra: introdução/ origem/ ressurgimento das carrancas/ mediação simbólica/ carrancas no

A leitura é interessante é de fácil compreensão. Ao iniciá-la, certamente (em um único fôlego) completará a deliciosa atividade e com prazer.

Elisabet Gonçalves Moreira (para nós, Bete), mestra em Teoria

AS INCRÍVEIS HISTÓRIAS DO CABOCLO DO PARÁ

Walcyr Monteiro, sociólogo e folclorista, ouviu ao longo do tempo “causos” (estórias) às margens dos igarapés paraenses, pelas ruas das cidades – não só interioranas – coletando precioso material. A leitura desses “causos” – que se tornaram literários – é agradabilíssima pelas 123 páginas da obra. O autor, pesquisador do nosso relacionamento de amizade, leal há muito tempo, luta pela preservação da cultura amazônica.

O livro interessa não apenas aos estudiosos do folclore; atinge quem atua no magistério (de estudos sociais, do vernáculo e afins), os educadores (pais e pessoas ligadas à pedagogia aplicada e à formação de crianças e jovens), aos estudantes mais adiantados e outros leitores.

Esses incríveis, fantásticos e pitorescos “causos” recontados pela pena e inteligência de Walcyr

Monteiro são sensacionais. Duvidamos que haja alguém que não aprecie a leitura dessa encantadora obra. O rol é considerável de pequenos relatos que serão saboreados pelos leitores.

A propósito, bem antes do fenômeno da globalização, em meados do século XX, Henrique Foréis Domingues, mais conhecido por Almirante, pela rádio Nacional (Rio de Janeiro) apresentou uma



riquíssima coleção de estupendos “causos”, precipitando, antevendo “o processo massificado dos valores culturais”. Esse radialista recebia de todos os recantos do Brasil (de seus incontáveis ouvintes) pequenos relatos que passavam a ser radiofonizados. Conseguiu até dramatizá-los, prendendo a atenção dos ouvintes. Estes ficavam cativos, gerando descomunal prestígio, constatado pelas cartas e telegramas recebidos, além das abordagens em logradouros públicos. Não resta dúvida de que era o verdadeiro IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), criado bem mais tarde. A efetiva avaliação efetuada pelo povo não poderia ter sido melhor, tão exata. O êxito foi absoluto.

Com o mesmo título, Almirante publicou alguns textos do pro-

grama: Incrível! Fantástico! Extraordinário. O subtítulo “Casos verídicos de terror e de assombração” atraiu muito mais. Esse livro, com 330 páginas, foi editado pela conhecidíssima Editora O Cruzeiro (1951).

Nos dias que correm, no império da globalização, parte desses “causos” são apanhados (recolhidos) e recontados, “com a mesma ênfase dos casos verídicos e de assombração”. Seria influência remota de Almirante? Absolutamente não, uma simples continuidade de um processo folclórico. O que chegava para Henrique Foréis era a tradição cultivada espontaneamente pelo povo, “fenômeno que desafia as eras”; pouco – ou quase nada – alterou ao longo do tempo e, com certeza, pouquíssimo modificará no que há de vir.

O excelente autor é exímio contador de “causos”, é mestre no ofício, pesquisador de folclore amadurecido que honra o Grão-Pará e o Brasil.

Walcyr soube – como poucos – captar a imaginação do caboclo, que é admirável e sobrenatural, sem exagero.

Os contos levantados pelo autor podem ser classificados em caças fantásticas, humorísticos extraordinários, moralistas insólitos, pescarias admiráveis, viagens e passeios incríveis, visagens, assombrações e encantamentos excepcionais; enfim, são todos “causos” inabituais.

A obra, já esgotada foi lançada (1998) pela Smith – Produções Gráficas Ltda. (Belém), cujo endereço é Caixa postal 1563 – CEP 60-017-970 Belém (PA).

PEQUENO MANUAL DO DOENTE APRENDIZ

É um dos livros de memórias de Luís da Câmara Cascudo, pela EDUFRRN (Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte); edição comemorativa ao cen-

tenário de nascimento do famoso personagem, Professor Emérito da Instituição (1898 – 1986). Nas 79 páginas observamos as “notas e imaginações”.

A apresentação é do destacado Iaperi Araújo, o prefácio é do próprio autor, respeitado em todos os cantos.

MITO E SÍMBOLOS EM MACUNAÍMA

A Selinunte Editora (São Paulo), na coleção Anatomia das Letras, lançou o título mencionado. O autor é Oscar D’Ambrosio, que apresenta além de introdução e

farta bibliografia, quatro ensaios, longo apêndice dividido em nove títulos, em 95 páginas.

Henrique L. Alves, que dispensa comentários, diz que o autor

“recriou esse universo mítico, para melhor compreender o próprio mito ou herói encarnado em Mário de Andrade” (1893 – 1945).

FARINHA, FEIJÃO E CARNE-SECA

Pinto e Silva, na obra editada pelo SENAC, São Paulo (2005), 149 páginas, bem ilustrada, mostra “um tripé culinário no Brasil colonial”. Lançou “um olhar para

a cozinha colonial brasileira através da lente de aumento da antropologia”.

Mencionou: Auguste de Saint

– Hilaire, Jean-Baptiste Debret, Gilberto Freire, André João Antonil, Frei João de São José Queirós, Luís dos Santos Vilhena, Vicente Salvador, Claude d’Abbeville,



John Luccock, von Spix von Martius, George Gardner, frei Tol- lenare, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, Capistano de Abreu, Joan Newied, Hercules Florecente, Antonio Candido, Charles Wagley, Eduardo Galvão, Gabriel Soares de Sousa, Hans Staden, Jean de Léry,

Pero de Magalhães Gandavo, Frei Vicente de Salvador, Curt Nie- mundaju, Claude Lévi – Strauss, Câmara Cascudo, Caio Prado Jú- nior, Sérgio Buarque de Holanda, Charles Boxer, Roberto Simonsen, além de vários outros renomados nomes que muito fizeram pela

cultura brasileira.

Interessante glossário e bibliografia fazem de Farinha, feijão e carne-seca, conveniente leitura não só para os na- cionalistas, folcloristas, antropólogos, etnógrafos, etnólogos, e para tantos quantos queiram saber a respeito des- de País.

ÍNDICE DO FOLCLORE CAPIXABA

Os extraordinários pesquisado- res Renato Pacheco (1928-2004) e Luiz Guilherme Santos Neves são responsáveis pelo tão aguardado ÍNDICE DO FOLCLORE CAPI- XABA. Com o apoio cultural do Banetes, a obra (bem ilustrada), com 133 páginas foi lançada no final de 1994.

O estado do Espírito Santo, tido como sendo o primo pobre das demais unidades federativas da região sudeste está bem ser- vido, pois editou o seu Atlas fol- clórico (parte do projeto Atlas Folclórico do Brasil). Esse insólito volume foi lançado pelo MEC – SEC – FUNARTE – INSTITU-

TO NACIONAL DO FOLCLORE, Rio de Janeiro (1982), 93 páginas, formato grande. Ele especifica o artesanato, danças e folguedos da- quele estado. É um mapeamento esplêndido, fascinante para os in- teressados.

MEIO AMBIENTE & ANTROPOLOGIA

A Editora Senac (São Paulo) lançou (2006) a obra de Maurício Waldman, o sexto volume da série Meio Ambiente. Esse volume com 232 páginas. Várias figuras, além

de bibliografia complementar, “apresenta uma abordagem edu- cativa interdisciplinar por meio das duas áreas em questão”. Deve ser lida para a melhor compre-

ensão do mundo das atualidades. Para nós, a leitura dará a abertura indispensável do raciocínio para tão valiosa temática.

REIS MAGOS

Nessa sensacional obra o com- panheiro de ideais Affonso M. Furtado Silva, em espetacular lin- guagem, os conhecimentos acu- mulados acerca da história, arte, tradições, fontes e referências do assunto enfocado, numa bela edi- ção (2006). A aquisição poderá ser obtida através dos fones (21)2568- 1976 e 2234-8594 dirigindo-se a Léo Christiano Editorial Ltda. A apresentação é de Cáscia Fra- de (dispensa superlativos). Volu- me grande, abarca 235 páginas,

incluindo as ilustrações (todas legendadas), com indicação dos respectivos créditos; bibliogra- fia vasta, documentos esparsos e multimídias.

O nosso nome foi citado algu- mas vezes, tal qual o do saudoso José Sant’anna (1937-1999).

Sem dúvida é o mais vasto e completo volume sobre o entu- siasta do assunto.

O pesquisador percorreu al- guns países europeus coletando

dados; cortou o Brasil em várias direções durante a realização dos levantamentos de campo. É uma publicação indispensável aos cen- tros de estudos (não só folclore), às bibliotecas (especializadas ou não) e a todos que se interessam pelo palpitante assunto.

Quando da recente viagem de Sua Santidade, o Papa Bento XVI, a Aparecida (SP), um exemplar chegou às mãos do líder da Igreja de Cristo.



OLÍMPIA, CAPITAL DO FOLCLORE

A Coleção Prosa & Verso, organizada por Aníbal Albuquerque e impressa pela Editora Alba, Varginha (MG), no último volume lançado (2006), com o título Cidades em prosa & verso, entre as páginas 83 e 86 encontra-se o capítulo Olímpia, Capital do Folclore, de José Carlos Rossato, do nosso Departamento de Folclore, mostrando os aspectos históricos, geográficos e rápida visão de todos os prefeitos deste município, de Mário Vieira Marcondes (a partir de 1918) até o atual Luiz Fernando Carneiro. Posteriormente trata dos Festivais, num rápido bos-

quejo histórico, com a liderança segura e sóbria do professor José Sant'anna (1937-1999).

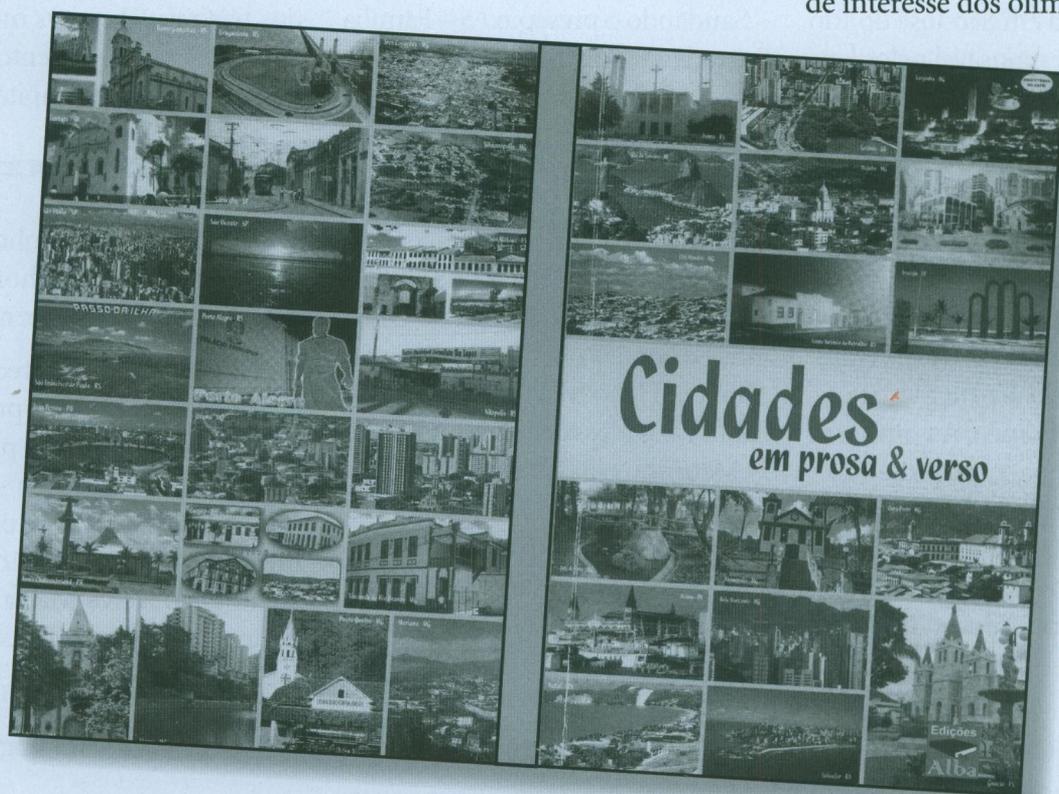
Da praça da matriz (Rui Barbosa) ao Ginásio de Esportes e deste ao Recinto de Atividades Folclóricas, mais tarde batizado com o nome do idealista pesquisador, que levou Olímpia a ser conhecida em todas as regiões brasileiras e em todos os continentes habitados (permanentemente).

Foi lembrada a efetivação do 1.º Simpósio Nacional Sobre Folclore, realizado concomitantemente durante o Fefol (para os íntimos

Festival do Folclore), no ano civil de 1986, de 14 a 17 de agosto. Naquele evento marcaram presença nomes representativos da pesquisa de campo de todas as regiões brasileiras, promovendo apreciações e discussões.

Os interessados poderão contactar com o organizador pela caixa postal 2030, CEP (Código de Endereçamento Postal) 37 002-971 ou pelo telefax (35) 3222-2529.

No Museu de História e Folclore "Maria Olímpia" pode ser encontrado o livro citado, que é de interesse dos olímpenses.



O CPP E OLÍMPIA

O Jornal dos Professores, órgão do Centro do Professorado Paulista, ano XLII – Junho de 2007 – n.º 388, p. 10, relatou:

“Olímpia é conhecida como a Capital do Folclore Brasileiro. Além de ser sede de diversos fes-

tivais do folclore, a cidade possui um museu sobre o tema. Criado em 1973, o Museu de História e Folclore 'Maria Olímpia' possui mais de três mil peças como: instrumentos, roupas, trabalhos em palha e objetos do dia-a-dia.

A peça mais antiga é considerada a mais valiosa está do lado de fora. É a locomotiva que veio da França e fez a ligação de Olímpia com o resto do país, tendo sido responsável pelo desenvolvimento econômico da região”.



FOLCLORE SONORIZADO

A gravação do folclore musical vem de décadas e acompanhou o desenvolvimento tecnológico. Da simples gravação ao disco de vinil, da fita cassete ao “compacto

disc” (CD) e posteriormente chega a vez do DVD (ainda não tão popularizado). Não é novidade para ninguém. Contudo, para os mais jovens nunca é demais re-

cordar. Ninguém põe em dúvida que na atualidade os CDs estão imperando. Eis alguns que chegaram a nós:

Só Catira

A inesquecível é encantadora dupla Vieira e Vieirinha lançou o volume dois da Série Só Catira. Estão inseridas nas doze faixas:

Chão Preto / Aproveite a mocidade / Eu gosto / Tiro a queima bucha / Coração de ouro / Gordinha e pequena / O meu bem falou /

Coroa de espinho / 15 de setembro / Rio de ouro / Garça branca / No tempo que eu namorava.

Estrela Divina

O mestre Cristal – respeitado pelos concorrentes – é considerado bom compositor e cantador. Integra a Companhia de Reis Estrela Divina, sediada em São José do Rio Preto (SP); é responsável pelos lançamentos do grupo folclórico. É o

segundo “compacto disc” da Companhia. São as seguintes as faixas: 1 – A Anunciação / 2 – Nascimento de Jesus / 3 – A visita dos Magos / 4 – Saudando o presépio / 5 – Família Sagrada / 6 – Estrela Divina / 7 – A saída da bandeira / 8 – A bandei-

ra dos três reis / 9 – Cumprindo a promessa / 10 – Afilhado de Santos Reis / 11 – A chegada dos três reis / 12 – Passando a coroa / 13 – A festa dos três reis / 14 – Os mistérios do terço / 15 – Padecimento de Cristo / 16 – Balanço dos Capitães.

Folia de Bariani Ortêncio

O referido CD poderá ser obtido através do telefone (62)3225-5570 (Goiânia – GO). As bandeiras da capa foram desenhadas e pintadas pela artista plástica e cantora Júlia Franco. A composição do “compact disc”: 1 – Senhora do Rosário (Júlia Franco e Foliões das Lages) / 2 – Folia do Divino (Melrinho e Belguinha) / 3 – Nossa Senhora da Guia (Ely Camargo) / 4 – Folia de Reis (Ja-

dir Pessoa e Foliões das Lages) / 5 – Folia de Santa Luzia (Adolfilho e Chitãozinho) / 6 – Folia do Divino (Barion e Robert) / 7 – Folia de São José (João Mariano e Pardalzinho) / 8 – Nossa Senhora da Guia (Melrinho e Belguinha) / 9 – Senhora do Rosário (Marrequinho e Belguinha) / 10 – Nossa Senhora da Guia (João Mariano e Pardalzinho) / 11 – Folia do Divino (João Mariano e Pardalzinho) / 12

– Folia de Reis (Melrinho e Belguinha) / 13 – Nossa Senhora da Guia (Viola Caipira de Londrina).

Do mesmo amigo recebemos o CD “Júlia Franco interpreta Bariani Ortêncio”. Este foi promovido pelo Bazar Paulistinha – produto fonográficos. Na nossa opinião sobre a obra as composições: Senhora do Rosário a Ave Maria, não obstante as demais sejam excelentes.

Revisitação dos Santos Reis

A fundação Hélio Galvão, com o patrocínio da dupla FIERN e SESI, além do apoio cultural da Fundação José Augusto, com gravação de Potiguar, Louvação Sinfônica – Natal 400 anos. Antônio José Madureira e Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte. Eis a relação das faixas: Loa do Potiguar / Canto do Mangue / Loa do Congolês / Procissão dos Navegantes / Loa do Mareante / Fortaleza dos Reis Magos.

A Revisitação dos Santos Reis (Louvação Sinfônica à Cidade de Natal, RN, nos seus 40 séculos de existência). Escreveu Dácio Galvão: “O rio Potengi, os índios potiguares, a Fortaleza dos reis Magos, estivadores do Canto do Mangue, toques de caboclinhos, congadas, de benditos, loas de brincantes, retretas é a cidade de Natal. Revisitada pelo compositor A.G. Madureira, de Macau, RN”.

Evocações remotas de culturas formadoras, especialmente a Ibérica e a Africana. Sentimento de reencontros e louvor. Tudo sob o manto sonoro da “Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte”, conduzida pelo mesmo Osvaldo D’amore e o registro complementar fotográfico de Candinha Bezerra.

É mais uma bela celebração do Programa Nação Potiguar à cidade de Natal, encantadora e inebriante.



Hinos de Reis

A tradicional gravadora Sabiá, sob a numeração estabelecida: 99383, lançou o CD que cedeu o nome dado ao título desta nota. A vocalização coube aos conhecidíssimos Moreno e Moreninho, da tradicional música caipira. O fantástico CD é composto de uma dúzia de faixas, a saber: 1 – Folias de Reis (dupla) / 2 – Dança

de Congo (idem) / 3 – Folias de Reis (idem) / 4 – Nossa Senhora do Rosário (Moreninho) / 5 – Hinos de Reis (Moreninho) / 6 – Coração de Bronze (Moreno) / 7 – Visita a Nossa Senhora (José Alves – Moreno) / 8 – Deus menino (Moreninho) / 9 – Milagre da Rede (Moreno – Moreninho) / 10 – Rei do Mundo (Moreninho)

/ 11 – Santo Antônio de Catigeró (José Alves – Moreninho) / 12 – O Presépio de Santo Reis (dupla). Observa-se que entre parênteses e após o título (numerado) encontra-se a autoria.

O referido disco compacto poderá ser encontrado nas boas lojas do ramo.

Terno de Reis em família

A tradicional família Dias, residente em Blumenau (SC), mais uma vez demonstra o talento do grupo constituído por uma dúzia de cristão, de diferentes idades, entre crianças e adultos. Sem contar a criatividade, a união e a cordialidade, o Terno de Reis Família Dias, demonstra com plena segurança – a continuidade imorredoura do grupo pela presença de gerações diferentes.

A distribuição das quatorze faixas, assim está organizada: 1

– Presépio Vivo / 2 – Visitantes do Grande Rei / 3 – Devoto de Santos Reis / 4 – Nasceu o Salvador / 5 – Noite de Natal / 6 – O Grande Anúncio / 7 – Encontros de Bandeiras / 8 – Comemorando o Nascimento / 9 – Revelação / 10 – Vim pra lhe dizer / 11 – Cantando Terno de Reis / 12 – Cantando na madrugada / 13 – Ano Novo / 14 – Fiquem com Deus.

Os eventuais interessados poderão contactar com o fone (47)3336-7141: Dias Promoções

Áudio Visuais.

Tal qual os anteriores, o quarto volume está sendo procuradíssimo pelos fãs. Pudera... está sensorialmente lindo!...

Embora o Dicionário do Folclore Brasileiro, nascido da genialidade de Luís da Câmara Cascudo (1898 – 1986) não mencionou o Terno de Reis significa Folia (ou Companhia) de Reis sem acompanhamento de palhaços.

Companhia Centenária de Reis de Potirendaba

A palavra Potirendaba em tupi significa “ramallete de flores”. A formação iniciou (1905), com a partilha das terras entre os herdeiros de João Antonio de Siqueira, adquiridas de Manoel Ponciano Leite (1829). O engenheiro Luiz Roncati, responsável pelo retalhamento, ordenado pelos proprietários, reservou a área de 17 alqueires para a localização do Patrimônio, cujo padroeiro seria o Senhor Bom Jesus. O engenheiro mencionado autorizou José Rodrigues da Costa construir habitações no arraial, que seriam vendidas à medida da

procura. Assim, surgiu a primeira habitação de pau-a-pique (1907). Outras foram levantadas e o povoado recebeu o nome de Três Córregos. Os herdeiros dos lotes desmembrados, à medida das possibilidades, foram ocupando os seus respectivos espaços. E, paulatinamente, foi evoluindo.

Naquela cidade encontra-se a Companhia Centenária de Reis, cuja exemplar ação ultrapassou as fronteiras. Em decorrência a GT Musik do Brasil (localizada em S. Paulo), lançou o CD de título homônimo a esta nota. Eis a relação das quatorze faixas: Agra-

decimento a oferta (Miranda)/ Convite para festa (Miranda)/ Homenagem a todos os festeiros (Miranda)/ Começo de Devoção (Miranda)/ Festa da Centenária (Miranda)/ Agradecendo osromeiros (Miranda)/ Anunciação (Miranda)/ Nascimento de Jesus (Miranda) / Salvando o presépio (Miranda) / Chegada na fazenda (letra: música Roseira e Guilherme)/ Louvando a mesa (letra: Miranda, música Roseira e Guilherme)/ Salvando a residência (Miranda)/ Mensagem a Nossa Senhora (Prof. Barrinha).

Fone para contatos (12) 3105-2948



Folia de Reis Irmãos Adolfo

Esse grupo é de Ribeirão Preto – importante núcleo do interior paulista – norte do estado. Nós tivemos a oportunidade de conhecer essa Folia em ação, há pouco tempo.

Saiu o primeiro volume do CD, lançado pela Paralelas Assessoria Fonográfica Ltda. (2006), de Santa Isabel (SP). Contactos pelo fone (11)4657-8000. É composto

de onze faixas, assim distribuídas: 1 – Declamação do Palhaço (José Roberto) / 2 – Saída dos Santo Reis (embaixador: Adolfo Alves) / 3 – Porta Fechada (Embaixador: Reginaldo Adolfo) / 4 – Visitando a Residência (Embaixador: Baltazar Alves) / 5 – O Anjo Anunciou (Embaixador: Reginaldo Adolfo) / 6 – Saudando o Presépio

(Embaixador: Adolfo Alves) / 7 – Pedindo a Oferta (Embaixador: Adolfo Alves) / 8 – Agradecendo a Oferta (Embaixador: Adolfo Alves) / 9 – Cumprindo uma Promessa (Embaixador: Adolfo Alves) / 10 – Despedindo dos Devotos (Embaixador: Adolfo Alves) / 11 – Chegada dos Santos Reis (Embaixador: Adolfo Alves).

REVELANDO SÃO PAULO 2005

O Festival da Cultura Paulista Tradicional, patrocinada pela Secretaria de Estado da Cultura, do governo do estado de São Paulo com o grupo Abaçai (cultura e arte) dirigido por Toninho Macedo. O Revelando São Paulo é realizado na capital paulista no segundo semestre, geralmente em setembro.

O projeto Revelando São Paulo

2005, através do Abaçai, organização social de cultura, produziu o DVD IX Festival da Cultura Paulista Tradicional. Estão de parabéns o Governo do nosso estado, o Secretário de Estado de Cultura (João Batista de Andrade), a Diretora Técnica do DARC (Sueli Aparecida Silveira), o Presidente do Conselho de Administração do Abaçai Cul-

tura e Arte (Lívio Gusa), o Diretor Artístico do Revelando São Paulo (Toninho Macedo), outras autoridades e os anônimos que contribuíram para a efetivação do documento audiovisual.

O Diretor Cultural do Abaçai, Toninho Macedo poderá ser contactado através do fone (11)3311-8887.

HOMENAGENS PRESTADAS POR LOTERIAS

As loterias (federal e paulista) prestaram homenagens ao folclore, nos últimos tempos.

Homenagem a Olímpia

A Loteria Paulista, extração 949, de onze de agosto de 2006, sorteou na praça Rui Barbosa, centro de Olímpia, os prêmios correspondentes à aquela cerimônia. O prefeito Luiz Fernando Carneiro, acompanhado de alguns assessores, o gerente da Nossa Caixa (local), muitos populares, os representantes da administração da Paulistinha, a mídia (local e Regional), visitantes que estavam na urbe, em função do Festival do folclore, além da viatura da Secretaria da Segurança Pública (do governo do nosso estado), acompanhada de policiais. Tudo trans-

correu na mais absoluta calma.

A estampa que segue, ilustra e homenageia não só a “Cidade Menina Moça” como, em especial o “recinto de atividades folclóricas”

Prof. José Sant’anna”.

Nós, da capital do folclore brasileiro sentimo-nos, mais uma vez honrado com o evento.

LOTERIA PAULISTA
Homenagem a Olímpia
Recinto de Atividades Folclóricas
Prof. José Sant'anna

PREÇO DO PLANO
Inteiro - R\$ 15,40
Decimo - R\$ 1,54

PREÇO DE VENDA
Inteiro - R\$ 20,00
Decimo - R\$ 2,00

R\$ 300.000

6 7 1 2 2
SEIS SETE UM DOIS DOIS

EXTRAÇÃO 949-9º DEC. - SÉRIE A - SEXTA - 11/08/2006



Coleção Presépios

A Caixa Econômica Federal que explora várias loterias tem sido – ultimamente – mais sensível em relação à cultura brasileira. Os bilhetes da Loteria Federal correspondentes à extração n.º 4097-5, de 20 de dezembro de 2006, estamparam nas dez frações, igual número de diferentes presépios, de vários locais do nosso Brasil. Eis a relação dos homenageados, a partir da primeira fração, confeccionados com os respectivos materiais: 1- Cabaça, Olinda – PE / 2 – Pau-brasil, Palmas – TO / 3 – Palha de Bananeira, Parnaíba – PI / 4- Bola de Gude e Epoxi, Nazaré da Mata – PE / 5 – Madeira de Casca de Cajá, Recife – PE /

6 – Papel, Rio de Janeiro – RJ / 7 – Tecido, Parnaíba – PI / 8 – Pinhão, Curitiba – PR / 9- Massa de Biscuit e Madeira, Belém – PA / 10 – Palha, Florianópolis – SC.

Aleatoriamente, estampamos com

uma das dez unidades, a última.

A arte foi, sem nenhuma dúvida, anterior ao surgimento da linguagem humana, como maneira de se expressar.

R\$ 200 MIL
FEDERAL
 PREÇO DE PLANO = R\$ 15,87 10 DÉC. - SÉRIE A
 4.097-5 4.097-5 4.097-5 4.097-5 4.097-5 4.097-5
 4.097-5 4.097-5 4.097-5 4.097-5 4.097-5 4.097-5
07182
 ZERO SETE UM OITO DOIS
 PREÇO MÁXIMO AO APOSTADOR 21 210019166 INTEIRO - R\$ 20,00 DÉCIMO - R\$ 2,00
QUARTA EXTRAÇÃO Nº 4.097-5 20/12/06
Loterias CAIXA

DIA DE REIS

Dia de Reis (ou de Santos Reis) deste ano coincidiu em um sábado. Os foliões de Reis preferem que esse dia ocorra no fim-de-semana, para não ser necessário a transferência ao sábado (ou domingo) a “chegada” de Reis. Essa festa de confraternização entre os devotos de Gaspar, Baltazar e Melchior é realizada, todos os anos, conforme praxe, pelos colaboradores e o festeiro. Os convidados, motivados pela religiosidade popular sentem-se honrados com a reunião.

Loteria Federal do Brasil verificou-se em seis de janeiro deste ano. Foi a de n.º

4102-5. Eis a reprodução da linda estampa das dez frações de cada bilhete.

R\$ 200 MIL
Extração Especial Dia de Reis
FEDERAL
 4.102-5 4.102-5 4.102-5 4.102-5 4.102-5 4.102-5
 4.102-5 4.102-5 4.102-5 4.102-5 4.102-5 4.102-5
18004
 UM OITO ZERO ZERO QUATRO
 PREÇO MÁXIMO AO APOSTADOR 21 210019166 INTEIRO - R\$ 20,00 DÉCIMO - R\$ 2,00
SÁBADO EXTRAÇÃO Nº 4.102-5 06/01/07
Loterias CAIXA

A extração especial “Dia de Reis” da

HUGO PEDRO CARRADORE, RESPEITADO FOLCLORISTA



É difícil traçar o perfil de um dos ícones da cultura do povo, pela vasta folha de prestação de serviço a cidade “Noiva da Colina” e alhures.

Filho de Flora Geretto Carradore e Carmelo, nascido na capital em 21-02-1930. Casou-se em

Piracicaba (1951) com Iolanda Meneguel.

Advogado, professor aposentado, jornalista (“O Diário”, “A Província” e “A Tribuna de Piracicaba”); supervisor da Secretaria de Turismo do Município de Piracicaba, e folclorista respeitado.



Entrou, já alfabetizado pela mãe, no Curso Primário do Liceu Rio Branco hoje, Colégio Rio Branco – com oito anos; foi matriculado no terceiro ano. Concluindo os antigos primário e ginásio (atualmente primeiro grau), ingressou no científico (o atual ensino médio) do mesmo educandário. Posteriormente, transferiu-se para o Colégio Ipiranga. Durante esse período estudou desenho e pintura no MASP (Museu de Arte de São Paulo) e cursou a Aliança Francesa.

Deixou a capital paulista em fins de 1948. Em Piracicaba, concluiu, no Colégio Piracicabano,

o científico. Ingressou na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (1951). Abandonou o curso de Agronomia (1953) e transferiu residência para Ibitinga para administrar a propriedade rural da família. Participou com o prof. Benedito Macedo da fundação da Escola de Comércio de Ibitinga, onde lecionou francês até 1959. Ministrou aulas também no Colégio Estadual de Ibitinga e no Ginásio Estadual de Borborema.

Retornou aa Piracicaba (1960) dedicando-se ao magistério e ao jornalismo, o que lhe proporcionou condições para retornar à Universidade.

Seu encontro com o folclore data da década de 50, quando iniciou um trabalho de pesquisa e coleta de material apresentando grupos folclóricos em todo o estado. Viajou para o Sul (1971); percorreu o Centro – Oeste (1973) e o Norte e Nordeste (1978), mantendo contato com outros pesquisadores, como Câmara Cascudo, de quem foi admirador e amigo.

Adentrou à literatura como poeta, publicando o libelo “Negritude na América” (1964). Seu trabalho folclórico pioneiro foi “Cururu uma Dança ao Pé do Altar” (1982, Pannartz, S. Paulo), reeditado.

Cursos: Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (1971), Instituto Paulista de Ensino Superior. Pós – graduou-se em Direito Comercial e Sociologia, pelo mesmo Instituto da Faculdade de Direito de São Carlos, no mesmo ano. Frequentou alguns cursos de extensão universitária: Direito Comercial: A Propriedade industrial (1970), na mesma Instituição onde graduou-se. Direito Penal (1971), idem e Ciências Sociais (1970), Centro de Ciências, Letras e Artes. Campinas. Magistério: Curso de Formação Profissional de Professor (1957), Escola Normal de Ibitinga. Pós-graduou-se: “Aperfeiçoamento” (1958), Escola Normal de Ibitinga. Curso de extensão: Literatura Brasileira (1959), SESI – Departamento Regional, Subdivisão de Extensão Cultural, São Paulo Desenho (1971), Atualização Pedagógica – SEND, Campinas. Técnicos: Viabilidade Técnica e Econômica para o Turismo (1975), Centro Especializado de Turismo, Associação das Entidades de Turismo do Estado de São Paulo. Segurança e Medicina do Trabalho (1985), Ministério do Trabalho. Turismo – 2.º Programa de Treinamento de Delegados e Secretários de Turismo (1994) Secretaria de Estado dos Negócios de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo. Oficina do Programa Nacional de Municipalização do Turismo para Municípios Municipais, Região Sudeste, 1996. Além dos citados, cursou outros: Evolução (1961), Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Biologia Moderna (1966), idem. Intensivo de Parapsicologia (1968), Escola Superior de Ciências de S. Paulo.

Obras editadas: Negritude na América (Poesia). Piracicaba: Prefeitura Municipal, 1967; Cururu, uma dança ao pé do altar (Folclore). São Paulo: Discoteca Municipal, 1969; Retrato das Tradições Piracicabanas. Piracicaba: Prefeitura Municipal, 1978; Digressões em torno do Folclore. Piracicaba: Franciscana, 1978; Folclore do Jogo do Bicho. Piracicaba: Tribuna Piracicabana, 1979; Festa do Divino (Folclore). Piracicaba: Prefeitura Municipal, 1981; 10 Xilografuras de Jota Barros. Piracicaba: Autor, 1981; Contos Mal Contados e Outros Tantos. São Paulo: Pannartz, 1982; Etnografia e Folclore do Demônio. São Paulo: Pannartz, 1984; Paulista, Graças a Deus (Novela Histórica). Piracicaba: Shekinah, 1986 (Premio CLIO da Academia Paulistana da História); Palmares, o drama da liberdade (poesia). São Paulo: Laserprint, 1988; Monte Alegre a ilha do Sol (História). Piracicaba: Shekinah, 1996; Carnaval uma sinopse da História. Piracicaba: Shekinah, 1996; Retrato das Tradições Piracicabanas. 2ª edição, revista e amplia Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico, 1998; Os Caminhos de Almeida Júnior. Piracicaba:

Prefeitura/ Instituto Histórico e Geográfico, 2001; Síntese das Memórias (1900-2002). Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico, 2002; Thales de Andrade, uma História Verdadeira. Piracicaba: Degaspari, 2004; Páginas de Folclore. Piracicaba: O Diário, 1959-1978. Monografias: Cafuné. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/ Ministério da Educação e Cultura, n.º71, 1979; Cururu, Folclore I, Piracicaba: Prefeitura, 1980; Festa do Divino de Piracicaba, Folclore II, 3ª edição. Piracicaba: Prefeitura, 1982; Festa de São João. Folclore III, Piracicaba, 1981; Coletâneas: Encontro com o Folclore – Umbanda e Defumações, n.º15 Rio de Janeiro: F. Vasconcelos, 1972; É Tempo de Poesia – Ao admirável Mundo Novo, Carnaval, Horizonte – São Paulo: Soma, 1980; Defesa da Cultura Nacional – Realidade e Folclore. São Paulo: Auxiliari, 1983; Rio Piracicaba – Vida, degradação e renascimento, Dados Histórico sobre a Navegação do Rio Piracicaba. Piracicaba: 1998.

Músicas: Um Triste Pranto a Zumbi (Letra: Hugo Pedro Carradore, inspirada na obra “Palmares, o Drama da Liberdade”). São Paulo: Maga Impress, 1989.

Obras radioteatralizadas: diversas

Participação em salões de artes plásticas: muitas

Títulos Honoríficos ou Nobiliárquicos: Cavaleiro Benemérito da Ordem Brasileira do Cordel. Salvador, Bahia 1968; Cavaleiro Grã Cruz da Ordem do Mérito da Cultura Cavalheiresca de Santo Amaro. Grau: Grande Oficial, 1987; Cavaleiro da Ordem de “Santo Ágata Virgem Mártir”. Grau: Comendador, São Paulo, 1987; Cavaleiro de São Paulo. Associação dos Cavaleiros de São Paulo, 1987; Cidadão Piracicabano, concedido pela Câmara Municipal de Piracicaba, 1994.

Medalhas culturais e cívicas: Medalha Cultural e Comemorativa Thales de Andrade – Comissão Organizadora da Semana “Thales de Andrade”, Delegacia do Ensino Elementar de Piracicaba, 1967; Medalha do Descobridor do Brasil “Pedro Álvares Cabral” – Sociedade Geográfica Brasileira. Governo do Estado de São Paulo, 1968; Medalha Cultural e Comemorativa de Mirassol – Sociedade Cultural Mirassolense. Câmara Municipal e Prefeitura de Mirassol, 1978; Láurea Cívica Medalha André Vidal de Negreiros – Instituto Internacional de Heráldica e Genealogia, Rio de Janeiro, 1979; Colar Medalha Padre José de Anchieta – da Ordem do Mérito e da Cultura Cavalheiresca de Santo Amaro, São Paulo, 1986; Medalha José Bonifácio de Andrade e Silva – Sociedade de Heráldica e Medalhística, Governo do Estado de São Paulo, Reconhecida

pela Presidência da República Brasileira, São Paulo, 1986; Medalha Cândido Mariano da Silva Rondon – Sociedade Geográfica Brasileira, Governo do estado de São Paulo, 1986; Medalha Brigadeiro José Vieira Couto de Magalhães – Sociedade Geográfica Brasileira. Governo do Estado de São Paulo, 1986; Medalhão da Academia Piracicaba de Letras – Piracicaba, 1987; Medalha Santa Ágata Virgem Mártir – da Ordem de Santa Virgem e Mártir, São Paulo, 1987; Medalha D. Pedro I, o Proclamador – Sociedade Brasileira Heráldica e Medalhística, Secretaria da Educação e Cultura do Governo do Paraná, 1989; Medalha de Mérito “Prudente de Moraes”, do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1993; Medalha do Mérito Legislativo – Câmara de Vereadores de Piracicaba, 2006; Medalha Folclore e Tradições Populares “João Chiarini”, Prefeitura de Piracicaba, Secretaria da Ação Cultural, Piracicaba, 2006.

Premio e Bronze

A novela Paulista Graças a Deus (Histórica) de sua pena, recebeu o Prêmio CLIO da História (1987), concedido pela Academia Paulistana da História.

Na Placa de Bronze na praça principal da cidade de Mirassol, comemorativa ao I Encontro de Escritores de Mirassol, consta o nome dele, homenagem da Prefeitura Municipal, 1978.

Premio – Homenagem: o Colégio Piracicabano ao completar 125 anos referência Hugo Pedro Carradore, por seu expressivo trabalho ao contribuir, significativamente, para a formação e desenvolvimento do nosso povo. Piracicaba, 2006.

Diplomas Honorários: Da Ordem da Solidariedade – Piracicaba, 1969; da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura do Cordel, pelos relevantes serviços prestados ao movimento trovadoresco em nosso país – Salvador (BA), 1978; da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura do Cordel, pelos relevantes serviços prestados à Poesia Popular Brasileira – Salvador (BA), 1980; do Ministério da Fazenda, pela colaboração prestada no “Programa Contribuinte do Futuro”, 1980; do Clube de Trovadores Capixaba, Medalha de Ouro (Simbólica), Vila Velha (ES), 1981; Da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura do Cordel, pela participação das solenidades de inauguração da Estátua de Aderaldo Ferreira de Araújo (Cego Aderaldo), Quixadá (CE), 1981; da Academia Piracicabana de Letras - Diploma de Gratidão “Thales Castanho de Andrade”, pelo lançamento de seus livros que contri-



buíram às letras da cidade, 1985; da Associação dos Artesãos de Piracicaba, 1981; Diploma de Gratidão – Pela colaboração prestada para o êxito da Pesquisa Histórica, realizada entre 1963/1982, com a finalidade de descobrir e recuperar os objetos do Navio Pirata que naufragou na baía de Paranaguá (1718); da Prefeitura Municipal de Piracicaba, Coordenadoria de Turismo – Pelos serviços prestados à Cultura Popular, no 214.º aniversário de Piracicaba, 1981; da Prefeitura Municipal de Piracicaba, Coordenadoria de Turismo – Honra ao Mérito Cultural, pela participação na IV Festa das Nações, Piracicaba, 1987; da Prefeitura Municipal de Piracicaba, Fundo de Solidariedade – Diploma de Honra ao Mérito, pela valiosa colaboração prestada à V Festa das Nações, Piracicaba, 1988; Do Rotary Club Cidade Alta, Piracicaba, 1970; do Rotary Club Vila Rezende, Piracicaba, 1979; do Rotary Club, Rio das Pedras, 1986; do Lions Club Internacional, Piracicaba, 1981; do Centro de Estudos Coligados “João Wesley” – Piracicaba, 1981; do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Ekyperalta – Diploma de Honra ao Mérito pela valiosa colaboração prestada a esta agremiação carnavalesca. Piracicaba; do Fundo de Solidariedade e Entidades de Obras Assistenciais. Prefeitura do Município de Piracicaba. Honra ao Mérito Cultural, 1990; diploma de Benemérito do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, Piracicaba, 1994.

Entidades culturais a que pertence: Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo; Academia Paulistana da História – Titular cadeira n.º 10, S. Paulo; Academia Santamarense de Letras – Titular, cadeira n.º 07, São Paulo; Academia Piracicabana de Letras – Titular, cadeira n.º 30; Academia Cristã de Letras – Membro Honorário, São Paulo; Academia Brasileira de Literatura Infantil, São Paulo; União Brasileira de Escritores, São Paulo; Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – Patrono Thales Castanho de Andrade; Instituto Genealógico Brasileiro, São Paulo; Ordem Nacional dos Bandeirantes Mater – São Paulo; Ordem Cavaleiresca da Literatura de Cordel – Salvador; Ordem de Mérito e da Cultura Cavaleiresca – Santo Amaro, São Paulo; Sociedade Geográfica Brasileira – São Paulo; Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística – São Paulo; Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba – até 2000; Grêmio Brasileiro dos Trovadores – Salvador; Casa do Trovador – Salvador; Centro de Folclore de Piracicaba; Associação de Escritores de Piracicaba; Sociedades dos Amigos do Museu Prudente de Moraes, Piracicaba; Irmandade do Divino Espírito Santo – Diretor Cultural – Piracicaba; Conselho Coordenador das Entidades Piracicabanas; Casa do Escritor, São Roque; Conselho do Idoso, Piracicaba; Conselho Paulista de Turismo, São Paulo.

Cargos ocupados: Supervisor de Programas da Secretaria de esporte, Turismo e Lazer, Piracicaba; Orador da SAMPM (Sociedade Amigos do Museu Prudente de Moraes); Conselheiro do Conselho do Patrimônio Histórico e Cultural de Piracicaba; Assessor de Centro de Documentação, Cultura e Política Negra de Piracicaba; Presidente do Conselho Deliberativo do Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Ekyperalta; Comissão Permanente de História, Geografia e Ciências Auxiliares, de 2000 até a presente data; 2.º Secretário do Conselho do Idoso.

Atividades no magistério: Escola de Comércio “Benedito T. de Macedo”, Ibitinga, 1954-60; Escola Mista do Bairro Ouro Branco – Ibitinga, 1957; EEP-SG “Dom Gastão Liberal Pinto” – Borborema, 1957-58; Colégio e Escola Normal de Ibitinga – Ibitinga, 1959; Colégio “O Piracicabano” – Piracicaba, 1964-68; Instituto de Educação Estadual “Plínio Rodrigues de Moraes” – Tietê, 1967-68; Colégio Salesiano “Dom Bosco” – Piracicaba, 1968-69; EEPG “Mário Dedini” – Piracicaba, 1969-71; Ginásio Estadual “Profa. Olívia Bianco” – Piracicaba, 1969-74; Ginásio Estadual “Prof. Mello Cotrim” – Piracicaba, 1972-74; EEP-SG “Prof. Elias de Mello Ayres” – Piracicaba, 1974-88; SENAC – Curso de Turismo: História, História da Arte, Cultura Popular e Museologia, Piracicaba, 1995/2001; SENAC – Curso de Turismo: História, História da Arte, Cultu-

ra Popular, Limeira, 1995/99; Coordenação de curso “Redescobrir Piracicaba”, para Professores Municipais de Ensino Fundamental, Secretaria de Educação do Município de Piracicaba, 2000; Coordenação de Curso de Reciclagem para Professores Municipais do Ensino Fundamental, Secretaria de Educação do Município de Piracicaba, 2001.

Atividades na mídia: Redator da Folha de Piracicaba (extinta) – 1964; Redator do Diário de Piracicaba – 1972/81 e 1989/90; Editor do Suplemento Infantil “O Diarinho” (O Diário) – 1980/85; Redator de “A Província” – Piracicaba, 1988/90; Diretor da revista “Piracicaba”, 1964; Colaborados: Jornal de Piracicaba/ A Tribuna Piracicabana/ O Democrata/ Jornal “O Escritor da União Brasileira de Escritores”/ Diário de São Paulo (extinto)/ Diário Popular – São Paulo; Diretor de Rádio e Jornalismo do Rádio “A Voz Agrícola do Brasil” – Rede Piratininga: Piracicaba e São Paulo, 1957-68.

Congressos e seminários: II Congresso Nacional de Trovadores e Viroleiros – São Paulo, 1960; Seminário Pedagógico – SADC – Piracicaba, 1965; I Simpósio de Estudos Piracicabanos (Educação Ensino e Folclore) por ocasião do Bicentenário de Piracicaba, 1967; Ciclo de Palestras da I Semana Thales de Andrade – Piracicaba, 1967; I Congresso de Estudos da Cultura Nordestina, Natal, (RN), 1978; I Encontro de Escritores de Mirassol, 1978; II Encontro de Escritores em Mirassol, 1979; I Semana Latina Americana – CALQ – USP, Piracicaba, 1979; I Encontro com o Folclore – Universidade Mackenzie, São Paulo, 1979; II Encontro com o Folclore – Universidade Mackenzie, São Paulo, 1980; Painel de Debates sobre a “Festa do Divino”: Tradição e Perspectivas – SESC, Piracicaba, 1987; Seminário: Piracicaba, Carnaval e Turismo, Piracicaba, 1989; I Encontro de Escritores Paulistas em Piracicaba (coordenador), 1986; II Encontro de Escritores Paulistas em Piracicaba (coordenador), 1987; III Encontro de Escritores Paulistas em Piracicaba (coordenador), 1989; I Seminário de Turismo, Prefeitura Municipal de Piracicaba e Secretaria de Esporte e turismo do Estado de São Paulo 1998.

Coordenação de cursos: Curso de Folclore – Oficializado pela Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, através do Conselho Estadual de Cultura e Comissão Estadual de Folclore e Artesanato, 1972; Curso de Folclore Brasileiro – Centro de Folclore de Piracicaba, Delegacia de Ensino de Piracicaba, 1979; I Curso de Guia Receptivo de Turismo – Coordenadoria de Turismo, Prefeitura do Município de Piracicaba, 1983; II Curso de Guia Receptivo de Turismo – Coordenadoria de Turismo, Prefeitura Municipal de Piracicaba, 1986; III Curso de Guia Receptivo de Turismo – Coordenadoria de Turismo, Prefeitura Municipal de Piracicaba, 1987; IV Curso de Guia Receptivo de Turismo – Coordenadoria de Turismo, Prefeitura do Município de Piracicaba, 1989; Curso de Folclore Aplicado à Educação Física – Universidade Metodista de Piracicaba – Coordenadoria de Esporte, Turismo e Lazer da Prefeitura do Município de Piracicaba, 1990.

Cargos já ocupados: Secretário Executivo da Comissão Organizadora do Carnaval de Rua de Piracicaba, 1964 e 1965; Membro da Comissão Julgadora – Carnaval de Rua, Piracicaba, 1966; Membro da Comissão Julgadora do Carnaval do bicentenário de Piracicaba, 1967; Membro da Comissão Organizadora da Primeira Semana Thales de Andrade, 1967; Presidente da Comissão Julgadora da Primeira Exposição de Artes Plásticas Infantil “Thales de Andrade”, 1967; Membro da Comissão Julgadora da Primeira Exposição de Artes Plásticas de Rio das Pedras, 1967; Membro da Comissão Responsável pela abertura do Monumento Comemorativo ao Bicentenário da Independência, Piracicaba, 1967; Membro da Comissão Organizadora da Terceira Festa do Peixe (Folclórica), 1967; Membro (Relator) da Comissão Municipal de Folclore de Piracicaba, 1974; Membro da Comissão Municipal de Folclore de Piracicaba, 1975; Membro da Comissão Municipal de Folclore de Piracicaba, 1976; Coordenador do Primeiro Festival de Folclore

de Piracicaba, 1976; Presidente do Conselho Coordenador das Entidades de Piracicaba, 1978; Presidente da Mesa de Literatura e Folclore do 2.º Encontro com o Folclore, promovido pela Academia de Letras e Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Mackenzie, 1980; Presidente da Comissão Julgadora de Textos do 1.º Festival de Música Ecológica (Âmbito Nacional), Piracicaba, 1980; Conselho da União Brasileira de Escritores, São Paulo, anos: 1981, 1982, 1984 e 1985; Diretor Cultural da Irmandade do Divino Espírito Santo de 1980 até a presente data; Vice-Presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba, 1980-85; Presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba, 1985-86; Presidente da Comissão Julgadora do Carnaval de Rua de Limeira, 1982; Presidente da Comissão Julgadora do Carnaval de Rua de Tietê, 1984; Presidente da Comissão Julgadora do Carnaval de Rua de Cerquillo, 1985; Membro da Comissão Organizadora do Carnaval de Rua de Piracicaba, de 1978 até a presente data; Membro da Comissão Organizadora da Festa das Nações de Piracicaba, 1984/90; Coordenador da Semana do Folclore – Piracicaba, 1978/90; Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1991/93; Diretor da Secretaria de Turismo de Piracicaba, 1995/2001.

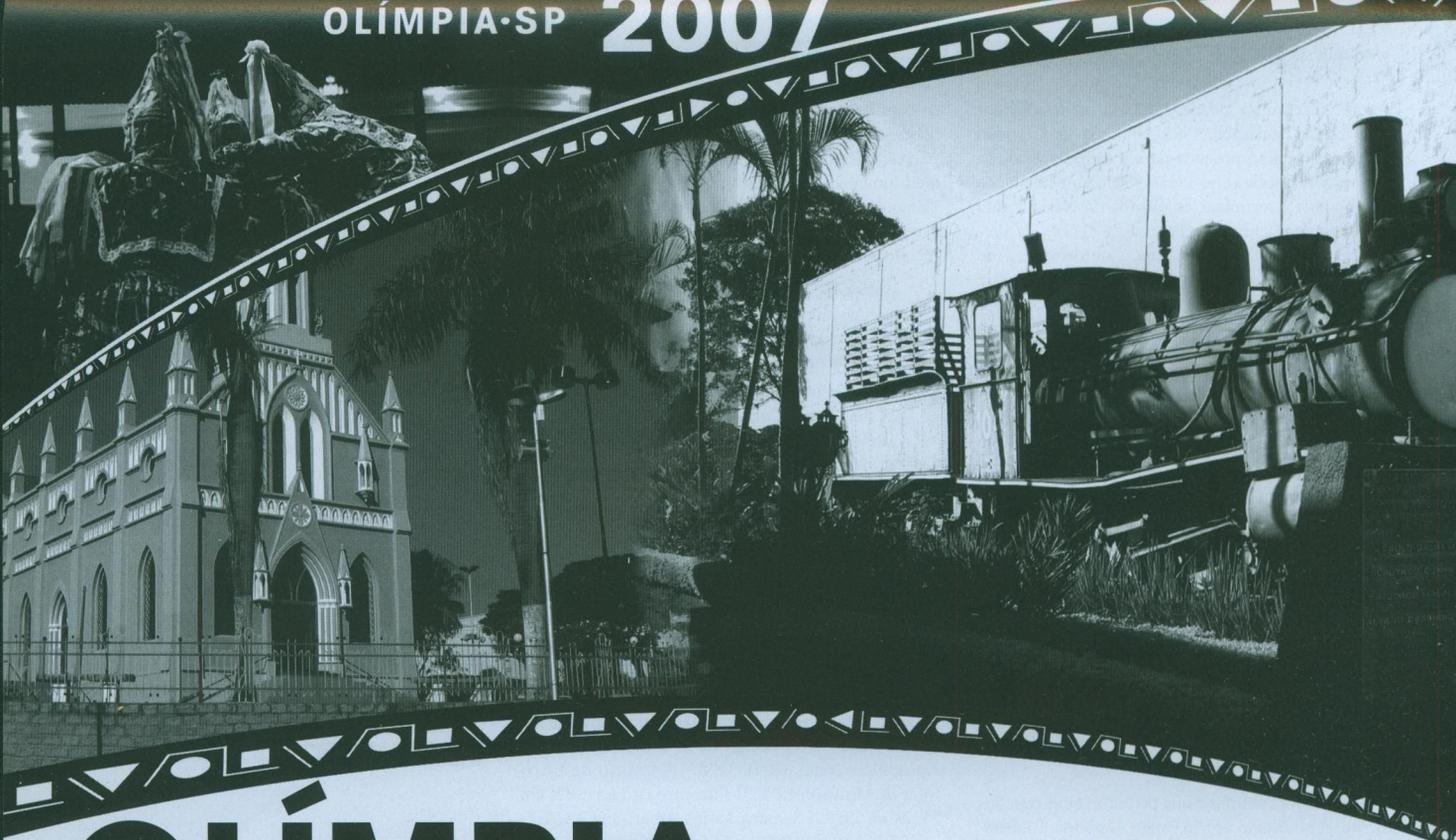


Conclusão:

Sem contar a prolixa obra – apresentada sinteticamente – Hugo Pedro Carradore foi alvo de várias outras homenagens. Acrescentamos: Parabéns, Professor Hugo P. Carradore (Literatura de Cordel, autor João de Barros) e A vida do Dr. Hugo Pedro Carradore, um folclorista de São Paulo que brilha no folclore do Cordel (Literatura de Cordel, autor Rodolfo Coelho Cavalcante, trovador brasileiro). Além disso é verbete da Enciclopédia de Literatura Brasileira, volume I, segunda edição revista, ampliada, atualizada e ilustrada sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho. Direção: Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa. São Paulo: Global Editora/ Ministério da Cultura/ Fundação Biblioteca Nacional – Departamento Nacional do Livro/ Academia Brasileira de Letras, 2001.

Com o dinamismo que caracteriza o folclorista Carradore, certamente, outras obras serão editadas, pois ele continua batalhando com muito entusiasmo e dedicação pela cultura do povo.





OLÍMPIA, DE “CIDADE MENINA MOÇA” A “CAPITAL NACIONAL DO FOLCLORE”

Marina Rodrigues Blanco Malufi
Departamento de Folclore - Olímpia

O trem andava vagorosamente e a viagem já se fazia longa demais. De vez em quando soltava faíscas, pois, afinal, estávamos em 1926 e as locomotivas eram ainda tocadas à lenha.

A presença de um filho de 11 meses tornava ainda mais sofrida a situação daquele casal, que deixara para trás toda uma vida, para tentar a sorte no novo continente, onde, segundo diziam, ganhava-se muito dinheiro.

Haviam deixado sua terra natal há 26 dias, viajando da Galícia a Gibraltar de trem e embarcando no navio que durante dias atra-

vessou o Atlântico, costeando o continente africano, passando por Pernambuco, Rio de Janeiro e finalmente o porto de Santos.

Estavam já em terras brasileiras, mas havia uma longa distância ainda a percorrer até o seu destino final e, para isso, haviam embarcado naquele trem que cortava o Estado de São Paulo. Pela janela divisavam grandes plantações de café, era a época em que esse produto era exportado para o mundo todo e, por isso, muitos imigrantes vieram trabalhar na lavoura cafeeira. Assim também nossos personagens vieram engrossar as fileiras

de trabalhadores que ajudaram no progresso do país. Mas a demora da longa viagem já começava a frustrá-los.

— Onde fica Olímpia? Perguntavam. Ninguém tinha ouvido falar.

— Onde fica Olímpia? Indagavam mais adiante.

— Lá só tem onça, diziam alguns.

— Onde fica Olímpia? Finalmente, em Monte Azul Paulista, alguém lhes deu uma boa notícia:

— Olímpia? Tranqüilizem-se, dentro de duas horas lá estarão.





Poucos sabiam sobre a cidade que havia sido fundada em 1903, graças à doação de 100 alqueires de terras feita por fazendeiros para a formação do Patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água.

Sua história começou em 1857, quando Antonio Joaquim dos Santos, mineiro de Caldas, atravessou o Rio Grande, que dividia Minas Gerais e São Paulo e se encantou pelas vastas terras e a beleza da região. Tomou posse de uma área, onde se estabeleceu com sua família e escravos. Construiu à beira do rio um taperão e ergueu ao lado um cruzeiro de madeira tosca, ato que, naquela época, significava a tomada de posse das terras. Ao rio, chamou Ribeirão Olhos D'Água, devido ao grande número de nascimentos ali existentes.

Do outro lado do córrego, construiu um monjolo, uma moenda e um cemitério, onde ele seria enterrado 28 anos mais tarde. No lugar desse cemitério, foi erguida depois uma capela, que daria mais tarde lugar a uma igreja, hoje Matriz de Nossa Senhora Aparecida.

Em 1897, foi iniciado o processo divisório das terras, pelo Engenheiro Robert John Reid e, assim, a Fazenda Olhos D'Água foi desmembrada e as partes ocu-

padas pelos familiares de Antonio Joaquim dos Santos e seus sucessores.

Posteriormente, o engenheiro, vendo as dificuldades pelas quais os moradores passavam, vivendo em condições precárias, sem assistência médica, com alto índice de mortalidade, devido ao isolamento e à distância em que viviam de outros centros, convenceu os fazendeiros a doarem parte de suas terras para a criação de um povoado.

Assim, foi fundado o Patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água e seus moradores ergueram um cruzeiro no local onde seria a futura capela, local onde se encontra hoje a Praça da Matriz. A primeira igreja foi inaugurada em 1905, com a imagem de São João Batista e hoje, após reformas e demolição, deu lugar a uma igreja com estilo bastante moderno.

Fundada a cidade, começaram a chegar imigrantes que ouviam falar maravilhas da região, cuja fama era de terras férteis e muita riqueza.

Pelos idos de 1906, já vieram para cá libaneses, italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, que muito contribuíram para o desenvolvimento da região, principalmente no setor agrícola.

Os proprietários das fazendas passaram a construir suas casa ao redor da Igreja, formando o centro da cidade, ao redor do Largo da Matriz e da Praça Rui Barbosa.

Em 1910, foi liberado o plantio do café, que estava até então proibido e isso fez com que a imigração aumentasse mais ainda, chegando os imigrantes a constituir quase 90% da população.

Foi numa dessas levas de imigrantes que aqui aportou o casal de espanhóis, com seu filhinho de 11 meses, em busca de uma vida melhor.

Chegaram cansados, sem dinheiro, apenas com uma "carta de chamada" de parentes que aqui já estavam estabelecidos. Mas a vontade de vencer era grande e o trabalho duro não os assustava.

Foram para a lavoura de café, onde enfrentaram as piores dificuldades, tanto no trabalho como nos costumes e na língua. Vieram mais dois filhos que, desde recém-nascidos ficavam acomodados debaixo dos pés de café, enquanto eles trabalhavam de sol a sol. Eram "meeiros", ganhavam conforme a produção e isso os incentivava cada vez mais.

Com a queda do preço do café, em 1929, as pessoas que confiaram apenas nesse tipo de lavoura perderam tudo. Muitos chegaram a incinerar milhares de sacas na esperança de que, diminuindo a oferta, o preço subisse, mas a derrocada foi geral. Felizmente, nossos personagens conseguiram vender sua colheita antes que perdessem o fruto de todo seu trabalho de dois anos. Vieram para a "cidade" e, com o que tinham, compraram um terreno grande, onde construíram uma casinha de quatro cômodos para recomeçar a vida. Enquanto o chefe da famí-



lia trabalhava em todo e qualquer serviço que aparecia, sua esposa plantava horta, árvores frutíferas, criava porcos, galinhas cabritos, abelhas e até coelhos para o sustento da casa. A cabra fornecia o leite para as crianças, que cresciam fortes e saudáveis. Nas horas vagas ela ainda remendava sacas e cata-va café, no que era ajudada pelos pequeninos.

Mais três filhos vieram, um dos quais viveu apenas dois anos. Já eram sete pessoas e tinham que lutar para sobreviver, por isso os filhos começaram a trabalhar desde os dez ou onze anos. E assim foi formada a família a que muito me orgulho de pertencer, sendo a ca-

as crianças nadavam e pescavam livremente. De vez em quando havia uma enchente e atraía muita gente para assistir ao espetáculo das águas cobrindo as pontes e inundando as casas ribeirinhas.

Nas margens do rio, animais pastavam, crianças brincavam com as “taboas”, tipo de vegetação que parecia um rojão, que hoje nem se vê mais.

Recordo ainda da antiga “Ponte Preta”, construída em madeira e substituída, muito tempo depois, pela de concreto existente na confluência das avenidas hoje chamadas Waldemar Lopes Ferraz e Aurora Fórti Neves.

so” e que foi derrubada sob a alegação de que estava prestes a ruir. Mas a sua torre imponente se recusou a tombar puxada pelos cabos de aço que se rompiam diante da sua fortaleza. E ela resistiu até o fim, tendo que ser demolida tijolo a tijolo.

Olímpia teve a sua fase áurea, quando para cá vieram os imigrantes para trabalhar na lavoura de café e estava entre as cidades mais ricas do Estado. Mas os “barões do café” se foram com a crise de 29 e, só mais tarde, com o advento da citricultura, a lavoura veio a tomar novo impulso. Mas essa fase também passou e os laranjais foram, em sua grande par-



çula dos cinco irmãos.

A casa de quatro cômodos ficava a menos de cem metros do Ribeirão Olhos D'Água e foi sendo aumentada conforme a necessidade, devido ao crescimento da família.

Ainda recordo com saudade das ruas de terra batida, onde tráfegavam carroças e charretes e onde raramente se via um automóvel. Saudade, porque tínhamos liberdade para, na rua, nos entretermos com aquelas brincadeiras infantis que foram hoje substituídas pela televisão e jogos de computador.

Recordo também das águas límpidas do “Olhos D'Água”, onde

Na rua Américo Brasiliense nem ponte havia, era o chamado “Buracão”, por onde só transitavam pedestres.

Lembro também da “bomba d'água”, localizada onde se encontra hoje o Pronto-Socorro e que levava água do rio para os trens, o motor em constante atividade. A Estação Ferroviária era a grande atração e todos gostavam de lá ir para ver o vai e vem dos passageiros. Quando esperávamos um parente, então, era uma festa! E lá ia a “Maria-Fumaça”, continuando o seu caminho e apitando na curva.

Tenho saudade da nossa linda Igreja Matriz, em cujas escadarias brincávamos de “mamãe-eu-pas-

te, substituídos pelos canaviais.

Devido à falta de incentivos, como criação de faculdades para segurar aqui nossos jovens, a maioria deles teve que abandonar a terra natal em busca de estudo e trabalho. A maior parte deles não mais retornou para morar, mas visitam sempre a sua terrinha para matar a saudade.

Por volta de 1903, começaram a chegar imigrantes árabes, como a família Aidar, que se estabeleceram com o comércio na cidade. Nos anos 10 e 20, mais árabes aqui se instalaram, os Thomé, Abdalla, Rimaik, Daud, Aziz e outros.

Os japoneses iniciaram sua vinda com a família Abe, em 1913,



depois em 1921 e 1927, vieram as famílias Massuda, Takahashi e outras. Eram muito benquistos, por constituírem um povo ordeiro e trabalhador, que, além de comerciantes, eram ótimos agricultores.

Os negros também deram a sua contribuição na miscigenação das raças que formaram o nosso povo. Vindos primeiramente como escravos e depois como trabalhadores braçais, formaram a sua Associação, o “Nosso Clube”, sob a direção de José Cristino da Silva e, depois, a “Associação Barão do Rio Branco”, fundada por Mauro Miranda.

A colônia italiana foi a que mais incentivou a cultura, quando da sua chegada nos anos 20. Formou uma sociedade onde se reuniam seus membros para encontros culturais e de lazer. O objetivo principal da Sociedade era a construção de um Cine Teatro, o que foi conseguido em 1926, com a inauguração do “Cine Teatro Sociedade Italiana di Mutuo Soccorce IV de Novembre”. Anos depois, passou a funcionar no prédio o Cine Olímpia que, juntamente com nosso outro cinema, o Cine Assunção, apresentavam, além de filmes, peças teatrais com artistas locais. Por incrível que pareça, houve a época em que os dois cinemas encerraram suas atividades e ficamos muito tempo sem esse meio de lazer, até que há bem pouco tempo foi instalado um novo cinema na cidade.

Quanto à Sociedade da Colônia Italiana, ela foi desfeita nos anos quarenta, devido à pressão e preconceito sofridos pelos italianos por causa da guerra.

Já a Colônia Portuguesa foi constituída em 1920, sendo seu primeiro presidente, José Rodrigues Ferreira.

O Hospital Beneficência Portuguesa foi fundado pela colônia portuguesa em 1928, tendo passado por lá diversos médicos, como Dr Andrade, Dr José Lopes Ferraz, até que, em 1931, tomou posse como diretor clínico o Dr Custódio Ribeiro de Carvalho, médico cirurgião cujo prestígio ultrapassou nossas fronteiras. Com o encerramento de suas atividades, o prédio ficou muito tempo abandonado, até que passou a ser usado pela Prefeitura Municipal para abrigar o Hospital Materno, que funciona até os dias de hoje.

No final de 1930, foi inaugurada a Casa de Saúde Lopes Ferraz que, na década de 60 foi adquirida pela Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos que, desde sua fundação em 1919, tinha por objetivo abrir um hospital para atender aos seus associados e as pessoas carentes. O primeiro diretor clínico foi o Dr José Lucio Lopes que, mesmo sendo recém formado, logo mostrou muita competência e humanidade, tornando-se um dos médicos mais queridos da cidade. Da primeira diretoria que tomou posse, em 1964, já fazia parte Eloy Rodrigues Blanco,

que atuou 14 anos como secretário e 32 anos como presidente, época em que o hospital se tornou um dos melhores da cidade. Em 1990, a Sociedade resolveu ceder a exploração do hospital a um grupo de médicos liderado pelo cardiologista Dr Euder Quintino de Oliveira. Infelizmente, devido a problemas financeiros, o hospital teve que ser desativado, passando a funcionar apenas como clínica. Apesar da frustração pelo fechamento do hospital, a capacidade do Dr Euder e o seu amor à profissão, transformaram o hospital numa Clínica Cardiológica muito bem aparelhada e com médicos competentes para atender a população.

Cabe aqui um parênteses, para dizer que esse filho de espanhóis que tanto trabalhou pelo Hospital da Sociedade de Socorros Mútuos, tendo, é claro a colaboração de toda a diretoria, é o segundo dos filhos daquele casal que, em 1926, aqui chegou, vindo da longínqua Espanha.

Nossos personagens iniciais, se vivos fossem, completariam neste ano cento e oito e cento e cinco anos. Já não vivem, mas





deixaram o seu legado: são cinco filhos, quinze netos e vinte bisnetos até hoje. Nunca voltaram à sua Pátria-Mãe, nem puderam rever seus pais e sempre amaram esta terra que os acolheu, como se aqui tivessem nascido. Quando indagados se tinham vontade de retornar à Pátria Mãe, a resposta era sempre a mesma :

_ Apesar do amor que dedicamos à nossa terra natal, vivemos aqui a maior parte de nossas vidas, nossos filhos aqui nasceram, portanto nos consideramos brasileiros e olimpienses.

Esta não é uma história fictícia, é a história dos meus amados pais, igual à de tantas outras de imigrantes que para cá vieram à procura de trabalho e deixaram sua marca na cultura e nos costumes da nossa cidade.

E assim, com essa mistura de raças fortes e batalhadoras, italianos, portugueses, libaneses, espanhóis, japoneses, Olímpia se tornou uma cidade rica e desenvolvida.

No entanto, lamentavelmente, dos três hospitais de que dispunha, a Santa Casa de Misericórdia, o Hospital Beneficência Portuguesa e o Hospital Socorros Mútuos,

só restou a Santa Casa que atende a toda a região e, como todas as outras do País, vive uma situação de dificuldades financeiras.

Mas se, por um lado, nossos governantes deixaram que muita coisa acabasse na cidade, como foi o caso da ferrovia que, além de transportar passageiros, era um meio de escoar nossas produções, os filhos de Olímpia não esmoreceram.

No ano de 1965, um professor de português, José Sant'anna, resolveu mostrar a seus alunos o que era o folclore. Ajudado por outros professores, também dinâmicos, passaram a expor tudo o que se relacionava com "folclore", primeiramente no antigo Colégio Olímpia e depois na Praça da Matriz. Dessas exposições, se originaram o Festival do Folclore de Olímpia, hoje o maior do gênero, no país, e o Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", um dos mais completos do Brasil, atualmente instalado no Edifício Giosué Tonani, na Rua David de Oliveira, nº 420.

Essa festa folclórica que, durante anos, foi realizada na Praça, acabou atingindo uma dimensão que

nem seus próprios idealizadores imaginavam pudesse alcançar. Os grupos folclóricos de todo o Brasil passaram a se apresentar aqui na "Semana do Folclore" e, a cada ano, aumentava o número de participantes, o que acabou forçando a cidade a ter seu próprio recinto para a realização da festa, visto que a praça já não comportava tanta gente. E o nome de Olímpia atravessou o País, passando a ser chamada de "Capital Nacional do Folclore". Depois, com a colaboração da professora Maria Aparecida Manzolli, vieram os festivais internacionais que o levaram mais além, atravessando os mares e trazendo grupos e danças de diversos países.

Por volta de 1984, um dinâmico empresário, Benito Benatti, idealizou e, com a ajuda de outros seus companheiros de visão, se empenhou na construção de um clube de campo que aproveitaria as águas quentes que estavam esquecidas sob um poço profundo que havia sido perfurado pela Petrobrás nos anos 50. Esse lençol de água passava pela propriedade de Carlos Severino Paschoaletti, mas este autorizou a passagem de dutos pelas suas terras, levando a água quente para uma área de dois alqueires, situada à beira do rio Olhos D'Água e cedida por Renato Costa Neves que, depois, acabou vendendo mais onze alqueires para o Clube. Em 1985 foram iniciadas as obras que levaram dois anos, sendo o "Clube Thermas dos Laranjais" inaugurado em 7-11-1987.

Foi um acontecimento histórico, pois nunca se havia visto por aqui tantas atrações, como tobogãs, corredeiras, piscinas de diversas modalidades, quadras de todos os tipos de esporte, enfim, uma obra da maior magnitude.



Além dos sócios do clube, passaram a frequentá-lo pessoas que por aqui passavam e a fama do clube de águas termais de Olímpia foi se espalhando, passando a atrair um grande número de turistas. O presidente Benatti, não estacionou no tempo, estando sempre em busca de novidades e, a cada vez que se visita o clube, há alguma nova obra sendo realizada. Assim, graças ao idealismo desse empresário, Olímpia, que já teve o ciclo áureo do café, o da laranja, vivendo agora o ciclo da cana de açúcar, com a Usina Guarani, torna-se a cada dia mais, uma cidade voltada para o turismo, recebendo visitantes todos os dias do ano.

Hotéis foram reformados e pousadas foram construídas para receber aqueles que aqui vêm desfrutar das maravilhas do nosso clube e, parece que, finalmente, nossa cidade está tomando um novo caminho para o seu desenvolvimento, o turismo. Graças a alguns filhos que, por amor à sua terra, plantaram sementes que estão agora frutificando e fazendo o nome de Olímpia ultrapassar as fronteiras do Estado e do País.

Os Festivais de Folclore e as Águas Termais abriram as portas para que o turismo seja o caminho para o desenvolvimento e agora a “Capital Nacional do Folclore” é conhecida pelos seus festivais, pelas águas termais e pela receptividade deste povo acolhedor que a todos recebe de braços abertos.

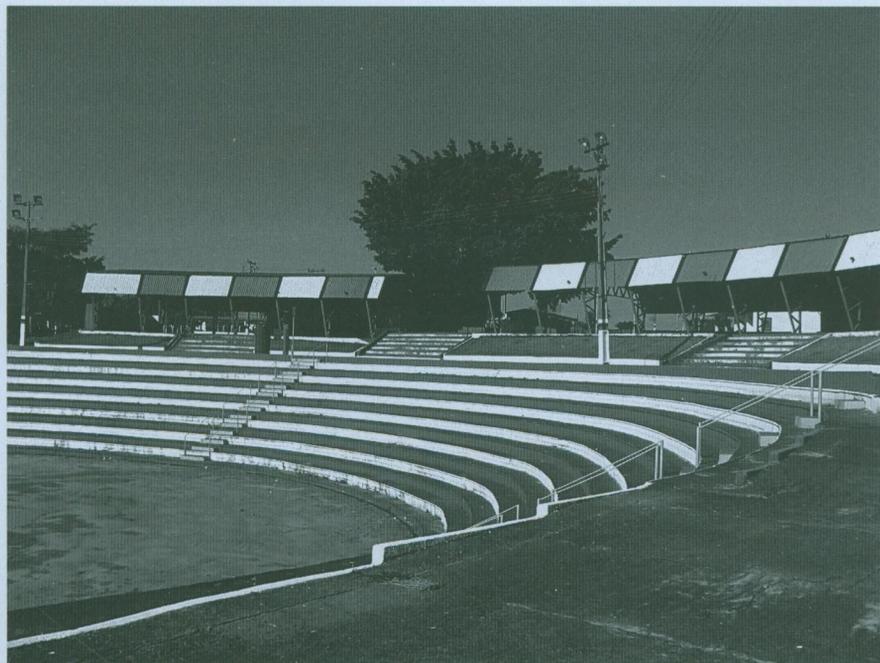
Felizmente, nos dias de hoje, passados setenta e nove anos desde aquela viagem, poucas pessoas diriam nunca ter ouvido falar de Olímpia e ninguém afirmaria que aqui só tem onças. Apesar do descalço com que a “Cidade Menina-Moça” foi tratada por muitos dos seus governantes, o sonho e a luta de pessoas dinâmicas levaram o nome da cidade para além de nossas fronteiras.

Assim, o meu bairro, que tinha ruas de terra batida, hoje está bem diferente daquele que recorda minha infância. Onde havia a “caixa d’água” que abastecia os vagões do trem, agora funciona um Pronto-Socorro e, beirando o rio “Ribeirão Olhos D’Água”, onde nasciam taboas e os animais pastavam, encontra-se a avenida mais importante da cidade, a Avenida Aurora

Fórti Neves”, também conhecida como Marginal, porque corta a cidade em toda a extensão do rio.

Muitos outros bairros foram surgindo durante esses anos todos fazendo com que o município crescesse bastante. São muitas as pessoas que mereceriam ter seus nomes aqui citados, mas cada uma delas sabe exatamente qual foi a sua contribuição para o desenvolvimento da cidade. E, todas essas pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para esse desenvolvimento, sentem muito orgulho desta terra que a todos acolheu com o mesmo amor e que, passou de “Cidade Menina-Moça” para “Capital Nacional do Folclore”, mas nunca perdeu o seu jeitinho gracioso de menina.

Esta é a história do meu Bairro e do meu Município, como a vivi e como ouvi as pessoas contarem. As lembranças são muitas e a saudade também. Saudade daqueles que se foram, mas deixaram sua marca por onde passaram. Marcas que não podemos esquecer, pois nelas está alicerçada a história de nossa cidade, nelas está alicerçada a nossa própria história.



NOTA: Alguns dados para esta obra vieram dos livros de José Maria de Jesus Marangoni, outros de jornais da cidade, de lembranças e de histórias contadas por meus pais. Aos meus queridos pais, Damásio Rodrigues de Campos e Carmen Blanco, presto a minha singela homenagem. Especialmente à Dona Carmen, que foi uma exímia contadora de histórias e sabia, como ninguém, prender a atenção das crianças que, sentadas ao seu redor, queriam ouvir as “histórias que a vovó contava”...





www.folcloreolimpia.com.br

Realização:



Parceiros:



Patrocínio:



Ministério das
Comunicações

